

PENSAMENTOS CONSOLADORES

DE

S. FRANCISCO DE SALES

EXTRAÍDOS DOS SEUS ESCRITOS

E COORDENADOS SEGUNDO NOTAS DOS MESTRES DA VIDA ESPIRITUAL

pelo Pe. P. HUGUET S. M.

VERSÃO PORTUGUÊSA POR

VASCO DE MACEDO

Não há leitura mais útil do
que a de S. Francisco de Sales;
tudo ali é consolador e amável.

PENELON.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

SÃO PAULO

Escolas Profissionais Salesianas
Liceu Coração de Jesus

Livraria Salesiana Editôra
Largo Coração de Jesus

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA
E PERMISSÃO DOS SUPERIORES

NIHIL OBSTAT.

S. Pauli, 30.^a Octobris 1925.

CAN. DR. JOANNES MARTINS LADEIRA

Censor

IMPRIMATUR

MONS. PEREIRA BARROS

Vigário Geral

Advertência

Este livro é um tesouro.

Não o digo eu; di-lo Bossuet, Fénelon, Bourdaloue, Ravignan e o próprio Pio IX.

Esgotaram-se rapidamente treze edições em França e cada uma de alguns milhares de exemplares; isto diz bastante.

A suavidade, a candura, o perfume da santidade mais excelsa resplendem nas suas páginas de ouro.

De resto, pronunciando-se o nome do amável santo de Genebra, está tudo dito.

S. Francisco de Sales tinha um dom sublime para encaminhar as almas à perfeição; era este sobretudo o seu dote particular.

Neste livro precioso encontra-se a consolação que alivia tantos corações dilacerados e o conselho que encaminha tantas consciências timoratas.

O fim do Angélico Doutor é, segundo a opinião do Pe. Huguet, mostrar que o jugo do Senhor é doce e suave.

Oxalá este livro possa contrabalançar quanto possível a divulgação de tantas obras desmoralizadoras e pérfidas.

VASCO DE MACEDO

PRÓLOGO

Treze edições dêste livro, sem contar as traduções, publicadas em pouco tempo, dirão mais do que tudo quanto pudéramos dizer a propósito da popularidade de S. Francisco de Sales em França.

Bastantes corações enfermos ou feridos pela morte encontraram nestas tocantíssimas páginas uma consolação celeste.

Animado por êste sucesso, cuja glória reverte para Deus e para o seu bem-aventurado servo, percorremos de novo, com a pena na mão as obras do Santo Bispo de Genebra, para analisar com cuidado tudo o que poderia ter escapado a uma pequena leitura. Não foi inútil o nosso trabalho; recolhemos novas flores, cuja virtude e perfume nada cedem às primeiras.

Para as colocar nesta edição retiramos diversos capítulos, que se não referiam tanto ao assunto do livro. Não nos ficou disso pezar, porque os publicamos novamente e completamos nos seguintes volumes: *A Piedade consoladora de S. Francisco de Sales — o Mês de Maria Imaculada de S. Francisco de Sales e as Pérolas de S. Francisco Sales ou os seus pensamentos mais formosos sôbre o amor de Deus*. Estas três obras formam um curso completo de consolações para tôdas as situações da vida.

Permitam-nos que citeamos números da *Bibliografia Católica* que contêm um artigo sôbre os *Pensamentos consoladores*.

«Só o título dêste livro basta para agradar ou angustiar-lhe um grande número de leitores. Quantas almas, hoje em dia, necessitam ser consoladas e animadas! A falta de confiança é o obstáculo mais comum e mais difficil de vencer na obra do apostolado cristão.

«O desalento é a grande doença da nossa época, porque geralmente a vida cristã, a santidade apresenta-se-nos como uma montanha escarpada, que poucas pessoas podem subir; desesperando de chegar ao cume, ficamos muito longe, em campo raso. Basta o nome de santidade para fazer tremer.

As *Vidas dos Santos*, que deveriam animar, desanimam pelo contrário, pelo quadro das virtudes heróicas; conclui-se voluntariamente que tal estado de perfeição só pôde ser o apanágio dum pequeno número e que se fica afastado do caminho da santidade só pelo temor de o não poder seguir.

«Bendito seja pois o piedoso autor que teve a feliz inspiração de reunir os *Pensamentos consoladores de S. Francisco de Sales*, o mais adorável e doce de todos os santos, ao mesmo tempo que era um dos maiores mestres da vida espiritual.

«E' sobretudo pela sua admirável aliança de vigor e doçura que S. Francisco de Sales brilha na primeira fileira dos autores ascéticos. Quem pintou a virtude com traços mais amáveis e a tornou mais praticável e mais fácil? Quem esclareceu melhor as almas que se afastam de Deus, e as que se fatigam no seu serviço por um exagerado temor?

«Feliz e útil foi, portanto, a inspiração de respigar nas suas obras os pensamentos mais próprios para es-

clarecer as almas piedosas e tímidas e consolar e dilatar os corações comprimidos pelo temor!

«O Pe. Huguet introduziu neste livro a essência de tudo quanto o amável santo escreveu de mais doce e consolador, sobretudo nas suas cartas, onde se revela abertamente êste coração tão bom, tão terno, que Deus lhe concedera para aliviar todos os sofrimentos.

«Êste livro é dum grande auxílio para os simples fiéis, bem como para os diretores e confessores, encarregados de consolar e fortalecer as almas incertas e desanimadas.

«Duas palavras sobre o método seguido.

«O autor leu, de pena em punho, as obras do Santo Bispo de Genebra, e depois de notar as diversas passagens que se referiam a um mesmo assunto, pô-las em ordem para formarem um só capítulo. Desta forma uma página é extraída de sete ou oito livros do Santo. E, contudo, é tal o encadeamento das idéias, que mal se percebe esse trabalho, e tudo parece deslizar-se dum só jato e imediatamente.

«Quanto ao estilo tão gracioso e cândido de S. Francisco de Sales, o autor retocou-o ligeiramente, substituindo algumas frases antiquadas e pouco inteligíveis hoje em dia. Sem nada mudar, quanto à essência, julgou contudo dever suprimir certas minudências e comparações, que poderiam desagradar, visto ser outro o gosto da época.

«Conhece-se sempre êste bom pastor, que, a exemplo do seu Divino Mestre, instrue, anima e consola por meio de parábolas e de símiles, em que ninguém o excedeu.

«Para dar a êste livro mais autoridade, o autor collocou de quando em quando, no fim das páginas algumas notas extraídas dos grandes mestres da vida espiritual e sobretudo de Bossuet e Fénelon.

«Estas notas escolhidas com felicidade, dão um novo realce ao livro.

«Devemos recomendá-lo agora a todos os que teem necessidade de aliviar e consolar a alma?»

«Dentre tôdas as obras que publicamos há mais de quarenta anos, nenhuma mereceu tantos aplausos das pessoas piedosas, que acharam nos *Pensamentos consoladores* do mais amável dos Santos, considerações, máximas, regras que dilataram o coração dos escrupulosos, reanimaram os espíritos timoratos, consolaram os doentes e aflitos e mostraram a todos como o *Jugo do Senhor é doce e suave*.

Possa essa nova edição, aumentada, fazer ainda maior bem aos que meditarem essas páginas tão suaves, inspirando-lhes o pensamento de rogar por nós às três pessoas da Santa família, cujo culto o nosso Santo trabalhou por dilatar por meio dos seus exemplos e escritos.

Pe. Huguet

INTRODUÇÃO

Os escritos de S. Francisco de Sales
são cheios de graças e de experiência.

FÉNELON

A grande molestia da nossa época, é o desalento. Os caracteres, bem como os temperamentos, degeneraram e enfraqueceram singularmente. A falta de confiança, todos concordam em [dizel-o, é o obstáculo mais comum e mais difícil de vencer para todos os que trabalham na conversão dos pecadores e santificação das almas piedosas.

O grande mal que o jansenismo produziu no meio de nós ainda não desapareceu de todo; muitos creem sempre que a perfeição consiste unicamente em temer a Deus e ter medo de Aquêlê que na sua misericórdia infinita nos permite que lhe chamemos Nosso Pai e Bom Deus.

A maior parte dos autores não escreveram nas vidas dos santos senão a narração das suas virtudes heróicas, sem dizerem uma só palavra dos defeitos e misérias, que Deus lhes deixara para os conservar na humildade e os tornar mais indulgentes para com seus irmãos; e, no entanto, a história das suas fraquezas, segundo a judiciosa opinião de S. Francisco de Sales, teria feito o maior bem a êste número de almas que pen-

sam que a santidade póde e deve ser, ainda neste mundo isenta de tōda a liga e imperfeição.

É para remediar, tanto quanto em nossas forças caiba, a êstes inconvenientes, que recolhemos textualmente nas obras do mais adorável e mais doce de todos os santos, as passagens mais próprias para esclarecer as almas piedosas e dilatar os corações fechados pelo temor.

Os escritos de S. Francisco de Sales veem a propósito em tempos de prova e infortúnio. A alma respira aí uma atmosfera de força e serenidade recobrada, que a fortalece e reanima. A doutrina é santa, profunda e vigorosa, sob aparências amabilíssimas; o estilo, pela sua candura, concorre para o encanto dum pensamento vivo e engenhoso; instruimo-nos crendo distrair-nos e admiramo-nos sorrindo.

Nenhum santo, póde-se assim firmar, contribuiu tanto como S. Francisco de Sales com seus escritos imortais para fazer amar e praticar a piedade em todas as classes da sociedade.

Relacionado com uma multidão de pessoas, desde o humilde pastor das montanhas até ao monarca no seu palácio; encarregado sucessivamente e em mil situações diversas de conduzir as almas desde a conversão e dos rudimentos das virtudes até às eminências da santidade; deixa, como brincando, cair da pena e dos lábios um curso verdadeiramente completo de educação moral, cujo primeiro caráter é ser não menos perfeito que prático.

As suas regras e conselhos são simples e claros, acessíveis a todos; vivos, porque a experiência os dita e

a natureza os confirma; eficazes e proveitosos sobretudo, porque são dum Santo que não procura, como se vê, senão consolar, esclarecer, renovar e santificar as almas.

Mas onde houve esta direção uma eficácia tão universal? Primeiro da sua doçura, em seguida da amplidão e maravilhosa dextreza, que não se lhe pode negar.

A sua doçura não carece de louvores, todos a gozam e admiram; é por ela que chega a enternecer os corações mais rebeldes e ganhá-los para Jesús Cristo. Ninguém pôde resistir a esta unção divina que faz distillar dos seus lábios o leite e o mel: *Mel et lac sub lingua tua.*

Todos conhecem o belo testemunho que o Cardeal Duperron, êsse grande controversista, lhe consagrava: «Si se trata de convencer os herejes, nada digo: mas si se trata de os persuadir e convencer, enviemo-los ao Bispo de Genebra.»

Sabia, diz admiravelmente Bossuet, que o calor penetra até às entranhas, para fazer brotar frutos maravilhosos.»

«Ninguém sabe como êle, erguer uma alma prostrada, inerte, e animá-la fortalecê-la, conduzi-la suavemente pelos caminhos fáceis da salvação, e em seguida da perfeição.

Sem esforço, encontra o caminho do coração, descobre-lhe os horizontes eternos e faz resplandecer diante dele a Beleza Divina.

«Como encanta vê-lo com um sorriso, muitas vezes misturado de lágrimas, inclinar-se para a desgraça para o sofrimento, e, à força de bondade, curar como se

dispuzera de um bálsamo divino, as feridas mais envenenadas. (1).

Poderíamos, pois, collocá-lo entre S. Bernardo e S. Boaventura, dum lado, e Santo Afonso de Ligório doutro; menos místico talvez e menos sublime no seu acento habitual do que os dois primeiros e mais metódico e como diríamos hoje mais científico do que todos três, reunido com rara perfeição ao mérito duma união penetrante todas as vantagens duma doutrina clara e precisa elevada e prática, digna dos mais altos talentos e acessível às mais humildes inteligências.

* S. Bernardo é o amor, que transborda e se derrama em ondas deliciosas, ao sabor, da inspiração e sem seguir sempre um caminho regular.

* S. Boaventura é o seráfico abrasado nas chamas da caridade, espalhando-as com profusão comunicativa; mas mistura-lhe algumas vezes não sei que subtileza escolástica que lhe enfraquece a efusão.

* Santo Afonso é a abelha infatigável, que durante sessenta anos recolhe sôbre tôdas as flores da tradição christã o suco dos seus piedosos opúsculos, mas sem se dar sempre ao trabalho de lhes por o remate digno duma obra prima.

* S. Francisco de Sales tem muito dêste amor ardente, muitos dêstes arrebatamentos seráficos, muito desta actividade industriosa; mas nos sobreleva sobretudo pela beleza de conceitos, pela regularidade dos

(1) Estas considerações e as que se lhes seguem, são extraídas do livro do Padre Alet, *Divinas oportunidades do doutoramento de S. Francisco de Sales*.

planos, pela vastidão da doutrina, mais ainda pela admirável riqueza das observações, pelo character eminentemente prático dos ensinamentos, pelo encanto inimitável do estilo, que compensa tôdas as graças duma cândida eloquência! »

II

Será necessário, porém, notar os traços característicos desta espiritualidade? Contentemo-nos com assinalar os seguintes: *Suavidade, Solidez, Simplicidade, Elevação.*

A *Suavidade* de S. Francisco de Sales é proverbial. E' o que o torna mais conhecido e amado. E' a que atrai os profanos, converte os pecadores, desperta os tífios e anima os fervorosos. Esta suavidade brilha no modo de apresentar a virtude; mostra-a fácil, agradável, acompanhada nos seus aparentes rigores por alegrias inefáveis; em uma palavra, mais feliz do que o vício, ainda neste mundo, pelo bom testemunho da consciência, e pelas radiosas perspectivas da esperança eterna.

Mas onde brilha sobretudo, é no acolhimento sempre misericordioso, sempre compassivo, feito à alma, ainda a menos limpa que se esforça por desculpar pela corrupção da nossa pobre natureza, pela fraqueza do coração humano, pela violência das tentações e pela desgraça das circunstancias. Brilha sempre no tom, no acento, na linguagem.

Esta suavidade, porém nada tem de comum com o sentimentalismo vago, oco e enfadonho, que se espalhou nos modernos livros espirituais e que mal encobre, debaixo do luxo das frases brilhantes e sonoras, das ima-

gens mais pretenciosas do que elegantes, a esterilidade do fundo e a falta absoluta de doutrina.

Em nosso Doutor o encanto da forma, torna mais saliente a *solidez* do ensino. O seu cristianismo nada tem, de gasto e postiço. E' o verdadeiro cristianismo viril, grave, completo «com sua cruz e o seus espinhos» como dizia tão eloquentemente Bossuet, com sua luta incessante contra as más inclinações e a vitória plena da graça sobre a natureza pela mortificação interior e exterior.

Dêste modo, quantas almas formadas nesta escola, tanto no mundo, como sobretudo nos claustros abençoado, onde só se vive das lições de um tão grande Mestre !

Ano Santo da Visitação, como percorrer as vossas deliciosas páginas sem ser arrebatado pelo espetáculo de todos êsses anjos da terra, que todos os dias faz passar à nossa vista, levando todos na fronte com a coroa divinal a auréola da Santidade, tal como S. Francisco de Sales a aprendeu na própria escola do Salvador?

Sim, é uma doutrina sólida e firme, mas ao mesmo tempo cheia de *simplicidade*. Nenhuma extravagância no pensamento, nenhuma afetação nesta linguagem tão poética. Tudo aí sai e jorra sem esforço da abundância do coração. O sabio maravilha-se e o ignorante compreende e aprecia.

Acompanha-se sem cansaço do espírito o que foi escrito e ditado pelo coração, sem labor pretencioso, nem esforço extremo. Oh ! como estamos longe, nisto também, de certos ascéticos contemporaneos, que oferecem, com certeza uma doutrina santa e rica, mas a revestem

dum estilo elegante de mais, um pouco artificial, fatigante pela extensão e monótono pela continuidade do brilho, da côr, do movimento, onde o pensamento perde a limpidez e se encobre sob o ornato, não se deixando perceber bem senão à custa da atenção mais trabalhosa!

Ah! vinde, vinde, boa e amável simplicidade dos Granadas, dos Rodrigues, de S. Francisco de Sales. (1)

Vós sois o sêlo do Espírito Divino e sinal da sua assistência. Outros ocupam-se de falar à inteligência, de encantar a imaginação e cariciar a sensibilidade; vós e só vós, esclareceis verdadeiramente o espírito e aqueçais o coração.

Esta simplicidade, é a companheira inseparável da *elevação*. Acaso a Escritura e sobretudo o Evangelho, não oferecem a aliança duma simplicidade cândida e de sublime elevação? O que é pequeno tem necessidade de se alegrar; o que é grande basta aparecer tal qual é. Certamente, no temo-lo visto, S. Francisco de Sales tem asas e sabe voar.

Que vôo toma êle no seu *Tratado do amor de Deus*? Eleva-se a altura onde poucas almas são capazes de o seguir. Mas admirai o seu ponto de partida e qual o processo para subir tanto.

Um objeto material, uma flôr, um regato, uma ave, uma abelha, um alcião, um inseto, uma criatura, qualquer por mais fraca e pequena que seja, é quanto lhe

(1) O autor poderia acrescentar: de Tomé de Jesús, de Frei Antonio das Chagas, de Teodoro de Almeida e do grande Padre Manoel Bernardes, místicos portugueses, que são o ornamento da literatura pátria.

basta; aí vê êle o Bem-Amado, ouve o som de sua voz, procura-o, segue-o e acha-o através dos véus que o encobrem.

Eis o que me eleva e encanta neste admirável Mestre das cousas divinas; está de tal modo cheio de Deus, cheio do seu amor, que não pode dar um passo sem o encontrar, sem adorar, sem lhe dizer, contemplando o irradiar da sua beleza através de cada criatura: Eu Vos amo; Vós sois o Deus de meu coração. Com menos favores sensíveis e miraculosos do que os Franciscos de Assis, Catharina de Sena e S. João da Cruz, tem o bastante da familia dêstes grandes contemplativos.

Observa o mundo com este olhar purificado, que se não detem nas aparências; para êle a criação não é senão um pequeno regato do Oceano divino, um pálido reflexo do Sol eterno, uma sombra fugitiva da magnificência infinita, um espelho onde se não cansa de contemplar o seu Criador, e, contemplando-o, de o louvar e bendizer.

Nos escritos de S. Francisco de Sales, diz o Pe. Desjardin, admiramos a maravilhosa expressão da alma santa, que se compraz nas belezas da natureza pelo atrativo que o impele para as belezas do Céu por ela tôda a criatura é um prisma, onde se refrange em mil côres o raio único de infinita claridade.

S. Fransisco de Sales pertence, à classe dos místicos, digno do elogio que lhe consagrou a Igreja quando elevou ao gráu de Doutor: *«In mystica theologia mirabilis Salesii doctrina refulget.»*

Mas êle não foi místico à maneira dos Bernardos, Boaventura, Tereza de Jesús e S. João da Cruz.

Semeava de flôres as rudes sendas da devoção, mas sem sair dos caminhos conhecidos. O seu lugar próprio entre os doutores da teologia, está pois entre Santo Afonso, o moralista, e S. Bernardo, ou o Seráfico S. Boaventura, estes príncipes da ciência mística. O seu domínio, aquêlê de que conserva o cetro, é o ascetismo propriamente dito.

Desta forma, Deus, que o destinara a iluminar os caminhos da devoção ativa, não lhe conferiu os dons maravilhosos que prodigalizara a um S. João da Cruz e a um S. Pedro de Alcântara.

O bom Bispo, nas íntimas confidências com Santa Francisca de Chantal, dizia com candura que o seu caminho era vulgar, sem visões, arrebatamentos, nem êxtases; era a via laboriosa pela prática das virtudes.

A sua santidade dava-lhe talvez direito às doçuras das comunicações celestes: mas foi privado disso, querendo a Providência que caminhasse pela estrada por onde devia guiar os outros.

Nos seus escritos, diz o melhor dos seus historiadores a devoção é nobre, verdadeira e cheia de senso; a polidez de costumes o espírito de sociabilidade, todos os encantos duma piedade bem entendida, formam-lhe o cortejo, se assim se pode dizer, e todavia, não se disfarça para parecer mais agradável.

A doçura do autor mostra-se em tôda a parte com vigor, como a firmeza sem amargura. Ensina a respeitar o decôro, a que chama as graças da virtude, a elevar-se acima da natureza sem a destruir; a voar a pouco e pouco para o Céu, como as pombas, quando se não po-

de para aí voar como as aguias, isto é, a santificar-se pelos caminhos vulgares.

Aí o espírito contempla a verdade exposta à plena luz, semeada de máximas igualmente engenhosas e profundas, revestida dum estilo nobre e majestoso, correto e natural, elevado pela justeza e nitidez de expressões já finas e delicadas, já vivas e tocantes, já graciosas e variadas; é o simples com todo o atrativo do belo, porque cada idéa está expressa pela palavra própria e cada palavra embeleza o pensamento. Aí, sobretudo, o coração experimenta um encanto inexprimível, porque a amenidade do pensamento dulcifica sempre o preceito, a delicadeza da prudência fal-o aceitar, a candura sincera e a bondade do autor, que aí se retrata sem o querer, o fazem estimar; e a alma, encantada com o que lê, respira suavemente o perfume mais delicioso e puro da verdadeira piedade.

O estilo de S. Francisco de Sales é a pintura do seu coração e do seu espírito; conhece-se que ama e deseja ser amado, mas sobretudo que se ame a Deus.

O característico, porém, de S. Francisco de Sales é que o frequente uso das comparações que jorram da sua pena nunca fatiga.

Este estilo seria pesado em outro autor; nele é um prazer novo, que cativa o leitor e o atrai de contínuo como um doce magnete; e isto com tanta facilidade, que o leitor não o percebe, e entrega-se-lhe, cedendo um gosto aos encantos dum estilo sedutor. Este efeito tão raro e prodigioso provém não só do nosso santo ser judicioso na escolha das figuras e comparações, porém ainda mais do seu caráter amável, a vivacidade

dos seus sentimentos, dos transportes do seu coração para com Deus, que se destacam dentre as verdades mais abstratas.

Não podendo reter o fogo que o consome, deixa-o sair por todos os sentidos ao mesmo tempo.

Além disso, alia tão bem a singeleza e naturalidade do estilo à beleza das figuras, que sentimos, lendo os seus escritos, que os efeitos que lhe saem da pena não são procurados com esforço.

Amigo terno e compassivo, identifica a sua alma com a de seus amigos. Ouçamo-lo falar:

“Enquanto ao resto da minha alma, sou fraco e pobre; mas tenho um afeto sincero e quasi imutável para com aquêles que me dão o prazer da sua amizade.

Todo aquêlê que me provoca à amizade, deve ser muito firme, porque eu não o poupo. Não há ninguém que tenha coração mais terno e afetuoso para os seus amigos do que eu, nem que experimente sentimentos mais vivos da sua separação.»

Ouviam-no tantas vezes repetir estas tocantes palavras, que as julgavam saidas da boca do Salvador: “Aprouve a Deus dar-me assim o coração; quero amar tanto o meu próximo, quero amar tanto! Ah! quando nos desfaremos todos em doçura para com o próximo? Consagrei-lhe tôda a minha pessoa, os meus bens, os meus afetos, para que os conserve segundo as necessidades.” (1)

Esta benignidade e mansidão que respirava o nosso Bem-aventurado, faziam dizer a S. Vicente de Paulo

(1) Testemunho de Santa Chantal, art. 27.

com tocante simplicidade: «Meu Deus, quanto é preciso que Vós sejais bom, visto que o Bispo de Genebra tão bom é?»

Foi nas suas obras que êle depositou os mais ricos tesouros desta doce simplicidade e imaginação risosinha, que lhe permitiam dar aos assuntos mais áridos, aos mais severos preceitos da lei evangélica, um encanto que os faz amáveis ainda aos profanos.

A Academia francesa propunha a todos para modelo os escritos de S. Francisco de Sales, ao mesmo tempo que notava os defeitos de Corneille.

Para se dar todo a todos, S. Francisco de Sales desce dessas alturas inacessíveis ao comum dos fieis, onde se compraz em pairar.

Umaz vezes coloca-se com a sua *Filotéia* no meio do mar tempestuoso do mundo e aí lança a âncora da fé; outras, segue o caminho largo, para mostrar à multidão, que passa distraida e indiferente, o caminho mais estreito que conduz ao Céu. Dir-se-ia que aplaina as asperezas à força de as encobrir debaixo de flores. Não são destas flores enganadoras, que desfiguram a virtude, querendo torná-la mais atrativa; são as flores da alma, que a perfumam sem a corromper, aquelas alegrias secretas, as consolações interiores, essas delícias inefáveis, herança antecipada dos eleitos de Deus na terra.

O retrato que traça da devoção, só é comparável ao da caridade de S. Paulo.

Encontra-se nos seus livros, diz o P. Tournemine, o suco, a essência da moral dos Livros sagrados e dos Santos Padres reduzida aos verdadeiros princípios e à prática.

A doutrina de S. Francisco de Sales é como um lindo arroio, que tem a nascente em altas e puras regiões, o descendo para a planície, alarga as suas margens, afim de reflectir maior extensão dos Ceus: toma por adôrno, ao passar, as flores dos prados, que conduz na corrente, e dá por tributo ao mar ondas límpidas e perfumadas.

Segundo S. Francisco de Sales, não convinha saltitar no exercício das virtudes, mas caminhar ao seu encontro francamente, à antiga, com liberdade e boa fé, *grosso modo*.

«Caminhai simplesmente na via do Senhor, dizia êle, e não atormenteis o vosso espírito. E' preciso odiar os nossos defeitos, mas com um ódio tranquilo e sossegado, e não com um odio implacável e perturbado; convém ter paciência em os ver e tirar partido duma santa nulidade de nós.

Não o fazendo assim, minha filha, as imperfeições que vêdes subtilmente ainda mais subtilmente vos perturbam e assim se conservam, não havendo nada que mais conserve as nossas angústias do que o desejo de as fazer desaparecer (*Sermão do dia de Santa Madalena*).

O Santo applicou a si mesmo o que aconselhava aos outros:

«Sei como sou feito; ainda que me considere miserável, não me entibio; mas algumas vezes me alegro sabendo que sou um encargo para a misericórdia de Deus, à qual vós recomendo sem cessar.»

Esta devoção, na aparência tão fácil, agradava naturalmente aos homens do século, os quais, como o

Conde de Bussy-Rabutin, diziam : «Quero ir para o paraíso e não para o mais alto.»

Este titular, escrevendo à sua espirituosa prima, dizia :

«Salvemo-nos com o nosso bom Francisco de Sales : êle conduz as pessoas ao paraíso por caminhos agradáveis.» Êstes caminhos agradáveis, contudo, não eram senão a estrada estreita de que fala o evangelho, mas o amável santo sabia-lhe aplinar a entrada e encobrir-lhe os espinhos com flores.

S. Francisco de Sales avantajou-se sobretudo em consolar os aflitos e os enfermos; algumas palavras saídas do seu coração bastavam para os esclarecer e sossegar : as suas palavras entravam-lhe na alma como um óleo doce que temperava o ardor do mal. Ouçamo-lo tranquilizar uma alma piedosa que se atormentava inutilmente com as suas enfermidades :

«Não vos aflijais por ficardes no leito sem meditação, porque sofrer os açoites de Nosso Senhor não é menor bem do que meditá-los. Não, com certeza ; pois que é melhor estar na Cruz com Jesús do que contemplá-lo na oração.»

A uma outra que se entristecia à vista das suas misérias dizia :

«Quando nos acontecer cairmos, prostremos o nosso coração ante Deus, para lhe dizermos com espírito de confiança e humildade : Senhor, misericórdia, porque estou enfermo. Levantemo-nos em paz, retomemos a fé dos nossos afetos e continuemos com o nosso trabalho.»

S. Francisco de Sales era tanto mais hábil em sossegar e dilatar as almas tentadas pela desconfiança e o

desânimo, quando elle próprio tinha atravessado as mais rudes provas e só havia encontrado a paz do coração entregando-se a Deus. «Já que em qualquer occasião da minha vida, na juventude ou na velhice não posso esperar a minha salvação senão na pura verdade de Deus, tanto importa lançar-me desde já nos braços da clemência, como esperar para outra vez. A maior parte do caminho está andado; faça Senhor de mim o que quizer; a minha sorte está nas suas mãos; disponha pois Elle de mim a seu talante.»

O piedoso Olier estimava muito S. Francisco de Sales «Deus, diz elle, querendo acendê-lo como um facho, no meio da Igreja, para esclarecer êste corpo vasto e imenso, encheu-o dum dom maravilhoso de intelligência, ciência e sabedoria, proporcionado aos seus desígnios. Em quanto à ciência, é certo que era mais que humana tinha em si o efeito do Espírito divino.

Quereis conhecer a fundo S. Francisco de Sales, iniciar-vos nos mais recônditos segredos desta vasta intelligência dêsse coração perfeito? Lede e relede as suas *Cartas*, onde todos os assuntos, desde os mais humildes aos mais sublimes, desde uma simples saudação até à descrição dos êxtases e beatitudes eternas, estão tratados com o gênero de encanto que lhes convém. Lede sobretudo as *Cartas à Senhora de Chantal*, e tôdas as que tratam da *direção das almas*. Era com referência a estas admiráveis cartas que Bossuet dizia: Francisco de Sales é verdadeiramente sublime; não se conhece entre os modernos ninguém com a sua doçura, nem mão mais firme e hábil do que a sua para elevar as almas à perfeição e desligá-las de si próprias.»

A carta escrita após a morte de sua mãe, é duma simplicidade antiga e modelo sublime de resignação cristã; crer-se-ia ouvir Santo Agostinho chorando Santa Mônica, e as lágrimas que faz derramar, nada tem de amargas, tanta doçura tem a morte dos justos assim contada.

O sábio e piedoso Arcebispo de Cambrai não cessava de recomendar a leitura das obras do nosso Santo: «Nada poderá ler-se mais útil, diz Fénelon, do que os livros de S. Francisco de Sales; tudo neles é consolador e amável, embora não diga senão uma palavra para fazer morrer: o seu estilo cândido mostra uma simplicidade amável, superior a tôdas as graças do espírito profano. Vedes um homem que, com uma grande penetração e delicadeza para julgar da essência das cousas e para conhecer o coração humano, não pensava senão em falar carinhosamente; para consolar, aliviar, esclarecer e aperfeiçoar o próximo.

«Ninguém conhecia melhor do que êle a mais alta perfeição; mas tornava-se pequeno para os pequenos e não desprezava ninguém. Fazia-se tudo para todos, não para agradar a todos, mas para os ganhar a todos para Jesus Cristo, e para si.»

A essa opinião do piedoso Fénelon, juntaremos a do doutor Bourdaloue: «A doutrina de S. Francisco de Sales é um manjar, não da terra, mas do Céu, que da própria substancia nutre também como o maná, toda a qualidade de pessoas, e posso dizer, sem faltar ao respeito devido a todos os outros escritores, que, depois das Sagradas Escrituras, nenhuns livros há que mais tenham conservado a piedade entre os fieis do que os d'êste santo bispo.»

Monsenhor Parisis manifesta os mesmos sentimentos. «Tudo o que pode contribuir, diz êle, para fazer conhecer melhor ao mundo o mais amável dos santos, não pode ser senão o mais útil à causa da nossa santa religião.»

E' assim que os três homens que foram a glória do clero de França no século de Luiz XIV, são unânimes em louvar e estimar as obras dêste grande mestre da vida espiritual.

Há, diremos nós com Monsenhor Mermillod, nas páginas escritas pela mão do santo, um doce perfume que atrai, e uma seiva vivificadora que nutre; é, sem contradição, o ar mais saudável e o alimento mais são que na nossa época se pode oferecer às consciências cristãs.

Idéas vagas, emoções enervantes; uma literatura religiosa muitas vezes desprovida de teologia e rigor moral, conseguiram extenuar as almas.

Daí, essas cômodas transações e os compromissos fáceis com a natureza e com o mundo.

Daí, êstes corações cuidadosos de práticas e aparências, sem virilidade perante as doces e santas exigências do amor divino.

Os próprios protestantes fazem forçosamente justiça ao mérito excepcional das obras de S. Francisco de Sales.

Eis como são apreciadas por um de seus melhores escritores as obras do Santo Bispo de Genebra:

Desde que appareceu a *Introdução à vida devota*, teve em França um êxito universal e as edições succederam-se rapidamente. Semelhante livro era um aconte-

cimento de grande consequência e o catolicismo regozijou-se profundamente.

«As sábias controvérsias de Belarmino não lhe tinham servido de tanto proveito; sem dúvida tinha exercitado na discussão teológica um clero que contava contra si forças maiores: mas imediatamente a *Introdução à vida devota* podia fazer conquista para uma religião que se apresentava com aspeto tão agradável e quase risonho.

«Entre os fidalgos calvinistas instados à abjuração da sua fé, o livrinho serviu de ocasião para mais do que uma derrota.

«Neste sentido a *Introdução à vida devota* foi no princípio dêste século o que mais tarde foi no meio dele a *Exposição da fé católica*, grangeando os mesmos frutos.

«De tudo que escreveu S. Francisco de Sales nada se espalhou mais do que as suas *Cartas*; os protestantes os leem, fazendo uma escolha, porque nem tôdas lhe conviriam; mas umas como noutras, a piedade amável e férvida, a graça, que digo? o espírito, e enfim esta conversa familiar na qual o Bispo deixa correr a pena, teem um encanto singular, e nunca um coração aflito e abatido desdenhará as consolações e alentos que se haurerem nesta leitura. — (*História da literatura franceza no estrangeiro*, por M. Sayons).

É nesta correspondência que convem estudar o grande e Santo Bispo de Genebra, é aí que se encontra a humildade sem par, a alegre cordialidade, a paz inalterável e o desejo único de cumprir a vontade de Deus.

Nota-se este agrado sempre crescente no pensamento e expressão, êste luxo de imagens arrebatadoras

e comparações delicadas extraídas dos objetos mais familiares. A rosa, a pomba, o alcião, a abelha, as plantas perfumadas da Arábia, essa simplicidade da pomba, esta candura de criança, que não exclue na ocasião própria a força e energia mais viril, esta casta ternura que não pde provir senão do Céu, esta doçura insinuante que tem a chave de todos os corações.

Admirar-nos-emos menos dos elogios dados aos escritos de S. Francisco de Sales pelos mais sábios doutores e pelas pessoas mais eminentes, quando soubermos com que madureza e sabedoria os compôs.

Estas belas páginas que parecem correr duma fonte puríssima pois que tão naturais e abundantes são o estilo e doutrina, representam o fruto dos mais sérios estudos e das meditações mais assíduas, junto a um grande conhecimento do coração, que o santo tinha adquirido na direção das almas.

O seu belo *Tratado do amor de Deus*, é o resultado de vinte e quatro anos de meditações, segundo a expressão de seu próprio autor, e de tão profundos estudos que, catorze linhas dêste livro, êle dizia a Monsenhor Camus, lhe custaram a leitura de mais de duzentas páginas in-folio.

Não nos deve portanto surpreender o successo sem exemplo que obtiveram os escritos de Francisco de Sales.

O *Tratado do amor de Deus* é um bellissimo livro, que teve um grande êxito. Tôdas as agitações e inconstancias do coração humano estão aí pintadas com uma arte infinita. Vêem-se os exercícios do amor, a contemplação, o repouso da alma em Deus, os seus delíquios,

transportes, desfalecimentos, tristeza moribunda, finalmente a sua coragem e o abandono da alma dócil aos caminhos secretos da Providência.

Logo que appareceu o livro da *Introdução à vida devota*, fez do mundo uma sensação prodigiosa; todos o procuravam, liam e reliam de novo. (1)

Bem depressa foi traduzido em quase tôdas as línguas, da Europa, e as edições succederam-se com tanta rapidez, que em 1656 já contava quarenta! Henrique IV, depois de o ler, confessou que ultrapassava as suas expectativas. Maria de Medicis, sua esposa, mandou-o encadernado em diamantes e pedras preciosas, a Tiago, rei da Inglaterra; e êste monarca um dos mais sábios dentre os que occuparam um trono, comcebeu por êle tal estima, não obstante os seus preconceitos cismáticos e odientos contra os escritores católicos, que o trazia sempre consigo, lia-o muitas vezes, e muitas pessoas lhe ouviam dizer:

«Oh! como desejaria conhecer o autor! E' com certeza um grande homem, e entre todos os nossos Bispos, nenhum é capaz de escrever desta maneira, que sempre recorda o Céu e os anjos.»

O Geral dos Bernardos, falando dêste livro, chamou-o «o mais perfeito que tenha saído de um cerebro mortal, um livro que desejaríamos sempre ler embora o lêsemos muitas vezes;» e acrescentou êste belo elogio:

(1) Conta-se que o editor, em reconhecimento pelo lucro obtido pela venda da *Introdução à vida devota*, fez expressamente uma viagem a Annecy, para oferecer ao autor a soma de quatrocentos escudos de ouro. (*Memória da Sociedade Acadêmica de Su-boya*, tomo 2.º, pág. 132).

«O que não for cristão e o ler, tornar-se-á melhor e o que for bom, tornar-se-á perfeito.»

A Igreja, dirigida pelo Espírito Santo, exorta todos os seus filhos a guiarem-se pelos conselhos de S. Francisco de Sales. *Ejus dirigentibus monitis*, diz ela no seu offício; e afirma que seus livros espalharam uma luz viva entre os fiéis, aos quais mostram um caminho tão seguro como fácil para chegar à perfeição.

Terminaremos esta introdução com alguns extratos de uma carta do Papa Alexandre VII, um dos maiores panegiristas de S. Francisco de Sales:

«Peço-vos novamente que leiais atentamente as obras de Monsenhor de Sales. Tenho-as lido infinitas vezes e não poderia passar sem as ler de novo; nunca perdem para mim a graça e a novidade; parece-me que me dizem sempre alguma coisa nova, que ainda me não tinham dito. Se acreditais em mim, êstes livros serão o espelho da vossa vida e a regra por onde tomareis a medida das vossas ações e pensamentos.

«Quanto a mim, confesso-vos que lendo-as muitas vezes dia e noite, fiz como que uma colheita dos mais belos sentimentos e dos pontos principais da sua doutrina, que depois medito a meu bel-prazer e faço em seguida passar para o meu sangue e substancia. Eis a minha opinião a respeito dêste grande santo, exortando-vos de todo o coração a segui-lo.

Sabe-se que Pio IX, de saudosa memória, sentia um atrativo particular pelo Bem-aventurado Bispo de Genebra, cujos escritos e exemplos procurava imitar. Foi por isso que o augusto Pontífice acolheu com mui-

to agrado o pedido que lhe fizeram para admitir S. Francisco de Sales no número dos Doutores da Igreja.

Um dia que lhe falaram da doutrina do Santo:

«Ah! respondeu êle; se algum dia for colocado entre os doutores, dever-lhe-ão chamar o doutor infalível.» E recentemente, quando Monsenhor Magnin lhe apresentava os peregrinos de Saboia e pedia em nome deles a solução daquela grande pretensão, o amabilíssimo Pontífice exclamou com um gracioso sorriso:

San Francesco! il vostro Santo, ed il mio!

S. Francisco, o vosso e meu Santo!

Mas resistindo aos seus próprios desejos, o Santo Padre não quis colocar na frente do santo a auréola dos doutores, antes de o respetivo processo por em evidência as seus direitos.

Quase todos os bispos do orbe católico assinaram o *Postulatum* apresentado ao Papa. Os Cardeais, membros do tribunal, encarregados dêste assunto, declararam unanimemente que S. Francisco de Sales merecia o título de doutor e que convinha pedir ao Pontífice romano lhe concedesse as honras do culto que lhe são inerentes. Conta-se que Pio IX, dando a êste consento a sua sanção soberana, repetiu creio de alegria as palavras que o seu antecessor, Clemente VIII, pronunciou quando S. Francisco de Sales fez o exame para Bispo: «Nunca até hoje ninguém nos deu tanto gôsto em examiná-lo.»

Referindo êste testemunho do Papa, Monsenhor de Segur acrescenta: «A doutrina espiritual do bem-aventurado Bispo de Genebra é tão segura, tão luminosa, tão sólida, tão evangélica, que, segundo a opinião co-

mum, não tem rival como guia das almas. A santidade mais sublime, junta ao mais reto sentido e ao espírito mais delicado, grauearam-lhe nesta ordem de doutrina uma espécie de infalibilidade; e nada há mais verdadeiro do que as palavras dum grande servo de Deus, o venerável Gaspar del Bufalo, a êste respeito: «Tudo o que se afasta desta doutrina é piedade falsa.»

O testemunho do ilustre sucessor de Santo Hilário, e um dos que em Roma fez mais impressão: eis alguns extratos das suas cartas a Pio IX:

«Leitor assíduo das obras do Santo Bispo de Genebra, nutrí tôda a vida a esperança de que mais cedo ou mais tarde êle seria inscrito na lista dos doutores da Igreja universal.

«Antes de Santo Afonso de Ligório, e em uma esfera mais alta e extensa, ensinou deveras a Igreja, e as torrentes da sua doutrina correram e correm ainda por tôdas as classes da sociedade cristã.»

«Ora, para quem estudou a história e a vida íntima da sociedade cristã há três séculos, não é claro como a própria evidência que S. Francisco de Sales não foi só um douto personagem na Igreja, mas que, em muitos pontos doutriniais e práticos, os seus escritos são como que a expressão da própria doutrina da Igreja? Em tôda a parte em que se patenteou a santidade heróica que a Igreja colocou, ou tem intenção de colocar nos altares, entre todos os sacerdotes e fieis que a ciência e a fé tornaram eminentes no mundo ou no claustro, poder-se-á negar que os livros do Santo Bispo de Genebra exerceram uma influência notável e que o mais fulgurante e puro brilho de tôdas essas almas

seja uma irradiação da luz e do calor dele emanado? Será pois justo conceder-lhe *auréola doutoral*, que é o reconhecimento autêntico desde poder de comunicação e desta virtude difusiva de ciência e piedade.»

(*Mons. Pie a Pio IX*)

Se, colhendo estas belas flores e reunindo-as em ramilhetes, nada lhe alteramos na beleza e perfume, esperamos que sejam mui proveitosas às almas atribuladas, às quais as destinamos, e ficaremos amplamente compensados do nosso trabalho se conseguirmos augmentar, em um só coração que seja, a confiança em Deus e o desejo de o amar e servir generosamente.

«Santíssima Mãe de Deus, a mais amável, amante e amada de tôdas as criaturas, prostrado, com a face em terra, aos vossos pés, que conduziram o meu Salvador, dedico-vos e consagro-vos esta pequena obra de amor à grandeza da vossa bondade.

Oh! Jesú! a quem melhor poderia dedicar as palavras do vosso amor do que ao coração amabilíssimo do Predileto da vossa alma? (1)

(1) Dedicatória do *tratado do amor de Deus*, por S. Francisco de Sales.



LIVRO PRIMEIRO

PENSAMENTOS CONSOLADORES A RESPEITO DE DEUS, DA PROVIDÊNCIA E DOS SANTOS

I

Da inclinação que Deus tem para fazer-nos bem

1. Logo que o homem medite um pouco atentamente na Divindade, sente um doce transporte do coração, que lhe certifica que Deus é o Deus do coração humano; e nunca o nosso entendimento encontra tanto gôsto como neste pensamento na divindade cujo menor conhecimento vale mais, segundo o príncipe dos Filósofos, do que tudo o que existe, da mesma forma que o menor raio do Sol é mais claro do que o maior da lua e das estrêlas, e por isso mais luminoso do que o conjunto da lua e das estrêlas. E se algum acidente atribula o nosso coração, imediatamente recorre à divindade confessando que quando tudo para elle é mau, ella só é boa, e quando está em perigo ella só, como seu soberano bem, o pode salvar e proteger. (1)

(1) Deus é bom, não porque possua a bondade, mas por ser a própria bondade; a primeira idéia que em nós nasce à vista de Deus, é a da sua misericórdia; é a única das suas perfeições que está ao nosso alcance, a única que concebemos claramente.

Este prazer e confiança que o coração humano tem em Deus, não pode de certo provir senão da harmonia existente entre esta divina bondade e a nossa alma; harmonia grande, mas secreta, que todos conhecem, mas poucos entendem, e que ninguém pode penetrar. Somos criados à imagem de Deus; portanto, a sua Divina majestade não é estranha ao homem.

2. Mas além desta harmonia, ou desta similitude, há uma correspondência sem par entre Deus e o homem, para a sua recíproca perfeição. Não porque Deus possa receber alguma perfeição do homem, mas porque, como o homem não pode aperfeiçoar-se senão pela sua divina Bondade, da mesma sorte a divina Bondade não pode igualmente exercer a sua obra fora de si senão em nosso proveito. Um tem uma grande necessidade e aptidão para receber o bem e o outro uma grande abundância e inclinação em dispensá-lo. Nada vêem tanto a propósito para a pobreza do que uma afluência liberal, e para afluência senão uma pobreza necessitada, e quanto maior quantidade de bem houver, tanto mais forte será a inclinação a concedê-lo e espalhá-lo.

Quanto mais necessitar o indigente, tanto mais ávido estará de receber, assim como um vácuo de se encher. É pois uma doce conformidade a da abundância e da pobreza, e não se poderia dizer qual sente mais gosto, se a abundância que dá, se a pobreza que recebe, se Nosso Senhor não tivesse dito que é mais feliz o que dá do que aquêle que recebe. Ora onde há mais felicidade há mais satisfação; a divina Bondade tem pois mais gosto em dar as mesmas graças do que nós em recebê-las.

As mães teem às vezes os peitos tão fecundos e abundantes, que não podem viver sem os dar a alguma criança, e embora a criança tome o peito com alvidez, ainda com mais ardor lho dará a mãe, mamando o filho impellido pela necessidade e amamentando-o a mãe impelida pela fecundidade. (1)

Desta forma a nossa fraqueza tem necessidade da abundancia divina para a penúria e miséria que sentimos; mas a abundancia divina não tem necessidade da nossa indigência senão por excelência de perfeição e bondade. Bondade que, contudo, se não torna melhor comunicando-se, porque nada adquire espalhando-se fora de si; pelo contrário, dá; mas a nossa indigência ficaria miserável se a bondade divina a não socorresse.

(1) Para vos fazer compreender por uma doutrina sólida como é imensa a misericórdia de Deus, peço-vos que considereis uma verdade que li em Tertuliano. Êste grande homem diz-nos que Deus começou as suas obras por um derramamento de sua bondade sôbre tôdas as criaturas, e a sua primeira inclinação foi o fazer-nos bons! E de certo me parece que a razão é bem evidente, porque, para bem conhecer qual é a primera inclinação, é preciso escolher a que for mais natural, pois que a natureza é a origem de tudo o mais. Ora o nosso Deus nada tem mais natural do que esta profissão em nos enriquecer com a abundancia das suas graças!

Assim como uma fonte derrama suas aguas naturalmente, assim como o Sol espalha naturalmente os raios, assim Deus pratica naturalmente o bem; sendo bom, abundante, cheio de riquezas infinitas, por sua natural condição, deve tambem por sua natureza ser benfazejo, liberal e magnífico.

Quando Êle te pune, o' impio! a razão não está em si mesmo, porque Êle não quer que ninguém pereça; é a tua malícia e ingratidão que atraem sobre ti a sua indignação.

BOSSUET.

A nossa alma, pois, conhecendo que nada a satisfaz plenamente e que nada no mundo há que a satisfaça, vendo que o seu entendimento tem um desejo infinito de saber cada vez mais e a vontade um apetite insaciável de amar e encontrar o bem, não poderá por ventura exclamar: Ah! sem dúvida não fui criada para êste mundo; há algum soberano Bem, do qual eu dependo, e algum artista infinito que imprimiu em mim êste interminável desejo de saber e êste apetite insaciável! Urge pois que trate de unir-me à sua bondade, à qual pertenço. Tal é o proveito que em Deus encontramos.

II

Do eterno amor de Deus para conosco

1. Considerai o amor eterno que Deus vos tem, porque muito antes que Jesus Cristo sofresse na Cruz por vós, como homem, a sua divina Majestade vos destinava à vida e vos amava extremamente. Mas quando começou Êle a amar-vos? Quando começou a ser Deus. E quando começou a ser Deus? Nunca; existiu sempre, e sem princípio nem fim, e desta forma amou-vos sempre e desde tôda a eternidade vos preparou os favores e graças que vos tem concedido. Êle diz pela boca do profeta:

« Amei-te com uma caridade perpétua e atraí-te misericordiosamente a mim. » Entre outras cousas, pois, Deus tratou de vos fazer tomar boas resoluções de o amar e servir. (1)

(1) A bondade e a justiça divinas são como os dous braços de Deus; mas a bondade é o braço direito, é ela que começa, que

Oh! como é amável êste bom Deus, que pela sua infinita bondade, destinou a seu Filho para redentor do mundo, de todos em geral, mas em particular por mim, que sou o primeiro dos pecadores. Ah! amou-me, digo eu: amou-me a mim próprio e deu-se à morte por mim.

E' preciso considerar os benefícios divinos na sua origem primária e eterna. Oh! Deus, meu Teótimo! que amor digno poderemos nós consagrar à infinita bondade do nosso Criador, que de tôda a eternidade projetou criar-nos conservar-nos, remir-nos glorificar-nos, a todos em geral, e a cada um em particular? Oh! o que era eu quando não existia, eu que sendo agora alguma coisa, não sou senão um pequeno verme da terra?

E no entanto Deus, desde o abismo da eternidade, concebia a meu respeito pensamentos de benção; resolveu e marcou a hora do meu nascimento, do meu batismo, de tôdas as inspirações que me daria, e enfim todos os benefícios que me ofereceria mais tarde! Ah! haverá porventura consolação igual a esta? (1)

faz quase tudo o que quer aparecer em tôdas as obras. Deixem-se os homens levar e êle encherá tudo de benefícios e munificência. Há uma espécie de partilha entre a bondade e a justiça; a bondade é preventiva, todos os princípios lhe pertencem e na sua primeira instituição, tôdas as cousas são boas. A justiça não se estende senão ao que se juntou, isto é, ao pecado; mas há esta diferença: a justiça não ultrapassa a bondade; a bondade muitas vezes antecipa-a pelo perdão que concede aos pecadores, que são o terreno em que a justiça trabalha. — BOSSUET.

(1) A bondade une-se em Deus ao poder soberano; é uma verdade sem cessar repetida na santa liturgia: «Senhor Vós sois bom e sois todo poderoso». Em quanto a alma não estiver firme e persuadida da união desta bondade e poder de Deus, não tem

A bondade divina preparou, no seu amor e misericórdia, todos os meios gerais e particulares para a nossa salvação. Sim, não o duvidemos: assim como uma mãe prepara o berço, os paninhos e a ama para aquêlê que acaba de dar à luz, assim Nosso Senhor, com o desejo de nos gerar para a salvação e de nos tornar seus filhos, preparou sobre o altar da cruz tudo o que nos era preciso; o nosso berço espiritual, os nossos paninhos, a nossa ama e tudo quanto precisamos para a nossa felicidade; pois outra cousa não são os atractivos e as graças com os quaes guia as nossas almas para a perfeição.

2. Convém agora considerar os benefícios divinos na sua segunda fonte meritória: porque não sabes tu, oh! Teótimo, que o Sumo Sacerdote tinha no peito e nas costas os nomes dos filhos de Israel, isto é, as pedras preciosas, nas quais estavam gravados os nomes de Israel? Oh! contemplai a Jesús, o nosso grande Bispo, desde o momento da sua concepção; considerai que nos levava aos ombros aceitando o cargo de nos remir por sua morte e morte na cruz! Oh! Teótimo, Teótimo! esta alma do Salvador conhecia-nos a todos pelo nome e apelido; mas sôbre tudo no dia da Paixão, quando oferecia as lágrimas, as orações, o sangue e a vida por todos, dirigiu-vos particularmente êstes pensa-

senão metade da fôrça e do amor e, enfim, uma idéia perfeita do socorro divino, do qual tudo devemos esperar. A fé, que nada teme, é sempre necessária ás almas que querem corajosamente imitar a Jesus Cristo; tenham pois elas esperança em conseguir tudo.

mentos de amor: «Oh! meu eterno Pai! Eu tomo à minha conta todos os pecados do pobre Teófilo, para sofrer todos os tormentos e a morte, afim de que êle viva; seja Eu crucificado, contanto que Êle seja glorificado. Oh! amor soberano do sagrado Coração de Jesus, que coração te bendirá suficientemente?

Assim, dentro do seu peito maternal, o seu divino coração previa, dispunha, merecia, impetrava todos os benefícios que temos, não só em geral para todos, mas para cada um em particular; e os seus peitos cheios de doçura nos preparavam o leite das suas ações, das suas inspirações e das suavidades pelas quais nos insta, conduz e nutre os nossos corações para a vida eterna. Os benefícios que nos ensoberbecem, se, consideramos a bondade eterna que no-las conquistou à custa de tantos trabalhos, da morte e paixão.

O amor divino, assentado ao coração do Salvador, como num trono real, contemplou pela abertura do lado todos os corações dos filhos dos homens; porque êsse coração, sendo o rei dos corações, tem sempre o olhar fito neles. Mas, como os que olham através das gelosias vêem sem serem vistos, assim o divino amor dêste coração, ou antes o coração dêste divino amor, vê sempre claramente os nossos e contempla-os com olhares de ternura; mas nós não o vemos distintamente. Porque, Deus meu, se o víssemos claramente, morreríamos de amor por êle.

Adorai a sua soberana bondade, que desde tôda a eternidade vos chamou pelo vosso nome e tencionou salvar-vos, destinando-vos entre outras cousas o dia presente, afim de que nele oxeis as obras da vida e

salvação, segundo o que lemos no profeta: «Amei-te com uma caridade eterna; eis porque te atraí, cheio de piedade de ti.» Com êste verdadeiro pensamento, unireis a vossa vontade à do benigno e misericordioso Pai celeste, por estas palavras, cordealmente proferidas:

«Oh! bondade dulcíssima do meu Deus, que fostes feito de tôda a eternidade! Oh! desígnios eternos da vontade do meu Deus, adoro-vos, consagro-vos e dedico-vos a minha vontade, para sempre querer o que vós para sempre quisestes! Oh! faça eu pois e sempre a vossa divina vontade, oh! meu doce Criador! Sim, Pai celeste! pois que tal foi o vosso desejo de tôda a eternidade. Assim seja. Oh! agradável bondade, seja como vós quisestes! Oh! vontade eterna, vivei e reinai em todos os meus desejos e sôbre todos êles e para sempre.

Oh! Deus! que resoluções pensastes vós e meditastes de tôda a eternidade! Quanto para nós devem ser caras e preciosas! Quanto não conviria sofrer para as não perder! Não, certamente nenhuma deveríamos perder, embora por elas perdêssemos o mundo inteiro; porque todo o mundo não vale uma alma e a alma nada vale sem as nossas resoluções.

Oh! caras resoluções, vós sois a bela árvore da vida que Deus plantou por sua própria mão no meu coração, e que o meu Salvador deseja regar com o seu sangue, para a fazer frutificar! antes mil mortes do que permitir que a arranquem! Não, nem o orgulho, nem as delícias, nem as tribulações, me farão nunca mudar de resolução.

Ah! Senhor, fostes vós que plantastes esta bela árvore e que a guardastes no vosso seio paternal, para

a collocardes em seguida no meu jardim. Ah! quantas almas não foram assim favorecidas! E como me devo eu humilhar sob a vossa misericórdia!

Oh! belas e santas resoluções, se eu vos conservar vós me conservareis; se vós viverdes em minha alma, minha alma viverá em vós. Vivei pois sempre, oh! resoluções que sois eternas na misericórdia de Deus; vivei eternamente em mim e seja-vos eu sempre fiel.

III

Da confiança em Deus no conhecimento das nossas misérias

1. Não sómente a alma que conhece a sua miséria pode ter uma grande confiança em Deus, mas nem mesmo pode ter uma grande confiança sem conhecer a sua miséria, porque êste conhecimento e confissão da nossa miséria conduz-nos naturalmente para Deus. E' por isso que os grandes santos, como Jó, Davi, e outros, começavam as suas orações pela confissão da sua miséria e indignidade, de maneira que é bellissima cousa o reconhecer-se pobre, vil, abjeto e indigno do comparecer à presença de Deus.

Esta palavra tão célebre dos antigos: *Conhece-te*, mesmo que se entenda da grandeza e excelência da alma para a não aviltar e profanar por cousas ilegais da sua nobreza, refere-se tambem ao conhecimento da nossa indignidade, imperfeições e misérias, sendo certo que, quanto mais miseráveis nos reconhecermos, tanto mais confiaremos na bondade e misericórdia de Deus. Porque, entre a misericórdia e a miséria há uma ligação tão

estreita, que uma se não pode exercer sem a outra. Se Deus não tivera criado o homem, seria imensamente bom; mas não seria atualmente misericordioso, porque a misericórdia se exerce para com os miseráveis. Desta forma bem vêdes que, quanto mais nos reconhecemos miseráveis, tanto mais ocasião temos de confiar.

A desconfiança de nós mesmos provém das próprias imperfeições; o melhor é desconfiar-mos de nós mesmos; mas isto de nada serviria se não tivéssemos tōda a confiança em Deus e não esperássemos da sua misericórdia.

2. Conheceis que sois uma criatura pobre e miserável? Alegrai-vos com isto, glorificai-vos de nada serdes, pois que a vossa miséria será motivo para Deus usar da sua misericórdia.

Entre os pobres os mais miseráveis e de chagas maiores e mais dolorosas, sabem que são os mais habilitados para obter a esmola. Nós somos pobres; os mais miseráveis são os que estão em melhor posição e a misericórdia de Deus atende-os de melhor vontade.

Humilhemo-nos eu vô-lo suplico, anunciemos as nossas misérias à porta do templo da vontade divina; mas anunciemos as misérias com alegria, consolando-nos de estarmos vazios para que Deus nos possa encher com o seu reino.

Sêde doce e afável para com todos, menos para os que vos quizerem tirar a vossa miséria. «Glorifico-me em minhas enfermidades,» diz o Apóstolo (II Cor. XII, 9) e «Antes eu morrera (Phi, I, 21) do que perder a

minha glória.» Ah! Vêde; desejava antes morrer do que perder a sua glória, que era sua miséria. (1)

Enchei o vosso coração de coragem e a coragem de confiança em Deus; porque o que vos concedeu os primeiros atrativos do seu sagrado amor nunca vos abandonará se vós o não abandonardes; eis o que de todo o coração lhe peço.

IV

Deus deu-nos tudo com seu Divino Filho

1. Foi sem dúvida um grande dom o que o Eterno Pai concedeu ao mundo, quando lhe deu seu próprio Filho como o próprio Senhor diz: « Deus amou tanto o mundo, que lhe deu seu Filho único.» Oh! exclama o Santo Apóstolo, Paulo, porque pois não lhe concederá todos os outros dons com êste?

Provavelmente estais lembrados da bela história do Santo Patriarca José, que tantas vezes tem sido contada, mas nunca o será demais; o qual, sendo Vice Rei do Egito e estando seus irmãos na Mesopotamia, o vieram visitar muitas vezes, para serem por êle socorrido na extrema necessidade a que êles e seu Pae estavam reduzidos, em razão da fome desolar o seu paiz. Também sabeis como êle os enviou a seu Pai, sempre carregados de trigo.

1. Deus não nos deve assustar. Quando êle nos mostra os nossos pecados, fá-lo com doçura, condenando-nos e consolando-nos juntamente. Humilha sem pertubar e volta-nos para si, de modo que ao passo que sentimos confusão da nossa miséria, sentimos também a paz mais íntima. Deus não tem ira. (III Reg., XIX, II).

Mas quando lhe conduziram o pequeno Benjamim, enviou-lhe não só trigo por medida, mas ainda muitos presentes e carros cheios de tudo o que poderiam desejar. O mesmo vemos que faz por nós o Pai Eterno; porque embora na antiga lei fizesse muitos benefícios ao seu povo, todavia eram sempre por medida, pelo contrário, na lei nova, logo que viu o seu querido Benjamim, isto é, quando Jesúo Cristo entrou na sua glória, abriu-a com mão liberal para espalhar abundantemente seus dons e graças sobre todos os fieis, como tinha dito pelo profeta Joel, que espalharia o seu Divino Espírito sobre tôda a carne, isto é, sobre todos os homens e não só sobre os Apóstolos.

2. Ora vós sabeis o que diz Isaías de Nosso Senhor, que recebeu graças infinitas e que os dons do Espírito Santo repousavam sobre Êle. E o Espírito do Senhor, diz, repousará sobre êle; o Espírito de sapiência e entendimento, o Espírito de conselho e fôrça, o Espírito de ciência e piedade, e será cheio do temor de Deus. Mas porque é que o profeta diz que todos estes dons repousavam em Nosso Senhor, pois que não tinha, nem podia ter nenhuma necessidade? Êle, que era a própria fonte da graça? Para que seria senão para nos fazer entender que tôdas as graças e benções celestes devem ser distribuidas por Êle, que é nosso chefe, fazendo-as cair sobre nós, que somos seus membros, isto é, da sua Igreja, de que Êle é chefe? E para prova desta verdade, ouví o que Êle diz no *Cântico dos cânticos* à sua Amada: Minha esposa minha irmã*. Chama-lhe *esposa* porque a ama muito, e *irmã*, para provar a pureza do seu amor. *Abre-me a porta depressa, porque tenho os

cabelos cheios de orvalho e gotas da noite». Ora o orvalho e as gotas da noite, são uma e a mesma coisa. Que pensais pois que queria dizer por estas palavras o Amado de nossas almas, senão que deseja que a sua amada lhe abra a porta do seu coração afim de poder espalhar os seus dons e graças, que abundantemente recebeu de seu Eterno Pai como orvalho e licor celeste que lhe quer oferecer?

3. E' certíssimo e muito vos deveria consolar o saber que Jesús Cristo, Nosso Senhor e Mestre, satisfiz plenamente a Deus seu Pai por todos os castigos que merecemos pelos nossos pecados, e não só pelos nossos, mas pelos de todo o mundo.

E' o que o grande doutor do gentilismo, S. Paulo, confessa aos Romanos, dizendo que, onde abundou a culpa, superabundou a graça; havia, quer êle dizer, uma grande abundancia de pecados, mas muito maior abundancia de graças, de fórma que estas satisfizeram por êles.

O nosso Salvador, vendo que a divina Magestade de seu Pai amava muito a natureza humana, sem se informar do preço que custaria o remir-nos apresenta-lhe um preço que nem nós nem os anjos valem, uma satisfação maior do que podiam exigir todos os pecados do mundo; eis porque diz S. Paulo: «Fostes remidos por grande preço.» O preço certamente é elevado em atenção ao valor do objeto; foi pois grande o depósito que Deus colocou nas mãos da justiça do Pai, entregando-lhe o seu sangue, a menor gota do qual valia mais do que todos os mundos imagináveis. Não é pois de admirar que Jesús Cristo, comprando-nos por tal preço, rasgasse o decreto pelo qual éramos entregues a Satanaz, diz o Apóstolo.

4. Mas, se vos agrada, ouvi a razão teológica disto. A satisfação é tanto maior e mais valiosa quanto mais notável, considerada e poderosa é a pessoa que a faz. Por exemplo: recebi uma injúria dum Rei, e se elle me envia um pagem para se reconciliar comigo e me dar uma satisfação, não é uma grande honra; mas se me manda seu próprio filho e este me pede que esqueça a ofensa, isto é uma grande honra, e a satisfação é maior do que a ofensa. E, de fato, que é dar satisfação senão honrar a pessoa? Ora é verdade que a honra é tanto maior, quanto mais elevada é a pessoa que a dá: porque a menor honra que faça um príncipe, vale mais do que tôdas as que pode dar um homem de baixa condição — porque a honra está na pessoa que a faz.

Digamos pois: Se a honra é tanto maior quanto mais elevada é a pessoa que a dá, se a satisfação é tanto mais subida quanto mais considerada é a pessoa de quem se recebe, qual deverá ser a satisfação do que é infinitamente grande? A honra feita e a satisfação concedida por uma pessoa infinita. Ora, Nosso Senhor era, infinito, e satisfazendo por nós, a sua satisfação é infinita. Portanto, bem podia Davi dizer: «Em Nosso Senhor há uma grande misericórdia e uma satisfação ampla e excelente!» Deus, bem infinito, foi ofendido; Jesús Cristo, bem infinito, satisfez; o homem elevou-se pela soberba contra Deus; Jesús Cristo, pela humildade, abaixou-se até a criatura.

Ouvi bem isto: Sendo igual a seu Pai, abaixou-se e aniquilou-se até a morte, e no entanto, Deus deu-lhe um nome superior a todos os nomes, isto é o nome de Jesús, que significa Salvador; como se dissesse: É ver-

dadeiramente Salvador, porque, sendo infinito, pagou com todo rigor e com satisfação infinita.

V

Como o Divino Salvador nos amou na sua Encarnação

1. O amor de Deus está sempre unido ao amor do próximo e nós amamos o próximo assim como amamos a Deus; por consequência, sendo infinito o amor de Jesus Cristo para com seu Pai em valor e mérito pela pessoa que o dá, o seu amor para com o próximo será também infinito. Eis as provas evidentes :

Jesus Cristo, diz a S. Paulo, aniquilou-se para tomar a nossa humanidade e encher-nos da sua divindade, para elevar-nos à sua dignidade e dar-nos o divino título de filho de Deus; Êle, que habitava em si mesmo, querendo dora avante habitar em nós; Êle, que tinha vivido desde tôda eternidade no seio do Padre eterno, desejou tornar-se mortal no seio de sua Mãe temporal; e existindo sempre como Deus, quís tornar-se homem. Ah! como seria belo contemplá-lo menino por nossa causa! sem dúvida deveríamos cem mil vezes mais desejar ver esta criancinha repousando em uma creche, do que todos os potentados do mundo sentados nos seus tronos. Esta amável condição de menino convida-nos a amá-lo com confiança, entregando-nos amorosamente a êle, em tudo que se encontra. A sua pobreza e silêncio no berço, dizem-nos mais do que tôda a eloquência humana, e fazem nascer em nossos corações santos afetos e sobretudo, uma perfeita abnegação dos bens e pompas dêste mundo.

Não sei doutro mistério que alie tão bem a ternura com a austeridade, o amor com o rigor, a doçura com a severidade. Lancemos-nos aos pé dêste Salvador, dizendo com a esposa dos *Cantares*: «Achei o que o meu coração amou; possuo-o e não quero separar-me dele.» O menino nada diz, e o seu coração, cheio de amor pelos nossos, não se manifesta senão por suspiros, lágrimas e doces olhares. Mas quão eloquente é êste silêncio, que me ensina a verdadeira oração mental; ensina-me o favor amoroso dum coração cheio de bons pensamentos, de santos afetos, e que receia perder a sua doce suavidade se os pronuncia! (1)

2. Nunca o doce Jesus, em tôda a sua vida mortal, dirigiu ao Pai um suspiro só em que não tomássemos parte, nem um só desejo que não fosse para a nossa salvação. Embora fôssemos duros como o ferro, ou maneáveis como a palha, deveríamos amá-los; é um magnete divino que atrai o ferro; em uma palavra, é um verdadeiro atrativo para os corações.

O amor é o meio universal para a nossa salvação, que em tudo entra e sem o qual nada é salutar. Porisso

(1) Porque se há ter mêdo? Ó homem porque receias a vista de Deus? Porque êle vem?... Vem, de fato; mas não é para julgar; é para salvar o mundo. E para que tenhas motivos de dizer como noutros tempos: «Ouví a vossa voz e escondi-me», eis que se fez menino e sem voz, porque os vagidos da infancia infundem monos temor do que dô. Fez-se, como disse, o menino; e uma virgem, sua mãe envolvia com faixas, seus membros delicados; e ainda hão-de ter receios? Se a criança pudesse ser para recear, com pouco se aplacaria; pois não há quem não saiba que os meninos perdoam fâcilmente.

o querubim foi colocado à porta do paraíso terrestre, com a espada flamejante, para nos demonstrar que ninguém entrará no paraíso celeste sem ser transpassado pela espada do amor. E' por isso que o dulcíssimo Jesús, que nos remiu com o seu sangue, deseja infinitamente que o amemos, afim de que sejamos eternamente salvos; e deseja que sejamos salvos para o amarmos eternamente. «Ah! diz Êle; vim trazer fogo ao mundo; que desejo eu pois senão que êle arda?» Mas, para mais claramente indicar o ardor de semelhante desejo, recomenda-nos êste amor em termos admiráveis:

«Amarás ao Senhor teu Deus, diz, com todo o teu coração, com tôda a tua alma e com tôdas as tuas fôrças: é êste o primeiro e o maior dos mandamentos.» Ó Teótimo! quão amoroso está o Coração divino do nosso amor! Não bastava que desse licença que o amássemos? Mas não; declara a sua paixão amorosa para conosco e manda-nos que o amemos quanto pudermos para que nem a consideração da sua majestade e da nossa miséria, que nos fazem ficar tão distante d'Êle, nem outro qualquer pretexto, nos proíba de o amarmos.

3. Pronunciai muitas vezes do fundo do coração o nome sagrado do Salvador; e Êle derramará em vossa alma um bálsamo delicioso. Como seríamos felizes se o nosso entendimento só pensasse em Jesús, a nossa vontade só quisesse a Jesús e a nossa imaginação repousasse em Jesús? Ensaíemo-lo, e pratiquemo-lo o melhor que pudermos. Praza a êste divino Menino banhar os nossos corações no seu sangue e perfumá-lo com o seu nome santíssimo, para que os bons desejos que concebemos se tornem purpúreos e odoríferos! Bei-

jemos mil vezes os pés dêste Salvador e digamos-lhe: O meu coração Deus meu, chama-vos; o meu olhar deseja-vos e suspira por contemplar o vosso rosto! Isto é, fixemos o nosso olhar em Jesúo Cristo, para o contemplar, a nossa boca para o louvarmos e tôda a nossa existência não aspire senão a ser-lhe agradável.

VI

Como Jesúo nos amou na sua Paixão

1. Considerai que o eterno Pai amou tanto o mundo, que lhe deu seu único Filho, e o Filho amou tanto a vontade do Pai, que, vendo que êle tinha desejo de salvar a natureza humana, sem se lembrar da baixeza e mesquinhez dela ofereceu voluntariamente um preço prodigioso pelo resgate: o seu sangue, os trabalhos e a vida. Assim, êste Salvador ofereceu o seu amor imenso para satisfazer a vontade do Pai e o resgate do mundo.

Em cada mistério da Paixão dizia: Ó meu Pai a natureza humana que eu tanto amo resgatar-se-ia com uma só lágrima minha; mas isto não bastaria para reverência que eu devo ter à vossa vontade, e ao meu amor. Quero pois, que, além dos desfalecimentos no jardim das Oliveiras, que me açoitem, que me coroe de espinhos, que dilacerem o meu corpo, para que eu seja semelhante a um leproso sem forma nem beleza.»

Desta forma foi Jesúo açoitado, coroado de espinhos, condenado, escarnecido, destinado a suportar os opróbios e ignomínias, sofrendo a punição devida a todos os pecados e servindo de sacrifício geral pelo peca-

do, tendo-se tornado como um anátema, separado e abandonado de seu Eterno Pai.

O Divino Salvador quis morrer nas chamas e ardores de amor, por causa da infinita caridade que nos deve e pela força e virtude do amor; isto é, morrer em amor, por amor, e para amor; é o que Êle mesmo dizia: «Ninguém me tira a vida, mas eu deixo-a; tenho poder para a perder e recuperá-la de novo.» «Foi sacrificado, diz Isaías, porque o desejou»; sendo o seu corpo por direito, imortal e impassível, por causa da glória da sua alma, tornou-o mortal e passível por milagre e por amor. Quis até depois da morte, ter o lado aberto, para que todos vissem os pensamentos do seu coração, que não eram senão pensamentos de amor e simpatia, e que nos dirigíssemos a êle confiadamente e nos escondêssemos no seu lado e dele recebêssemos abundancia de graças e benções. De maneira que o benigno Jesús, desde o primeiro momento de sua vida até hoje, tem sempre, por assim dizer, arrojado setas do seu amor e ferido as almas dos seus amantes, fazendo-lhes conhecer claramente que o não amam tanto quanto êle é amável.

Oh! meu Deus! podia Jesús por ventura mostrar maior amor aos pecadores do que oferecendo-se em perfeito holocausto por todos os seus pecados? Oh! que pena não vemos o coração de Jesús tal qual êle é! Se tal fosse, morreríamos de amor por Êle, porque somos mortais, como Êle morreu por nós enquanto foi mortal, e ainda agora morreria se não fosse imortal. Nada tem tanta força para mover um coração amoroso como ver um coração movido de amor por êle. Oh!

prouvera a Deus que Nosso Senhor mudasse o nosso coração como mudou o de Santa Catarina de Sena, de sorte que não tivéssemos outro coração a não seu, outra vontade a não ser a sua, outras afeições e desejos senão os de o amar e sermos todos seus!

O pelicano, que vê os filhos feridos pela serpente, como um excelente médico formado na escola da natureza, fere-os por todo o corpo com o bico, para com o sangue fazer sair o veneno que a mordedura da serpente espalhara por todos êles; mas vendo-os mortos, fere-se a si mesmo e arroja sobre êles o seu sangue, para os vivificar com uma nova vida. Foi o seu amor que os feriu e é pelo mesmo amor que se fere também. As abelhas, quando ferem, morrem quasi sempre feridas.

Vendo pois o Salvador das nossas almas ferido de amor por nós até a morte, e morte na cruz, como deixaríamos nós de ser feridos por Êle? Mas, digo eu, feridos com uma chaga tanto mais amorosamente dolorosa, que nunca nós o amaremos tanto quanto merecem o seu amor e a sua morte.

Ah! se a minha alma a esposa de Deus crucificado soffredor, devo tôda a minha vida ter muito gôsto em me adornar com a sua libré, isto é: os cravos, os espinhos e as lanças. Lembra-te, ó minha alma, que o festim das suas núpcias foi o fel e o vinagre e não busques neste mundo a alegria e a bonança. É muita honra, ó Rei da glória, beber convosco o calix das dores que nunca me aconteça recusar essa bebida, porque, Deus meu, como diz Davi, é o calix dos vossos prediletos.

2. A imagem de Jesús Cristo, pisado, ferido, trespassado, chagado e crucificado, foi sempre um belo espelho de amor, onde os anjos e santos nunca se cansam de se verem até ficarem abismados de júbilo, de contentamento, e cheios de piedade e consolação. Pois se a imagem de Abraão, dando o golpe de morte em seu único filho para o sacrificar, fazia enternecer e chorar o grande Gregório, Bispo de Nicéia, tôdas as vezes que o via, com quanto mais razão nos deve comover a imagem de Jesús Cristo sacrificando-se a si mesmo sôbre a cruz? Sacrifício que é origem de tôdas as graças que recebemos, fonte de tôdas as resoluções santas, de sorte que é por Êle que as conservamos, nutrimos, fortificamos e consumimos.

3. Já que Jesús Cristo nos amou tanto, que a todos remiu, regando-nos com o seu sangue divino e chamando-nos a si sem excluir ninguém; já que se fez todo nosso para nos fazer todos seus, dando-nos a sua vida e morte para nos isentar da morte eterna, e fazer-nos conseguir o gozo da vida eterna, para que sejamos seus, não só nesta vida mortal, mas também na eterna, ah! que resta, e que conclusão devemos tirar, senão que, vivos, não devemos viver para nós, mas para Jesús Cristo, que morreu por nós; isto é, que lhe consagremos todos os momentos da nossa vida, encaminhando para a glória sua tôdas as suas obras, pensamentos e afetos?!

Oh alma minha! dora avante vive entre os açoites e espinhos do Salvador e suspira humildemente. Viva Jesús, que quis morrer para que minha alma viva! Ah! Padre Eterno! que vos pode oferecer o mundo pelo

presente que lhes fizestes do vosso Filho? Ah! para remir uma cousa tão vil como eu, deu-se e entregou-se a si mesmo, e, embora miserável, ainda hesito em dar-lhe e abandonar-lhe o meu nada, a Fê que tudo me deu!

VII

Como é abundante a remissão do Salvador

1. Deus, previu ler bem que o primeiro homem abusaria da sua liberdade, e, deixando a graça, perderia a glória; mas não quis tratar com tanto rigor a natureza humana como tinha tratado a angélica.

Era da natureza humana que êle desejava tirar uma porção feliz para uní-la à sua Divindade. Conheceu que era uma natureza fraca, *um ar que vem, e não volta*, isto é, que se dissipa ao caminhar. Levou em conta a surpresa que o maligno e perverso Satanaz fez ao primeiro homem e à grandeza da tentação que o obrigou a cair. Viu que tôda raça humana morreria pela culpa dum só e por estas razões olhou com piedade para nossa natureza e resolveu perdoar-lhe.

2. O demônio tinha-nos roubado ao nosso natural Senhor, e embora não tivesse nenhum direito sobre nós, no entanto Jesú Christo comprou-nos e remiu o que era seu, afim de sermos mais seus, se mais seus podíamos ser. S. Paulo diz: «Fostes comprados por alto preço, e que preço?» Remiu-nos com o sangue do Cordeiro; Deus não perdoou a seu próprio Filho; mas entregou-o à morte por todos nós.

Para que a doçura da sua misericórdia fosse adornada com a beleza da sua justiça, deliberou salvar o

homem por meio da redenção rigorosa, a qual, não se podendo efetuar senão por seu Filho, resolveu remir os homens, não só por uma das suas ações amorosas, que era o bastante para remir milhões de mundos, mas ainda pelas inumeráveis ações amorosas e paixões dolorosas que faria e sofreria até a morte e morte na cruz, à qual o destinou, querendo que assim se tornasse companheiro das nossas misérias, para nos tornar companheiros da sua glória, mostrando desta forma as riquezas de sua bondade por esta redenção copiosa, abundante, superabundante, magnífica e excessiva, a qual nos conquistou tôdas as graças e meios necessários para chegarmos à glória; de maneira que ninguém se pode queixar de que lhe tivesse faltado a misericórdia divina.

A menor gota de sangue de Nosso Senhor valia infinitamente mais do que nós, e, contudo, para nos tornar mais seus, quíiz dá-lo todo.

3. Quem duvidará da multiplicidade dos meios de Salvação tendo um grande Salvador, em consideração do qual fomos criados e pelos merecimentos do qual fomos remidos? Porque morreu por todos, porque todos estavam mortos e a sua misericórdia foi mais salutar para remir a raça humana, do que a miséria de Adão foi venenosa para a perder. E o pecado de Adão não só não venceu a bondade divina, que até a excitou e provocou pois que se avigorou pela presença do seu adversário, e reunindo as fôrças para vencer, fez abundar a graça onde superabundava a culpa; da mesma maneira que a Santa Igreja, por um excesso de admiração, exclama, na véspera da Páscoa: « O pecado de

Adão! na verdade necessário, que foi apagado pela morte de Jesus Cristo! oh! culpa ditosa, que mereceu ter um tal Redentor! Certamente poderíamos dizer como ontrora: «Estaríamos perdidos se nos não perdêssemos; isto é, aproveitou-nos a nossa perda, pois que com efeito a natureza humana recebeu maiores graças pela redenção do seu Salvador do que teria recebido pela inocência de Adão, se nunca tivesse pecado.»

Embora a Providência divina tivesse deixado no homem grandes sinais de sua severidade entre as graças da sua misericórdia como por exemplo: a necessidade de morrer, as doenças, os trabalhos, a rebelião da sensualidade, parece que o favor celeste, vencendo tudo isto, tem gosto em converter tôdas estas misérias para maior proveito dos que o amam, fazendo nascer a paciência dos trabalhos, o desprezo do mundo, a necessidade de morrer e mil vitórias da concupiscência, e, assim como a flor do arco iris, tocando-a o espinho do aspá-lato, se torna mais odorífera do que o lírio, assim a redenção de Nosso Senhor, tocando as nossas misérias, as torna mais úteis e amáveis do que a inocência original.

«Os anjos teem mais alegria no Céu diz o Salvador, por um pecador penitente do que por noventa e nove justos que não teem necessidade de penitência.» E, da mesma maneira, o estado da redenção vale cem vezes mais do que o da inocência. Com efeito, pela aspensão do sangue de Nosso Senhor, praticado com o híssope da cruz, fomos remidos com uma candura incomparavelmente mais excelente do que a neve da inocência, saindo como Naamam, do rio da salvação tão

puros e limpos como se nunca nos tivéssemos manchado, para que a divina Majestade não fosse vencida pelo mal, mas o vencesse pelo bem; porque a sua misericórdia, como um óleo sagrado, sobrenada ao juízo, e para que as suas misericórdias ultrapassem as suas obras».

VIII

Como Nosso Senhor pratica os mais excelentes atos de amor

1. Jesú's amou-nos com um amor de complacência, porque as suas delícias foram estar com os filhos dos homens e atrair os homens a si, fazendo-se Êle próprio homem.

2. Amou-nos com um amor de benevolência, fazendo compartilhar ao homem a sua divindade, de forma que o homem fosse Deus.

3. Uniu-se a nós com uma união tão incompreensível, que se uniu e aderiu à nossa natureza tão forte, indissolúvel e infinitamente, que nada jamais se uniu tanto à humanidade como agora a santíssima divindade na pessoa do Filho de Deus.

4. Derramou-se todo em nós, e, por assim dizer, fundiu a sua grandeza reduzindo-a à nossa pequenez, e é assim que êle é chamado fonte de agua viva, orvalho e chuva celeste.

5. Esteve em êxtase, não só como diz S. Dionísio, porque, em razão do excesso da sua amorosa bondade ficou como fora de si, estendendo a sua providência sôbre tudo e encontrando-se em tudo, mas, como diz S. Paulo, deixou-se a si mesmo, despojou-se da sua

grandeza e da sua glória e demitiu-se do trono da sua incompreensível Majestade, e por assim dizer aniquilou-se para se unir à nossa humanidade, encher-nos com a sua divindade e bondade, elevar-nos à sua dignidade e dar-nos o divino título de filhos de Deus. E aquêlê do qual se escreveu: «Eu vivo por mim mesmo, diz o Senhor», poderia dizer com o Apóstolo: «Não sou eu que vivo por mim; é o homem, que vive em mim. A minha vida é o homem, e morrer pelo homem é o que me agrada; a minha vida está occulta com o homem em Deus.» O que habitava em si mesmo, habita agora em nós, e o que estava de tôda a eternidade no seio de seu Pai Eterno, veio habitar, tornando-se mortal, no seio de sua Mãe temporal; o que vivia eternamente da sua divina, veio viver temporalmente da vida humana, e o que foi Deus de tôda a eternidade será dora avante homem eternamente, a tal ponto o arrebatou o amor do homem.

6. Muitas vezes admirou-se, por amor, como fez com o Centurião e com a Cananéia.

7. Contemplou o jovem que até então tinha guardado os mandamentos e que desejava ser encaminhado à perfeição.

8. Demorou-se com quietação em nós e mesmo com alguma suspensão de sentidos no seio de sua Mãe e na sua infancia.

9. Foi terno para as criancinhas, que tomava nos braços e acariciava amorosamente; para com Marta e Madalena, para com Lázaro, que chorou, e para com a cidade de Jerusalém.

10. Animou-se dum zelo sem igual, que, como diz S. Dionísio, se converteu em ciúme; remindo todo o mal da sua amada natureza humana com o preço da sua própria vida; expulsando o demônio, príncipe d'êste mundo, que parecia ser seu rival e companheiro.

11. Teve mil delíquios amorosos; pois donde podiam provir estas divinas palavras; «Eu devo receber o batismo, e como estou angustiado até que o receba?» Aguardava a hora de ser batizado no seu sangue e angustiaava-se por êle não chegar: impelindo-o o seu amor a ver-nos livres pela sua morte da morte eterna. Assim permaneceu triste e suou sangue no jardim das Oliveiras, não só pela extrema dor que a alma sentiu na parte inferior da razão, pois que a dor lhe dava horror da morte e o amor fazia-lhe desejável, de forma que houve um rijo combate e uma cruel agonia entre o desejo e o horror da morte, que chegou a uma grande efusão de sangue, manando como duma fonte viva por sôbre a terra.

12. Enfim êste Deus amoroso morreu nas chamas do seu amor pela infinita caridade que tinha para conosco e pela fôrça e virtude do amor; isto é, morreu de amor, por amor, em amor e para amar. Porque embora os crueis suplícios fossem suficientes para fazer morrer quem quer que fosse, embora a morte não pudesse entrar na vida d'Aquêlê que tem as chaves da vida e da morte, se o amor divino que maneja estas chaves não tivesse aberto as portas à morte, afim de que ferisse êste divino corpo e lhe tirasse a vida; não se contendo o amor em o tornar mortal sem lhe dar a morte.

«Ninguém me tira a vida, diz Êle; mas entrego-a eu. Tenho o poder de a entregar e retomar quando me apraz. Foi oferecido, diz Isaias, porque quis.» Não obstante, não diz que o seu espírito se separou dele e o deixou; mas, pelo contrário, que o entregou nas mãos de seu Eterno Pai. Santo Atanásio nota que Jesus baixou a cabeça para morrer, para consentir e inclinar-se diante da vinda da morte, a qual doutra forma não ousaria aproximar-se dEle, o, bradando em voz alta, entregou o espírito a seu Pai, por mostrar que, assim como tinha bastante alento e fôrça para não morrer, também tinha tanto amor, que não podia viver mais sem fazer reviver por sua morte os que sem ela não podiam evitar a morte, nem aspirar à verdadeira vida. Eis porque motivo a morte do Salvador foi um verdadeiro sacrificio, sacrificio de holocausto que Êle próprio ofereceu a seu Pai por nossa redenção. Embora as penas e dores da sua paixão fossem tão fortes que qualquer outro homem morreria, quanto a Êle, não morreria se quisesse e foi o fogo da sua infinita caridade que lhe consumiu a vida. Foi Êle próprio o sacrificador que se ofereceu a seu Pai e se imolou por amor e em amor.

Mas não digais que esta morte amorosa do Salvador não fosse por uma espécie de enlevo; porque o objeto pelo qual a sua caridade o entregou à morte não era tão amável que lhe pudesse arrebatár aquella alma divina, que de seu corpo saia por forma de extase, impelida e lançada por afluência e fôrça de amor como nós vemos a mirra expulsar o seu primeiro licor, sòmente por abundância, sem que a expremam de forma

alguma, como Jesúſ Cristo dizia: «Ninguém me tira ou arrebatada alma; dou-a eu voluntariamente.» Oh! Deus! que fogo tão próprio para nos inflamar a praticarmos exercícios de amor para com um Salvador tão bom, vendo que tão amorosamente os praticou para conosco, que tão maus somos! Esta doce caridade de Jesúſ Cristo esmaga-nos.

IX

Deus pensa em nós e contempla-nos com amor, apesar de nossas fraquezas

1. Perguntais-me se Nosso Senhor pensa em vós e vos olha com amor? Sim, pensa em vós, e não só em vós, mas no menor cabelo de vossa cabeça. E' um artigo de Fé; ninguém o pode duvidar. Também sei que o não duvidais, mas expremís por esta forma a avidez, desalento e insensibilidade em que se encontra a parte inferior da vossa alma.

«Verdadeiramente Deus está aquí, e eu não o sabia» dizia Jacó; isto é, nem o supunha, nem tinha dele sentimento algum.

Não podeis também duvidar que Deus vos olhe com amor; porque olha amorosamente para os maiores pecadores do mundo, por pouco desejo que êles tenham de se converter. Ah! dizei-me: não tendes tenção de pertencer a Deus? Não quereis servi-lo fielmente? E quem vos dá êsse desejo e intenção senão Êle com o seu amoroso olhar?

Não examinais se o vosso coração lhe agrada, e se o contemplardes bem é impossível que vos não agrade:

porque é um coração tão doce, tão suave, tão condescendente, tão amoroso para com estas miseráveis criaturas, contanto que reconheçam a sua miséria, tão generoso para com os miseráveis, tão bom para com os penitentes! Ah! quem não amará este coração divino, tão cheio de ternura para conosco!

Dizeis, com razão, que tendes tentações, porque o vosso coração está sem ternura para com Deus; porque se sentísseis ternura, teríeis consolação e se sentísseis consolação, não sentireis desassossêgo. Mas o amor de Deus não consiste em consolações e ternura, porque desta forma Jesús Cristo não teria amado seu Pai quando estava triste até a morte e exclamava: «Meu Pai, meu Pai, porque me abandonaste?» e era então que praticava maior ato de que se pode imaginar.

Enfim quereríamos ter um pouco de consolação e de doçura em nossas carnes, isto é, ter o sentimento de amor e ternura e por consequência a consolação; e quereríamos igualmente estar sem imperfeição; mas é preciso ter paciência de pertencer à natureza humana e não à angélica. Não nos devem agradar as imperfeições; pelo contrário, devemos dizer com o santo Apóstolo: «Oh! quanto sou miserável! quando me livrarei dêste corpo mortal?» Mas não nos devem amedrontar nem tirar a coragem; devemos daí tirar submissão, humildade e desconfiança de nós mesmos, mas não desânimo e prostração do coração, e muito menos desconfiança do amor de Deus para conosco. Assim como a fraqueza e a enfermidade do filho desagradam à mãe e no entanto ela não só não deixa de o amar por isto, mas o ama com ternura e compaixão, da mesma forma Deus,

por não amar as nossas imperfeições e pecados veniais, não deixa por isso de nos amar eternamente; de maneira que Davi disse com razão a Deus:

«Tende piedade de mim, Senhor, porque estou enfermo.» Ora isto basta, vivei tranquilos: Nosso Senhor contempla-vos com tanto mais amor quanto mais fracos sois. Nunca permitais que o vosso espírito alimente pensamentos contrários; e quando os tiverdes, não os fiteis, mas afastai a vista de sua iniquidade, e voltai-vos para Deus com uma corajosa humildade, para lhe falar da sua inefável bondade, pela qual vos ama apesar-de serdes pobres, abjetos e doentes.

Ah! que grandes obrigações devemos a Deus, e quanta confiança devemos ter, porque o que a sua misericórdia começou em nós, o terminará e dará tanto acréscimo a este óleo de boa vontade que temos, que todos os nossos vasos se encherão bem como muitos dos nossos vizinhos! É conveniente fechar sobre nós a porta, isto é, retirarmos o nosso coração cada vez mais para a sua divina bondade.

X

Como o nosso doce Salvador nos amou a cada um em particular

1. Considerai o amor com que Jesúo tanto sofreu neste mundo, e particularmente no Jardim das Oliveiras e no Calvário. Este amor vos contemplava e por tôdas as suas feridas, chagas e fadigas obtinha de Deus Pae, boas resoluções e santos protestos para o vosso coração e tudo quanto vos era necessário para conservardes e fortificardes estas resoluções. Oh! resoluções,

quão preciosas sois por serdes o fruto da paixão do meu Salvador! Oh! quanto vos deve amor a minha alma pois tão caras sois ao meu Jesús! Oh! Salvador da minha alma, vós morrestes para me adquirirdes resoluções; fazei-me pois a graça de antes morrer do que perdê-las.

Pensai bem nisto alma fiel; é certo que na árvore da Cruz o Coração de Jesús via o vosso e amava-o e por êste amor obtinha-lhe todos os bens que tendes tido e tereis, e entre outros, as santas resoluções. Sim, alma piedosa, podemos todos dizer com Jeremias: «Antes que eu existisse já para mim olháveis e me chamáveis pelo meu nome.» (1)

2. Imaginai a diferença que há entre os que gozam a luz do sol e os que só teem a de uma lâmpada. Não se invejam uns aos outros, os primeiros, porque sabem que a primeira é bastante para todos e o gôzo de uma não impede o gôzo doutra, e embora todos a possam em geral reconhecer, nenhum deixa de possuir em particular. Mas, enquanto aos segundos, que estão à luz da lâmpada, como ela é fraca e insuficiente para muitos, cada qual a quer ter em seu quarto e tem inveja

(1) O que fez resolver o Filho de Deus a revestir-se de uma carne semelhante à nossa, foi o desejo de mostrar por nós uma verdadeira compaixão. Se o Filho de Deus não tivesse tenção de se unir senão a algumas criaturas, de certo as naturezas angélicas desejariam a preferência, atendendo que a sua immortalidade e outras qualidades eminentes as aproximavam mais da Divindade; mas Elle não procurou com certeza nas criaturas nem grandeza nem immortalidade. Que buscava pois? Misericórdia e compaixão.

dos outros. A bondade da coisa humana é tão vil e desprezível, que quando se goza é preciso que outro dela se prive; e a amizade humana é tão limitada e enferma, que, ao passo que se comunica a uns, diminue para outros; eis porque temos inveja quando há aí companheiros e rivais.

O Coração de Deus é tão abundante em amor, a sua bondade é tão fortemente infinita, que todos a podem possuir sem que por isso cada um a possua menos, não se podendo exgotar essa infinidade, embora enchesse todos os espíritos do universo; porque a-pesar-de tudo encher, fica sempre intata, sem diminuição alguma. O sol não brilha para uma rosa no meio de mil flores mais do que se brilhasse para ela só. E Deus não espalha menos amor sôbre uma alma, por o espalhar por uma infinidade delas, pois não diminue a fôrça do amor em virtude da multidão dos raios que se espalham mas ficando sempre cheios da sua imensidade.

Ah! meu Deus, como deveríamos gravar estas palavras profundamente na memória: E' possível que eu tenha sido tão ternamente amado pelo meu Salvador, que quisesse pensar particularmente em mim e nas pequenas circunstâncias pelas quais me atraiu a si? Quanto não devemos pois amá-lo e empregar isto tudo em nosso proveito! Que coisa mais doce haverá do que êste pensamento: O Coração amável do meu Deus pensava na minha alma, amava-a e procurava-lhe mil meios de salvação, como se não tivesse mais do que esta alma no mundo! Assim como o sol, alumando um lugar da terra, brilha tanto como só êste alumiasse, do mesmo passo Nosso Senhor pensava e trabalhava por todos

os seus caros filhos de forma que pensava em cada um deles como se não tivesse mais nenhum em que cuidar.

«Amou-me, diz S. Paulo, e entregou-se por mim :» como se dissera : Por mim só e como se nada tivesse a fazer pelos outros homens. Isto, além de fácil, deve ser gravado em nosso coração para bem amar e conservar amorosas resoluções que tão preciosas foram ao Salvador.

Deus é pois bom para vós, não é assim? mas para quem o não é êste soberano amor do coração? Os que o gozam nunca se saciam e os que dele se aproximam, não podem conter sem o louvar e bendizer sempre.

Depois de terdes feito estas tocantes considerações, deveis ler e reler e proferir com o coração e com a boca estas ardentes palavras de S. Paulo, Santo Agostinho, Santa Catarina de Sena e outros :

«Não, eu já não sou meu; embora viva ou morra, sou do meu Salvador. Já nada me pertence, tudo o que possuo é de Jesús. Ó mundo, tu tens sido sempre o mesmo e eu até agora tinha-me possuído; mas d'óra avante não serei mais meu.» Não; nós não seremos mais nossos, porque mudaremos o coração, e o mundo que nos enganou, será por nós enganado, porque ante-endo a nossa mudança senão a pouco e pouco, suporá que somos Esaús e nós seremos Jacó.

E' preciso que êstes sentimentos se gravem profundamente nos nossos corações e que fazendo as nossas meditações e orações, passemos docemente às nossas occupaões com mêdo que se derrame e perca o licor das santas resoluções; porque é preciso que êle penetre e banhe tôdas as partes da nossa alma, e isto sem esforço do corpo e do espírito.

XI

Amor de Jesúo Cristo para com os pecadores

1. Nosso Senhor, grande e excelente médico de tôdas as nossas enfermidades, antes de vir ao mundo, fez anunciar tôda a parte não só a sua chegada, mas também as enfermidades que curava; umas vezes pelos profetas; «Eu consolidarei o que está quebrado e fortalecerei o que está fraco; êles serão limpos de tôda a mácula. Vós salvareis os humildes». Outras vezes, por sua própria boca: «Vinde a mim todos os que estão fatigados.» Mas sobretudo quando se intitula Jesúo; porque os médicos não curam sempre e por isso não basta só chamar-lhe Cristo mas também Salvador, porque os seus remédios são infalíveis. Que admira pois que no Evangelho o vejam sempre cercado de doentes, pecadores e publicanos? Oh! vã e louca murmuração dos judeus quando diziam: «Êste recebe os pecadores!» E quem quereis vós que recebesse? Não é uma honra para um médico ser procurado pelos doentes e muito mais quando as suas doenças são incuráveis? Nosso Senhor, não tanto para repelir a temeridade dêste fariseu, como para nos dar coragem de nos aproximar-nos dEle, lança para longe, por meio de parábolas, esta consideração farisaica. Concluam os pois com razão de tôdas as suas palavras que o seu gôsto é conduzir à misericórdia. (1)

(1) Quando succedesse que uma mãe tivesse dureza bastante para esquecer seu filho, Deus nos promete que nunca nos esquecerá. A sua misericórdia é tão grande, que está sempre prestes a perdoar a todo o que quer entrar em seus deveres. A bondade divina e a

2. A alma afasta-se de Deus fugindo das suas graças e dos meios que nos dá para a salvação, assim como se diz que qualquer foge dos médicos; não porque os odeie, mas porque tem ódio ao remédio. Quanto os pecadores mais se afastam de Deus, tanto mais se afastam da sua misericórdia! Que dôres! que pezares! porque o que diz Santo Agostinho é verdade: «Senhor, vós nos fizestes para vós e o nosso coração estará inquieto enquanto em vós não repousar.» Oh! que divisão do homem em relação a si e ao seu Deus! Mas nesta grande tristeza há uma consolação, e é que, embora o homem esteja afastado de Deus pode voltar-se para Ele e ser bem recebido. «Deixe pois o ímpio o seu caminho e o homem iníquo as suas iniquidades e pensamentos; volte-se para o Senhor, que terá dele piedade, porque a sua misericórdia é abundante para perdoar. (1)

alma verdadeiramente penitente, estão tão de acôrdo, que, depois da reconciliação parece que não houve ruptura; a divina bondade não repreende ao homem os seus desregramentos passados e maneja as cousas por tal forma, que os peccados passados nenhum prejuizo fazem á alma que dele se resolveu corrigir. — TAULERO.

(1) Notai que Deus não diz só que perdoará a um pecador ordinário que for impellido por paixões vulgares, mas ainda ao ímpio, isto é, ao homem sem fé, sem lei, sem religião e ao que insolentemente se ergueu contra Deus e contra Cristo, que tem blasfemado sem cessar, que ultrajou o Céu e tem scandalizado tôda a terra, que como Manassés destruisse o culto de Deus, derrubasse os altares, e em seu lugar collocasse ídolos. É a êste monstro, cuja idéia nos horroriza, que Deus promete perdoar; não depois de uma porção de anos de conversão passados no maior rigor da penitência laboriosa, mas no dia em que se arrepender fosse êle o

Assim o faminto pródigo, e o infeliz Absalão foram recebidos por seus pais; e sem isso que nos aconteceria? Todos somos mentirosos, isto é, pecadores, e se dissermos que não temos pecados, enganamo-nos a nós mesmos: Voltai-vos para o Senhor e deixai a vossa iniquidade porque a sua misericórdia é grande para com os que se convertem a Êle. Porque se chama Êle Salvador senão para nos salvar? Os pecadores e os publicanos aproximavam-se-lhe para ouvirem a sua palavra.

Pode dizer-se que nada há mais conforme à inclinação de Jesús do que socorrer os miseráveis e perdoar aos que lhe pedem perdão das suas ofensas. Ninguém tema pois implorar a sua misericórdia e saibam a distinção que S. Bernardo faz entre os eleitos e os réprobos; diz êle que êstes não pensam em se erguer depois da sua queda, e aquêles, logo que caem se levantam e imediatamente correm nas vias do Senhor.

3. Conta-se de Daví, no capítulo XXII do 1.^o livro dos Reis, que estando na caverna de Osola, os necessitados e aflitos vieram para êle e se tornou em Rei; era isto para significar o segundo Daví que devia deixar aproximar de si os pobres e necessitados, os aflitos e miseráveis; os que gemiam sob o duro fardo das necessidades e enfermidades corporais e muito

último da sua vida, se a sua conversão para Deus for sincera. E vós alma tímida e de pouca fé, duvidais ainda que Deus vos perdoe os vossos antigos desvios embora os choreis há muito ou pelo menos os detesteis?

mais os que estavam oprimidos debaixo do duro fardo do pecado.

Os fariseus murmuram porque Elle recebe os pecadores; mas vejamos como os recebe e veremos grandes coisas. O pecador pode-se afastar de Deus e de si mesmo; é cousa certa: «O Espírito vai e não volta. A tua perdição vem de ti, Israel; mas de Mim só vem o teu socorro.» E S. Paulo diz: «Nós não somos capazes por nós mesmos de ter algum bom pensamento; podemos destruir; mas não recompor. Nosso Senhor previne o pecador, o vai buscar; chama-o e convida-o a voltar, doutra forma elle não pensaria em tal. Reconheço que a minha fôrça vem de nós, oh! Deus meu, porque vós sois o meu socorro. A misericórdia do meu Deus me previnirá.

E' Deus que produz em nós os bons desejos e as vontades santas, é Elle que as aperfeiçoa e termina. Impeli-nos para Vós e nós corremos. «O que vai com o vento para o seus país, não volta senão com o vento contrário.» Nunca Absalão voltaria para Daví seu pai Tecuita sua mulher não o pedisse; nunca o pecador voltaria se a misericórdia o não tomasse. Oh! bondade infinita; Nosso Senhor vai procurando a ovelha desgarrada; doutra forma não voltaria à casa. Esta misericórdia vai procurando a dracma perdida; oh! se aquêles murmuravam louvemol-a nós porque recebe os pecadores e os procura.

Jesús estando no templo no dia da grande solenidade, exclamava dêste modo: «Se alguém tem sede venha a Mim e beba. O Filho do Eterno veio procurar e sal-

var o que tinha perecido. Quantas vezes os quís jantar, como a galinha os seus pintainhos! (1)

4. Mas, como nós somos miseráveis! muitas vezes somos chamados e fazemo-nos surdos: «Chamei e vós não me ouvistes», diz Deus. Somos atraídos e dirigimo-nos contra Êle. Jesús queixa-se dizendo: « Todo o dia estendí as mãos no meu povo incrédulo e rebelde.»

Ó santa, ó bemaventurada e feliz multidão de pecadores e publicanos, que se aproximam de Nosso Senhor! Não fazem como os convidados para o grande banquete, que se desculpam; êles aproximam-se e são benvidos. Ó meu salvador, como se chegaram a Vós os pecadores sendo Vós justo? Porque Daví diz absolutamente do justo que o mal se não aproximará dele. «Retirai-vos de Mim malvado. Ninguém pode vir a Mim se meu Pai o não atrai e o que de Mim se aproximar será repellido.» Já que assim é ó meu Salvador, meu Redentor, meu Deus, posso dizer a êste povo da vossa parte: «Aproximai-vos de Deus e sereis alumiados, e não serão

(1) Deus prometeu perdoar os maiores crimes e os pecados mais numerosos. Sim, diz Êle pelo seu profeta, quando os vossos pecados tiverem tornado a vossa alma mais vermelha do que o escarlata, Eu a tornarei mais alva do que a neve. Estais cheios de crimes e Eu só vos posso ver com horror. Eu não posso deixar de desviar a vista de vós e não ouvir as vossas súplicas. Mas convertei-vos; mudai de pensamentos, de desejos e procedimento; não pratiqueis o mal, mas sim o bem, e então apresentai-vos a Mim com confiança, e se Eu vos não ouvir, levantai-vos contra Mim, como tendo sido infiel às minhas promessas». Podemos pois, com o justo israelita, dizer a Deus que se lembre das suas promessas e que mantenha a promessa que fez de nos perdoar, promessa que sustenta a nossa esperança quando nos recordamos dos crimes e sem a qual cairíamos na desesperação.

confundidas as vossas forças, porque Elle recebe os pecadores.»

Mas vêde de que maneira devemos aproximar-nos de Deus; é abandonando o pecado: «Retirai-vos do mal; saí da Babilônia; fugí dos Caldeus: a paz não mora com os ímpios,» diz o Senhor. Pecastes pelo coração, pela boca, pelas obras; é preciso empregar as três cousas opostas; confissão, contrição, satisfação.

5. Nosso Senhor é como o sol, que à tóda a parte chega. E' do alto do céu que dimana. Vai dardejando os raios sôbre os justos e injustos e dos lamaçais mais imundos extraí vapores, que, chegados a uma certa altura, se convertem em orvalho, ou doce chuva, que, descendo, dá vida e faz germinar os frutos. Extraí dos maiores pecadores santas exalações, que são as considerações das suas faltas, até certo gráu de temor e apreensão, até a região média do ar; considerando que estão entre o paraíso e o inferno, entre condenação e a salvação. • O seu espírito assoprará e fará correr as águas. São as aguas da contrição que fazem germinar esta terra e produzir frutos de salvação. Convém pois deixar-nos levar e convencemo-nos do nosso estado miserável. Saíamos, saíamos dêste Egito, aproximemo-nos de Nosso Senhor, façamos provisão de boas obras, estejam nús os pés dos nossos afetos; revistemo-nos de inocência, que nos contentemos de pedir misericórdia, saíamos do Egito, não esperemos mais. Chegou a hora de nos levantarmos do sono, pois sabemos que recebe os pecadores; os anjos esperam a nossa penitência e os santos oram por ela.

XII

Como brilha a misericórdia de Deus na conversão de S. Paulo e de Davi.

1. Quando o Salvador veio ao mundo, era no tempo em que os judeus tinham chegado ao cúmulo da sua malícia, sem terem rei da sua nação e achando-se as leis do sacerdócio nas mãos de Annaz e de Caifás homens extremamente máus; era quando Herodes reinava e Pilatos possuía a Judéia. Foi neste tempo que Deus veio ao mundo, para nos livrar da tirania do pecado e da escravidão do nosso inimigo, sem a isso ser impellido senão pela sua imensa bondade, que O obrigou a comunicar-se aos homens desta forma. É certo que o Coração do nosso divino Salvador e Mestre estava cheio de misericórdia e ternura para com o gênero humano, e deu provas e admiráveis testemunhos disso não só então, mas em outras ocasiões diversas, em que pela sua misericórdia realçou muito a sua grandeza, como se lê em muitos logares da Escritura.

2. Quando perdôa a S. Paulo, senão quando mais tinha pecado? Porque todos sabem que no tempo da sua conversão era quando estava com mais fúria contra Deus, e, não podendo impelir contra Êle a sua ira, a impelia contra a Igreja, mas com tanto furor, que fazia quanto podia para a exterminar. *Spirans minarum et cædis in discipulos Domini*; e sem embargo foi então que Nosso Senhor venceu a sua maldade e ingratição pela sua misericórdia, que o tocou, converteu e perdoou tôdas as iniquidades no tempo em que menos o merecia. Oh! Deus meu, quão grande foi a Vossa

misericórdia para com aquêlê santo apóstolo! Sem dúvida, nós vemos todos os dias efeitos semelhantes da bondade de Deus para com os pecadores; porque quando estão mais endurecidos no seu pecado e vivem como se não existira Deus, paraíso e inferno, é então que Deus abre as entranhas da piedade e misericórdia, dando-lhes um raio da divina luz nas almas, que lhe descubrem o miserável estado em que estão, afim de que se convertam.

3. Nunca li a conversão de Daví sem me admirar de ver que êste profeta, depois de ter cometido tão grandes pecados, estivesse perto dum ano sem fazer caso, dormindo um sono letárgico, sem despertar, nem notar o miserável estado em que se achava. Oh! Deus! teria sido dalguma forma mais tolerável o seu pecado, se o cometesse quando era pastor e guardava ovelhas: mas pecar depois de ter recebido tantas e tamanhas graças da sua divina Magestade, depois de ter recebido tantas luzes e favores, tendo feito tantas maravilhas e prodígios e sendo nutrido no seio da doce clemência e misericórdia de Deus; e afinal chegasse a cometer tão grandes pecados e permanecesse tanto tempo sem disso dar conta! oh! de certo, uma cousa digna de grande admiração.

Cometeu muitos pecados, acumulando uns para se encobrir os outros e ficando assim jazendo no pecado perto de um ano, sem considerar o seu miserável estado, sem se lembrar de Deus.

4. Eis pois o pobre Daví, por êste esquecimento de Deus, sem nenhuma disposição para a graça, mas a bondade divina, vendo-o nesta cegueira, para o retirar

do pecado, enviou-lhe o profeta Natan, o qual, querendo-lhe fazer conhecer a sua falta, se serviu duma parábola, dizendo-lhe que um homem rico, que possuía uma grande quantidade de ovelhas e bois, tinha roubado a um pobre uma ovelha, que êle tinha comprado, que alimentava em sua casa e á qual muito amava. Vêde como o profeta lhe falava por uma terceira pessoa para lha fazer reconhecer e confessar; mas como Daví estava em uma tão grande cegueira, que não via o seu pecado, não reparando que o profeta Natan se referia a êle, pronunciou sentença de morte contra o que tinha roubado a ovelha, condenando-o além disso a restituir o quádruplo.

Considerai eu vô-lo peço, como Daví estava endurecido no pecado e nenhum remorso; mas para os pecados dos outros, muito bem os conhecia e sabia impor-lhes um castigo proporcionado à ofensa. Ora Natan, vendo que êle não reconhecia o seu pecado, disse-lhe que era êle que tinha roubado aquela ovelha, e então, entendendo Daví, disse: «Pequei contra o Senhor!» *Peccavi Domini*; e então lhe disse Natan: «Como confessaste o teu pecado, Deus perdoa-te e não morrerás.» (1)

Ora que maior efeito quereis ver da misericórdia divina do que êste? Porque no momento em que Daví mais pecados tinha, foi quando lhe perdoou a sua iniquidade. Mas que mudança fez depois que reconheceu o seu pecado! Nada mais fazia do que gemer e chorar a sua cegueira; nunca se ouvia sair da sua boca senão esta

(1) Vêde, diz Santo Ambrósio, o que valem três sílabas quando partiam dum coração contrito.

frase: *Peccavi*, e gritando: *Misericórdia!* dizia êste salmo de penitência: *Miserere mei Deus*.

Há muitos outros exemplos da Sagrada Escritura semelhantes a êste, pelos quais Deus nos manifestou grandeza da sua misericórdia e de onde vemos a verdade destas palavras de Isaías: «Porque a malícia chegou ao seu auge, ser-lhe-á perdoada.»

XIII

Como a misericórdia de Deus é grande na conversão do pecador (1).

1. A volta do pecado tira a vida ao coração e a tôdas as obras; a volta da graça dá a vida ao coração e a tôdas as suas obras. Um inverno rigoroso faz morrer tôdas as plantas, de forma que, se durasse sempre ficariam como mortas. O pecado, triste e terrível inverno da alma, amortece tôdas as santas obras que encontra, e se sempre durasse nunca elas teriam vida e vigor. Mas, como à volta da primavera, não só as sementes novas que

(1) Há uma página no Evangelho onde vemos Jesus ter certa ternura para com os pecadores reconciliados, mais que os justos que perseveram. Quem não sabe que a Madalena penitente foi a sua fiel companheira; que Pedro, depois de o ter negado, foi escolhido para confirmar a fé de seus irmãos; que deixou no bosque o rebanho inteiro para procurar a ovelha perdida; e que o filho que mais O moveu à compaixão foi o dissipador que voltou à casa paterna? Para que nós entendamos que embora inocência tenha lágrimas, êle mais estima as que o pecado faz derramar nos santos gemidos da penitência e que a justiça recobrada tem a seus olhos mais agrado do que a que sempre se conservou.

BOSSUET.

se lançam na terra, favorecidas por esta bela e fecunda estação, germinam e produzem agradavelmente cada uma segundo a sua qualidade, mas também as velhas plantas, que desde o inverno precedente estavam murchas, secas e amortecidas, reverdecem e avigoram-se, tomando vida nova; da mesma sorte, apagado o pecado, e voltando à alma a graça do amor divino, não só os novos afetos, que trouxe a volta da primavera sagrada, germinam e produzem muitos méritos e benções, mas também as obras, murchas e inertes pelo rigor do inverno do pecado passado, como livres do seu mortal inimigo tomam novas fôrças e avigoram-se, e como resuscitadas florescem de novo e frutificam em méritos para a Vida Eterna. Tal é o amor do poder celeste, ou o poder do amor celeste. «Se o ímpio se emenda da sua impiedade vivificará a sua alma. Converttei-vos e fazei penitência dos vossos pecados e a iniquidade não vos prejudicará», diz o Senhor todo-poderoso.

E que quer dizer: «a iniquidade não vos prejudicará» senão que os prejuizos que ela fez se recomporão? Assim, entre mil carficias que o filho pródigo recebeu do pai foi revestido com vantagens de todos os adornos e com tôdas as graças, favores e dignidades que tinha perdido. E Jó, imagem inocente do pecador penitente, recebe enfim o duplo do que tiveram. Deus não esquece pois as obras dos que, tendo perdido o seu amor pelo pecado, o recobram pela penitência. (1) Ora Deus es-

(1) Sabemos do Salvador das almas que a conversão dos pecadores faz a festa dos espíritos celestes, os nossos gemidos fazem a sua alegria e as nossas dôres a sua ação de graça. As lágrimas

quece as obras quando elas perdem o seu mérito pela perpetração do pecado, e torna-se a lembrar delas, quando adquirem vida nova pela presença do santo amor: da mesma forma que, para que os fieis sejam recompensados das suas boas obras, tanto pelo acrescentamento da graça e glória futura, como pelo gozo da vida eterna, não é necessário que se não recaia no pecado, mas basta, segundo o sagrado Concílio, que se volte à graça e caridade de Deus.

2. Deus prometeu recompensas eternas às obras do homem justo; mas, se o justo volta da justiça para o pecado, Deus não se recordará das obras justas e santas que pratica; se no entanto, pouco depois, êste pobre homem caído em culpa se levanta e volta ao amor divino pela penitência, Deus não se tornará a lembrar do seu pecado, e se se não lembrar do pecado, lembrar-se-á das boas obras precedentes e da recompensa que tinha prometido; pois que o pecado, único que as

dos penitentes são tão preciosas, que são recolhidas na terra para serem elevadas até aos Céus e a sua virtude é tão grande, que se estende até os anjos. E o que é mais maravilhoso é que ainda que a inocência tenha as suas lágrimas, os anjos estimam mais as que os pecados fazem derramar; e a amargura da penitência tem para êles mais doçura do que o mel da devoção. Compreendei, os pecadores convertidos, que as vossas lágrimas penetram no Céu porque vão alegrar os anjos. Vêde como as lágrimas da penitência são frutíferas para os que as derramam, pois que também o são para as ânteligências angélicas. Que abundante satisfação produzirá um dia em nós mesmos a aflicção dum coração arrependido, pois que já a produz nos anjos, aos quais o Filho de Deus por sua graça nos promete tornar semelhantes!

apagara da memória divina foi apagado, abolido e aniquilado totalmente; ou seja porque a misericórdia de Deus vença a justiça, ou porque a justiça obrigue a misericórdia a olhar as boas obras passadas como se nunca as esquecesse; doutra forma, o rei penitente não ousaria dizer ao seu Senhor: «Dai-me a alegria da vossa salvação e confirmai-me com o vosso espírito principal.» Porque, como vêdes, não só segues novo coração e espírito, mas também que lhe deem a alegria que o pecado lhe tinha tirado. Ora esta alegria outra coisa não é, senão o néctar do celeste amor, que regozija o coração do homem.

3. Não sucede ao pecado, aqui como as obras de caridade; porque as obras do justo não se apagam, nem são abolidas ou aniquiladas, em razão do pecado cometido, mas não só esquecidas, ao passo que o pecado do mau é não só esquecido, mas abolido, apagado e limpo pela santa penitência. Eis porque, sobrevivendo o pecado ao justo, não faz reviver os pecados outróra perdoados, tanto mais que foram completamente apagados; mas o amor, entrando na alma penitente, faz reviver as boas obras passadas, porque foram só esquecidas e não apagadas.

Não é justo que o pecado tenha tanta fôrça contra a caridade, como a caridade para com o pecado; porque o pecado procede da nossa fraqueza e a caridade procede do poder divino; se o pecado excede em malícia para arruinar, a graça é forte para reparar; e a misericórdia de Deus, que apaga o pecado, exalta-se sempre e torna-se gloriosamente triunfante contra o rigor do juízo, pelo qual Deus tinha esquecido as boas obras que

precediam o pecado. Assim, nas curas corporais que Nosso Senhor operava por milagre, não só dava sempre a saúde, mas ajuntava novas graças fazendo brilhar a cura sobre a doença, tal é a sua bondade para com os homens. (1)

Quando Nabusardan destruiu Jerusalém e Israel foi levado em cativeiro, esconderam o fogo sagrado do altar em um poço, onde se converteu em lama; mas esta lama, tirada do poço e exposta ao sol, ao voltar do cativeiro, ressuscitou e a lama converteu-se em chamas. Quando o homem justo se torna escravo do pecado, tôdas as suas obras boas se esquecem e transformam em lama; mas ao sair do cativeiro, quando pela penitência volta á graça do amor divino, as suas boas obras precendentes são tiradas do poço do esquecimento, e,

(1) Na reconciliação do homem com Deus, não é o homem que perde. Deus não foi o primeiro a romper a amizade; pelo contrário, encheu-nos de bens. O homem é o agressor; que insolência! Mas Deus é o que perdoa e esquece. Porque se o que perdôa se humilha, se submete voluntariamente às leis da amizade reconciliadora, consente amar cada vez mais, que não deverá fazer o que recebe as graças a quem lhe perdoou tôdas as dívidas e do qual se esquecem tôdas as injúrias? E' pois verdade que o pecador reconciliado deve a Deus uma amizade mais ardente do que o justo que persevera. Esta amizade outrôra extinta e agora rejuvenescida e resuscitada lembrando-se da primeira desgraça, lança raízes mais profundas com o mêdo que não torne a perder-se. Os corações ligam-se por meio de nós mais cegos, e como os ossos se consolidam mais no logar das rupturas pelo socorro extraordinário que a natureza dá às partes feridas, da mesma sorte os amigos que se reconciliam, enviam tanto afeto para renovar a amizade perdida, que fica consolidada melhor e para sempre. — BOSSUET.

penetradas dos raios da misericórdia celeste, revivem e convertem-se em chamas tão claras como nunca estiveram, afim de serem colocadas no altar sagrado da aprovação divina e ter a sua primeira dignidade, o primitivo preço e valor.

XIV

Como Deus está cheio de misericórdia para com os próprios condenados

Devemos atender mui sèriamente ao modo como Deus exerce a sua misericórdia por meio de tão diversos favores, como os que distribue aos anjos e aos homens, no céu e na terra, e como aplica a sua justiça por uma infinita variedade de penas e castigos; porque a sua justiça e misericórdia são igualmente amáveis e admiráveis em si mesmas; porque uma e outra não são mais do que única bondade e divindade. Mas assim como os efeitos da sua justiça são ásperos e cheios de amargura, adoça-os sempre misturando-os com os da sua misericórdia, fazendo com que, no meio das águas do dilúvio da sua justa indignação, se conserve a oliveira verdejante, e a alma devota, como uma casta pomba, a possa emfim encontrar, se quizer meditar amorosamente, a maneira das pombas. Assim a morte, as aflições, os trabalhos, as canceiras de que a nossa vida está cheia e que por justa ordem de Deus são os castigos do pecado, são também, pela sua misericórdia, os degraus para subir ao céu, são meios para aproveitar na graça e méritos para obter a glória. Bem-aventurados são a pobreza, a fome, a tristeza, a doença,

a morte, a perseguição ; porque são justamente punições de nossas faltas, mas punições de tal modo suaves, ou como dizem os médicos, de tal modo aromatizadas pela suavidade, bondade e clemência divina, que a sua amargura é muito agradável. Causa estranha, mas verdadeira ! Se os condenados não estivessem cegos pela obstinação e ódio que teem a Deus, achariam consolação em suas penas e veriam a misericórdia divina de mistura com as chamas que eternamente os abrasam. De maneira que os santos, considerando por uma parte os tormentos dos condenados, tão horríveis e temerosos, louvam a justiça de Deus e exclamam : «Vós ó ! Deus, sois justo e equitativo, e a justiça reina sempre em vossos juizos.» Mas, considerando por outro lado que estas penas, ainda que eternas e incompreensíveis, são muito menores do que os crimes pelos quais são infligidas, arrebatados pela infinita misericórdia de Deus, exclamarão : «Oh Deus ! como sois bom, porque no auge da vossa cólera, não podeis conter as torrentes das vossas misericórdias sem que derramem as suas águas nas chamas do inferno !»

«Não esqueceste a bondade da vossa alma, nem ao lançar os condenados nas chamas do inferno eterno, apesar do vosso furor, e conservando todos os característicos da doçura, misturada de compaixão, por entre os justos golpes da punição merecida.»

XV

Excelência da confiança em Deus

1. A confiança é a virtude das virtudes: é a nata da caridade: o odor da humildade, o mérito da paciência e o fruto da perseverança. Grande é esta virtude; e bem digna de ser praticada pelos filhos mais queridos de Deus.

Meu Pai! diz o Salvador na cruz; nas vossas mãos entrego o meu espírito (Lucas XXIII, 46).» E' verdade, queria Êle dizer, que tudo está consumado e que cumprí tudo o que me tinheis ordenado (João XIX, 30 e XVII, 4); mas contudo se é da vossa vontade que fique mais tempo na Cruz, para sofrer mais, estou pronto; ponho nas vossas mãos o meu espírito; podeis fazer dele o que vos aprouver.

Devemos fazer outro tanto em tôdas as ocasiões quer soframos, quer gozemos de algum contentamento; deixando-nos assim conduzir a bel prazer da vontade divina, sem nunca nos deixarmos vencer pela nossa vontade particular. (1)

Nosso Senhor ama com um amor extremamente ter-no aquêles que assim se entregam ao seu cuidado pater-

(1) Santa Tereza escrevia ao seu diretor: «O estado atual da minha alma é que não quero senão o que Deus quer. A vontade de Deus e o seu gôsto estão por tal forma ligados à minha vontade e desejo, que não sinto outros. Parece-me mesmo que não posso ter outros; é isto o que eu quero unica e perfeitamente. Tenho esta disposição profundamente gravada no meu coração. Não tenho necessidade de produzir e multiplicar atos de submissão à vontade eterna; amo tudo o que Deus quer e disso me regozijo soberanamente».

nal, deixando-se governar pela sua providência sem se lembrarem se os afetos desta providência, são doces ou amargos, mas ficando certos de que nada lhes enviaria êste Coração Paternal que não fosse para seu bem e utilidade, contanto que nele ponham toda a confiança e digam: «Meu Pai, ponho o meu espírito, a minha alma, o meu corpo e tudo que possuo, nas vossas mãos, para fazeres o que quizerdes, segundo o vosso amor. Suceda o que suceder, nada me fará demover da resolução em que estou de aquiescer a tudo o que Deus ordenar de mim e de tudo quanto me pertence. Sim; quero confundir a minha vontade com a de Deus, ou antes, quero que Nosso Senhor queira em mim, tudo o que lhe agradar e entrego nas suas mãos todo o cuidado de mim mesmo. (1)

2. Algumas vezes Nosso Senhor quer que as almas escolhidas para serviço de sua divina magestade se alimentem com uma resolução firme e inflexível de perseverar ou o seguir entre as amarguras, desgostos, repugnâncias e asperezas da vida espiritual, sem consolações, prazer, ternuras e gostos, e que crêem não serem

(1) Reine e viva sempre em minha alma êste doce Salvador, entre as desolações e trevas. E' a nossa luz e vista que nos conduz; não temamos, porque Êle não nos faltará. Ainda que O não vejamos nem sintamos na oração, está conosco e na terra árida edifica a solida fé, a firme confiança e o amor eficaz duma perfeita submissão. Embora entre aflições, convém dizer-lhe: «Eu creio e espero mais firmemente do que se tivesse abundância de luzes e suavidades; estimo não as ter e quero dizer sem gosto nem sentimento algum: Vós sois meu Deus e eu sou vosso, e depois ficar em paz».

dignas doutra cousa, seguindo assim o Salvador com atilado espírito, sem outro apôio além da divina vontade, que assim o quer. E é assim como eu desejo que nós pratiquemos.

Porque nunca nos veremos reduzidos a tal extremo, convém que possamos espalhar diante da Majestade divina o perfume de uma santa submissão á sua santíssima vontade e uma contínua promessa de o não ofender.

Convém ter uma contínua igualdade de coração, no meio de uma tamanha desigualdade de acontecimentos, e embora tôdas as cousas variem continuamente em torno de nós, permaneçamos constantes e imóveis, com o olhar fixo só em Deus. Anime-se pois tudo em volta de nós; não digo só em volta, mas em nós mesmos; esteja a nossa alma alegre ou triste, com doçura ou amargura, em paz ou com perturbações, em luz ou em trevas, em tentação ou em repouso, cheia de gôsto ou desgostosa; queime-a o sol ou refresque-a o orvalho, é preciso que a nossa vontade mire ao gôsto de Deus, seu único e soberano Bem. (1)

E' verdade que se torna necessário ter uma grande confiança para assim se abandonar totalmente à Provi-

(1) Uma alma que vive do pão sêco da tribulação e que se acha exausta de todo o bem e que vê sem cessar a sua pobreza, indignidade e corrupção, que nunca se cansa de procurar a Deus, embora Deus a repila; que o procura a Êle só, sem se procurar a si mesmo em Deus, está muito acima duma alma que quer ver a sua perfeição, que se perturba logo que a perde de vista, e que quer sempre que Deus a favoreça, prodigalizando-lhe novas carícias.

dência divina : mas também, quando nós tudo abandonamos, Nosso Senhor tudo toma a seu cargo e a tudo dá andamento. Se nós, pelo contrário, reservamos alguma coisa por não confiarmos totalmente n'Ele, deixa-nos, como se dissesse: «Pensais que sois bastamente sábios para praticardes assim sem Mim; Eu vos deixarei governar e vereis o que vos acontece.»

3. Santa Madalena, que se tinha abandonado completamente a Nosso Senhor, permanecia a seus pés e escutava-O enquanto Ele falava, e quando Jesús cessava de falar, também ela cessava de escutar, mas não se afastava d'Ele; assim a alma abandonada à Nosso Senhor, fica entre os seus braços, como um filho no seio de sua mãe, o qual, quando a mãe o coloca no chão para elle andar, anda até que a mãe pegue nele, e quando ela o quer levar entrega-se-lhe. Não sabe nem pensa para onde vai; mas deixa-se conduzir para onde a mãe quer; da mesma forma a alma, desejando a vontade e o prazer de Deus, em tudo o que lhe succede, deixa-se levar e caminha avante, fazendo com alegria tudo o que a Deus apraz.

XVI

Da conformidade com a vontade de Deus

1. Os teólogos distinguem em Deus duas vontades : a vontade expressa e a vontade de gôsto ou desejo.

A vontade expressa compreende os mandamentos da lei de Deus e da Igreja, os conselhos, as inspirações, as regras e constituições. Não se pode ser salvo sem obedecer aos mandamentos da lei de Deus e da

Igreja porque Deus quer que os observemos para chegar ao Céu. Enquanto aos conselhos, Deus quer que os observemos, não como preceitos, mas só à maneira do desejo e não da ordem. A vontade de Deus manifesta-se-nos também pelas inspirações; não quer contudo que por nós mesmos as discernamos, mas que em caso de importância recorramos aos que estabeleceu em hierarchia superior à nossa, para nos guiar e para que sejamos totalmente submissos aos seus conselhos e opinião. As regras manifestam-nos também as suas vontades, como outros tantos meios próprios para conduzir-nos à perfeição.

Além desta vontade há também em Deus a vontade de gosto, a qual devemos considerar em todos os acontecimentos, quero dizer em tudo o que nos succede, próspero ou adverso na doença ou na saúde, na consolação e na aflicção, na morte e na vida, em tudo o que não é previsto, contanto que não sejam contra a vontade de Deus expressa, porque esta deve ir antes e tudo. Ora devemos estar sempre prestes à vontade expressa.

2. Não olheis por forma alguma para a substância das couzas que fazeis, mas à honra que tem, embora diminuta, de serem queridas de Deus, de estarem na ordem de sua providência e serem dispostas pela sua sabedoria. A pureza de coração consiste em estimar tudo pelo peso da vontade de Deus; não ameis pois nada ardentemente, nem ainda as virtudes, porque perde-se ordinariamente ao passar os limites da moderação.

O nosso centro é a vontade de Deus. Deus quer que eu agora faça isto; Deus quer isto de mim; que mais é

preciso? Enquanto faço isto, não sou obrigado a fazer outra coisa.

O! Deus! faça-se a vossa vontade, não só no cumprimento dos vossos mandamentos, conselhos e inspirações, a que devemos obedecer, mas também nos sofrimentos e aflições que nos sobrevenham: faça a vossa vontade de nós, por nós e em nós tudo o que quiser. (1)

3. O coração verdadeiramente amante ama o desejo divino, não só nas consolações, como também nas aflições; ama-o ainda mais nas dores, nas penas e trabalhos, porque a principal virtude do amor, é fazer sofrer o amante pelo objeto amado. E como não sofreríamos nós a mão do Senhor, igualmente amável, que nos distribue as consolações com as aflições? Oh! é ótimo não viver senão por Deus, não trabalhar senão por Deus, não nos regozijarmos senão em Deus! (2)

Oh! se a santa vontade de Deus reinasse em nós, como seríamos felizes! Não cometeríamos nunca nenhum pecado, e teríamos cuidado de não viver segundo os nossos gostos e vontades desordenadas, porque a vontade de Deus é a regra de toda a bondade e santidade. Enfim, é esta vontade própria, como diz S. Bernardo, que arde-

(1) Uma alma verdadeiramente submissa á vontade de Deus não se afeiçoa a nada do que é criado; conhece que tudo, fora de Deus, é vaidade e nada; assim não tem outro objeto e outro fim senão morrer para si mesmo e resignar-se atualmente e sempre em tudo.

(2) São Vicente de Paulo brilhou neste ponto, porque estava totalmente desligado de todas as criaturas e de si mesmo; sua atenção contínua era conformar-se com a vontade de Deus e adorar com amor as disposições da sua providência.

rá sempre no inferno, e é certo que arruina e estraga tudo onde se encontra. Se ela está no céu, põem-na fora; porque os anjos não foram dele expulsos senão porque tinham vontade própria e queriam ser semelhantes a Deus, e por isso foram precipitados no inferno. Se existe no mundo, faz perder ao homem a graça e sujeita-o à morte, como fez aos nossos primeiros pais no paraíso terrestre. Em breve não trará senão males, e portanto, quando encontrarmos em nós alguma cousa que não seja conforme com a vontade de Deus, devemos prostrar-nos diante dele e dizer-lhe que detestamos e renunciamos à nossa vontade própria, e a tudo o que em nós haja que lhe possa desagradar e seja contrário ao seu santo amor prometendo-lhe nunca mais querer sinão o que for de seu gosto.

Abramos os braços de nossa vontade; abracemos amorosamente a cruz, acomodemo-nos à santa vontade de Deus, cantando-lhe o hino de alegria: «Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu.» (1)

(1) Vemos bem o que se passa em nós; deveríamos receber o bem e o mal, a consolação e a desolação igualmente sem nisso pensarmos, e termos os nossos espíritos atentos em Deus de forma que não falte com a doçura da sua presença e que pareça abandonar-nos como fez a seu divino Filho na cruz, de forma que não sintamos fôrça nem socorro, é então que não devemos perder ânimo nem procurar consolação em nenhuma criatura mortal; mas ficarmos firmes na nossa desolação e fixarmo-nos nas divinas palavras, onde está oculta tôda a nossa fôrça. Fiat voluntas tua! Oh! quanto é agradável esta palavra a Deus! Feliz a alma que neste estado a disser de coração!

XVII

Prática da conformidade com a vontade de Deus

1. Lançai os olhos a vontade geral de Deus, pela qual quer tôdas as obras da misericórdia e justiça no céu na terra, debaixo da terra, e com humildade profunda aprovai, louvai e amai esta vontade soberana tôda santidade, justiça e beleza ; demorai-vos algum tempo neste assunto, considerando a variedade das consolações, mas sobretudo das tribulações que os bons sofrem; e depois com grande humildade aprovai, louvai e amai esta vontade.

Considerai esta vontade na vossa pessoa e em tudo o que vos sucede, bem ou mal, e tudo o que vos possa succeder fora o pecado; depois louvai e amai tudo isto, protestando querer sempre honrar e adorar esta vontade soberana, expondo a seu gôsto e entregando-lhe a vossa pessoa e a de todos os vossos. Enfim acabai por ter uma grade confiança nesta vontade, que fará todo o bem por nós e para nossa felicidade.

2. Oh! que felicidade para nós se estivéssemos acostumados a receber tudo da mão paternal de Deus, que, abrindo-se enche com a sua benção tudo o que é animado! Que unção adoçaria os nossos trabalhos! quanto mel atrahiríamos das pedras e quanto óleo dos mais duros rochedos! Quanta moderação nos acompanharia na prosperidade, pois que Deus não nos envia a adversidade senão para dele tirar glória para Êle e salvação

para nós! Pensemos bem nesta verdade e não vejamos senão a Deus em todos os sucessos. (1)

3. Devemos saber que abandonar a nossa vontade deixar-nos a nós mesmos, não é senão desfazer-nos da nossa vontade para a darmos a Deus; porque de nada serviria renunciar-nos e deixar-nos se não fosse para nos unirmos perfeitamente à vontade divina.

Mas acontece que alguns que entram no serviço de Deus lhe dizem: «Senhor, coloco nas vossas mãos o meu espírito, mas com a condição de me dardes sempre consolações e nunca sofrimentos e que também me deis superiores que sejam do meu agrado e em nada contrariem a minha vontade.» Ah! que fazeis? não vêdes que isto não é entregar o espírito nas mãos de Deus, como diz Nosso Senhor? Não sabeis que é destas reservas que pensamos que nascem as dúvidas, desordens e outras imperfeições? Quando as cousas não acontecem segundo nós esperamos, eis que de súbito se apodera de-sânimo dos nossos espíritos. E donde vem isto senão de não nos collocarmos sem reserva nas mãos de Deus?

Oh! quão felizes seríamos se praticássemos fielmente esta virtude! Sem dúvida chegaríamos à alta per-

(1) E' uma grande consolação saber que nada pode acontecer senão o que Deus quizer e que Elle deseja todo o bem para nós, que só queremos a sua vontade; assim deve-nos ser indiferente a saúde ou a doença, porque tudo parte desta fonte de incomparável misericórdia. Que podem pois temer as almas que são tôdas para Deus, pois que nada lhe pode tirar este rico tesouro, e a extremidade do mal desta vida mortal, que é a morte, que nos dá entrada na vida bem-aventurada?!

feição de Santa Catarina de Sena, de Santa Francisca, de Santa Ângela de Fuligno e de muitos outros. Considerai que o Filho eterno de Deus nos veio em pessoa ensinar a submissão e reverência devidas à vontade suprema, dizendo que não veio fazer sua vontade, mas a de seu Pai: «Pai! se é possível, passai de mim êste cálice mas faça-se a vossa vontade e não a minha.» E êste Mestre divino ensinou-nos a pedirmos todos os dias que se faça a vontade de Deus, assim na terra como no Céu e enfim concluiu a carreira da sua vida mortal pela remissão de si mesmo à vontade e disposição do eterno Pai: «Meu Pai, em vossas mãos deponho o meu espírito.» Sêde pois assim e dizei com o mesmo Nosso Senhor em tudo: «Meu Deus, ponho o meu espírito, absolutamente e sem reservas, nas vossas mãos.» Quereis que esteja triste ou consolado? Que seja contrariado e tenha repugnâncias e dificuldade? Que seja amado ou não? Ponho nas vossas mãos o meu espírito. Não desejem os que se empregam nos exercícios da vida ativa sair deles para se entregarem à meditação enquanto Deus o não ordenar; guardemos silêncio quando assim convier, e falemos quando for necessário, e se assim fizermos dizer à hora da morte, à imitação do nosso divino Salvador: «Consummatum est.» Meu Deus, tudo está consumado: cumprí tudo o que era da vossa divina vontade e passei por todas as provações que me estavam destinadas pela vossa Providência; que me resta agora senão colocar nas vossas mãos o meu espírito, no fim e ao declinar da vida, como o tinha colocado no princípio e no progredir dela?

Ó! meu Deus! conduzí-me à vossa vontade, fazei-me passar pelo frio, pelo calor, pela luz, pelas trevas, pelo trabalho, pelo repouso; quando me levardes às portas da morte, nada temerei estando sob a vossa vontade. (1)

Sim, meu Pai celeste; seja feita a vossa vontade na terra onde as consolações são raras e os trabalhos inumeráveis. Toma por prática quotidiana, ó alma minha, quando qualquer coisa te incomode, dizer: "Não se faça a minha vontade, mas sim a de Deus."

XVIII

Deus é nosso Pai

1. Bendizer a Deus e agradecer-lhe por todos os sucessos que a sua Providência ordena, é na verdade uma santa ocupação; mas se, ao passo que deixamos a Deus o cuidado de fazer em nós o que lhe aprouver sem atendermos ao que lá se passa, embora o sintamos

(1) É o verdadeiro ponto de mais alta perfeição estar inteiramente dependente o submisso aos decretos da Providência divina. Se a ela nos entregarmos, ser-nos-á indiferente sermos humilhados ou exaltados na secura, aridez, tristeza ou privação, ou estarmos consolados pela unção divina e viveremos no gozo de Deus. Em breve nos entregaremos nas mãos de Deus como o estôfo nas do artista, que o corta de mil maneiras para o uso que lhe agrada e a que o destina sem que ele a isso ponha obstáculo; assim nós suportaremos que esta poderosa mão de Deus nos corte, nos martele, nos cinzele, como quiser que sejamos fabricados para nos tornar uma pedra própria a preparar o seu edifício, e as aflições ou delícias não serão para nós senão uma e a mesma coisa.

bem, podíamos divertir o nosso coração e aplicar a nossa atenção à bondade e doçura divinas, bendizendo-as não só nos efeitos e sucessos que ordena, mas a êle mesmo e á sua própria excelência, faremos sem dúvida um exercício mais perfeito. Empreguemos uma parábola pois que êste método foi agradável ao soberano Mestre do amor que nós ensinamos.

A filha de um excelente médico cirurgião tinha uma febre contínua, e sabendo que seu pai a amava ternamente, dizia a uma das suas amigas: «Sofro muito mas não penso nos remédios, porque não sei o que serviria para a minha cura. Desejaria uma coisa; ser-me-ia necessária outra. Não lucrarei em muito mais em deixar êste cuidado a meu pai que sabe, pode e deseja tudo o que se requer para a minha saúde? Faria mal em pensar nisso porque êle pensa bastante em mim, faria mal em desejar alguma coisa porque êle deseja tudo o que é conveniente. Esperarei pois que êle queira o que for mais próprio e não me recrearei senão em contemplá-lo quando estiver perto de mim, testemunhar-lhe o

(1) Que sitio da Palestina não experimentou mil e mil vezes a sua doçura? E não duvido que tivesse ido procurar os pecadores até ao fim do mundo, se as ordens de Deus o não tivessem detido na Judéia. Viu Êle nunca um miserável do qual se não compadecesse Ah! como me compunge o ler no Evangelho que nunca empreendia uma cura importante, sem antes mostrar compaixão! Encontram-se mil logares dêstes no Evangelho. A primeira coisa que fazia era chorá-los no seu coração com um afeto verdadeiramente paternal o seu coração escutava a voz da miséria, que o enternecia, e ao mesmo tempo, impelia-lhe o braço para curar.

BOSSUET

meu filial amor e a minha perfeita confiança.» E, depois de dizer estas palavras, adormecem, e então o pai julgando a ocasião própria para a sangrar, preparou tudo, e chegando-se a ela quando acordou e informando-se como dormira, perguntou-lhe se ela se não queria sangrar para sarar: «Meu pai, respondeu ela, eu sou vossa; não sei o que devo querer e fazer para sarar; vós é que deveis querer e fazer por mim tudo o que achardes conveniente: quanto a mim basta honrar-vos e amar-vos de todo o coração como o faço.» Então comprimiu-lhe o braço e o próprio pai dirigiu a lanceta para a veia; mas enquanto feria e jorrava o sangue, nunca aquela donzela olhou para o seu braço ou para o sangue, que saia; mas tendo os olhos fitos no rosto de seu pai não dizia senão: Meu pai ama-me muito e eu sou sua.» E, quando a operação estava concluída, não lho agradeceu mas repetiu mais uma vez as palavras de afeto e confiança filial.

2 Ora dizai-me: esta filha não testemunhou um amor mais atento e sólido para com seu pai do que se lhe tivesse pedido os remédios mais próprios para seu mal, se olhasse como lhe abriam a veia, ou como jorrava sangue, e lho agradecesse com muitas palavras? Ninguém duvida disto; porque se ela tivesse pensado em si nada teria ganho, a não ser um cuidado inútil, pois que bastante tinha por ela o pai. Olhando para o braço, que teria feito senão assustar-se? E agradecendo a seu pai, que teria feito senão um culto de gratidão? Não fez pois melhor em se ocupar tôda em atos de amor filial, infinitamente mais agradável para o pai, do que qualquer outra virtude?

3. «Os meus olhos estão sempre fixos no Senhor, para que *Ele* aparte os pés dos laços e enganosa.» Caistes vós nos laços das adversidades? Não olheis para a vossa desventura nem para os laços em que caistes, mas para Deus e deixai-o obrar e *Ele* terá cuidado de vós. «Dirige o teu pensamento a *Ele* e *Ele* te nutrirá.» (1) Porque cuidastes em querer ou não querer os sucessos e accidentes do mundo pois que não sabes o que deves querer, mas sim Deus, sem tu disso cuidares? Espera pois com espírito sossegado os efeitos do prazer divino e seja sufficiente para ti a sua vontade, pois que é sempre bom e assim o ordenou à sua amada. Santa Catarina de Sena: «Pensa em mim, *lhe* disse, que eu penso em ti.» (2)

(1) Com respeito à máguas, onde parece à alma que se eclipsaram todos os conhecimentos, e suas fôrças muitos se enfraquecem, é preciso então reconhecer que a Providência divina, por motivos de justiça e misericórdia que nós não podemos compreender, permite esta variedade de estado penoso para nós, para provar a fidelidade de seus servos, e lhes fazer produzir debaixo das trevas e tempestades da aridez o bálsamo da humildade da resignação, da paciência e do verdadeiro desprêzo de si mesmo, e fim para fazer conhecer o que Deus e o seu socorro são para a nossa alma, para o fundo da qual se retira o Sol da Graça.

(2) Deus tem um extremo cuidado da vossa conduta. Éreis ainda uma criança recostada ao seio de vossa Mãe e por mais amor que ela vos tivesse, Deus vos trazia nos braços. Ajudou-vos a dar os primeiros passos e conduz-vos sempre como pela mão. Se permitiu que dêsseis alguma queda, para conhecerdes a vossa fraqueza, essa queda não foi mortal; caistes estando por *Ele* segúros, e *Ele* vos sustentou. Se sois tentados, assiste-vos; se fracos, fortalece-vos; se peccais, sofre-vos; se vos converteis, perdoa-vos. Dormis, e *Ele* vigia por vós; estais doente e Dens cerca o vosso leito à direita ou à esquerda, para vos consolar de qualquer lado que vos volteis. Foi

Fitemos pois cem vezes ao dia esta amorosa vontade de Deus, e fundindo nela a nossa vontade, exclamemos devotamente: Ó bondade de doçura infinita, quanto é amável a vossa vontade! Quanto são desejáveis os vossos favores! Criastes-nos para a vida eterna, e os vossos peitos maternos, cheios de um amor incomparável, abundam em leite de misericórdia, seja para perdoar aos penitentes, seja para aperfeiçoar os justos. Ah! porque não unimos pois a nossa vontade, como as criancinhas se unem ao seio da mãe, para nos amamentardes com o leite das vossas bênçãos eternas?!

XIX

E' preciso servir a Deus, nosso Pai por amor

1. O filho serve como filho, e não como servo; não teme o castigo, nem a recompensa como mercenário; mas quer agradar a seu pai e testemunhar-lhe o seu amor, tanto êle está impresso no coração filial. Donde se segue que quando a alma teme perder o paraíso, passa avante e diz: Quando não houvesse paraíso, Deus seria meu pai; criou-me, conserva-me, alimenta-me e dá-me tudo e portanto, eu o quero amar, honrar e servir perfeitamente.

ai que Ezequias o encontrou, orou e foi ouvido. Tempera para vós os ardores do dia e as vãs influências da noite. Nunca pois alguém amou tanto o seu filho como Deus vos amou. Os vossos defeitos desfiguram-vos aos olhos dos outros, que muitas vezes vos não podem suportar; mas vosso Pai celeste acha seus filhos amáveis. E ama todas as suas obras; mas ama particularmente o homem que faz à sua similitude.

Oh! dom da piedade, presente rico que Deus faz ao coração! Bem-aventurado é o que goza esta correspondência do coração filial para com o coração paternal do Pai celeste, e é isso o que Deus nos quer ouvir na Oração Dominical, quando quer que o chamemos *Pai nosso que estais no Céu*, nome de respeito, amor e temor. (1)

2. E para vos mostrar que êste dom de piedade, isto é, êste temor filial, nos é dado pelo Espírito Santo, o Apóstolo S. Paulo, escrevendo aos Romanos, diz: «Não recebemos o espírito de temor e escravidão, mas o de adopção dos filhos de Deus, pela qual o chamamos Nosso Pai»; como querendo dizer que nos tornamos como filhinhos de Nosso Senhor. As criancinhas vivem com uma grande confiança; não pensam que o pai os castigará, nem que lhes prepara uma herança; mas ocupam-se só em o amar, sem pensarem em mais nada, porque êle leva-as nos braços, alimenta-as, adormece-as e entretem-nas com os cuidados assíduos de bom Pai; Assim devemos nós fazer para com Deus, honrando-o como nosso Pai amabilíssimo e servindo-o com amor, sem temor de suplícios, nem desejo de recompensas, deixando-os, con-

(1) Sim, nós devemos a Deus um afeto filial. Êste sentimento, o mais doce e o melhor dos sentimentos de família, reclama a Deus como Pai. Para êle nós somos realmente seus filhos. Não, diz S. Paulo: É pela graça da regeneração e do batismo que nos tornamos filhos de Deus e que recebemos a graça da adopção divina.»

duzir nos braços da sua santa Providência enquanto isso lhe agradar. (1)

XX

Como Deus é ciioso de nosso Coração

Êste ciume que Deus tem de nós não é um ciume de inveja, mas amizade soberana, porque não lhe interessa que nós o amemos, mas sim a nós nos interessa que êle nos ame. O nosso amor é para êle inútil; mas para nós é de grande proveito, e se é para Deus agradável, é por nos ser proveitoso; porque sendo o soberano bem, agrada-lhe comunicar-se por seu amor, sem que daí lhe resulte algum bem; assim Êle exclama queixando-se dos pecadores como enciumado: «Deixaram-me, a mim que sou a fonte de agua viva, e foram procurar cisternas rotas, que não podem reter as aguas.» Considerai por um pouco eu vol-o peço, como êste divino Esposo exprime delicadamente a nobreza e generosidade do seu ciume: «Deixaram-me a mim que sou a fonte da agua viva»: como se dissera: Eu não me queixo de que me deixassem por algum prejuizo que o seu abandono me pode trazer: pois, que prejuizo pode

(1) Deus criou-vos à sua imagem e quer que vos assimilheis a Êle em tudo, tanto quanto vos for possível. Desfigureis esta imagem divina pela tristeza. Deus é o gôzo e a caridade. *Deus charitas est.* A suprema felicidade que nos espera consiste na alegria inalterável do Senhor: *Intra iu gadium Domini tui.* A aflicção e o temor nunca se podem aproximar do seu Trono. Deus goza de si mesmo em uma profunda paz e alegria infinita. E' neste estado que colocou o homem, criando-o, enquanto disso foi capaz.

sofrer uma fonte de aguas vivas por lhe não virem tirar agua? Deixará por isto ela de jorrar e correr pela terra? Mas aludo à sua cegueira, porque tendo-me deixado, se teem entretido com poços vãos. Porque, se, o que é impossível, tivessem encontrado uma outra fonte de agua viva, suportaria facilmente a sua retirada visto não ter pretensão alguma ao seu amor; abandonar-me para se perderem, é o que me faz admirar e afligir-me da sua loucura! É pois por amor de nós que Elle quer que o amemos, porque não podemos deixar de o amar sem começar a perder-nos, e todos os afetos que lhe roubamos perdemos também.

XXI

Modelo admirável de perfeita confiança

1. É crível que a Virgem Nossa Senhora recebesse tanto contentamento por trazer o seu Jesus menino nos braços, que esse contentamento lhe impedisse de sentir cansaços ou pelo menos o tornasse agradável; porque se o levar um ramo de aguas castas alivia os viajantes e os desfada, que alegria não recebeu a gloriosa Mãe ao levar o Cordeiro imaculado de Deus? Porque se alguma vez lhe deixava dar alguns passos, conduzindo-o pela mão, não era porque não o quizesse trazer ao colo ou debruçado sobre o seio; mas fazia-o para o exercitar a andar de per si. E nós outros, como filhinhos do Pai celeste, podemos ir primeiramente caminhando compassadamente à nossa vontade, que uniremos à sua, tendo sempre a mão da nossa vontade

segura na da sua intenção divina, e seguindo-o por toda parte onde nos conduza, que é o que Deus de nós requer pela significação da sua vontade; porque já que Deus quer que eu faça o que me ordena, eu quero ter poder para o fazer. Mas nós também podemos ir com Nosso Senhor, sem ter alguma vontade própria, deixando-nos simplesmente levar a seu bel prazer divino, como uma criança ao colo de sua mãe, por uma espécie de contentamento admirável, que se pode chamar união, ou antes, unidade da nossa vontade com a de Deus.

2. Se tivesse perguntado ao doce Jesus quando era levado ao colo de sua mãe, onde ia, não teria razão de responder: «Não sou eu que vou; é minha mãe que caminha por mim.» E se lhe perguntassem: «Mas pelo dizer: «Eu não vou, ou se vou onde minha Mãe me leva, não vou, por meus passos, mas caminho pelo andar dela, ou Ela caminha por mim.» E quem lhe replicasse: «Pelo menos dulcíssimo Jesus, quereis deixar-vos levar por vossa divina Mãe?»

«Não de certo, diria Êle, nada disso desejo; mas como minha boa mãe caminha por mim, assim também deseja por mim; deixo-lhe igualmente o cuidado de ir e de querer ir por mim, e como não caminho senão pelos seus passos, também não quer o senão pelo seu querer; e quando estou em seus braços não presto nenhuma atenção a querer ou a não querer, deixando todo o cuidado a minha Mãe, não a ser o de me recostar a seu seio, de me nutrir com o seu leite virginal, de estar abraçado a seu amável colo, para a beijar amorosamente. E para que o saibais, enquanto estou entre os prazeres destas santas carícias, que excedem toda a sua-

vidade, parece-me que minha Mãe é a árvore da vida e que eu sou como o seu fruto, que sou como o coração no seu peito ou a alma no seu coração; eis porque o seu caminhar é suficiente para ela e para mim, sem que cuide de dar algum passo a sua vontade basta para ela e para mim, sem que eu precise de ter querer algum; assim não me importa se ela vai depressa ou devagar, si caminha com elegância ou sem elegância; não me importa onde ela quer ir, contentando-me de saber que estou sempre em seus braços, sobre o seu seio virginal, onde me alimento como entre lírios.»

Ó Filho divino de Maria permiti à minha pobre alma êstes arrebatamentos, do amor. Ó amabilíssimo Menino, ide, ou não vades, mas ficai docemente unido ao peito de vossa Mãe; ide sempre com ela e nunca vades só enquanto fordes menino: «Bem-aventurado o seio que te trouxe e os peitos que te alimentaram.»

Devíamos assim ser, tornando-nos dóceis e manejáveis à vontade divina, como se fôssemos de cera, não nos entretendo a desejar nada, mas deixando a Deus êsse cuidado, e pondo nele tôda a solicitude, tanto quanto cuidado tem de nós. E notai o que diz S. Paulo: *«tôda a solicitude; não só aquela com que devemos receber os acontecimentos, mas a de desejar ou não; porque Deus terá cuidado dos nossos sucessos e negócios e quererá para nós o que for melhor.»* (1)

(1) O perfeito abandono de nós mesmos nos braços da divina providência, a aquiescência amorosa a tudo o que quizer de nós, o santo afeto de lhes agradar pelos atos de tôdas as virtudes, se-

XXII

Como é bom entregar-se à Providência

1. A Providência de Deus é admirável e infinita; intervem em tudo, reina em tudo e tudo faz reverter em glória sua. Oh! quem visse bem os efeitos da Providência e o comércio e tráfico geral que tôdas as criaturas fazem conjuntamente para serviço do homem com uma tão grande correspondência, de quantas paixões amorosas seria movido para com esta soberana sabedoria, para exclamar: A vossa Providência. Ó Pai eterno, governa maravilhosamente tudo!

Em primeiro lugar Deus fornece aos homens todos os meios necessários para chegarem ao seu fim. O sol visível comunica a sua luz e virtude a todo o universo; sem êle não haveria beleza nem bondade neste mundo corpóreo; o princípio universal da vida das cousas inferiores, pois a tôdas presta o vigor requerido para darem os seus produtos. Assim a Providência e Bondade divinas animam tôdas as almas para a sua salvação e convidam todos os corações para o seu amor e serviço, sem que ninguém se subtraia às suas celestes influências. Com esta intenção Deus fez-nos à sua imagem e semelhança pela encarnação, depois da qual sofreu a morte para remir e salvar tôda a raça humana.

2. É fora de dúvida que devíamos contemplar cem vezes por dia esta amorosa Providência de Deus,

gundo as ocasiões, sobretudo a santa caridade e humildade, tudo isto é a lenha que alimenta o sagrado fogo do amor celeste.

que tem sempre o seu coração voltado para nós por providência, como devemos ter o nosso voltado para Ele por confiança, e fundindo os nossos corações na sua divina vontade, devíamos exclamar devotamente: «Oh! bondade de doçura infinita, quanto é amável a vossa vontade e a vida eterna, e o vosso seio maternal, ardendo com um amor incomparável, é prolífico em licor de misericórdia, ou para perdoar aos penitentes, ou para aperfeiçoar os justos. Ah! porque não unimos nós pois as nossas vontades à vossa, como as criancinhas se unem ao seio das mães, para saborearem o leite das vossas eternas bênçãos? Oh! como é verdade que Deus é mil e mil vezes mais amável do que amado e que nenhuma abundância de amor o poderia amar demais!» (1)

3. Deus meu, quanto prazer deviam ter as nossas inteligências, nos frequentes pensamentos da vossa divindade, pois que é tão boa, tão bela e tão doce para conosco e tão disposta a comunicar-se soberanamente! Não deveríamos amar necessariamente esta infinita beleza e incompreensível bondade, como fazem os espíritos bem-aventurados, que são obrigados por uma doce, mas inevitável necessidade, a amá-lo eternamente? Ah! quanto Deus nos ama! como nos protege e conduz suave-

(1) Não vos inquieteis, diz o Salvador; vede o corvo, animal dos mais vorazes, e no entanto, sem celeiro nem provisões sem semear nem trabalhar, acha de que se alimentar. Deus lhe fornece o necessário a ele e aos filhos que lhe pedem, diz o Salmista. Deus escuta os seus gritos, embora rudes, e desagradáveis, e alimenta os tão bem como os rouxinóis e outros cuja voz é a mais doce e melodiosa.

mente! Quer que sejamos seus; não procuremos pois outros braços para descansar senão os da sua divina Providência; não espalhemos ao longe a nossa vista e não descancemos o espírito senão nEle; contentemo-nos de governar por Ele; não pensemos tanto em nós e vivamos sempre ao sabor da sua divina Providência; tudo irá muito bem se a nossa alma não seguir outro caminho e os nossos negócios sairão bem quando Deus nos assistir. Pode morrer a criança quando estiver nos braços dum Pai poderosíssimo?

Nada desejeis; deixai-vos, bem como todos os vossos negócios, ao cuidado da Providência divina; deixai-a fazer de vós o que quizer, como as criancinhas se deixam governar por suas amas. Leve-vos no seu braço direito ou esquerdo, como queira; uma criança não tem escolha; deite-vos ou levante-vos, deixai-a obrar, porque é uma boa Mãe que sabe melhor o que nos convém do que nós mesmos. Quero dizer que se a Providência divina permitir que vos sucedam aflições e mortificações, não as recuseis, mas aceitai-as de bom grado, amorosa e tranquilamente; e se as não envia, não as desejeis e preparai assim o vosso coração para receber os acidentes diversos da Providência divina. Não digo só na doçura e paz das prosperidades, o que cada um sabe fazer, mas nas tempestades e desventuras, o que é próprio dos filhos de Deus. Arme-se contra mim o céu, amotinem-se a terra e os elementos; declarem-me guerra tôdas as criaturas; nada temo; basta-me saber que estou com Deus e que Deus está comigo.

Volte-nos Nosso Senhor para a direita ou para a esquerda; aperte-nos e dê-nos cem voltas, como Jacó;

volte-nos dum lado para outro, dê-nos mil males; não o deixaremos contudo sem nos dar a sua eterna benção. Nunca o nosso bom Deus nos abandona senão para melhor nos reter; nunca nos deixa senão para nos guardar melhor; nunca luta conosco, senão para se entregar a nós e nos abençoar.

Oh Deus! que felicidade é resignarmo-nos assim á vontade do nosso doce Salvador, por um abandono do nosso ser ao seu bom juizo e á sua santa Providencia! Como seríamos felizes, se submetendo a nossa vontade á Deus, o adorássemos quando nos envia tribulações como no tempo das consolações, crendo que os diversos sucessos que nos envia a sua divina mão, são para utilidade nossa, para nos purificar na sua santa caridade!

Embarquemo-nos pois no mar da Providência divina, sem alimentos, sem remos, sem velas, e finalmente sem preparativo algum; mas deixemos a Nosso Senhor todo o cuidado dos nossos negócios, sem réplica nem temor algum; a sua bondade suprirá a tudo. (1)

4. Nosso Senhor ensinou-me a confiar na sua Providência desde a minha juventude, e se tornasse a nas-

(1) Eis as tocantes palavras que S. Francisco de Sales escrevia a uma religiosa: «Ontem ia em um pequeno barco no lago para visitar o Arcebispo de Viena e estive bem contente de não ter por ponto de apôio senão uma táboa de tres dedos, na qual não podia confiar, a não ser na Providência divina; e muito me alegrava estar às ordens do barqueiro, que nos fazia sentar e levantar á sua vontade, e não me mexi. Mas, minha filha, não tomeis estas palavras por uma grande cousa; não são senão pequenas imaginações de virtude que o meu coração faz para se recrear, porque quando estou á vontade não sou tão bravo».

cer, quereria deixar-me governar, até nas cousas mínimas, por êle, com uma simplicidade de criança e um desprêzo profundo de tôda a prudência humana. E' para mim um grande gôsto caminhar com os olhos fechados, conduzido pela Providência; os seus disígnios são impenetráveis, mas sempre doces e suaves para os que nEle confiam. Deixemos pois conduzir a nossa alma, que está no seu barco, e êle nos levará a bom pôrto. Feliz os que confiam no que pode como Deus e quer como Pai dar-nos tudo o que é bom; desgraçados pelo contrário os que põem a sua confiança na criatura; esta promete tudo, dá pouco e faz pagar bem caro o que dá.

5. Finalmente, já que a Providência divina é assim para conosco, sejamos por tal forma seus que a ninguém pertençamos senão a Ele; porque ninguém pode servir a dous senhores.

A providência não difere o seu socorro senão para provocar a nossa confiança. Se nosso Pai Celeste não nos concede tudo o que pedimos, é para nos conservar perto de si e dar-nos logar a impellí-la por uma doce violência, como o fez bem notar aos dous peregrinos de Emaús, com os quais não parou senão ao declinar do dia e quando êles o obrigaram. Nada nos separe pois do seu amor; esteja o nosso coração lânguido, moribundo ou vivo, nenhuma vida tenha senão nele e por Êle, e seja Êle sempre o Deus do nosso coração.

Ruja embora a tempestade; não morrereis porque estais com Jesus. Se vos assaltar o temor, gritai: "Ó meu Salvador, salvai-me! Dar-vos-á a mão; apertai e ide contentes sem filosofar sôbre o vosso mal. Enquanto

S. Pedro confiou, não o submergiu a tempestade: mas quando temeu, afogou-se.

O temor é um mal ainda maior do que o próprio mal. Quanto a mim, há ocasiões em que me parece não ter mais fôrça para resistir, e que se se apresentasse a ocasião, sucumbiria; mas então mais confio em Deus, e por mais certo tenho que em presença da ocasião Deus me revestiria com a sua fôrça e devoraria os meus inimigos como argueiros.

Espero que Deus vos fortificará cada vez mais, e nos pensamentos ou antes tentações de tristeza, pelo receio de que o vosso furor e atenção não durem sempre, respondei uma vez por tôdas, que os que confiam em Deus não serão confundidos, e que tanto relativamente ao espírito como ao corpo, se entregais a Deus os vossos cuidados, êle vos sustentará. Sirvamos pois hoje a Deus e Êle amanhã providenciará. Cada dia terá seu cuidado. Não vos lembreis de amanhã, porque Deus, que reina hoje, reinará amanhã. Ou não vos enviará males, ou se vos enviar, dar-vos-á a coragem precisa para os suportar. Se sois tentados, não desejeis ser livres das tentações. É bom que as experimentemos para termos ocasião de as combater e colher vitórias. Isto serve para praticar as virtudes mais excelentes e estabelecê-las sòlidamente na alma.

6. Por consequência, tende os olhos erguidos para Deus; engrandecei a coragem na santa humildade; fortificai a sua doçura; confirmai-a na igualdade, tornai o vosso espírito perfeitamente senhor das tendências e paixões, não permitais que as apreensões reinem em vossas almas. *Um dia Deus dará a ciência do que de-

veis fazer no dia seguinte.» Tenho atravessado muitos caminhos com a divina graça; a mesma graça se vos apresentará nas ocasiões seguintes e vos livrará das dificuldades e maus caminhos, embora tivesse de mandar um anjo para vos conduzir aos sítios mais perigosos. (1)

Não volteis a vista para as enfermidades e fraquezas, senão para humilhades e nunca para desaminardes. Vêde muitas vezes Deus à vossa direita e os dous anjos que vos destinou, um para a vossa pessoa e outro para a direção da vossa família. Dizei muitas vezes a êstes santos anjos: «Senhores, como faremos?» Pedí-lhes que vos forneçam ordinariamente o conhecimento da vontade divina, que contemplem as inspirações que Nossa Senhora quer que recebais de seu seio cheio de amor. Não contempleis esta variedade de imperfeições que vivem em nós e em tôdas as pessoas que Nosso Senhor e Nossa Senhora nos confiaram, senão para vos conservar no santo temor de ofender a Deus, mas nunca para vos espantar; porque não é necessário examinar se cada herba e cada flôr requerem o seu particular cuidado no jardim.

XXIII

Do temor e da esperança

Para caminhar seguramente nesta vida é preciso caminhar sempre entre o temor e a esperança; entre o temor dos juizos de Deus, que são abismos impenetráveis, e a

(1) As chagas feitas pela doce mão da Providência trazemos a verdadeira saude, quando temos a fé firme e a confiança de que tudo faz para nosso bem; estabelece e conserva o nosso coração na paz

esperança da sua misericórdia, que é sem número e sem medida, e ultrapassa tôdas as suas obras. E' preciso temer os seus divinos juizos, mas sem desânimo, assim como animar-se à vista da sua misericórdia mas sem presunção.

Os que teem um extremo e desordenado temor de serem condenados, testemunham ter necessidade de mais humildade e submissão do que de razão. Convém aniquilar, abater e perder a alma, mas para ganhar, salvar, e guardar. Tôda a humildade que prejudica a caridade, é uma falsa humildade.

Ora aquilo que conduz ao desalento, ao desespero, à perturbação, é contrário à caridade, que quer que façamos todos os esforços, ainda que «com o temor e tremor»: e nunca desconfiemos da bondade de Deus, que quer que todos se salvem e se cheguem à penitência.

Lidamos com um senhor que é rico em misericórdia para com os que o invocam, e dá dez mil talentos pela menor súplica. Tenhamos a seu respeito sentimento dignos da sua bondade; sirvamo-lo com temor; mas sempre temendo, não convem deixar de resignar-nos; a humildade que desanima não é verdadeira.

desejável, que ultrapassa todo o entendimento, e só êle basta para consolar e fortalecer os nossos espíritos nas maiores tempestades da vida.

XXIV

Da vontade perfeitamente resignada (1)

1. Imaginai o glorioso e nunca assaz louvado S. Luiz embarcando-se e dirigindo-se para além mar, em companhia da rainha sua esposa, Ora quem tivesse perguntado a esta forte princesa onde ela ia, teria respondido sem dúvida: «Vou onde vai o Rei.» ela responderia. «Sim, êle disse-mo porém pouco me importa de saber onde ele vai mas, sómente acompanha-lo. «E se lhe perguntassem ainda: «Então, senhora, nenhum desígnio tendes nesta viagem? «Não diria ela: não tenho outro senão acompanhar meu marido e senhor. «Mas poderiam ainda dizer-lhe: Êle vai ao Egito, para passar à Palestina; daí seguirá para Damietta, para Acre, ou outro lugares; não tendes vós de aí ir também?» A isto ela responderia: «Não; nenhuma tenção formo, a não ser a de estar ao pé de meu Rei, sendo-me por consequência indifferente os lugares, contanto que eu esteja onde êle estiver. Vou sem desejos de ir, porque nada deêjo senão a companhia do rei. É pois o rei que vai e quer a viagem; quanto a mim, não vou, mas estou com êle; não deêjo a viagem, mas a presença do rei; são-me indifferentes a demora, a viagem e tudo o

(1) Conta-se, diz o Padre Rodrigues, que um dia Santa Gertrudes, por inspiração divina, repetiu trezentas e sessenta e cinco vezes estas palavra de Jesus no Jardim das Oliveiras: «Faça-se a vossa vontade e não a minha!» E soube que isto fôra muito agradável a Deus.

mais.» Dêste modo uma vontade resignada na do seu Deus nenhuma vontade deve ter, seguindo só a do seu Deus.

2. Assim como o que está dentro dum navio não se move com o movimento próprio, mas se deixar mover pelo movimento do navio em que vai, da mesma forma o coração, embarcado no gôsto divino, não deve ter nenhuma vontade, senão a de se deixar ir a vontade de Deus. E então o coração não diz, «Faça-se a vossa vontade e não a minha»: porque nenhuma vontade há a renunciar; mas diz: «Senhor, deposito nas vossas mãos a minha vontade,» como se a vontade própria não estivesse à sua disposição, mas à de Deus.

3. Mas entre os prazeres do amor perfeito, o que se faz por aquiescência de espírito às tribulações espirituais, é sem dúvida o mais delicado e perfeito. A bem-aventurada Ângela de Foligno faz uma descrição admirável dos trabalhos interiores em que algumas vezes se encontrou, dizendo que a sua alma estava atormentada como a de um homem que, tendo ligadas as mãos e os pés, fosse enforcado, mas não completamente estrangulado e ficasse neste estado entre a vida e a morte, sem esperança de socorro, não se podendo sustentar nos pés, sem segurar-se com as mãos, nem gritar, nem gemer. E assim é; a alma está algumas vezes tão cheia de aflições interiores, que tôdas as potências e faculdades agonizam, em razão da privação de tudo o que a pode aliviar e da apreensão e impressão de tudo o que entristecer. De sorte que, a imitação do Salvador começa a afligir-se, a temer, a espantar-se, a entristecer-se com uma tristeza semelhante à dos moribundos, podendo bem dizer: «Minha alma está triste até a mor-

te!» e com o consentimento interior deseja, pede e supplica que: «se for possível, se afaste o cálice, não lhe restando mais do que uma partícula de espírito, que, ligado ao coração de Deus, diz por uma simples aquiescência: «Eterno Pai, faça-se contudo a vossa vontade e não a minha.»

E é cousa notável que a alma faz esta resignação entre tanto temor, contradições e repugnâncias, que nem mesmo a percebe; pelo menos parece-lhe que a fizesse com tanta languidez que não foi boa vontade, nem mesmo seria conveniente; porque o que então se faz para comprazer à Deus, faz-se não só sem prazer, nem contentamento, mas ainda contra o prazer e contentamento, do coração ao qual a alma permite repetir tôdas as lamentações de Jó e Jeremias, mas com tanto que a condescendência se faça no mais recôndito da alma. Esta condescendência não é terna, nem doce, nem quase sensível, embora seja verdadeira, forte, indomável e muito amorosa, tendo-se retirado ao recôndito do espírito, como ao torreão da fortaleza onde se torna corajosa, embora o resto esteja mergulhado no desânimo. E quanto mais o amor, neste estado, está privado de todo o socorro abandonado por tôda a assistência das virtudes e potências da alma, tanto mais digno de estima se torna por guardar a felicidade com tanta constância.

XXV

O amor de submissão pelo qual nossa vontade se une ao gosto de Deus; sua prática pela resignação

1. Nós não nos conformamos à vontade divina, que se chama de gosto, como a vontade expressa, porque a vontade de gosto ou desejo não precisa da nossa obediência para ser cumprida, porque sempre se cumpre, embora não queiramos. Não obstante, podemos honrá-la e unirmo-nos a ela, submetendo-nos ao que ela ordenar: e quando êste amor sagrado é o que nos submete, chama-se amor de submissão.

Ora esta união e conformidade ao desejo divino, faz-se ou pela santa resignação, ou pela santa indiferença.

A resignação pratica-se por esforço e submissão; quereríamos viver em vez de morrer; no entanto, visto que Deus deseja que morramos, submetemo-nos a isso. Quereríamos viver se agradasse a Deus e quereríamos que agradasse a Deus o vivermos. Morre-se com agrado; mas ainda com mais agrado se viveria. Caminha-se com vontade; mas ainda com mais vontade se pararia. Já, nas suas angústias, resigna-se: «Se recebemos os bens da mão de Deus, porque não havemos de suportar os trabalhos e penas que Êle nos envia?» Notai que fala em suportar, sofrer e padecer. «Como é do agrado do Senhor, faça-se; seja bendito o nome do Senhor.» — São palavras de resignação, de sofrimento, de paciência.

Esta resignação é agradável a Deus, porque o amor que ela possui, é já grande; mas é muito mais exce-

lente quando desejamos, amamos e acariciamos os sofrimentos pelo agrado divino de quem procedem. (1)

2. O coração indiferente é como um bolo de cera nas mãos de Deus, para receber tôdas as formas que lhe queira dar.

Se devemos obedecer às sentenças dos tribunais superiores, compostos de juizes corruptíveis, e crer que não as deram sem motivo, embora o não compreendamos, oh! Deus! com que amorosa reverência devemos adorar a equidade da vossa suprema Providência, que é infinita em justiça e bondade! Sem dúvida; bem baixas seriam as razões da Providência celeste se os nossos espíritos se podessem atingir: seriam menos amáveis na suavidade, menos admiráveis na sua majestade se estivessem menos afastadas da nossa compreensão.

(1) Conheço o vosso estado, e o meu coração em vez de se confranger pela aflicção, dilata-se pela alegria. Tornai-vos pois uma vítima da Providência por um abandono completo, pois que Deus vos escolheu para ter em vós as delícias. Faz de vós o que quer e de tudo tirará a sua glória. Deus serve-se do que os homens chamam imprudência para nos conduzir aos seus fins e experimentar a pureza do nosso amor. O que se lhe abandona sem reserva nas ocasiões mais incômodas, dê-lhe o maior testemunho que uma criatura pode dar dum amor sincero. Obrar assim e tratá-lo como Deus, e é tornar-se para Jesus Cristo o objeto das complacências. Longe de ter compaixão de vós, tende-vos uma santa inveja. A paz do coração e a resignação mudam os tormentos em delícias.

LIVRO SEGUNDO

PENSAMENTOS CONSOLADORES NAS PROVAS DA VIDA
INTERIOR, NAS ENFERMIDADES DA ALMA E DO CORPO, ETC.

I

Máximas para perseverar na piedade entre as aflições

1. Para viver com devoção constante basta fixar no espírito máximas salutareis. A primeira que deveis considerar é a de S. Paulo: «Tudo sucede para bem dos que amam a Deus.» E, na verdade, visto que Deus pode e sabe tirar o bem do mal, por quem fará isto, se não pelos que se lhe entregam sem reserva? Sim; os próprios pecados de que Deus nos livra por sua bondade, torna-os a Providência úteis aos que lhe pertencem. Davi, se não tivesse pecado, não se encheria de tanta humildade; e Madalena não teria amado tanto o Salvador, se lhe não tivesse perdoado tantos pecados, e Ele, não lhes perdoaria se ela os não cometera.

Vêde este grande artista de misericórdia; converte as nossas misérias em graças e do veneno das nossas iniquidades extrai a triaga que há-de salvar a nossa alma. Dizei-me pois o que não fará Ele das nossas angústias, trabalhos e perseguições de que somos vítimas?! Se vos acontecer algum desastre, assegurai a vossa al-

ma, se ama a Deus, de que tudo se converterá em bem. E embora não vejais os meios pelos quais o bem deve vir, não duvideis da sua chegada. Se Deus vos lança nos olhos a lama da ignomínia, é para vos dar boa vista e tornar-vos um espetáculo honroso. Se Deus vos derruba como a S. Paulo é para vos levantar com glória.

A segunda máxima é a que Deus é o vosso Pai, senão não vos madaria dizer: «Padre Nosso, que estais nos céus. E que temereis vós, sendo filho de tal Pai, sem a Providência do qual não cairá um só cabelo da vossa cabeça? E' extranhar que, sendo filho de tal Pai tenhamos outros cuidados que não sejam amá-lo e servi-lo? Tendo o cuidado que Êle quer que tenhais em vossa pessoa e família, e nada mais, e vereis como cuida de vós, «Pensa em mim, disse Êle a Santa Catarina de Sena, e eu pensarei em ti», Padre Eterno, disse o sábio, a vossa Providência tudo governa.

Não previnais os sucessos desta vida por apreensão, mas previní-os por uma perfeita esperança de que à medida que aconteçam, Deus, a quem pertenceis vos livrará e vos assistirá em tôdas as ocasiões; e onde não puderdes caminhar, Êle vos conduzirá. Que temereis estando com Deus que tantas vezes vos tem afirmado que, «para os que o amam, tudo se lhes tornará feliz?»

A verdadeira serva de Deus não cuida do dia de amanhã: faz fielmente hoje o que deseja, e amanhã, e sempre. E' assim que nos convém unir a nossa vontade a vontade de Deus e ao seu agrado. «Não cuideis do dia de amanhã, dizendo: «Que comeremos?» nem: «De que nos vestiremos?» nem: «De que viveremos?» Vosso Pai celeste sabe do que careceis; procurai pri-

meiramente o reino de Deus e tudo se vos dará». Isto entende-se tanto espiritual, como do temporal.

Ficai em paz ; riscai da imaginação o que vos possa inquietar e dizei muitas vezes a Nosso Senhor : Ó Deus ! scis meu Deus e me confiarei em vós ; assistirmeis e sereis meu refúgio, e nada temerei, porque não só estais comigo, mas vós em mim e eu em vós.

A terceira máxima que deveis repetir é a que Nosso Senhor ensinou aos Apóstolos : Que vos tem faltado ? vêde : Nosso Senhor enviara os apóstolos sem dinheiro, sem bordão, sem calçado, sem alforge, com uma só túnica, e depois disse-lhes : « Quando vos enviei assim faltou-vos alguma cousa ? » e elles lhe responderam : « Não ». Ora pois ; quando tivestes aflições, mesmo no tempo em que não tinheis tanta confiança em Deus, morrestes na angústia ? Não. Porque não vos animais pois nas outras adversidades ? Deus não vos abandonou até hoje ; como o fará agora que cada vez quereis ser mais seu ?

Não vos lembreis do mal que acontecerá, porque pôde ser que não venha, e se vier, Deus vos fortificará. Manda a S. Pedro que caminhe sôbre as aguas, e S. Pedro, em vista do vento e do temporal, temeu e o temor o submergiu, e pediu auxílio ao seu Mestre, que lhe disse : « Homem de pequena fé, porque duvidaste ? » E, estendendo-lhe a mão, o segurou. Se Deus vos faz caminhar sôbre as ondas da adversidade, não duvideis nem vos assusteis ; Deus está convosco ; tende coragem e sereis livres.

A quarta máxima é a da eternidade. Pouco me importa onde estou nestes momentos passageiros, contanto que esteja eternamente na glória de Deus.

Caminhamos para a eternidade ; quase que temos ne-

la um dos pés; sendo ela feliz, que importa sejamos infelizes nestes momentos passageiros? É possível que, sabendo como as tribulações dêstes três ou quatro dias operam consolações eternas, não queiramos suportá-las?

A quinta máxima é a do Apóstolo: «Nunca me succedeu glorificar-me senão na cruz do meu Jesus.» Colocai no vosso coração Jesús Cristo crucificado, e tôdas as cruzes do mundo vos parecerão rosas. Os que se ferem com os espinhos da coroa de Nosso Senhor, nosso chefe, não sentem os outros espinhos.

2. Tenho notado que as pombas choram e regozijam-se da mesma forma e cantam sempre no mesmo tom, tanto os cânticos de alegria como os de tristeza: é sempre o mesmo arrulhar.

E' esta santa igualdade de espírito que é preciso ter; não digo igualdade de inclinação e de gênio, mas de espírito; porque isto não diz respeito à parte inferior da alma, que é a que causa as inquietações e mudanças, quando a parte superior não cumpre o seu dever, tornando-se senhora, e não descobre os seus inimigos, tomando conhecimento dos ímpetos e assaltos que lhe dão a parte inferior, que nascem dos nossos sentidos, inclinações e paixões, para a guerrear e sujeitar as suas leis.

Demais, digo que é preciso estar sempre firme e resolutos na parte superior do nosso espírito e mantermo-nos em uma perfeita igualdade nos sucessos favoráveis ou adversos, na tribulação ou na consolação.

O Santo Jó nos fornece um exemplo a êste respeito: porque sempre cantou no mesmo tom quando Deus lhe multiplicava os bens, lhe dava filhos e lhe concedia tudo o que nesta vida podia desejar. Então dizia êle:

«Seja bendito o nome do Senhor! Era um cântico de amor que entoava sempre. Mas vêde-o reduzido à maior aflição: que faz? Entoa o seu cântico de lamentação no mesmo tom em que cantava no tempo da alegria: «Recebemos os bens da mão de Deus, porque não recebemos os males? O Senhor tinha-me dado os filhos e os bens; o mesmo Senhor mos tirou; seja sempre louvado o seu nome!» Não tinha outro cântico em todos os tempos, senão este: «Seja bendito o nome do Senhor.» Oh! esta alma santa assimilhava-se à pomba, que sempre canta no mesmo tom! Façamo-lo nós assim, e recebamos sempre os bens, os males, as consolações, as aflições, da mão do Senhor, cantando sempre o mesmo amabilíssimo cântico: »

«Seja bendito o nome do Senhor!» Não façamos como os que choram quando lhes falta a consolação e cantam quando ela volta; no que se parecem com certos animais, que estão tristes e furiosos quando o tempo está sombrio e chuvoso, e não cessam de saltar quando está bom e sereno.

II

Donde vem o nosso mal?

1. O nosso primeiro mal é que nos temos em grande apreço, e se nos acomete algum pecado ou imperfeição, eis-nos admirados, confusos, impacientes, porque pensávamos estar bons, resolutos e tranquilos; e portanto, quando vemos que não é assim quando caímos por terra, eis-nos pertubados e ofendidos de nos deixarmos enganar. Se soubéssemos o que somos, em lugar de nos

admirar de cairmos, admirar-nos-ia-mos de estar de pé um só dia ou uma só hora.

Esforçai-vos por fazer com perfeição o que fizerdes, e quando estiver feito, não penseis mais nisso; mas pensai no que tendes para fazer, caminhando com singeleza na via do Senhor, sem atormentar o espírito. Convém odiar os defeitos, não com um ódio cheio de despeito, mas com um ódio tranquilo; olhai-os com paciência e fazei-os servir para vos humilharem na vossa estima. Considerai os vossos defeitos com mais dó do que indignação, mais humildade do que severidade, e conservai o coração cheio dum amor doce, socegado e terno.

2. O nosso segundo mal é amarmo-nos; se não temos consolações e gostos sensíveis, eis-nos tristes; se encontramos algumas dificuldades nos nossos justos desígnios, eis-nos apressados a combatê-los desordenadamente, por amarmos as consolações e comodidades. Não quereríamos senão doçuras no serviço de Deus, e não vemos a Jesus, prostrado por terra, suando sangue e agua por causa da sua dor interior. Não queremos compreender que, assim como os confeitos secos são os melhores, o que se faz com tristeza é mais meritório perante Deus do que o que se faz com consolação.

3. Deus não quer que gozemos da nossa fé, esperança e caridade, mas que nos sirvamos delas nas necessidades; possuímos-las, mas estamos como uma criança privada pelo seu tutor do gozo de todos os bens. Quão felizes somos por estarmos tão de perto sujeitos a êste celeste tutor! Devemos adorar a amável Providência, lançando-nos em seus braços. Não, Senhor; eu não quero gozar da minha fé, esperança e caridade, senão para

vos dizer com verdade, embora sem gosto, nem sentimento, que antes quero morrer do que abandoná-las.

Senhor! se vos agrada que nenhum gosto encontre na prática das virtudes, concordo com isso da melhor vontade.

Acontece-nos qualquer trabalho? É preciso recebê-lo com uma resignação calma no agrado de Deus. Vem-nos alguma alegria? Convém acolhê-la pacífica e moderadamente, sem nos regozijarmos muito por isso.

III

Modo de proceder nos trabalhos interiores

É comum nos que começam a servir a Deus e que ainda não teem experiência da carência da graça e das vicissitudes espirituais, que, quando lhes falta o gosto desta devoção sensível e desta amável luz que os encaminhava nas vias do Senhor, logo perdem as fôrças e caem em uma grande tristeza e pusilanimidade de coração. As pessoas entendidas explicam isto, dizendo que a natureza razoável não pode por muito tempo permanecer esfaimada e sem nenhum deleite, ou celeste, ou terrestre; ora, como as almas levantadas acima de si mesmas pelo gôzo dos prazeres superiores, renunciam com facilidade aos objetos visíveis, também quando por disposição divina lhes falta esta alegria espiritual, achando-se igualmente privadas de gozos temporais e não estando acostumadas a esperar a volta do verdadeiro sol, parece-lhes que não estão nem no céu, nem na terra, e que vão ficar sepultadas em uma eterna

noite; de forma que, semelhantes a crianças que se amamentam nos seios da mãe, tornam-se lânguidas e gemem enfasiando a todos e principalmente a si mesmas.

Para não cairdes no desalento, notai:

1. Que Deus dá ordinariamente algum gôsto antecipado das cousas celestes aos que entram no seu serviço, para os retirar dos prazeres do mundo e animá-los a seguirem o amor divino, como uma mãe que, para acostumar o filhinho a amamentar-se, adoça os seios com um pouco de mel.

2. Que, contudo, êste bom Deus é o que algumas vêzes, por uma disposição da sua sabedoria, nos tira o leite e o mel das consolações, para que aprendamos a comer o pão sêco e substancial duma devoção rigorosa exercitada pela prova das tentações e desgostos. (1)

3. Que algumas vezes, bastantes tentações se levantam entre as securas e aridez, e então é preciso combater sempre as tentações, porque não vem de Deus; mas convem sofrer com paciência as securas, por Deus as ter ordenado para nos exercitar.

4. Que não devemos nunca perder o ânimo no meio das penas interiores, nem dizer: Nunca estarei contente; porque de noite devemos esperar a luz, e re-

(1) Quanto às almas imperfeitas, às quaes se não concederem estas consolações sensíveis à medida dos seus desejos, ficariam desoladas interiormente sem proveito algum, visto que a perfeição não consiste nas doçuras, mas no amor mais puro de Deus, e tanto maior deve ser a recompensa, quanto com mais justiça e verdade tivermos obrado.

cíprocamente, nos mais formoso tempo espiritual que tenhamos, não diremos: Nunca estarei triste, porque, como diz o sábio, nos dias felizes devemos-nos lembrar da desgraça; convém esperar nas penas e temer nas prosperidades; e ou em um ou em outro caso, convém humilharmo-nos.

5. Noto que na vossa alma se encontram tôdas as estações do ano; e que hoje padeceis o inverno, e amanhã as esterilidades, distrações, desgostos, tormentos, enfados; ora os orvalhos de maio, com o odor das santas flores; ora os calores dos desejos de agradar ao nosso bom Deus. Resta o outono, do qual, segundo dizeis, não vêdes muitos frutos: mas muitas vezes succede que, malhando-se o trigo ou pisando-se as uvas, acham-se muitos bens que a colheita e a vindima não prometiam.

Quereríeis que tudo fosse primavera e estio, mas não; convém a vicissitude no interior e no exterior. No céu é que haverá uma primavera quanto à beleza, um outono quanto ao gôzo, um estio quanto ao amor, e não haverá inverno; mas aqui é necessário o inverno para exercício da abnegação e de mil belas virtudes que se exercem no tempo da esterilidade. Vamos sempre devagar; contanto que tenhamos bons afetos e estejamos resolutos, andaremos bem. Para o exercício das virtudes, não é necessário atendermos a tôdas, porque isto confundiria e desviaria os nossos pensamentos e afetos. A humildade e a caridade são virtudes principais; tôdas as outras lhes estão sujeitas. E' preciso mantermo-nos firmes nesta duas; uma é a mais baixa, a outra a mais elevada. A conservação do edificio depende do alicerce e do teto; tendo o coração empregado no exer-

cício desta, nenhuma dificuldade terá em alcançar as outras. As primeiras são as mães das virtudes, as outras seguem-as como os pintainhos às galinhas.

6. E' um remédio soberano descobrir o próprio mal a algum amigo prudente, que nos possa aliviar.

Enfim, para concluir uma advertência que é tão necessária, notarei que com relação às penas interiores, como em outros assuntos, o nosso bom Deus o o nosso inimigo teem pretensões bem contrárias; porque Deus serve-se das suas provas para nos conduzir a uma grande pureza de coração, a uma inteira renúncia do nosso próprio interesse no que é do seu serviço e a um perfeito abandono de nós mesmos; pelo contrário, o demónio procura pelas suas penas fazer-nos perder a coragem, volta-nos para o lado dos prazeres sensuais e enfim tornar-nos fastidioso a nós e aos outros, para que liguemos pouca importância e escarneçamos da santa devoção. Mas se observades os ensinamentos que vos dei, crescereis muito na perfeição pelo exercício das aflições interiores, a respeito das quais convém dizer-vos algumas palavras antes de terminar.

Algumas vezes o desgosto, as esterilidades e as tibiezas veem da má disposição do corpo, como quando este se acha cansado pelas fadigas, vigílias e jejuns, e estamos então aborrecidos, incomodados por enfermidades, que, embora provenham do corpo, não deixam de incomodar o espírito, em virtude da estreita união que há entre eles. Ora, em tal caso, convém fazer muitos atos de virtude com a parte mais pura do espírito e com a vontade superior; porque, embora a alma esteja adormecida exausta de fadiga, isto não impede que

sejam agradáveis a Deus as operações do espírito, e que possamos dizer com a esposa sagrada: «Eu durmo; mas o meu coração vigia.» Enfim, como já disse, há menos gosto em trabalhar assim; mas há mais mérito e virtude. Quanto ao remédio a empregar, é fortificar o corpo, concedendo-lhe algum alívio e alguma recreação honesta. Assim, S. Francisco ordenava aos seus religiosos que moderassem tão bem os seus trabalhos, que não se esgotasse o fervor do espírito. E a propósito d'este glorioso Padre, direi que foi uma vez acometido duma melancolia tão profunda, que não a podia disfarçar, porque não podia, embora quizesse, conversar com os religiosos, e se deles se separava, ainda era pior; acabrunhavam-o as macerações e a abstinência, e ao coração não o aliviava. Dous anos permaneceu neste estado, por tal forma, que parecia abandonado de Deus. Mas enfim, depois de sofrer humildemente esta rude prova, o Salvador concedeu-lhe em um instante uma tranquillidade feliz e plena. Quer isto dizer que os maiores servos de Deus estão sujeitos a estes abalos e que os outros não se devem admirar de lhes succeder o mesmo.

IV

Da perplexidade do coração que ama sem saber se é amado

1. Acontece algumas vezes que não encontramos consolação alguma nos exercícios do amor divino, de forma que, como cantores surdos não ouvimos a própria voz, nem podemos gozar da suavidade do nosso canto; mas, além disso, estamos cheios de mil temores, preocupados com mil ninharias com que o inimigo cerca o

nosso coração, sugerindo-nos que talvez não sejamos agradáveis ao nosso mestre e que o nosso amor é inútil ou ainda que é falso e vão, por não nos produzir consolação. Então trabalhamos, não só sem gosto mas com um certo enfado, não vendo nem o fruto do nosso trabalho, nem o contentamento d'Aquele por quem trabalhamos.

Mas o que aumenta o nosso mal é que nem o espírito nem a razão podem ter alívio algum, porque a parte superior da razão estando cercada pelas sugestões do inimigo, inquieta-se e embaraça-se para se conservar alerta contra o mal, de forma que não pode fazer sortida alguma para livrar a parte inferior do espírito. E se não perdeu a coragem, foi contudo atacada com tanta fúria que, se está sem culpa, não está sem pena: porque para cúmulo de seu mal, está privada da consolação geral, que quase sempre temos em todos os outros males do mundo, que é a esperança de que não sejam duradouros e que lhe vejamos o fim; e o coração, nestes enfados espirituais, perde o poder de pensar no seu fim e por conseguinte de ser aliviado pela esperança. E' certo que a fé, residindo na parte superior do espírito afiança-nos que esta perturbação acabará e que um dia gozaremos de repouso; mas a voz em grita do inimigo, no resto da alma impede que sejam ouvidos os avisos e advertências da fé e não nos fica na imaginação senão esta triste reflexão: Ah! eu nunca terei contentamento.

2. Ah! como está aflito o pobre coração quando abandonado pelo amor olha para tôda a parte e não o encontra! Não o acha nos sentidos exteriores, porque

não são capazes disso, nem na razão acabrunhada por mil dificuldades, obscuridades, apreensões estranhas; e embora o encontre na parte superior do espírito, onde reside êste divino amor, desconhece-o contudo, e parece-lhe não ser êle, porque lhe impedem o sentir a sua doçura a multidão de temores e a espessura das trevas. Olha para êle, sem o ver, encontra-o sem o conhecer, como se fôra um sonho ou uma visão.

Assim Madalena, tendo encontrado o seu querido Mestre, nenhum alívio recebeu, tanto que nem pensou ser êle, mas sim o jardineiro.

Ah! que fará a alma que está neste estado? Não sabe como se ha-de conservar entre tantos inimigos; não tem fôrça senão para deixar morrer sua vontade nas mãos da vontade de Deus, à imitação do doce Jesus, que, tendo chegado ao cúmulo das penas da Cruz, por seu Pai preparadas, não podendo resistir ao excesso das dôres, fez como o veado, que cansado e rendido de fadigas se entrega ao homem, dando os últimos arrancos com os olhos lacrimosos. O divino Salvador, prestes a morrer, lançou o último suspiro com um grande grito e abundantes lágrimas: « Meu Pai! nas vossas mãos entrego o meu espírito » disse êle. Palavra que foi a última de tôdas e pela qual o Filho amabilíssimo deu o soberano testemunho de amor para com seu Pai.

Quando pois tudo nos falta, quando estão no seu auge as nossas dôres morais, esta palavra, êste sentimento esta renúncia da nossa alma nas mãos do nosso Salvador não nos podem faltar. O filho recomendou o seu espírito ao Pai celeste, nesta última e incomparável angústia; e nós quando as convulsões das penas es-

pirituais nos tirarem todo o alívio e o meio de resistirmos, entreguemos o espírito nas mãos do Eterno Filho, que é o nosso verdadeiro Pai e baixando a cabeça a seu talante, entreguemos-lhe tôda a nossa vontade.

V

Meio para conservar a paz de uma alma nas provações

1. Nada nos confunde tanto como o amor próprio e a estima em que nos temos. Se não temos tôdas as ternuras e doçuras de coração, gostos e sentimentos na oração, as suavidades interiores na meditação, eis-nos tristes; se temos algum trabalho em praticar o bem, se alguma dificuldade se opõe aos nossos justos desígnios, eis-nos aflitos para vencermos tudo isto com inquietação. Porque? Porque amamos as consolações, os gostos, as comodidades. Quereríamos sempre nadar em doçuras espirituais, e, como já vos disse, não olhamos para Jesús, que «prostrado em terra suou sangue e agua na angústia», pelo extremo combate que sofria no interior da sua alma e as resoluções da superior. O amor próprio é pois uma das origens das nossas dúvidas; a outra é a estima que de nós fazemos. O que quer dizer que, se nos sucede qualquer imperfeição ou pecado, espanta-nos, confundimo-nos e impacientamo-nos.

Eis aí a fonte das nossas inquietações; queremos só consolações, e desesperamo-nos ao tocar com o dedo nas nossas misérias, em o nosso nada e em as nossas imbecilidades. (1)

(1) A vista de nós mesmos causa-nos perturbação; é o justo cas-

2. Façamos três cousas, e teremos paz; tenhamos intenção pura de querer em tudo a honra de Deus e a sua glória: façamos o pouco que pudermos com êste fim, segundo os avisos do nosso pai espiritual, e deixemos a Deus o cuidado do resto. Quem tem a Deus por objeto das suas intenções e faz o que pode, para que se atormenta? por que se ruboriza? por que teme? Não, não; Deus não é tão terrível para aquêles que ama; contenta-se com pouco, por saber que não temos muito.

E sabeí que na Escritura Nosso Senhor é chamado *Príncipe da Paz*, e portanto em tôda a parte onde é Senhor absoluto, conserva a paz. Contudo é verdade que antes de levar a um logar a paz, fizera aí a guerra, separando o coração e a alma das suas mais queridas, familiares e ordinárias inclinações, como são o amor excessivo de si mesmo, a confiança e complacência em si mesmo, e outros afetos. Ora, quando Nosso Senhor nos separa destas paixões tão mimosas e agradáveis, parece que se nos dilacera o coração e sentimos tendências amargas, porque esta separação é sensível. Mas êste debater do espírito não é contudo sem paz, quando enfim, cheios de desalento, não deixamos de ter a nossa vontade ligada à de Nosso Senhor, e aí temos fortemente unida ao seu agrado, deixamos as nossas occupaões e exercícios, mas os executamos corajosamente. Nosso Senhor deu-nos o exemplo disto no jardim das Oliveiras, por-

tigo do nosso amor próprio. Pelo contrário: a simples palavra de Deus traz-nos a paz; eis a recompensa dum amor puro e direto; é um pequeno ante-gôzo do Paraíso.

que, ferido de amargura interior e exterior, resignou o coração em seu Pai e em sua suprema vontade, dizendo: «Mas faça-se a vossa vontade e não a minha», e, apesar de tôdas as angústias, não deixou de vir três vezes ver os seus discípulos. Ser príncipe da paz é conservá-la no meio da guerra e viver com doçura no meio das amarguras.

3. Disto desejo que tireis estas resoluções:

A primeira é que muitas vezes pensamos ter perdido a paz por estarmos na amargura e contudo não a perdemos; o que conhecemos se, a-pesar-da amargura, não deixamos de renunciar a nós mesmos e de depender do agrado de Deus, não deixando por isso de cumprir as nossas obrigações.

A segunda é que convém que sofram os o fastio interior quando Deus arranca a última pele do homem velho para «o renovar no homem novo, criado segundo Deus;» e que por isso não nos devemos inquietar, nem pensar que nos abandonará a graça de Nosso Senhor.

A terceira é que todos os pensamentos que nos sobressaltam e agitam o espírito não proveem de Deus, que é o princípio da paz; são tentações do inimigo e por isso é preciso expulsá-las e não lhes ligar importância. A humildade faz-nos receber docemente os trabalhos, sabendo que os merecemos. Quanto ao exterior, aprovo que todos os dias se faça algum ato de humildade ou por palavras ou por obras; digo palavras que saem do coração, como humilhando-nos a um inferior; de obras, praticando qualquer ofício baixo, ou serviço de casa.

4. Desejo que leiais o capítulo XLI do *Caminho da perfeição*, de Santa Tereza, porque vos ajudará a

entender as palavras que muitas vezes vos tenho dito, de que no exercício das virtudes não convém esmiuçar muito; convém caminhar rude, franca e simplesmente, à antiga, com liberdade, com boa fé, *grosso* modo. E' que temo o espírito de melancolia e fraqueza, e desejo que tenhais coragem para seguir no caminho do Senhor, mas com humildade, com doçura e sem dissimulação.

VI

Pensamentos consoladores nas tentações

1. Ignorais que não estamos no mundo para gozar, mas para padecer? E' no céu que se goza a paz, e não nesta vida, onde convém padecer, e aquêlê que cá não tivesse paixão, não sofreria, mas gozaria o que não é possível, porque, enquanto vivermos teremos paixões e só delas seremos livres depois da morte; segundo a opinião dos doutores e da Igreja. Mas porque nos afligiremos, se o nosso triunfo nasce do combate das nossas idéias e paixões? A agitação no mar transtorna por tal forma os humores, que os que navegam não conhecem o incomodo senão passado algum tempo, pelas convulsões e vômitos que provoca. E' um dos grandes proveitos da aflicção fazer-nos conhecer o nosso nada, fazendo-o sobrenadar às nossas inclinações.

Êstes grandes assaltos e tentações tão fortes não são permitidos por Deus senão contra as almas que Êle quer elevar ao seu puro e santo amor.

Crê-me, minha filha; os doces geram vermes nas crianças e em mim que não sou criança; aí tens a ra-

ção porque o nosso Salvador mistura as consolações com amarguras...

Reclamemos o seu socorro; não é senão para isso que Elle permite que estas illusões nos atormentem...

Ontem de tarde houve aquí grandes trovões e relâmpagos e eu estava tão contente em ver o meu irmão e nosso Groisi, que multiplicavam os sinais da cruz e o nome de Jesus!... Ah!... sem isto não teríamos invocado tanto a Nosso Senhor. Estas rebeliões do apetite sensual, tanto de ira como a inveja, ficaram em nós para nosso exercício, afim de praticarmos o valor espiritual resistindo-lhe. E' o Filisteu que os Israelitos devem combater sem nunca o poderem derrubar.

Quando os soldados não estão em batalha ou na guerra, pode-se dizer deles: *In pace leones, in bello cervi*. Mas Nosso Senhor não quer dêstes soldados no seu exército; quer combatentes e vencedores e não imbecis e fracalhões. Pois se elle quís ser tentado e oprimido, foi para nos dar o exemplo de resistência à tentação.

Se Nosso Senhor permite estas crueis revoltas no homem, nem sempre é para punir de algum pecado, mas apenas para manifestar a fôrça e virtude da assistência divina.

VII

Como devemos proceder nas tentações

1. Não desesperéis por maiores que sejam as tentações a que estejais sujeitos. É preciso deixarmo-nos levar pela corrente e tempestade? Deixai enraivecer o inimigo à porta; fira, bata, faça ruido quanto puder;

estejamos seguros de que não entra em nossa alma senão pela porta do consentimento. Fechemo-la bem e vejamos muitas vezes se está bem fechada, e de nada mais cuidemos, porque nada devemos temer.

Humilhai-vos muito e não desanimeis. Os lírios que crescem entre espinhos são mais brancos e as rosas ao pé dos álamos são mais odoríferas e musgosas. «Que sabe o que não é tentado?»

Tendes demasiado medo das tentações; eis o vosso mal. Não temais porque tôdas as tentações do inferno não mancharão uma alma que as não ama; deixai-as pois correr. O apóstolo S. Paulo sofre-as terríveis, e Deus não lhas quer tirar, e tudo por amor. Coragem; elevai sempre o vosso coração a Deus e deixai a êste inimigo bater a porta quantas vezes quiser. Vivei com o doce Jesús e sua amável Mãe, nas trevas, entre os cravos, os espinhos, as lanças, os desprezos, as injúrias. (1)

Viveis muito tempo nas lágrimas, sem nada obter; Deus vos alegrará e cumprirá o desejo do vosso coração. Se o não faz, não deixeis por isso de o ouvir que Êle não deixará de ser vosso Deus, porque o afeto que lhe devemos, é de natureza imortal.

(1) O que acabo de dizer basta para mostrar ao verdadeiro cristão o desprezo que deve fazer dêstes fantasmas, com que os demônios procuram espantá-lo. Tôdas as vezes que uma alma despreza os seus adversários, enfraquece-os e adquire domínio sôbre êles; cada um de seus ataques lhe traz sempre grande vantagem. Conheço tôda a sua impotência, e fiel a Deus nada temo. Os inimigos só são fortes contra as almas covardes, que capitulam sem combate, e contra as quaes se mostram dispostas.

SANTA TEREZA

2. Vejo claramente êste formigueiro de inclinações que o amor próprio alimenta e lança em vosso coração e sei que a condição do vosso espírito subtl, delicado e fértil contribue alguma cousa para isso; contudo estas inclinações não são das aceitas por consentimento algum, ou pelo menos por consentimento deliberado, embora vos aflijam e vos sejam importunas.

Não, como a vossa querida alma compreendeu o grande desejo que Deus lhe inspirou de não pertencer senão a Êle, não creais com facilidade que êle preste o seu contentamento a êstes movimentos contrários. Podê atormentar-se o vosso coração pelo sentimento das vossas paixões; mas entendo que raras vezes peca por consentimento. Ó homem miserável, dizia o grande Apóstolo, que me livrará êste corpo da morte? O apóstolo, sentia um exército composto destas aversões, hábitos e inclinações naturais, que conspiraram contra a vida espiritual; e temendo-os, dá testemunho de que os aborrece; e odiando-os, não os pode sofrer sem dor, e a dor lhe faz soltar esta interrogação, à qual responde que «a graça de Deus, por meio de Jesus Cristo, o guardará», não do temor, do alarme, do combate, mas da derrota, e impedí-lo-á de ser vencido.

É verdade, direis vós; mas já tantas vezes tenho cortado e circuncidado as minhas paixões, e embora tenha feito o que posso e empregado por muito tempo todos os cuidados e vigilâncias possíveis, sinto sempre desgostos, repugnâncias e aversões. Ah! minha pobre alma, não sabes que não viemos a êste mundo para gozar, mas para padecer? Esperai um pouco; quando estiverdes no céu, tereis uma paz perfeita e um contentamento completo

então não sentireis movimentos desordenados da natureza viciada e corrompida pelo pecado, e possuireis uma alegria e repouso duradouro, porque lá é que se goza da paz, e não neste mundo, onde devemos padecer e circuncidarmo-nos. O que não tiver aquí paixões não sofrerá, mas gozará, o que não é possível, porque enquanto vivermos havemos de as ter e só depois da morte seremos livres delas, segundo a opinião dos doutores, aprovada pela Igreja. Porém, porque nos havemos de mortificar, se destes embates e paixões nasce a vitória e o triunfo ? (1)

Estar no mundo e não sentir êstes movimentos da paixão, são cousas incompatíveis. O nosso glorioso S. Bernardo diz que é uma heresia dizer que podemos perseverar no mesmo estado neste mundo, pois que o próprio Espírito Santo disse pela boca de Jó falando do homem, que «nunca estará no mesmo estado.» Assim respondo ao que dizeis a respeito da inconstância da alma; porque creio firmemente que está continuamente agitada pelos ventos das paixões; mas também creio firmemente que permanecem em vosso espírito a graça de Deus e a resolução que vos concedeu, e que tendes sempre arvorado o e andarte da cruz e nele a fé, a esperança e a caridade clamam sempre seus tesouros.

(1) «Bem-aventurado, diz S. Tiago, o que sofre a tentação, porque sofrendo esta prova terá a coroa da vida» e gozará não só no céu mas também na terra, vivendo do santo amor que une a esposa a Jesus, com quem vive em perfeita beatitude no fundo do coração. Não espereis entrar na união íntima do Deus de santidade sem vos terdes primeiro santificado pela Cruz: «Sêde Santos, diz o próprio Deus, porque Eu sou santo».

3. Enfim, notai o seguinte: enquanto vos desagradar a tentação nada receeis, porque se vos desagradar é porque não a admitís! (1)

Estas tentações tão importunas veem da malícia do demônio; mas o tormento e desgosto que sentimos, veem da misericórdia de Deus, que, contra a vontade do seu inimigo, tira da malícia o ouro que quer guardar em seus tesouros.

Portanto digo: As vossas tentações nascem do demônio e do inferno; mas as penas e aflições nascem de Deus e do Paraíso: as mães são de Babilônia, mas as filhas de Jerusalém. Desprezai as tentações; mas abraçai as tribulações.

E' preciso que um soldado tenha ganho muito na guerra para viver cômodamente na paz. Nunca teremos perfeita doçura e caridade se não for exercitada entre repugnâncias, aversões ou desgostos. A verdadeira paz não vem de não combater, mas de vencer. Os vencidos não combatem, e contudo não teem paz sólida. Vamos; é preciso que nos humilhemos muito, pois ainda não somos senhores de nós mesmos, e amamos o repouso e comodidades.

Não temos recompensa sem vitória, nem sem guerra. Tende coragem e convertei as vossas penas em matéria de virtudes. Olhai muitas vezes para Nosso Senhor, que vos contempla, embora sejais uma criatura miserável,

(1) Unir-se a Deus sem combater diretamente um sentimento é um modo muito eficaz de o não aceitar. É achar em Jesus Cristo o que não podemos achar em nós.

nos vossos trabalhos e distrações. Envia-vos socorro e abençoa as vossas afflições. Deveis, considerando isto, receber com doçura e paciência os incômodos, por amor daquele que os envia para nosso proveito.

Elevai muitas vezes a Deus o coração: pedí-lhe o seu auxílio e fundai a consolação no prazer que tendes de lhe pertencer. Todos os desgostos serão pequenos se tiverdes um amigo assim, e um tal refúgio. (1)

VIII

Desconfiança e confiança nas tentações

1. A desconfiança nas nossas fôrças não é uma falta de resolução, mas reconhecimento verdadeiro das nossas misérias. E' melhor desconfiar de poder resistir às tentações do que termo-no por mui seguros e fortes, com tanto que, desconfiando das nossas fôrças, não desconfiemos da graça de Deus.

De forma que muitos que com grande consolação prometeram obrar maravilhas por Deus, quando chegou a ocasião faltaram; e outros, desconfiando das suas fôrças, e temendo faltar na ocasião, obraram maravilhas,

(1) «Não será coroado senão o que tiver combatido bem,» Oh! minha filha, por meio destas palavras de vida eterna é preciso elevar o nosso espírito acima de nós mesmos e tomar novas fôrças para perseverar neste combate, que é de Deus, sem nunca pararmos, até que Deus nos conceda a paz, que talvez só chegue à hora da morte; mas que importa isto se estiver conosco como está, porque nos afirma a sua bondade, que está com os que estão atribulados?

porque o grande sentimento de sua fraqueza os impelia procurarem socorro e o auxílio de Deus, e a vigiarem, orarem e humilharem-se, para não caírem em tentação.

Embora não sintamos em nós fôrça nem coragem alguma para resistir à tentação, se agora viesse, com-tanto que desejemos resistir-lhe e confiemos em que, se ela vier, Deus nos ajudará e lhe peçamos auxílio, nada nos deve entristecer; porque não é necessário sentir sempre fôrça e coragem; basta desejar tê-la no tempo próprio, e também não é preciso sentir a manifestação dessa fôrça, mas basta confiar no auxílio de Deus.

2. Samsão, cognominado o Forte, não sentia as fôrças sobrenaturais com que Deus o ajudara senão nas ocasiões; e por isto se diz que, quando encontrava os leões ou os inimigos, o espírito de Deus o impelia matá-lo, e Deus, que nada emprega em vão, não nos dá a fôrça e coragem senão quando delas precisamos, e nas ocasiões nunca nos falta; convém portanto esperar que nos ajudará sempre que reclamemos o seu auxílio.

Devemos servir-nos sempre das palavras de Davi: «Porque te entristeces, minha alma? Porque te perturbas? Confia no Senhor;» e da oração do que elle usava: «Quando minhas fôrças e enfraquecerem, não me abandoneis, Senhor.» Se desejais ser tôda de Deus, porque temeis a vossa fraqueza, quando nela nada podeis confiar? Não esperais em Deus? O que nela espera será confundido? Não, nunca. Peço-vos pois que sossegueis tôdas as dúvidas, que possam amontoar em vosso espírito, às quais basta responder que desejais ser fiel em tudo e esperais que Deus vô-lo concederá, sem ser necessário estar a considerar se o concede ou não; por-

que êstes espíritos são enganadores e só são valentes na ausência do inimigo, quando outros pelo contrário temem antes do combate; mas dá-lhes coragem o perigo presente; nada pois de temer muito.

Caminhai, portanto, sempre à vista de Deus, porque a sombra é mais salutar do que o sol.

Não é mau tremer algumas vezes diante daquele em cuja presença tremem os anjos, quando o contemplam em sua majestade; contanto que o santo amor que predomina em tudo também aquí predomine no princípio e fim de vossas considerações.

Quem teme ao Espírito divino, nenhum outro espírito deve temer; estais debaixo de suas asas como um pintainho; que temeis?

IX

Remédio para as tentações contra a pureza

1. Quando temos alguma inclinação a deleitar-nos na tentação, provém esta da condição da nossa natureza, que tanto ama o bem, que muitas vezes se engana com o que tem as aparências dele; e o que a tentação nos apresenta para engodo é sempre assim; porque ou é um bem honroso, segundo o mundo, para nos provocar ao orgulho da vida mundana, ou é um bem deleitável em todo o sentido, para nos levar ao gôzo carnal; ou um bem útil para nos enriquecer, para nos incitar à avareza dos olhos. Depois da queda de Eva, todos os seus filhos estão contaminados por êste defeito, que os torna mais aptos para gozarem das honras, riquezas e

prazeres do mundo, que não são senão vaidade e loucura e nunca um bem verdadeiro.

Assim como os dous filhos de Rebeca, pela contrariedade de seus movimentos, lhe causavam tantas convulsões e dôres; assim os dois amores da nossa alma dão grandes trabalhos ao coração; e como disseram dos dous filhos de Rebeca que o maior serviria o menor, assim também se ordenou que dos dous amores do nosso coração, o sensual servirá o espiritual.

Logo que sentirdes em vós alguma tentação, fazei como as criancinhas quando vêem no campo o lobo ou o urso; porque logo correm para os braços de seu pai, ou de sua mãe, ou pelo menos, os chamam em seu socorro. Recorrei a Deus da mesma forma. (1)

2. Conservai-vos em paz no meio das tentações; a fé, esperança e caridade, peças imóveis do nosso coração, estão bastante sujeitas ao vento, embora não estejam à ruína; como queremos pois que as nossas resoluções estejam isentas? Sois *admirável* se não só quereis que a vossa árvore esteja sólidamente plantada mas também que nem ainda uma folha lhe caia ou seja agitada! Não, não, deixai correr o vento e não penseis que o agitar das folhas seja o ruído das almas. Há pouco tempo estava eu ao pé dum cortiço de abelhas: e algumas pou-saram-me nas faces; queria eu enxotá-las com a mão

(1) A oração tem forças que triunfam das da natureza e que ultrapassam com império a resistência de todos os elementos, pois que, segundo Crisólogo, se pode dizer que compartilha da onipotência de Deus. Moisés serviu-se para glória dos seus triunfos das forças do universo pela força da oração.

para as afastar. *Não, me disse um camponês não tenhais medo e não enxoteis, porque elas não vos ferirão, e se lhe tocardes, ferram-vos imediatamente.* Assim o fiz e nenhuma me ferrou. Crede-me; não temais as tentações; não lhe toqueis e elas vos não ofenderão. Passai avante, sem lhes ligar atenção.

3. Usai muito de diversões em ocasiões semelhantes por atos positivos de amor de Deus e de confiança na sua graça; e depois não temais por estas bagatelas faltar às vossas resoluções, nem à confiança que nelas deveis ter, são crueldades sem proveito; porque se Satanaz esbofeteando S. Paulo com tantas agitações e pensamentos deshonestos; não pode no entanto ofender a sua pureza, porque julgarmos ofendidas as nossas resoluções por êstes movimentos do espírito? (1)

Não respondais uma única palavra aos pensamentos deshonestos que vos venham; dizei só a Deus, no vosso coração: «Oh! meu Deus, vós sabeis que vos honro; eu sou todo vosso: e não percais tempo em disputar com a tentação.»

(1) Com relação a pensamentos, opiniões e obras que nascem por si mesmos, convem lembrar-nos desta verdade, tão recomendada por S. Francisco de Sales, a saber: que os pensamentos, opiniões e obras, sejam quais forem, não podem ser culpáveis aos olhos de Deus, a menos que não demos pleno consentimento. As revoltas que a criatura sofre deixou-lhas a misericórdia divina e á disposição da Providência para lhe servirem de exercício de fidelidade e penitência; assim, bem longe de prejudicarem, a alma que as tiver combatido será coroadá, não por ter aniquilado êstes pensamentos, opiniões e obras, por isto não estar no seu poder, mas por lhe não ter dado consentimento.

Pelo que toca às tentações desta boa alma, que se humilhe muito e não se admire; os lírios, repito, que crescem entre os espinhos são mais brancos e as rosas de ao pé dos álamos mais odoríferas e docemente musgosas. Que sabe o que não é tentado? Se o trabalho a faz pensar, como parece succeder, mude de exercício corporal quando estiver aflita; se não puder mudar de exercício, mude de lugar ou posição e a tentação se dissipará.

Se a pena lhe tortura a imaginação, cante, acompanhe com as outras, mude de exercício espiritual, as mudanças de lugar ainda a ajudarão. Sobretudo, não se assuste; renove muitas vezes os seus votos e humilhe-se perante Deus, que promete a vitória ao seu coração, por intercessão da Santíssima Virgem.

Se alguma cousa lhe causa escrúpulo diga-o com coragem, sem fazer reflexão alguma, quando se for confesar. Mas eu confio em Deus que, com um espírito nobre manter-se-á isenta de tudo o que lhe possa causar escrúpulo. Desejo que tome folga uma vez por semana, a não ser que conheça que isto a torna preguiçosa para com os outros exercícios mais importantes, como algumas vezes succede.

X

Como se devem combater as tentações contra a fé

1. Voltaram as vossas tentações contra a fé, e, embora lhe não repliqueis uma só palavra, incomodam-vos.

Não lhe respondeis, e fazeis bem; mas pensais muito nelas temeia-as muito; sem isto nenhum mal vos poderiam fazer. Sois muito sensível às tentações. Amais a fé e nenhum pensamento quereríeis ter contrário a ela; e logo que vos toca de leve algum, entristecei-vos e con-

fundí-vos. Sois muito ciumento da pureza da fé; parece-vos que tudo a mancha.

2. Convém nesta tentação procedermos como na carnal; não disputar, nem pouco nem muito; mas fazer como faziam os filhos de Israel aos ossos do cordeiro pascal, que não quebravam, mas lançavam ao fogo. Não é necessário responder nem se dar por entendido do que diz o inimigo. Embora faça muito barulho à porta, não se deve dizer: Quem está aí?

É verdade me dizeis vós, mas importuna-me e o seu ruído interrompe os pensamentos interiores. É o mesmo, falemos por sinais; prostemo-nos aos pés de Deus; e Ele entenderá por esta postura humilde que lhe pertenceis e pedís o seu auxílio, embora não possais falar. Mas sobretudo mantende-vos firmes, bem fechados por dentro, e não abrais a porta, nem para ver quem é nem expulsar o importuno; porque elle enfim cansar-se-á de gritar e vos deixará em paz.

Durará isso muito tempo, me dizeis vós; pouco importa o tempo, contanto que o inimigo não entre. É um bom sinal o inimigo lutar e fazer barulho, à porta, porque indica que não consegue o que deseja. Se o conseguisse, não o gritaria, mas entrava. É conveniente notar isto para não terdes escrúpulo.

Desejaria que estivéssemos firmes e fôssemos simples na fé como o ensina a Igreja, crendo firmemente tudo o que está escrito nesta pedra; porque já vos disse que ali estava escrita a lei evangélica. Creamos pois firmemente e submetamos a nossa intelligência à fé, que Nosso Senhor fundou sobre esta pedra; porque as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Nosso Senhor orou

por S. Pedro, para que elle não se enganasse; é o chefe da Igreja, que é a coluna e fundamento da verdade, como diz S. Paulo a Timóteo: «Bem-aventurado o que esmagar os seus filhos contra a pedra» diz o salmista.

Quando as vezes não veem pensamentos contra a fé, mas só algumas fantasias, imaginações e pensamentos de infidelidade, que fazeis? Se os deixais entrar no espirito, pertubar-vos-ão e roubar-vos-ão a paz; esmagai êsses pensamentos contra a pedra da Igreja e dizei à vossa intelligência: «Ó intelligência, Deus não vos mandou apascentar; é a esta pedra e aos seus successores que isto pertence»: Bem-aventurado pois o que esmaga os seus filhos contra esta pedra.

3. Além dêste remédio, dou-vos outro. As tentações contra a fé vão directamente à intelligência para a constranger a disputar, a imaginar, a fantasiar. Sabeis o que deveis fazer enquanto o inimigo se entretem a querer abrir brecha no entendimento? Sai pela porta da vontade e dai-lhe batalha, isto é, mal se apresenta a tentação contra a fé. Mas como se pode fazer isto? Em lugar de disputardes com o inimigo com discursos, fazei que a vossa palavra expressa se lance contra elle, juntando mesmo a voz interior com a exterior, e exclamando: Ah tratante! Ah desgraçado! deixaste a Igreja dos anjos e queres que eu deixe a dos santos? Desleal, infiel, perdido! Apresentaste à primeira mulher o pomo da perdição e queres que, eu coma? Arreda Satanaz! Está escrito: «Não tentarás o Senhor teu Deus». Não disputarei contigo. Eva, querendo disputar, perdeu-se. Eva, deu-te ouvidos e foi seduzida. Viva Jesus em que creio. Viva a Igreja, a que pertenço! e outras semelhantes pa-

lavras. Convém também dirigir a Jesus Cristo e à Igreja as palavras que Elle vos sugerir: «Ó Mãe dos filhos de Deus, nunca de vós me separarei; quero viver e morrer na vossa grei.»

Não sei se me faço compreender. Quero dizer que se deve responder e combater com afetos e não com razões, com paixões e não com considerações. E' verdade que no tempo da tentação a vontade não dá nada; mas tanto melhor; os seus golpes serão tanto mais terríveis contra o inimigo, porque vendo em lugar de atrazar vosso adiantamento vos dá occasião de exercitardes mil afetos virtuosos, e particularmente de submissão à fé, vos deixará em paz. Afinal de contas estas tentações não são senão aflições como as outras; convém fortalecermo-nos com o que diz a Escritura: «Bema-venturado o que sofre a tentação; porque sendo provado, receberá á coroa da vida.» Poucas pessoas tenho visto adiantadas sem esta prova e é necessário ter paciência. Nosso senhor enviará a calma depois da tormenta.

XI

Das tentações de blasfêmia e de infidelidade

1. Não deveis nem podeis crer que as tentações de blasfêmia e infidelidade venham de Deus; e quem vos disse que Deus era o seu autor? Podem vir das trevas; da falta ou desvio da ação espiritual; da amargura da boca interior, que torna amargo o vinho mais doce; mas virem do nosso bom Deus sugestões de blasfêmia e infidelidade, isso não pode ser; é muito puro para as conceber.

Sabeis como Deus faz? Permite que o maligno, ar-tífice de tais obras as venha apresentar à venda, para que com o desprezo que lhe mostrarmos possamos pro-var o nosso afeto às cousas divinas. Fazia assim com o Santo Jô, com Santa Catarina de Sena e com um gran-de número de almas boas que eu conheço, e com a mi-nha alma que nada vale e que eu não conheço. E en-tão por esse motivo, havemos de afligir-nos? Deixai-o maquinar; conservai as portas bem fechadas, que êle se cansará, ou Deus, enfim, o obrigará a levantar o cêrco. Lembrai-vos do que me parece ter dito há pouco E' bom sinal que êle faça tanto barulho em torno da alma; é porque ainda não está dentro. Coragem; enquanto pude-res dizer com resolução, embora sem sentimento: Viva Jesus! nada devemos temer.

2. E não me objeteis que vos parece que o dizeis com franqueza e sem coragem, nem fôrça, mas como com violência. Oh meu Deus que nos dá os céus!

Vêde; é sinal de que está tudo tomado, tudo ganhou na nossa fortaleza, menos o baluarte inexpugnável, que não se pode perder se não quizermos.

É enfim, esta vontade livre, que, desprovida ante Deus, reside na suprema e mais espiritual parte da nossa alma e que só depende de si e do seu Deus; e quando tôdas as outras faculdades da alma estão trans-formadas pelo inimigo, ela só fica senhora de si mes-ma, para não consentir.

As almas afligem-se, porque o inimigo ocupando tôdas as outras faculdades, faz alí um ruido e vozeria enorme. Mal se pode ouvir o que se diz e faz na von-tade superior, que tem a voz mais clara e viva do que

a inferior; mas esta a tem tão aspera e grossa, que abafa a limpidez da outra. (1)

XII

Como devemos proceder nas tentações do amor- próprio

1. O amor próprio, a estima de nós mesmos, e a falsa liberdade de espírito, são raizes que não podemos completamente extirpar do coração, mas só impedir que deem frutos, que são os pecados; porque não podemos evitar os seus primeiros ímpetos ou movimentos, enquanto estamos nesta vida mortal, embora nos seja possível moderar ou diminuir a sua qualidade e ardor por meio da prática das virtudes contrárias, e sobretudo do amor de Deus.

(1) Eis os belos pensamentos do Bemaventurado Henrique Suso, bem próprios para consolar as almas atormentadas por estas terríveis tentações:

«Para terminar este assunto, acrescentarei que as tentações de desespero e blasfêmias dão às pessoas que lhes resistem, o nome e prerogativas de mártires; porque os servos de Deus antes queriam dar o sangue e vida por Jesus Cristo, do que sofrer, durante meses e anos, estas tentações tão penosas. Concluamos pois que as pessoas afligidas por escrúpulos são as mais prediletas do amor divino e estão mais seguras de entrar no céu porque sofrendo as suas penas com paciência e humildade, morrendo sem cessar, vivem em um purgatório contínuo e deixam a terra para voar ao céu, purificadas e isentas de faltas. É o que succedeu a uma alma santa atormentada por estas tentações, Deus glorificou-a na hora da morte, e conduziu-a ao céu sem passar pelo purgatório; e eu posso dar testemunho da sua salvação para honra e glória de Jesus Cristo, que é bendito por todos os séculos dos séculos.»

É preciso, portanto, ter paciência, e cercear pouco a pouco, domar as nossas a versões e vencer as nossas tendências e gênio, segundo as ocasiões; porque em suma esta vida é uma guerra contínua, e qual é o que pode dizer: Eu não sou atacado? A paz nos está reservada para o céu, onde nos espera a palma da vitória. Na terra é preciso combater sempre entre o temor e a esperança, sob condição de que a esperança, deve ser mais forte, em consideração da onipotência daquele que nos auxilia.

O amor próprio só morre quando nós morremos; e tem mil meios de se abrigar na nossa alma, por ser natural, ou pelo menos, co-natural. Tem consigo uma multidão de movimentos, geitos e paixões; é subtil e sabe mil voltas de agilidade. Convém sentir sempre os seus ataques sensíveis e as suas práticas secretas enquanto estamos neste exílio; basta que não consintamos com um propósito deliberado, firme, pleno, e é tão excelente esta virtude da santa indiferença, que o nosso velho homem, na sua porção sensível, e a natureza humana, nas suas faculdades naturais não foram constantes, nem mesmo em nosso Senhor, que, como filho de Adão, embora isento do pecado, e de tudo o que lhe pertence na sua porção sensível e faculdades humanas, não estava indiferente, mas desejava não morrer na cruz; estando reservada a indiferença e o seu exercício ao espírito, à porção suprema às faculdades abrasadas pela graça, e enfim a Ele próprio, que era o novo Adão.

Estas pequenas surpresas das paixões são inevitáveis nesta vida mortal, e é porisso mesmo que clama ao céu o grande apóstolo: «Ah! como sou pobre criatura!» Sinto

em mim dous homens: o velho e o novo; duas luzes: a dos sentidos e a do espírito; duas operações: a da natureza e a da graça. Ah! quem me livrará êste corpo da morte?

É por isso que não temos a consolação que deveríamos ter quando vemos praticar o bem; porque o que em nós não vemos não é tão agradável para nós e o que vemos em nós é muito doce e bom em razão de nos amarmos terna e afetuosamente.

2. Êste mesmo amor próprio faz com que desejamos praticar bem tal e tal cousa, à nossa escolha; mas não quereríamos fazer se outrem escolhesse, ou por obediência. Somos sempre nós que nos rendemos a nossa vontade e amor próprio. Pelo contrário, se tivéssemos perfeito amor de Deus, antes quereríamos fazer o que nos mandam; isso vem mais de Deus e menos de nós.

O vosso caminho é ótimo; nada há a dizer senão que considerais muito os passos temendo cair. Refletis muito sôbre as tentações do vosso amor próprio, que são sem dúvida frequentes; mas não são nunca perigosas, aopasso que sem lhe ligardes importância, podíeis dizer tranquilamente, sem vos importades do seu número: Não, não vos obedeo.

Caminhai com simplicidade; não desejeis tanto repouso de espírito e vereis como vos será vantajoso.

Porque vos atormentais? Deus é bom e bem vos conhece: por piores que fossem as vossas inclinações, não vos podem prejudicar, porque existem para unir com mais vantagem a vossa vontade superior com a de Deus. Elevai os vossos olhos, movidos de uma confiança perfeita na bondade de Deus. Não vos afadigueis por Êle, porque Jesus disse a Marta que o não queria, ou pelo

menos que achava melhor menos fadiga, ainda mesmo na prática das boas obras.

Não esquadrinheis tanto na vossa alma e nos seus pogramos. Não queirais ser tão perfeito; mas vivei com boa fé nos vossos exercícios e ações que de tempos a tempos vos ocupam. Não vos inquieteis pelo dia de amanhã. E quanto ao caminho que tendes a seguir, Deus, que vos conduziu até agora, vos conduzirá até ao fim. Ficaí em paz com a santa e amorosa confiança que deveis ter na benignidade da Providência celeste.

3. Não nos devemos admirar de encontrarmos amor próprio em nós por ele não fazer ruido. E' que algumas vezes dorme como uma raposa, e depois acorda de repente; eis, aí está porque convém que o vigiemos e nos defendamos dele com paciência e coragem. Porque se algumas vezes nos fere, desdizendo-nos do que ele nos fez dizer, e desaprovando o que nos fez praticar, estamos curados. Não nos devem incomodar muitos, êstes ímpetos do amor próprio; desprezando-os três ou quatro vezes cada dia, temos cumprido. Não é preciso impell-los aos empurrões; basta dizer: Não.

Fiquemos pois em paz. Quando nos acontecer violar as leis da indiferença nas cousas indiferentes, por ímpetos súbitos do amor próprio e das paixões, prostre-mos, se pudermos, o nosso coração ante Deus, digamos com espírito de confiança e humildade: «Senhor! misericórdia, porque estou enfermo.» Levantemo-nos em paz e com tranquilidade e reatemos o fio da nossa indiferença; depois continuemos a nossa obra.

Não devemos quebrar as cordas quando notamos desacordo; basta que prestemos atenção para ver don-

de provem o desarranjo e apertemos ou alarguemos a corda levemente, segundo as regras da arte.

4. As inclinações de orgulho, vaidade e amor próprio misturam-se em tudo e enchem com os seus sentimentos tôdas as nossas ações; mas nem por isso são a causa delas. S. Bernardo, conhecendo um dia que o incomodavam enquanto pregava: «Retira-te de mim, Satanaz, disse êle; não comecei por ti e portanto também não acabarei por ti.»

Uma só cousa vos digo àcerca do que me escreveis; é que excitaes o vosso orgulho por afetação quando falais ou escreveis. Ao falar, a afetação passa tão insensivelmente, que quase se não percebe; mas embora se não perceba, convém mudar imediatamente de estilo. Ao escrever é diferente; é na verdade muito insuportável; porque percebemos melhor o que fazemos, e, se notamos afetação, convém punir a mão que a escreveu, fazendo-lhe escrever outra cousa de forma diversa.

De resto, não duvido que haja alguns pecados veniais em tantas voltas e reviravoltas do coração; mas, no entanto, como são passageiras, não tiram o fruto das nossas resoluções, mas só a doçura que por estas faltas perdemos, se o permitisse o estado desta vida. Mas sejamos justos: não acuseis, nem desculpeis sem madura reflexão a vossa pobre alma, com receio de que, se a desculpades sem fundamento, a torneis insolente, e se a acusardes ligeiramente, lhe tireis a coragem e a façais pusilânime. Caminhai com simplicidade e caminhareis com segurança.

Esta porção de pensamentos que afligem a vossa alma não devem por forma alguma ser espancados, por-

que quando acabareis vós de os vencer? E' só preciso algumas vezes ao dia desprezá-los em massa e depois deixar o inimigo fazer a bulha que quizer à porta do vosso coração, porque isso pouco importa, contanto que não entre. Deixai-vos pois ficar em paz na gerra, e não vos amofineis, porque Deus está por vós.

XIII

Das provas na oração

1. A oração esclarece o nosso entendimento com a luz divina e a nossa vontade com os santos ardores do amor celeste. Nada alimpa tanto o nosso espírito dos seus erros e a nossa vontade dos seus maus afetos. E' uma água de bênção, que faz, por assim dizer, reverdecer e florescer as plantas dos bons desejos e apaga a sêde aos nossos corações sedentos à fôrça de movimentos desordenados.

A inquietação que sentís na oração, e o ardor com que procurais cousa que possa sossegar ou contentar o vosso espírito, já é suficiente para a não encontrardes. Passamos com vezes a mão e a vista por sôbre um objeto, sem o vermos, quando o procuramos com muita pressa.

Desta pressa vã e inútil só resulta um cansaço de espírito, e daí êsse vácuo e apatia da vossa alma. Não sei os remédios que empregais; mas se impedirdes êste ardor, fazeis muito bem, por ser um dos grandes inimigos da devoção verdadeira e da verdadeira virtude. Finge abrasar-nos no bem; mas é para nos esfriar, e faz-nos correr para cairmos. Livremos-nos sempre dele, principalmente na oração. E para vos auxiliar lembrai-vos que as graças, bens da oração não são águas terrenas,

mas celestes ; por consequência não as adquirem os nossos reforços ; para isso é preciso dispormo-nos a um grande cuidado, mas humilde e tranquilamente.

2. Convém ter o coração aberto para o céu e esperar o orvalho santo. E nunca nos esqueçamos de considerar na oração, pois nela nos aproximamos de Deus e nos colocamos em sua presença por duas razões principais. A primeira para honrar a Deus e render-lhe homenagem do que lhe devemos, o que bem podemos fazer sem ela nos falar, nem nós a êle, porque cumprimos êsse dever reconhecendo ser Êle nosso Deus, e nós vís criaturas, prostrando-nos em espírito perante Êle, à espera de suas ordens.

Quantos cortezãos há que vão cem vezes à presença do rei sem lhe falarem, nem o ouvirem ; mas sòmente para que os veja e para lhe testemunharem a assiduidade com que o servem ! E êste motivo de nos prostrar-mos ante Deus para lhe render vassalagem e reconhecimento, é puro, santo, e por conseguinte, de grande perfeição.

A segunda razão pela qual nos lançaremos aos pés de Deus, é para falar com êle e ouví-lo falar por suas inspirações e movimentos interiores ; e de ordinário praticamo-lo com um prazer delicioso, por ser para nós grande bem falarmos com um tal Senhor ; e quando responde, lança mil preciosos bálsamos, que enchem a alma de ternuras.

Ora um dêstes dous bens nunca nos pode faltar na oração. Se podemos falar a Nosso Senhor, falemos-lhe, louvemo-lo, oremos-lhe, escutemo-lo, se não pudermos falar-lhe, reverenciemo-lo. Êle nos verá ; abençoará a

nossa paciência e favorecerá o nosso silêncio. Outras vezes ficaremos encantados por Elle nos tomar da mão e passear pelas avenidas do jardim da oração; e quando não o faça, contentemo-nos, que é o nosso dever de entrarmos no seu séquito, pois já é uma grande graça e honra o admitir-nos à sua presença.

Vêde, vo-lo peço, como se lamenta esta pobre alma; o seu desconsôlo até lhe transluz no rosto; tem um ar abatido e melancólico e está pensativa e confusa. Que tendes? lhe perguntamos nós. «Ah! que tenho? Estou abatida e tão lânguida, que nada me satisfaz e tudo me desgosta; quase que perco a coragem de aspirar mais à perfeição.

Meu Dens, que abatimento! Faltam ao mesmo tempo a consolação e a coragem. Não se deve fazer assim; mas quanto mais Deus nos privar da consolação tanta mais fidelidade lhe devemos testemunhar. Um só ato feito com fraqueza de espírito vale mais do que muitos feitos com consolação, poque se faz com um amor mais forte embora não seja terno nem agradável. Nada digo do vosso coração, porque não tem lágrimas; não, porque o pobre coração não pode, e isto não provém da falta de resoluções e afetos de servir a Deus; mas de paixão sensível, que não depende do coração, mas de disposição que não nos é dado procurar. Porque da mesma forma que neste mundo não podemos fazer com que chova ou deixe de chover, à nossa vontade, também não podemos chorar quando queremos por devoção, nem deixar de chorar quando chega a impetuosidade das lágrimas. Não temos disso a culpa; mas é a providência de Deus que quer conduzir-nos por terra

e por desertos, e não por água; assim como quer acostumar-nos ao trabalho e às penas. Conservai o vosso coração firmemente unido a Deus, que não há situação melhor.

3. Deixai as vossas inquietações fastidiosas e não digais que nada fazeis na oração. Pois que quereis vós fazer senão apresentar a Deus o vosso nada e miséria?

O melhor pedido que nos fazem os mendigos é apresentarem-nos as suas úlceras e necessidades. Algumas vezes, porém, dizeis vós, nem isso fazemos; deixamo-nos ficar como um fantasma ou uma estátua. Pois bem, isso mesmo já não é pouco. Nos palácios dos reis collocam-se estátuas, que só servem para lhes recrear a vista. Contentai-vos pois de servirdes de estátua na presença de Deus, e êle, quando lhe agradar, animará essa estátua.

4. Perguntais-me como fareis para irdes diretamente a Deus, sem olhar para a direita nem para a esquerda. Esta palavra me é tanto mais agradável, quanto tem em si mesma a resposta. Fareis isso mesmo; dirigir-vos-eis a Deus, sem olhardes para a direita nem para a esquerda.

Não é isso o que perguntais, bem sei; mas como podereis unir por tal fôrma o vosso espírito a Deus, que nada o demova?

Para isto são necessárias duas cousas: morrer e salvar-se; porque depois não haverá separação e o vosso espírito estará indissolúvelmente unido a Deus.

Dizeis-me que ainda não é isso que perguntais; mas sim o que fareis para que nem uma mosca retire de Deus o vosso espírito, como muitas vezes acontece.

Quereis provavelmente dizer a menor distração; mas deveis saber que a distração não nos retira de Deus, porque Deus só se retira pelo pecado; e a resolução de ter sempre unido a Deus o espírito, consegue isso, ainda quando dormimos, porque o fazemos em nome de Deus e segundo a sua santíssima vontade. Os próprios pecados veniais não nos afastam do caminho que conduz a Deus; fazem-nos deter um pouco, mas não nos afastam, e muito menos as distrações. (1)

5. A oração não nos é menos útil, nem menos agradável a Deus, em razão de nós nela termos distrações; pelo contrário, ser-nos-á mais útil do que se nela tivéssemos consolações, por termos mais trabalho, contanto que nos esforcemos por afastar essas distrações e não demorem nelas o espírito voluntariamente. Digo o mesmo relativamente a conservarmos o espírito fixo em Deus pelo dia adiante, fazendo-o retirar de correr atrás das distrações e tendo paciência, não nos cansando dêste trabalho, que é sofrido por amor de Deus.

Convém distinguir entre Deus e o sentimento de Deus, entre a fé e o sentimento da fé. Uma pessoa que vai sofrer por Deus o martírio não pensa todo êsse tempo sempre em Deus; e embora não tenha então o sentimento da fé, não deixa por isso de merecer e fa-

(1) Oh Deus! que alegria para uma alma não ter entre as aflições e desânimos outro apôio senão o do seu Deus! O nosso sumo bem reside em sua santa vontade. Conduza-nos pois, segundo lhe agradar, pelo caminho do temor ou da esperança. Um ou outro serão os mesmos, porque devemos procurar seguir o que lhe agrada e não estar a considerar por onde Ele nos leva.

zer um ato de grande amor. Da presença de Deus podemos dizer o mesmo. Contentemo-nos de considerar que Ele é nosso Deus e nós criaturas fracas, indignas dessa honra, como fazia S. Francisco, que passou uma noite inteira, dizendo a Deus: «Quem sois vós e quem sou eu?»

Aquêlê que orando percebe que ora, não está perfeitamente atento a orar: porque retira ao seu pensamento de Deus, para o aplicar à oração. O grande cuidado que muitas vezes temos em não ter distrações já é uma grande distração; a simplicidade nas ações espirituais é a qualidade mais recomendável. Quereis contemplar a Deus? Contemplai-o e estai atentos a isso; porque se refletirdes e voltardes os olhos para verdes o rosto que tendes ao contemplá-lo, não é já a Ele que contemplais, mas a vós. O que está em fervorosa oração, não repara se está em oração, ou não; porque não pensa na oração que faz, mas em Deus a quem a faz. O que arde em amor sagrado, não volta o coração para saber o que faz; mas tem-no occupado em Deus, ao qual applica o amor. O cantor celeste tem tanto gôsto em agradar ao seu Deus, que nenhum prazer sente na melodia da sua voz, senão porque ela agrada a Deus.

XIV

Do proveito espiritual que podemos tirar das nossas faltas

1. O orgulho é um mal tão comum nos homens, que nunca podemos pregar de mais a prática da santa virtude. Ora a humildade é o reconhecimento voluntário da nossa abjeção. Este conhecimento do nosso nada

não nos deve inquietar, mas abaixar, dulcificar e humilhar. É o amor próprio que nos faz impacientar de sermos vís e abjetos.

Mas eu sou tão miserável, tão cheio de imperfeições! Conheceis isso bem? Pois bem, dizei a Deus, por vos dar êsse conhecimento, e não vos lamenteis. Sois bem felizes por conhecerdes que só sois miséria. É preciso confessar a verdade: somos pobres que nenhum podemos fazer.

Digo-vos pois que sereis fiéis se fordes humildes. — Mas serei eu humilde? — Sim, se quizerdes. — Mas eu quero. — Logo se-lo-eis. — Mas eu sinto bem que o não sou. — Tanto melhor; é sinal de que o sois.

As nossas imperfeições ao tratar dos assuntos interiores como exteriores, são uma grande causa da humildade; e a humildade nutre e produz a generosidade. Nosso Senhor permite a nossa fraqueza em encontros pequenos para nos humilhar e provar que, se vencemos grandes tentações, não foi por nossa fôrça, mas pela assistência da divina bondade. Tende paciência. Se Deus vos deixar escorregar é para vos provar que cairíeis se Elle vos não segurasse.

Deus curou súbitamente a alguns, como fez à Madalena, sem lhe deixar vestígio algum de enfermidade; a qual, sendo um charco de água corrupta, foi transformada em uma fonte de água de perfeição e desde êste momento não foi inquietada. Mas também êste Senhor deixou em vários dos seus discípulos muitos sinais de suas más inclinações, algum tempo depois da sua conversão, como succedeu a S. Pedro, que desde a primeira vocação caiu muitas vezes em imperfeições, e

uma vez caiu miseravelmente pela negação. Salomão diz que a criada que se torna senhora é um animal insolente. Da mesma forma, a alma dominada sempre pelas paixões, e que se visse rapidamente livre delas e sua dominadora, tornar-se-ia vã e insolente. É preciso que adquiramos êste domínio pouco a pouco; foi para essa conquista que os santos e santas tantos anos trabalharam.

2. Conservai-vos em paz, sofrendo com paciência as vossas pequenas misérias. Pertenceis sem reserva a Deus e êle vos guiará bem, porque se Êle vos não livra súbitamente das vossas imperfeições, é para vos livrar com mais utilidade; é para vos exercitar na humildade; é para serdes mais firmes nesta querida virtude.

Deveis, conforme já vos disse, estar muito afeiçoados à prática da fidelidade, para com Deus, e à da humildade; da fidelidade, para renovardes as resoluções de servirdes a divina bondade, logo que a ela falteis; da humildade para reconhecerdes a vossa abjeção e miséria, quando violardes esta virtude.

Os que aspiram ao amor puro de Deus não teem necessidade de tanta paciência com os outros, como consigo mesmo. Convém, para chegar à perfeição sofrer com paciência e não amar. A humildade nutre-se com êste sofrimento. Todos temos defeitos e não nos deve espantar o encontrá-los; porque se passa algum tempo sem cairmos em alguma falta, virá outro tempo em que caíamos a cada passo em imperfeições do que nos devemos aproveitar para nossa humilhação.

3. Se fosse possível sermos tão agradáveis a Deus sendo imperfeitos, como sendo perfeitos, deveríamos de-

sejar ser imperfeitos, para desta forma alimentarmos em nós a santa humildade. Contudo, notai bem o que vou dizer-vos: embora estimemos a abjeção que se segue ao mal, não devemos contudo deixar de remediar o mal. Farei o que puder para não ter um cancro na face; mas, se o tiver, estimarei a humilhação que daí provém. Em materia de pecado, devemos ter esta regra: desregrei-me nisto ou naquilo; se uma das cousas se podesse separar da outra, tiraria o mal do pecado, estimaria a humilhação.

4. A purga ordinária dos corpos ou dos espíritos não se faz senão pouco a pouco, por gráus, com trabalho e vagar. Os anjos tem asas na escada de Jacó, e não voam, mas sobem a escada degrau a degrau. A alma que sobe do pecado à devoção é compáravel à aurora, que, ao nascer, não repele as trevas de repente, mas pouco a pouco. A cura, diz o aforismo, que se faz com vagar, é sempre sólida. As doenças da alma, como as do corpo, chegam depressa; mas retiram-se vagarosamente.

Convém pois ter paciência e não procurarmos curar em um dia tantos maus hábitos, que temos contraído pelo pouco cuidado que temos tido na nossa saude espiritual; se a fôrça da tormenta nos transtorna o estômago e nos faz voltar a cabeça, não nos admiremos; mas, logo que podermos, tomemos coragem, e anime-mo-nos a praticar o bem.

Levantai pois o vosso coração quando êle cair; mas docemente, humilhando-vos ante Deus pelo conhecimento da vossa miséria, sem contudo vos admirar a vossa queda, porque não é de admirar que a enfermidade seja doença, a fraqueza seja fraca e a miséria vil.

Aborrecei contudo com todas as fôrças, a ofensa que Deus de vós recebeu, e com uma grande coragem e confiança na sua misericórdia, colocai-vos no caminho da virtude que abandonastes.

É preciso entristecermos-nos pelas faltas cometidas, com um arrependimento forte, constante, tranquilo, mas não turbulento, nem inquieto e desanimador. Nada nos deve entristecer e afligir, a não ser o pecado; e mesmo esta aflição deve misturar-se com a alegria e consolação santa na misericórdia divina. Quem pertence a Deus não se contrista senão por tê-lo ofendido; e esta tristeza transforma-se em humildade e submissão simples e tranquila, e depois elevamo-nos à divina bondade por uma doce e perfeita confiança sem cuidado nem despeito.

Tende um extremo cuidado em não desanimar quando cometeis alguma falta; mas humilhai-vos prontamente ante Deus, com uma humildade doce e amorosa, que vos mova à confiança de recorrer prontamente à sua bondade, ficando certos de que ela vos ajudará. Quando vos aconteça cairdes em faltas, sejam quais forem, pedi docemente perdão a Deus, dizendo-lhe que estais bem certos de que Elle vos ama e perdoará. A desconfiança que tendes de vós mesmos é boa, contanto que sirva de fundamento à confiança que deveis ter em Deus; mas se vos levar ao desalento, inquietação e melancolia, peço-vos que a rejeiteis como tentação das tentações e nunca permitais ao vosso espírito que dispute ou replique em favor do abatimento, da inquietação do coração, a que estais inclinado, embora seja com o especioso pretexto de humildade.

É necesssário ter uma coragem invencível para não nos cansarmos, porque sempre tivemos a fazer alguma cousa. Não vêdes as pessoas que aprendem todos os dias a jogar armas, ou as que a aprendem montar a cavalo como caem, ou se ferem muitas vezes? Mas nem por isso se consideram vencidas, porque uma cousa é estar abatido ou ter caído, e outra, é ser vencido totalmente.

Algumas quedas, ou pecados mortais, contanto que não seja com desígnio de neles adormecer não nos impede o progresso da devoção, a qual, embora se perca pecando mortalmente, recobra-se contudo com o primeiro arrependimento que tenhamos do pecado, não nos conservando nele muito tempo. Convém não perder animo, mas olhar a enfermidade com uma santa humildade, acusarmo-nos, pedirmos perdão e invocarmos o socorro celeste. Nada de desalento; porque embora sejamos miseráveis, Deus ainda é muito mais misericordioso para aquêles que tem vontade de o amar e que collocaram nele as suas esperanças.

5. Esta frase célebre entre os antigos: «Conhece-te a ti mesmo», embora se entenda da grandeza e excellência da alma para não a profanar e aviltar com cousas indignas da sua nobreza, tambem se entende do conhecimento da nossa vileza, imperfeição e miséria: porque, quanto mais miseráveis nos julgarmos, tanto mais confiaremos na bondade e misericórdia de Deus; porque entre misericórdia e a miséria há uma ligação tão grande, que não se pode exercer uma sem a outra. Se Deus não tivesse criado o homem, teria sido bom; mas não seria atualmente misericordioso, porque a mi-

misericórdia só se exerce com os miseráveis. Bem vêdes pois que quanto mais miseráveis nos acharmos, mais ocasião temos de confiar em Deus, porque em nós nada podemos confiar. A desconfiança em nós mesmos provém das nossas imperfeições. E' boa esta desconfiança; mas de nada serviria senão para nos lançarmos nos braços da misericórdia divina.

As faltas e infidelidade que cometemos diàriamente devem-nos emvergonhar quando nos aproximar-mos de Nosso Senhor; e assim nós lemos que houve grandes santas, como Santa Catarina de Sena e Santa Tereza, que ficavam muito confusas quando cometiam alguma falta; também é de razão que, quando ofendermos a Deus, nos retiremos um pouco, por humildade, e fiquemos confusos; porque se ofendêssemos um amigo teríamos vergonha de lhe aparecer. Mas não devemos permanecer assim muito tempo, porque é pelas virtudes da humanidade, abjeção e confusão, que devemos subir à união da nossa alma com Deus. De nada serviria aniquilarmo-nos e despojar-nos a nós mesmos (o que se faz por atos de confusão) se não fosse para nos entregarmos de todo a Deus, como o ensina S. Paulo, quando diz: «Despí-vos do homem velho e vestí-vos do novo», (*Coloss.* III, 9-10). Êste pequeno afastamento de Deus não se faz senão para nos entregarmos a Êle com mais amor e confiança. Eis aí pois, para conclusão dêste ponto, porque razão convém que nos confundamos ao conhecermos as nossas imperfeições e misérias; mas não nos devemos demorar pois cairíamos no desalento, mas sim elevarmos a Deus nosso coração com uma santa confiança, cujo fundamento deve estar nele e não em nós; porque embora

nós mudemos, Elle não muda e fica sendo tão bom e misericordioso quando estamos fracos e imperfeitos, como quando estamos fortes e perfeitos.

Acostumei-me a dizer que o trono da misericórdia de Deus é a nossa miséria. E' preciso que a confiança seja tanto maior, quanto maior for a miséria.

E' um coração tão doce, suave, condescendente e amoroso para com as criaturas miseráveis, contanto que reconheçam as suas misérias, tão gracioso para com os miseráveis e tão bom para com os penitentes! Quem não amará êste coração tão real, tão paternalmente materno para conosco?...

Ora, pois, alegrai-vos; Nosso Senhor contempla-vos e contempla-vos com amor, e com tanta mais ternura quanto mais enfermos. Nunca permitais ao vosso espírito nutrir voluntariamente idéias contrárias, e quando vos assaltem, não as olheis de frente; voltai os olhos da sua iniquidade, dirigidos a Deus com uma corajosa humildade para lhe falardes da sua bondade inefável, por virtude da qual ama a nossa, abjeta e vil natureza humana, não obstante as suas enfermidades.

Glorificai-vos de nada serdes; estai contentes, porque a nossa miséria serve de objeto à bondade de Deus para exercer a sua misericórdia. Entre os pobres, os mais miseráveis e cujas chagas são maiores e mais repelentes entendem ser os melhores e mais próprios para obterem a esmola. Nós somos pobres; os mais miseráveis são os que estão em melhores condições; a misericórdia de Deus contempla-os com mais vontade.

Humilhemo-nos e anunciemos as nossas chagas e misérias à porta do templo da piedade divina; mas cui-

demos em anunciá-las com alegria, consolando-nos por estarmos vãos, porque Nosso Senhor nos encherá do seu reino. A melhor súplica que nos pode fazer um necessitado, é expor-nos às suas necessidades e mostrar-nos as suas chagas.

Quanto à absolvição dos vossos pecados de tantos anos, deveis saber que Deus, por sua bondade, os apagou no mesmo instante em que lhe entregastes o coração, pela resolução que a sua inspiração vos fez tomar de não viverdes senão para Ele. Contudo podeis útilmente repetir a oração que fazia aquêlê penitente: «Senhor, lavai-me da minha iniquidade e limpai-me do pecado.» (*Psalmo 1., 4*) portanto que seja com uma confiança verdadeira e simples nessa bondade soberana, estando certos de que não vos faltará a sua misericórdia.

Animai muita vezes o vosso coração com uma santa confiança, ligada a uma humildade profunda, dizei a Nosso Senhor: «Eu sou miserável, Senhor! E vós recebereis a minha miséria no seio da vossa misericórdia e me conduzireis com a vossa mão paternal até o gozo da vossa herança. Eu sou vil, e miserável; mas vós amar-me-eis nesse dia (da minha morte) porque confiei em vós e desejei ser vosso.»

5. Quando tivermos defeitos examinemos imediatamente o nosso coração e perguntemos-lhe se não tem uma resolução viva e firme de servir a Deus; é de supor responda que sim, e que antes queria sofrer mil mortes do que separar-se desta resolução. Perguntemos-lhe logo: «Porque vacilas pois? Porque és tão covarde? — «Ele responderá: «Fui surpreendido, não sei como, mas agora estou pesaroso.» — Ah! é preciso per-

doar-lhe; não é por infidelidade que peca; é por enfermidade. Convém pois corrigi-lo doce e pausadamente e não atormentá-lo e confundí-lo mais. Preparai a vossa alma para a tranquilidade logo de manhã; tendo um grande cuidado no decorrer do dia, de lho recordar. Se vos acontecer algum desgosto, não vos assusteis, nem encolerizeis; mas logo que o notardes, humilhai-vos diante de Deus, colocai o vosso espírito em posição suave, e dizei à vossa alma: «Demos um passo em falso; caminhemos agora bem e tenhamos cuidado.» E fazei o mesmo quantas vezes cairdes.

Convém pois ter desgostos das nossas faltas; mas seja moderado e firme. Porque assim como um juiz castiga melhor os criminosos, dando as sentenças com serenidade do que dando-as com ira e paixão, porque então não castiga as culpas, mas os culpados, da mesma forma castigaremos melhor as faltas sejam quais forem, com um arrependimento sereno e firme, do que com arrependimento áspero e colérico, tanto mais que êstes arrependimentos coléricos não se fazem segundo a gravidade das nossas faltas, mas segundo as nossas inclinações. Assim como as repreensões dum pai, feitas com doçura e cordialidade teem mais poder sôbre um filho para o corrigirem do que as iras e cóleras; assim também quando reconhecemos em nosso coração alguma falta e o repreendemos com doçura e mansidão, temos com êle mais compaixão do que ira, e o arrependimento tocar-lhe-á melhor do que se o repreendêssemos com ira e aspereza. Quanto a mim, se tinha, por exemplo, grande gôsto em não cair no vício da vaidade, quando nele caísse não lhe diria: «Não és tu miserável e abo-

minável, que depois de tantas resoluções te deixaste seduzir pela vaidade? Morre de vergonha, não levantes os olhos ao céu cego, imprudente, infame e falso ao teu Deus» e outras cousas semelhantes. Mas corrigí-la-ia moderadamente, dizendo-lhe: «Ora pois; eis-nos caídos no atoleiro, depois de tantas resoluções de nele não cairmos mais.» Ah! Levantemo-nos e deixemo-lo para sempre; imploremos a misericórdia de Deus e esperemos o seu auxílio, para dora avante sermos mais fortes e entrarmos no caminho da humildade. Coragem; dora avante tenhamos cautela. Deus nos ajudará e tornará fortes! E eu quereria edificar sôbre esta repreensão uma resolução firme e sólida de nunca mais cair em pecado, applicando os meios necessários com a aprovação do meu Diretor.

Se alguém não julga que o seu coração se move por esta correção suave poderá empregar uma repreensão dura e forte para excitar uma profunda confusão, conquanto que depois de o repreender ásperamente termine por um alívio, acabando todo o desabafo por uma doce e santa confusão em Deus à imitação daquele grande Penitente, que vendo a sua alma aflita, dizia: «Porque estás triste e tanto te afliges, minha alma? Espera em Deus porque eu o bendirei como meu verdadeiro Senhor.» — Tende por certo que, enquanto cá estivermos, cercados dêste corpo pesado e corruptível há sempre em nós alguma falta.

Queixai-vos de haver na nossa vida muitas imperfeições e faltas contrárias ao desejo que tendes da perfeição e pureza do amor de Deus. Respondo-vos que enquanto na terra, é impossível deixarmo-nos completamente,

E' preciso que nos suportemos até que Deus nos conduza ao céu, e enquanto nos suportamos, não suportaremos cousa que preste... E' regra geral que ninguém será tão santo nesta vida que não cometa alguma imperfeição.

Não pensemos em deixar de comete-las, pois, enquanto vivermos; porque ou sejamos superiores ou inferiores, somos homens e por conseguinte temos todos necessidade de crer nesta verdade como certa, para que não nos admiremos de ser imperfeitos.

Nosso Senhor mandou-nos dizer todos os dias estas palavras que estão no Padre Nosso: «Perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores;» e nenhuma exceção há nesta ordem, porque todos temos necessidade de a cumprir.

XV

Deve-se sofrer com paciência as imperfeições para chegar à perfeição

1. A festa da Purificação não tem oitava; deve durar tôda a vida. E' preciso que tenhamos duas resoluções iguais; uma de ver crescer as más ervas em o nosso jardim; outra de ter a coragem de as ver arrancar e de as arrancarmos nós mesmos. Porque enquanto vivermos viverá o nosso amor próprio, e é êle que produz estas imperfeições. O homem está em tôda a parte e a miséria acha-se ligada como a sombra ao corpo.

Tendes por suspeitos todos êstes desejos, que, segundo o sentimento comum das pessoas de bem, não podem ser seguidos dos seus efeitos. Tais são os dese-

jos duma certa perfeição, que se pode imaginar, mas não praticar, e da qual muitos recebem as lições, mas não seguem a prática. Sabei que a paciência é a que mais nos assegura a perfeição; e se devemos tê-la com os outros, muito mais a devemos ter mesmo conosco. Os que aspiram ao puro amor de Deus, não precisam da paciência para com os outros como para consigo.

Para chegarmos à perfeição convém sofrer as imperfeições; mas sofrer com paciência, e não a amar e acariciar; a humildade sustenta-se com êste sofrimento. Deve-se confessar a verdade; somos pobres e nenhum bem podemos fazer; mas Deus, que é infinitamente bom, contenta-se com as nossas obras e agrada-lhe a preparação do nosso coração (Salmo IX. 38).

Para caminhar bem convém andar com cuidado no primeiro dia e no caminho que vemos perto, e não nos distrairmos a pensar como andaremos no último dia e no caminho que veem longe. Atendei bem ao que vou dizer-vos: «Muitas vezes trabalhamos para sermos bons anjos e não trabalhamos para ser bons homens.»

2. A nossa imperfeição deve acompanhar-nos à sepultura; não podemos andar sem tocar à terra. Não é preciso andar de rastos; mas também não convém voar, porque somos tão pequenos que nem azas temos. Morremos pouco a pouco; pois façamos também assim morrer nossas imperfeições. Caras imperfeições essas, que nos fazem conhecer a nossa miséria, nos exercitam na humildade e desprêzo próprio, na paciência e diligência, e não obstante as quais Deus considera a preparação do nosso coração que é perfeita!

Queixai-vos de ter muitas imperfeições e defeitos contrários ao desejo que tendes da perfeição e da pureza do amor de Deus; mas eu digo-vos que enquanto vivemos não nos podemos deixar completamente.

Oh! Deus! que grande bem para uma alma é o tocar a sua inutilidade! Isto a fortifica e fortalece para o resto da vida. «Que pode saber o que não experimentou?», diz a Sagrada Escritura. Meu Deus, desejaria poder-me confundir a mim mesmo!

Tenhamos paciência e não pensemos poder curar em um dia hábitos que contraimos há anos, pelo pouco cuidado que merece a nossa saúde espiritual. Deus curou alguns de repente sem lhes deixar signal da sua precedente doença; mas a outros inclusivamente aos seus discípulos deixou muitos vestígios das suas imperfeições passadas, e entre outros a S. Pedro, que, depois da sua vocação, caiu muitas vezes em imperfeições e uma vez caiu completamente. (1)

3. Tende paciência e vereis como tudo correrá bem; porque êste querido e doce Salvador das nossa almas não nos dá desejos inflamados de o servir, que não nos dê também comodidade para o fazermos. Sem dúvida, não afasta a hora do complemento dos vossos santos desejos senão para a tornar mais feliz; porque

(1) Para obter a remissão das vossas faltas é mais seguro, depois de a reconhecerdes, voltar-vos para Deus amorosa e humildemente do que conservardes a lembrança delas e encher-vos por ela de temor. Sejam graves ou leves os vossos pecados, tende sempre confiança no Senhor lançando-os no abismo da sua misericórdia para que aí se percam e consumam. Porque «não há condenação para os que estão com Jesus.»

o Coração de Jesus prepara e ajusta todos os envólucros mundanos para os espíritos que o querem servir sem reserva.

A hora que desejais chegará pois no dia em que a Providência divina o decretar nós segredos da sua misericórdia; e então com mil consolações secretas derramareis o vosso coração deante da bondade divina, que converterá os vossos rochedos em água, a vossa serpente em vara, os vossos espinhos em rosas, e rosas odoríferas, que encherão de suavidade o vosso espírito. Pois se é verdade que as nossas faltas enquanto estão nas nossas almas, são espinhos, expulsando-as pela confissão voluntária convertem-se em rosas e perfumes; porque assim como a nossa malícia as entranha em nossos corações, assim também a bondade divina as expulsa. (1)

(1) Depois de termos cometido uma falta, temos mais necessidade de confiar em Deus de que antes; porque estando mais fracos precisamos mais de auxílio e confiança, e esta é a nossa fôrça. Nada pior podíamos fazer ao demônio, do que confiar cada vez mais em Deus. Porque o que o demônio pretende é conservar-nos em um abatimento de espírito, que se aproxima do desespero e que não só é uma falta, mas uma continuação de faltas. Para destruir êste desígnio, excitemo-nos à confiança em Deus, é a maior confiança que podemos ter. Porque não desanimaremos por sermos muitas vezes vencidos? O demônio não cessa de nos atacar, embora o vençamos mil vezes nos combates que nos dá diariamente. Desespera da sua salvação, mas espera a nossa perda. Tudo espera da sua malícia e da nossa fraqueza. Porque não esperaremos nós também tudo da bondade de Deus e das suas graças, que são infinitamente mais poderosas do que tôdas as tentações dos demônios? Nunca exercitamos melhor a nossa confiança, senão quando estamos em grandes perigos ou tribulações. «O coração que mais se entrega a Deus, é o mais bem guardado». — PADRE

Neste mundo não há vinho sem fezes. Convém pois saber o que será melhor: que o nosso jardim tenha espinhos para ter rosas, ou que não tenha rosas para não ter espinhos? Avante pois; por pouco que caminhemos, andaremos sempre. A vossa fraqueza prejudica-vos, privando-vos de entrardes em vós mesmos e aproximar-vos de Deus. Mas Deus assim o permite, para vosso proveito. Ele quer que as vossas misérias sejam trono da sua misericórdia e a vossa fraqueza o trono da sua onipotência. Onde fazia Deus consistir a fôrça divina de que doutou Sansão? Nos cabelos, a parte mais fraca que tinha. Uma alma deve pois servir a Deus, segundo o seu divino agrado, e não segundo os seus gostos sensíveis.

Não percais pois a confiança, porque a bondade celeste não vos deixa cair para vos abandonar, mas para vos humilhar, e para que mais vos apegueis com a sua misericórdia.

5. Fazeis muito bem em continuar os vossos exercícios por entre a tristeza e languidez interior; porque assim como desejamos servir a Deus por puro amor, e o serviço que lhe prestamos enquanto estamos tristes lhe agrada mais do que o que lhe oferecemos quando estamos alegres, assim devemos gostar mais da tristeza do que da alegria; e embora nos agradem mais ao gosto e amor próprio, as amenidades e doçuras, são contudo de mais proveito as asperezas e agruras; assim como para os hidrónicos são melhores os alimentos secos do que os húmidos, embora elles prefiram os segundos. Não permitais que o vosso espírito considere por muito tempo as suas misérias; deixai que Deus

opere, e Elle fará o que vos for conveniente. (1) Não reflitais no que o amor próprio mistura com as suas ações; devemos desprezar êsses assaltos do amor próprio e, desprezando-os duas ou três vezes por dia, temos cumprido. Não é necessário expulsá-los com furor; basta dizermos: «Não».

Tende uma grande coragem: e não a percais pelo estrondo, principalmente nas tentações contra a fé. O nosso inimigo é um grande fanfarrão; não vos afadigueis, porque não vos pode fazer mal; não disputeis

(1) Eis a êste respeito bons conselhos dum mestre da vida espiritual:

«Não nos admiremos de em nós encontrarmos tantas faltas, tantas misérias, tantos defeitos, depois de tantos anos empregados no serviço de Deus; e não percamos por isto a coragem. Mostraremos por êste desânimo que não temos progredido no conhecimento da nossa fraqueza e corrupção; no desprezo de nós mesmos; no desejo de nos emendarmos das nossas faltas, e que estamos muito longe de dar à bondade de Deus e à graça de Jesus Cristo todo o louvor que lhe devemos. Quando cairmos pensemos em Deus e não nos homens: demos glória à verdade e à justiça; confessemos humildemente que é isso o que podemos esperar da nossa corrupção; demos-lhe graças por não andarmos pior; acantelemo-nos contra os embustes do inimigo que se esforça para dar-nos maior queda pelo despeito, vergonha e aborrecimento. Levantemo-nos em paz; e olhemos a indignação e cólera de que contra nós estamos possuídos, como piores do que o mal que lamentamos. Um filho que se aflige por ter ofendido sua Mãe, ainda a ofende supponho que lhe não perdoará a ofensa, e que por isso só desherdará. Persuadamo-nos pois que a desconfiança na bondade divina e no seu auxílio, seja para obter o perdão, seja para nos emendarmos das nossas faltas, desagrade mais a Deus e o injuria mais do que os próprios pecados que deram lugar à desconfiança e desalento.

com êle; escarnecei-o porque isso nada vale. Bem gritou êle em redor dos santos, fazendo grande algazarra; mas que! ei-los assentados no lugar que o miserável perdeu!

XVI

O justo cai e levanta-se sem o notar

1. Na Escritura não se diz que o justo se sente cair sete vezes ao dia; mas cai sete vezes; portanto, levanta-se sem atender a isso. Não vos inquieteis pois por isso; mas dizei humilde e francamente o que tiverdes notado; e entregai-vos à doce misericórdia d'Aquele que põe a mão debaixo dos que caem sem malícia, para que se não magoem, e levanta-os depressa e com tanta doçura, porque os sustentou a mão de Deus, nem percebem que se levantaram, porque Deus os fez levantar tão depressa, que nem tempo tiveram para nisso reparar.

2. Sede como as criancinhas; quando sentem que a mãe as segura pelas mangas, caminham com desembaraço, correm, e não se importam dos tropeções provenientes da fraqueza das pernas. Assim, enquanto notardes que Deus vos segura pelas resoluções que vos concedeu de o servirdes, caminhai sem receio, e não [vos amedronteis dos vossos tropeções.

Não nos devemos afligir, contanto que, com certos intervalos, nos lancemos nos seus braços e lhe demos o ósculo da caridade. Ide sempre com o coração franco e, se não podeis ir com alegria, ide ao menos com coragem e confiança. Nosso Senhor faz conosco o que faz um bom pai ou mãe, quando deixa andar só o fi-

lhinho em um prado onde a herva é alta e macia, porque se cair, nenhum mal lhe acontece; mas nos caminhos perigosos, leva-o cautelosamente ao colo.

Temos visto almas vencerem corajosamente grandes assaltos e deixarem-se cair em combates pequenos. E porque é assim? É porque Nosso Senhor, vendo que a queda pouco mal lhes fazia, deixou-as ir sós; o que não faz quando passam pelos princípios das grandes tentações, donde as aparta por sua poderosíssima mão. (1)

XVII

Como Deus ama os santos, a-pesar-de seus defeitos e imperfeições

1. Todo o homem, por mais santo que seja, tem imperfeições, visto que foi feito do nada; de forma que

(1) «Deus cuidará da alma dos que o temem» diz o Espírito Santo: «Sustenta-os para que não caiam e assiste-lhes quando caem. Eleva as suas almas pelo próprio sentimento das suas quedas; esclarece-lhes a vista; extrai a luz das próprias trevas; dá-lhes a saúde, a vida, a bênção, e serve-se das suas enfermidades e quedas contínuas para as fortalecer na saúde e na vida. É assim que se cumpre a palavra do Profeta: 'Quando o justo cair não se ferirá; porque o Senhor coloca-lhe a mão por baixo para não cair de todo e levantá-lo melhor.

A melhor vantagem que Deus concede aos justos pelas suas próprias quedas e imperfeições, é uma humildade mui firme e profunda. A maior e mais perigosa das suas doenças é o orgulho e o vão e secreto agrado das suas virtudes. É para os preservar desta doença mortal que Deus sofre neles tantos defeitos e imperfeições, para que se não ensobrem.

não prejudicamos aos santos, se, ao narrarmos as suas virtudes, contamos também os seus pecados e imperfeições. Aquêles que occultam os defeitos e faltas dos santos, com o pretexto de os honrar, fazem mal, porque não contam o princípio da sua conversão, com medo que diminua assim a estima em que temos a sua santidade. Todos os grandes santos, escrevendo as vidas doutros santos, narraram sempre as faltas e imperfeições, pensando, e com razão, dar nisto tanta glória a Deus e aos seus mesmos santos como narrando as suas virtudes.

O grande S. Jerônimo, escrevendo em epitáfio, os louvores e as virtudes de Santa Paula, explica claramente as suas imperfeições, condenando com tôda a lisura muitas das suas ações e sendo sempre claro e sincero ao escrever as suas virtudes e defeitos, pois sabia que uma cousa lhe era tão útil como a outra; porque vendo os defeitos dos santos e a sua vida, basta-nos, para conhecermos a vontade de Deus, que lhes perdoou; e nos ensina a evitá-los e a fazer deles penitência como os santos fizeram, assim como lemos as suas virtudes para o imitar. (1)

(1) «Há santos, diz um grande servo de Deus (M. Boudon), que não deixam de cometer faltas e talvez mais do que outras pessoas de virtude medíocre; mas contudo há uma grande diferença entre estas almas. Porque umas, embora tenham muitos defeitos, nenhum é voluntário, e antes quereriam morrer do que cometer a menor imperfeição com plena advertência; estão com um verdadeiro desígnio como diz Santo Agostinho, de chegar à mais alta santidade e praticar virtudes heróicas e admiráveis. As outras embora mais insentas de defeito, estão muito afastadas da perfeição dêste amor.»

2. Quando os mundanos querem elogiar as pessoas que estimam, contam sempre as suas graças, virtudes, perfeições e excelências, dando-lhes todos os títulos e dignidades honrosas, procurando encobrir os seus pecados e imperfeições, e esquecendo tudo o que os poderia tornar desprezíveis. Mas a Santa Igreja nossa mãe faz o contrário; porque embora ame muito os seus filhos, contudo, quanto os quer louvar e exaltar, conta exatamente os pecados que cometeram antes da conversão, para dar mais honra e glória à majestade dAquele que os santificou, fazendo brilhar sôbre êles a sua infinita misericórdia, pela qual os levantou da sua miséria e pecados, enchendo-os de graça e dando-lhes o seu santo amor, afim de chegarem à santidade.

3. E' fora de dúvida que a Igreja, contando e escrevendo os pecados dos santos, não tem intenção senão de nos mostrar que não quer que nos admiremos e aterremos com os pecados passados e as misérias presentes, contanto que tenhamos uma resolução firme e inabalável de pertencer a Deus, e de abraçar a perfeição, e todos os meios que nos podem adiantar no amor divino, fazendo com que esta resolução seja eficaz, e produza obras. As nossas misérias e fraquezas, em vez de nos aterrarem, devem-nos humilhar e lançar nos braços da misericórdia divina, que será tanto mais glorificada, quanto maiores forem as misérias, contanto que delas nos emendemos; o que devemos esperar mediante a graça de Nosso Senhor.

O grande S. Crisóstomo, falando de S. Paulo, louva-o o mais que pode e fala dele com tanta honra e estima, que é cousa admirável a narração das virtudes, graças,

prerrogativas, excelências e perfeições de que Deus encheu a alma daquele santo apóstolo; mas, após isto, êste mesmo Doutor, para mostrar que estas graças não veem dele mas da infinita bondade de Deus, fala também dos seus defeitos, e narra com exatidão os seus pecados e imperfeições.

Vêde, diz êle, como êste grande perseguidor da Igreja, Deus fez um vaso de eleição, e como transformou êste grande pecador, fazendo dum lobo uma ovelha; vêde como encheu de graças a êste ambicioso e iracundo, tornando-o tão submisso, que chega a dizer: «Senhor! que vos agrada que eu faça?» e tão humilde, que diz ser o menor dos apóstolos e o maior dos pecadores; que se faz tudo para todos, é para os ganhar para Jesus: «Quem está doente, diz êle, com o qual eu não esteja doente? Quem está triste, com o qual eu não me entristeça? Quem está alegre, com o qual e não me alegre também? Quem se scandaliza, com que eu não me scandalize?» Os antigos Padres, ao contarem a vida dos santos, eram exatos em contar os pecados e faltas deles, para exaltarem e glorificarem a bondade divina, fazendo ver a eficácia da graça por cujo meio se converteram.

XVIII

Da boa e má tristeza

1, A tristeza pode ser boa ou má.

«A tristeza que vem de Deus, diz S. Paulo, opera a penitência para a salvação; e a tristeza que vem do mundo, opera a morte». A tristeza pode pois ser boa

ou má, segundo os efeitos que em nós produz. É verdade que há mais efeitos máus do que bons; porque só há dous bons: misericórdia e penitência; e seis máus: angústia, preguiça, indignação, inveja, impaciência e ciúme. É por isso que diz o sábio: «A tristeza mata muita gente, e nada com ela ganhamos»; porque há dous bons regatos que dele provém, há seis máus.

O inimigo serve-se da tristeza para exercitar a perseverança dos bons; porque, assim como procura alegrar os máus no pecado, procura entristecer os bons nas boas obras; e assim como não pode atrair para o mal senão tornando-o agradável, também não pode afastar do bem, senão tornando-o aborrecido.

O demônio só pede tristeza e melancolia; porque assim como êle está para tôda a eternidade triste e melancólico, assim desejaria que todos o estivessem também.

A tristeza má perturba a alma e inquieta-a, incute-lhe temores desregrados, afasta-a da oração; atormenta o cérebro, e priva a alma do conselho, resolução, juízo e coragem, absorvendo-lhe completamente as forças. Em breve tempo estará como um rigoroso inverno, que apaga tôda beleza da terra e atormenta todos os animais; porque priva a alma de tôda a consolação e torna impotentes as suas faculdades. (1)

(1) A tristeza má abate a alma, faz perder a confiança em Deus, o gôsto da oração e dos outros santos exercícios, e procura os recreios exteriores, para se distrair do que interiormente sofre. A tristeza boa, pelo contrário, se quereis dar o nome de tristeza a esta pena cristã, conduz à oração e ao fervor no serviço de Deus, derrama na alma uma unção divina, e faz-lhe procurar a solidão e conversar com Deus, único no qual acha a sua consolação.

2. O rei Davi não se queixá só da tristeza, quando diz: «Porque estás triste, minha alma?», mas somente do custo e da vacilação, dizendo: «Porque te perturbas?» A tristeza boa deixa uma grande paz e tranquilidade no espírito. E' por isso que Nosso Senhor, dizendo aos seus apóstolos: «Vós estareis tristes», acrescenta: «não se perturbe o vosso coração; nada temais.» Eis que a minha grande amargura está em paz», diz Isaias.

A tristeza má vem como saraiva, com uma mudança inopinada e grandes terrores e impetuosidades, e de repente, sem que se possa dizer donde vem, porque não se deixa advinhar. Entretanto que a tristeza boa chega docemente à alma, como uma chuva fina, que tempera os ardores das consolações, e com algumas razões precedentes.

A tristeza má perde o coração e atormenta-o torna-o inútil, fazendo-lhe perder o cuidado das boas obras, como diz o Salmista, e como Agar, que deixou o filho debaixo da árvore para chorar. A tristeza boa dá fôrça e coragem, e não deixa nem abandona um bom desígnio; esta foi a tristeza de Nosso Senhor, que embora fosse a maior que existiu, não lhe impediu a oração nem o cuidado dos seus apóstolos. E Nossa Senhora, tendo perdido seu filho, ficou muito triste; mas nem por isso deixou de o procurar com diligência, como também fez Madalena, sem se demorar a lamentar-se e chorar inútilmente.

A tristeza pecaminosa obscurece o entendimento, priva as almas de conselho, de resolução e discernimento, como succede àqueles de quem diz o Salmista que «os perturbaram e abalaram como um ébrio, e fica-

ram privados de sabedoria.» (Salmo CVI, 27). Procuram-se remédios aqui e além, confusamente sem tino e às apalpadelas. A tristeza santa abre o espírito, torna-o claro e luminoso, e como diz o Salmista, dá inteligência.

A pecaminosa impede a oração e a contemplação, e faz desconfiar da benignidade divina; pelo contrário a santa fortalece-nos na bondade de Deus, e impele-nos a invocar a sua misericórdia. «As tribulações e angústias perturbaram-me; mas os vossos mandamentos foram a minha meditação.»

Em suma, os que estão possuídos da tristeza pecaminosa mergulham-se em uma infinidade de horrores, erros e temores inúteis, receando ser abandonados por Deus de incorrerem na sua desgraça e de se lhe não apresentaram para lhe pedir perdão. Tudo lhe parece contrário à sua salvação; são como Caim, que pensava que todos os que encontrava o queriam matar. Julgam que Deus será injusto e severo só com elles por tãda a eternidade; pensam que os outros são muito mais felizes do que elles. E' da soberba que provém tal crença a qual lhes persuade que deveriam ser muito melhores do que os outros e mais perfeitos do que ninguém. (1)

(1) Compreendei que a tristeza para nada é útil; e que em vez de remediar o mal, torna-se um mal muito maior; arruina a saude; abrevia a vida; põe em perigo a nossa eterna salvação torna-nos desagradáveis a Deus, aos homens e a nós mesmos. Ninguém gosta de nos ver triste, senão os nossos inimigos, e sobretudo os inimigos da nossa salvação; neste caso tornamo-nos o flagelo do próximo, aflição dos amigos, o escárneo dos inimigos e do mundo todo. Se

3. A tristeza santa, porém discorre assim: «Sou uma criatura miserável, vil e abjeta: logo Deus usará de misericórdia para comigo; porque a virtude acrisola-se na doença, e não se aflige por ser pobre, miserável.

Ora, o fundamento da opposição que se oferece entre a boa e a má tristeza, é que o Espírito Santo é o autor da tristeza santa e por ser o único consolador, as suas operações trazem consigo luz e claridade. Por consequência, essas operações são inseparáveis do verdadeiro bem; porque «os frutos do Espírito Santo, diz S. Paulo, são: caridade, gôzo, paz, paciência, benignidade, longanimidade.»

Pelo contrário, o espírito maligno, autor da má tristeza, (porque não aludo à tristeza natural que tem mais necessidade de medicina do que de teologia) é um verdadeiro estrago, tenebroso e aniquilador, e os seus frutos só podem ser: ódio, tristeza, inquietação, pezar, malignidade e desalento. Ora todos os sinais da tristeza má são os mesmos que os do mau temor.

XIX

Como a tristeza é contrária ao amor divino

1. Não podemos enxertar um carvalho em uma pereira, porque são muito diferentes uma da outra; da mesma forma não podemos enxertar a cólera e a desesperação

estamos sós, mergulhamo-nos no enfado e aborrecimento; se nos entregamos às nossas ocupações, não as cumprimos bem e para nada servimos. Tudo nos desgosta e enfastia. O tempo dura muito para nós e a vida torna-se-nos insuportável.

na caridade. Não sei que utilidade tira do desespero o amor divino, a não ser que reduzamos dessa desesperação a justa desconfiança de nós mesmos ao sentimento que devemos ter de nosso nada, da fraqueza e inconstância dos favores, assistência e promessas do mundo. (1)

E como pode ser útil a caridade e a tristeza se entre os dons do Espírito Santo, a alegria está a par da caridade? Contudo o Santo Apóstolo diz: «A tristeza que vem de Deus opera a penitência para a salvação: mas a tristeza mundana opera a morte.» Há pois uma tristeza, segundo Deus, que os pecadores exercem pela penitência dos pecados, os bons pela compaixão e pelas misérias temporais do próximo, e os perfeitos, pela condolência das calamidades espirituais das almas. Assim Davi, S. Pedro e Santa Madalena choraram pelos seus pecados; Agar chorou, vendo o seu filho quase a morrer de sede; Jeremias sobre a ruina de Jerusalém; Nosso Senhor à cerca dos judeus, e o seu grande apóstolo, gemendo, dizia: «Andam muitos, já vos tenho dito e de novo repito, que são inimigos da Cruz de Jesus Cristo.»

(1) «Tende piedade de vossa alma, tornando-a agradável a Deus; reprimi todos os desejos maus, reuni a santidade de Deus todos os sentimentos do vosso coração, e lançai para longe a tristeza, porque já tem dado a morte a muitos, e não é de utilidade alguma». Eis o conselho do sábio, ou antes, do Espírito Santo.

Não vos aterreis; as misérias e fraquezas são doenças; mas o desalento é uma espécie de morte.

A tristeza só serve para tornar fortes as mais pequenas tribulações da vida,

Há também uma tristeza mundana, que provém de tres causas :

1.^a Provém do inimigo infernal, que por mil pensamentos tristes, melancólicos e enfadonhos, obscurece o entendimento, torna a vontade lânguida, oprime a alma ; e como um nevoeiro espesso ofusca o peito e a cabeça, torna a respiração difícil e põe o viajante perplexo ; assim o inimigo, enchendo de pensamentos tristes o espírito humano, tira-lhe a facilidade de aspirar a Deus, e dá-lhe um enfado e desalento extremo, que o conduzem ao desespero e à perdição.

Diz-se que há um peixe apelidado *diabo do mar*, que, revolvendo-se no limo, turba tôda a agua, e põe-se de emboscada para se atirar aos peixinhos, arrojando-se aêles e devorando-os ; talvez daqui venha o provérbio ; «Pescar nas aguas turvas». Ora o demônio do inferno é como o diabo do mar ; porque emboscando-lhe na tristeza, envolve a alma em um turbilhão de pensamentos enfadonhos, arrojados ao entendimento, espalhados sôbre os afetos, e, enchendo-os de desconfiança, inveja e apreensões supérfluas à cerca do pecado passado, fornece uma multidão de subtilezas vãs, agras e melancólicas, para que desprezemos tôdas as razões e consolações celestes.

2.^a Outras vezes a tristeza procede da condição natural, quando domina em nós a melancolia ; e não sendo isto em si mesmo vicioso, serve-se dela o inimigo para tramar e urdir mil tentações nas nossas almas, porque assim como as aranhas não fazem de ordinário as suas teias senão quando o tempo está fusco e o céu neblado, assim o espírito infernal não encontra tanta

facilidade em tecer as suas sugestões nos espíritos serenos, benignos e alegres, como nos tristes, aborrecidos e melancólicos; e a razão é que facilmente os enreda com ódios, murmurações, invejas, desconfianças, censuras, preguiça e apatia espiritual.

3.^a Finalmente há uma tristeza, que a variedade dos acidentes humanos produz. «Que alegria posso eu ter, diz Tobias, não podendo ver a luz do céu?» Assim Jacó estremeceu-se ao saber da morte de seu filho José, e Davi da de Absalão. Ora esta tristeza é a comum aos bons e aos máus; mas nos bons é moderada pela resignação à vontade de Deus, como se viu em Tobias, que deu graças à divina Magestade por tôdas as adversidades que o afligiam, e em Jó, que bem disse o nome do Senhor, em Daniel, que converteu as suas dôres em cânticos. Pelo contrário, nos mundanos, esta tristeza lhes é ordinária, e transforma-se em pena, desespêro e tormento de espírito, porque são semelhantes às marmotas que estão tristes e aborrecidas no minguante da lua; mas na lua nova dançam, saltam e brincam. O mundano torna-se enfandinho, aborrecido e triste quando lhe faltam as prosperidades terrenas; mas quando as possui torna-se altivo, folgazão e insolente.

4. A tristeza que dá a verdadeira penitência não deve chamar-se tristeza, mas descontentamento e detestação do mal; tristeza que nunca está aborrecida e tediosa; tristeza que não entorpece o espírito, mas o torna ativo, pronto e deligente; tristeza que não abate o coração, mas o eleva pela oração e esperança até ao arrebatamento da mais fervorosa devoção; tristeza que, no fundo das suas amarguras, produz sempre a suavi-

dade duma incomparável consolação, segundo o preceito do grande Santo Agostinho: «O penitente entristece-se sempre; mas alegra-se sempre com a sua tristeza.» «A tristeza, que opera a penitência sólida e o arrependimento agradável, diz Cassiano, é obediente, afável, humilde, boa, suave, paciente, como nascida da caridade; tanto que, estendendo-se à dor do corpo e à contrição do espírito, é em certo modo alegre, animada e avigorada com a esperança do seu proveito; retém tãda a doçura da afabilidade e longanimidade, sendo em si mesma um dos frutos do Espírito Santo, que o Santo Apóstolo expõe: «Os frutos do Espirito Santo são caridade, gôzo, paz, longanimidade, bondade, benignidade, fé, mansidão e continência.» Tal é a verdadeira penitência e a tristeza santa, que de certo não é amarga e melancólica, mas só atenta e propensa a rejeitar, detestar e impedir o mal do pecado, quanto ao passado e futuro, só por puro amor de Deus, ao qual ama sem mancha de amor imperfeito, sem nenhum interêsse do castigo, ou recompensa prometida.

Eis o uso dêste arrependimento amoroso, que de ordinário se pratica por enlevo do coração em Deus, como faziam os antigos penitentes.

Sou vosso, ó meu Deus; salvai-me, tende misericórdia de mim, porque a minha alma confia em vós; salvai-me, Senhor, porque as águas submergem meu coração; tratai-me como a um de vossos servos; Senhor sêde-me propício, a mim, pobre pecador. E' neste sentido que se diz que a oração justifica, porque o arrependimento suplicante, ou a supplica do arrependimento, elevam a alma a Deus, e, reunindo-se à sua bondade,

obtem sem dúvida perdão em virtude do santo amor que a move.

Também vemos muitas vezes penitências muito impacientes, confusas, apressadas, inquietas, ásperas, as quais por fim se tornam infrutíferas, e sem lhes seguir emenda alguma, por não procederem dos verdadeiros motivos da penitência, mas do amor próprio e natural.

«A tristeza do mundo opera a morte, diz o apóstolo.» Convém pois evitá-la e rejeitá-la quando pudermos. Se é natural, devemos-la repelir, contrariando seus movimentos, alegrando-a, com divertimentos próprios e usando de remédios de métodos de vida que os médicos recomendam. Se provém de tentações, convém descobrir o coração ao padre espiritual, que nos prescreverá os meios próprios para vencermos, segundo o que dissemos na quarta parte da *Introdução à vida devota*. Se é accidental, consultaremos o que diz o livro oitavo, para vermos como são amáveis as tribulações aos filhos de Deus, e como a grandeza das novas esperanças na vida eterna deve tornar pouco consideráveis todos os acontecimentos passageiros da temporal.

3. Há ações que dependem das disposições físicas; mas, embora estejamos melancólicos, podemos, mesmo sem graça, dizer palavras graciosas, boas, cortezes, e não obstante a inclinação, praticar obras convenientes com palavras e obras de caridade, doçura e condescendência. Temos desculpas de nem sempre estarmos alegres, porque a alegria não está ao nosso dispor; mas não temos desculpas de não sermos sempre condescendentes, porque isso depende de nós e só basta vencermos o gênio e inclinações contrárias.

Não compreendemos como as almas que se entregaram à bondade divina não estão sempre contentes, porque, onde há alegria semelhante a esta? Devíamos cantar sempre; e não vos deve inquietar as imperfeições que Êle ama as almas; protege-as e guia-as ao pôrto com afeto. Ficai pois em paz e vivei com doçura e humildade do coração.

Que felicidade pertence completamente a Deus! porque Êle ama as almas; protege-as e guia-as ao pôrto da eternidade que desejamos. Ficai pois assim, e não permitais nunca que a vossa alma se entristeça, nem viva com amargura e escrúpulo, porque Aquêlê que amou e morreu para a fazer viver, é tão bom, tão doce e tão amável! (1)

XX

Remédios para a tristeza má (2)

Primeiro remédio. — Covém receber a tristeza com paciência, como um castigo justo das nossas vãs alegrias, porque o inimigo, vendo que ela nos aproveita

(1) Só os demonios e condenados é que pròpriamente devem estar tristes, porque a sua sorte está decidida para sempre; a sua desgraça é irremediável. Os pecadores obstinados na culpa participam da sua sorte; e se há tristeza na terra, é só a êles que pertence, por tomarem por partilha o inferno. — PADRE LOMBEZ

(2) Se me perguntarem como uma alma triste se pode livrar do sofrimento interior, responderei com um exemplo:

Havia um servo de Deus, um amigo da Sabedoria eterna, que nos princípios da sua conversão, era sujeito a acessos de melancolia profunda; não só perdera o gôsto da leitura e oração, mas estava

não se serve dela. Embora, para sermos salvos, não precisamos desta paciência, agrada a Deus e serve-nos de remédio.

Segundo remédio. — E' preciso ir de encontro as inclinações de tristeza, derrubando as suas sugestões; e embora tudo o que então se faz se opere tristemente, não convém deixar de o fazer, porque o inimigo, que pretende intibiar-nos no meio das boas obras, pela tristeza, vendo que nada ganha e pelo contrário as nossas obras são melhores sendo feitas com resistência, não nos aflige mais.

Terceiro remédio. — Quando pudermos é bom entoar cantigas espirituais, porque o inimigo cessa as suas operações muitas vezes, seja pelo que for. Sirva de exemplo o espírito que atormentava a Saul, cuja violência se moderava pelo salmodear.

Quarto remédio. — É bom exercitarmo-nos em alguma obra exterior e diversificá-la o mais possível para divertir a veemente aplicação do espírito ao assunto

impossibilitado de trabalhar. Um dia no seu quarto, entregue a esta dor insuportável, ouviu uma voz interior que lhe dizia: «Porque estás assim triste e desocupado? Porque te consomes e afliges com os espinhos da melancolia? Coragem! levanta-te, faz um esforço sobre ti mesmo, medita na minha paixão e nos meus crueis sofrimentos, e vencerás a tua dor.»

O servo de Deus obedeceu; a meditação da paixão de Jesus Cristo dissipou a sua tristeza, e continuando este santo exercício, sarou a sua alma da melancolia em que jazia.

triste, purificando e aliviando o organismo, visto a tristeza ser uma paixão de compleição fria e humilde. (1)

Quinto remédio. — Praticai ações exteriores de fervor, embora as pratiqueis sem gôsto, abraçando a imagem do crucificado, apertando-a contra o peito, osculado-lhe as mãos e os pés, elevando ao céu as vossas mãos e olhos, e levantando a voz para o céu, dirigí a Deus estas palavras de amor e confiança: «O meu amado está comigo e eu com Êle; o meu Amado é como ramillete de mirra para o meu coração. Meus olhos cansam-se de contemplar-vos, ó meu Deus; não cesso de dizer: quando me consolareis? Ó Jesus, sêde para mim Jesus! Viva Jesus! e viverá a minha alma. Quem me separa do amor do meu Deus!» e outras aspirações semelhantes.

Sexto remédio. — A disciplina moderada é algumas vezes boa, porque a aflicção exterior voluntária impetra a consolação interior da alma, e, applicando ao corpo dôres exteriores, sentem-se menos as interiores, como dizia o Salmista: «Quanto a mim, quando me feria, revestia-me de fôrça.» E também vem a propósito dizer: «A tua vara e bastão consolaram-me.»

(1) Passeai por dias formosos em sítio onde se respira um ar puro, onde o espetáculo da natureza encanta a imaginação e dissipa as imagens sombrias e lúgubres que os males reais, ou o gênio melancólico, mais perigoso ainda lhe tinha impresso. O passeio ao ar livre dá movimento ao sangue e aos outros líquidos, atenua os humores, tornando-os mais flúidos; faz trabalhar melhor a máquina animal, tudo retoma o seu ar natural, desaparece a melancolia e renasce a alegria.

Sétimo remédio. -- A oração, diz S. Tiago, é um remédio soberano: «Se alguém estiver triste, ore.» Não quero dizer que se devam fazer meditações, mas frentes perguntas e petições, a Deus; é preciso dirigirmo-nos sempre neste sentido à bondade divina, por invocações cheias de confiança, o que se não faz quando estamos na alegria, e podemos crer que não temos necessidade de excitar em nosso coração sentimentos de temor, como por escrúpulo: oh! Senhor justíssimo e terrível; oh! como me faz tremer a vossa soberana Majestade: «Oh! Deus de misericórdia, bom e benigníssimo, vós sois a minha alegria, a minha esperança, o caro esposo da minha alma»; e convém assim falar, apesar da tristeza, à qual não devemos atender, nem dar crédito, quando nos impede de proferir e enunciar estas palavras de confiança e amor; e embora isto pareça sem fruto, convém continuar a esperar o fruto que virá depois da aflição. (1)

A comunhão frequente também é um meio ótimo, porque este pão celeste fortalece o coração e regozija o espírito, dando-nos o Senhor consolações.

(1) A oração, que é o grande remédio para todos os males, é que se deve empregar de preferência contra a tristeza. O apóstolo S. Tiago no-lo indica: «Se algum de vós está triste, recorra à oração.» A nossa alma não pode comunicar com Deus, sem que a sua vista brilhante lhe não traga alegria e sem que participe da felicidade infinita que Deus possui. Prometendo conceder-nos tudo o que lhe pedíssemos com as devidas condições, como recusar-se Deus um pedido tão justo como o de dissipar em nós a tristeza, que o inferno incute no coração, e que é o veneno mortal de nossas almas, que nos impede que o contemplemos, amemos e gozemos como deseja?!

Oitavo remédio. — Um dos remédios mais seguros é descobrir o coração, sem nada ocultar, a alguma pessoa espiritual e prudente, e declarar-lhe todos os sentimentos afetos e sugestões, que nascem da nossa tristeza, e as razões com que as alimentamos; e isto façamo-lo humilde e fielmente. E notai que a primeira condição que o inimigo põe à alma que quer afligir e seduzir, é o silêncio, como fazem os sediciosos nas conspirações e maus sucessos, porque sempre pedem que as resoluções e empresas sejam secretas. Deus, ao contrário, põe por primeira condição a discrição, não querendo, é verdade que se descubram indiscretamente as graças e favores, mas que se descubram com prudência e segundo as regras dessa humilde discrição às pessoas dotadas das qualidades requeridas. Mas enfim, se não encontraes repouso nestes meios, tende paciência; esperai que nasça o sol e dissipe êsses nevoeiros; tende ânimo; «esta doença não é mortal; mas serve para que Deus seja por ela glorificado.» Fazei como os que sentem os enjões do mar, porque depois de visitarem todos os cantos do navio, para ver se encontram alívio, acabam por abraçar os mastros para se protegerem contra os atordoamentos de cabeça que sentem, embora êste socorro seja curto e incerto. Mas, se com humildade abraçardes os pés da cruz, e nela não encontrardes remédio algum, pelo menos encontrareis paciência.

Regozijai-vos quanto puderdes em praticar o bem, porque é uma dupla graça para as boas obras o se-

rem bem feitas, com alegria. (1) E quando eu digo, obrando bem, não quero dizer que, tendo qualquer defeito, vos entregueis por isso à tristeza; não, por Deus: não junteis um defeito ao outro, quero dizer, que persevereis em praticar sempre o bem e volteis sempre a êle logo que o conheceis estar dele afastados, e com esta fidelidade vivereis geralmente contentes.

Enfim nós pertencemos completamente a Deus sem reserva, sem divisão, sem exceção alguma, e sem outro desejo senão honrá-lo e pertencer-lhe. Se sentíssemos um único vestígio de afeto em nosso coração que não fosse para Êle, arranca-lo-íamos imediatamente. Fiquemos pois em paz, digamos com o grande amante da Cruz «Ninguém me perturbe porque quanto a mim tenho no coração os estigmas do meu Jesus.» Sim; se uma única fibra do nosso coração não estivesse marcada com o cunho do Crucifixo, nem um só momento o

(1) Se Jesus Cristo, nosso divino Mestre, nunca se riu é porque a plenitude da sua perfeição o colocara acima de tôdas as imperfeições humanas, e o riso é uma, mas inseparável da nossa condição. O riso nasce duma alegria súbita, que causa a vista ou o pensamento dum objecto agradável e novo, ou novamente lembrando. Assim o nosso divino Salvador, para o qual tudo era presente, não era suscetível desta alegria súbita que a novidade causa. Além disso, a sua alma, gozando sem cessar da visão beatifica, só era capaz de sentidos divinamente humanos; mas também se nunca riu, nunca esteve triste: é o que diz o profeta Isaías: «Non erit tristis neque turbulentus.» Se na véspera da paixão disse que estava cheio duma tristeza mortal, significa isto a impressão da tristeza na imaginação e nos sentidos, e não da própria tristeza, de que a sua alma sempre bem-aventurada era suscetível.

quereríamos guardar. Para que nos inquietamos? Ó minha alma, espera em Deus; porque te entristeces e perturbas visto que Deus é o meu Deus, e o meu coração é todo seu? (1)

Ouçamos e imitemos o divino Salvador, que, como um perfeito salmista, canta os sublimes raptos do seu amor na árvore da Cruz, concluindo-os todos assim: «Meu pai, nas vossas mãos entrego o meu espírito.» (*Lucas*, XXIII, 41). Depois, que digamos isto, que falta senão expirar e morrer de amor, não vivendo para nós mesmos, mais para Jesus Cristo, que vive em nós?

Então cessarão tôdas as inquietações do nosso coração, provenientes de desejos que nos suscita o amor próprio e de afetos que sentimos; e isto nos faz procurar com pressa as nossas satisfações e perfeições.

Por consequência, entregue aos exercícios da nossa vocação, ajudados pela amorosa confiança, progrediremos, sem dar por isso, e avançaremos sem andar e sem mudar de posição, como acontece aos que navegam no alto mar, com vento próspero.

Por consequência, todos os sucessos e acidentes que sobrevierem, serão recebidos com alvoroço e alegria, porque aquêle que está nas mãos de Deus, que repousa em seu seio, que se abandonou ao seu amor, e que se submeteu ao seu agrado, que pode experimentar que o abale? Em tôdas as circunstâncias sem pararmos a raciocinar sôbre as causas e motivos dos sucessos, pro-

(1) Deus quer ser servido com alegria. E' a glória e o gosto dos bons senhores; a tristeza e o pesar dos seus servos deshonrariam e dariam má fama dos seus serviços.

nunciai do coração esta santa obediência ao Salvador: «Sim, meu Pai, assim, porque assim vos agradou.» (*Matt.* XI. 29).

XXI

Consolações nos sofrimentos

1. Prostremo-nos aos pés do Crucifixo e contemplemos as dôres que sofremos através da cruz e das injúrias que Nosso Senhor recebeu; por êste meio tornar-se-á leve a aspereza das aflições, e às vezes tornar-se-á tão agradável, que amaremos mais o sofrimento do que o gôzo de tôda a consolação! Ah! quando virmos o nosso Salvador, depois de mil opróbrios e dôres, crucificado, e morto entre os espinhos e cravos, e ao pé Nossa Senhora e S. João, entre as admiráveis e espantosas trevas que houve na sua paixão, convencer-nos-emos de que as cruzes e aflições são mais amáveis do que os contentamentos e deleites; tanto assim, que a sabedoria de Deus as escolheu para si e para os seus servos verdadeiros e mais queridos, e ainda nos deu delas alguma parte, a nós miseráveis e vís. Ah! devia ser para nós uma grande graça sermos também crucificados com Jesus Cristo e poder testemunhar o nosso amor para com Êle nas tribulações, como Êle testemunhou o seu para conosco durante a sua paixão. (1)

(1) O soldado que sempre quer estar à sombra é muito fraco: quem quer estar a seu gôsto neste mundo e no outro, é delicado de mais. Está escrito: «Ai dos que riem porque chorarão um dia!» Não te admires pois, ó cristão; se Jesús Cristo te concede uma parte

Muitas vezes os remédios que os médicos e farmaceuticos receitam e preparam, são rejeitados pelos enfermos: mas sendo-lhes oferecido por mão amiga, o amor vence a repugnância, e recebem-nos com alegria, e tem-se notado que algumas crianças sem verem a sua mãe, só pelo conhecimento que teem da sua vontade, tomam tudo o que lhe mandam, sem gôsto algum, porque não saborearam o que comem, nem veem a sua mãe, comendo só para lhe fazer vontade. Oh! meu Deus, porque é que a lembrança só do vosso gôsto não há-de tornar amável o sentimento da aspereza, as penas deliciosas e os trabalhos desejáveis?

2. As abelhas místicas fabricam o mel mais delicioso nas chagas dêste leão da tribu de Judá ferido e martirizado no Calvário, e os filhos da cruz glorificam-se no seu admirável problema, que o mundo não compreende; da morte, que tudo devora saíu a carne da nossa consolação; da morte, mais forte do que tudo, sairá a doçura do mel do nosso amor.

Juntémos pois as nossas penas e trabalhos com os tormentos de Jesus Cristo, para que neles tenham o seu mérito e valor, e acreditemos que os nossos sofrimentos nunca se poderão separar, nem em qualidade, nem em quantidade, com os de Nosso Senhor e dos Santos; nada

dos seus sofrimentos, para te conceder a glória, e se te faz sentir os ferimentos dos espinhos que lhe atravessam a fronte. Ser tratado como Jesus Cristo é ser maltratado? É desgraça ser inquietado, quando o repouso é uma infelicidade?

sofreremos por êle em comparação com o que Êle sofreu por nós. (1)

Eis o motivo que obrigava os santos a tomarem como uma grande honra as afrontas, calúnias e opróbrios que o mundo lhes fazia; é assim que se glorificavam no crucifixo e no aquilamento de si mesmos, tendo mais contentamento, alegria, glória e felicidade no trono da cruz, do quo Salomão teve no seu trono de marfim; e o seu amor era tão forte e poderoso, que o não podiam apagar as águas da tribulação e os rios da perseguição.

As virtudes que crescem entre as prosperidades são de ordinário fracas e frouxas; mas as que nascem entre as angústias são fortes e firmes; assim como o vinho mais fino e superior é o que nasce em um terreno pedregoso. (2)

(1) Santa Ludovina fornece-nos um admirável exemplo desta resignação. Sofreu durante trinta e oito anos as dôres mais cruéis, estando sempre de cama. Contudo na maior aflição dos sofrimentos dirigia-se docemente a Deus: «Oh! meu Senhor, como tomo uma parte ativa nos golpes da vossa mão, e como alegre por ver que não poupais ao meu corpo castigos, por ser isso sinal de que me estimais! Eu sou como uma pouca de argila, oh! meu Criador, nas vossas divinas mãos; dai-me, eu vo-lo peço, a forma que quizerdes, próprio para a vossa glória e minha salvação, e não temais encontrar alguma resistência em mim».

(2) Todos os santos reconheceram, desde S. Paulo, que um corpo cheio de saúde e sem sofrimento é um grande obstáculo para a salvação. O sinete não pode imprimir a imagem na criatura como uma pedra, diz Diadocus no *Tratado sobre a perfeição*; é preciso ou chegá-la ao fogo, ou amolecê-la com as mãos. Deus também não imprime a imagem das suas perfeições em uma alma se ela não está

Peço a Deus que resida sempre em vosso coração para que não se abale com tantos embates, e que, fazendo-vos participante da sua cruz, vos comunique a sua santa tolerância e o divino amor que torna as tribulações tão preciosas.

Guardai um santo silêncio, porque é bom guardar as palavras para Deus e para glória sua. Deus sustentou-vos com o seu braço na aflição. Convém pois obrardes assim sempre. Meu Deus, dizia S. Gregório a um bispo aflito, como pode ser que os nossos corações, que já pertencem ao céu, sejam agitados pelos acidentes terrenos?» A vista do nosso querido Jesus crucificado basta para atenuar em um momento tôdas as nossas dôres, que são flores em comparação com os seus espinhos.

E já que o nosso gôzo completo está na eternidade, que influência pode exercer sôbre nós tudo o que acaba com o tempo?

3. Pensemos que esta vida mortal está cheia de eventualidades, a que estamos sujeitos; que as consolações são raras e os trabalhos inumeráveis, e que portanto estamos em um estado em que nos cumpre alimentar-nos mais com absinto do que com mel; com a certeza de que Aquêlê, por quem padecemos e resolvemos alimentar a paciência entre tôdas as oposições, nos dará na estação própria a consolação do seu Santo Espírito, transformará os cravos e espinhos das contra-

preparada e amolecida pelas enfermidades do corpo; porque a saude e prosperidade tornam-na dura aos toques da graça, ao passo que as dôres a amolecem.

riedades em pedras preciosas para a eternidade e dará à nossa caridade um novo brilho. Há perto de Grenoble um fogo que se alimenta em uma fonte; da mesma maneira a caridade santa é fonte que alimenta as suas chamas e consolações nas mais tristes angústias da morte e nas águas das adversidades.

4. Lembremo-nos da coroa celeste, que se não dá sem vitória, e a vitória não se obtém sem combate; convém pois achar agradáveis os combates das tribulações. Ah! se pudéssemos contemplar a glória, veríamos que nenhum dos mortais que aí são imortais viveu sem aflições e perturbações contínuas; porque nos afligirão pois as pequenas dificuldades que Deus nos envia, e porque nos impacientamos com tão pouco se uma só gota de humildade bastaria para nos fazer suportar com paciência o que nos acontece justamente em castigo dos nossos pecados? (1)

5. Enfim, visto ser necessário sofrer as penas, os trabalhos e os casos que nos acontecerem, convém que

(1) Outrora, na lei de Moisez, o senhor prometia os frutos da terra aos que guardassem os mandamentos. Pelo contrário, depois que se entregou à morte da Cruz como vítima voluntária quer creamos a-pesar-dos sentidos, que os sofrimentos são uma graça e as perseguições uma recompensa. Nem todos entendem estas palavras: mas quem tem ouvidos ouça; quem tem o coração aberto do Evangelho ouça estas verdades e adore êstes rigores salutarés. As grandes prosperidades de ordinário são castigos, e os castigos são graças. Porque qual é o filho a quem seu pae não corrige? O Senhor castiga misericordiosamente os filhos que erram; perseverai pois na sua disciplina. Se Deus vos poupa o castigo e a correção, temei que vos reserve para o suplicio. — BOSSUET

nos imolemos em espírito ao agrado de Deus, e beijemos essa cruz com ternura, lembrando-nos da consolação geral que quase sempre temos nos males dêste mundo, a saber: a esperança de que não serão duradouros e que lhe veremos o fim. Depois exclamemos cordealmente, à imitação de Santo André: «Nós te saudamos, ó cruz; nós te saudamos, ó tribulação bem-aventurada, ó aflição santa, quanto és amável, pois nasceste do seio amável dêste Pai de eterna misericórdia, que te destinou para nós de tōda eternidade!»

De resto o único remédio da maior parte das nossas doenças corporais e espirituais, é a paciência e conformidade com a vontade divina, resignando-nos ao seu agrado, sem reserva nem exceção, na saúde, na doença, no desprezo, na honra, na consolação, no desolação, no tempo e na eternidade; aceitemos de boa vontade todos os trabalhos espirituais e corporais da sua amabilíssima mão, com o se Elle estivesse presente, oferecendo-nos para soffrermos muito mais ainda, se lhe agradar. Não fazemos idéia de como uma tal resignação na vontade divina torna os nossos soffrimentos puros e meritórios, quando os recebemos não só com doçura e paciência, mas ainda quando os amamos e estimamos, pelo agrado divino donde procedem. Assim como um ramo de agnuscatus releva o cansaço do viajante que o traz, assim a cruz, a mortificação, o jugo, é a lei do Salvador, que é verdadeiro cordeiro casto, é um verdadeiro peso que alivia, que consola e recreia os corações que amam a sua divina Majestade. Não temos trabalho naquilo que amamos, ou se há trabalho é um trabalho amado; o trabalho misturado com o amor santo é um mixto de doçura e agrura, mais agradável ao gôsto do que a própria doçura.

6. Sabeis o que fazem os pastores da Arábia quando veem relampejar, trovejar e o ar estar coberto de nuvens? Retiram-se para debaixo dos loureiros, êles e os seus rebanhos.

Quando vemos que as perseguições e contradições nos ameaçam com alguma grande desgraça convém quo nos retiremos, a nós e as nossas aflições, para o pé da santa cruz, com uma plena confiança de que tudo será para proveito dos que amam a Deus.

Conservai firme o vosso coração; livrai-vos das presas; entregai muitas vezes a vossa confiança à providência de Nosso Senhor e estai certo de que passarão o céu e a terra, mas que vos não faltará Nosso Senhor com a sua proteção enquanto fordes sua filha obediente ou desejeis pelo menos sê-lo.

Duas ou três vezes por dia vêde se o vosso coração está inquieto por qualquer cousa, e, achando-o, tratai immediatamente de o sossegar.

XXII

A cruz do bom ladrão

1. Salomão diz que tudo o que se passa neste mundo é nada e aflicção de espírito. Ninguém há neste mundo que possa evitar a cruz e os sofrimentos; mas os ímpios e pecadores estão ligados à cruz e às tribulações contra vontade; e por sua impaciência tornam essas cruzes intúeis; teem sentimentos de estima de si mesmos semelhantes aos do mau ladrão; por êste meio unem as suas cruzes às dêste malvado e os seus prêmios serão iguais.

2. O bom ladrão transformou sua má cruz na cruz de Jesus Cristo. Certamente os trabalhos, as injúrias, as tribulações, que recebemos são cruzes de ladrão e merecemo-las, devemos pois dizer humildemente, como o bom ladrão: «Recebemos em nossos sofrimentos a que merecemos por nossos pecados.» É assim que por nossa humildade transformaremos a cruz de ladrão em cruz de cristão verdadeiro. Unamos, pois com o bom ladrão, a nossa cruz de pecador à cruz daquele que nos salvou; e por esta amorosa e devota união dos nossos sofrimentos e à de Jesus Cristo, entraremos como o bom ladrão na sua amizade e no paraíso.

XXIII

As cruzes da Providência são as mais agradáveis a Deus

1. «Se alguém quer vir atrás de mim, diz N. Senhor, tome a sua cruz e siga-me.» Tomar a sua cruz significa receber e sofrer tôdas as nossas penas, contradições, aflições e mortificações, que nesta vida nos acontecem, sem exceção alguma, com uma inteira submissão e indiferença. Imolemos muitas vezes o nosso coração do nosso amor de Jesus Cristo sôbre o próprio altar da cruz, onde Ele imolou o seu amor pelo nosso. A cruz, é a porta real para entrar no templo da santidade; aquêlê que a busca fora daí, não a encontra. As melhores cruzes são as mais pesadas e as mais pesadas são as que mais incomodam a parte inferior da alma.

As cruzes que encontramos pelas ruas são excelentes, e ainda mais as que encontramos em casa, e

quanto mais importunas melhores; valem mais do que as disciplinas, os jejuns e o mais que inventou a austeridade. É ai que resplandece a generosidade dos filhos da cruz e dos habitantes do Calvário.

2. As cruzes que a nós mesmos impomos são inferiores, por serem nossas e tem menos mérito. Humilhai-vos e recebei com alegria as que vos impuserem contra vossa vontade. O cumprimento da cruz aumenta muito o seu preço: sêde fieis até à morte e tereis a coroa da glória. Amais muito o crucifixo; que quereis pois senão ser crucificados?

Nosso Senhor deu a escolher a Daví o castigo que queria, e bendito seja Ele! Mas parece-me que eu não escolheria e teria deixado a escolha à sua divina Magestade. Quanto mais a cruz é de Deus, tanto mais a devemos amar.

Recebamos com amor as cruzes que não esolhemos e que Deus nos deu; bendigamo-las, amemo-las, estão tôdas perfumadas com a excelência do lugar donde veem. Onde houver menos escolha há mais agrado de Deus. Amo muito mais o mal, que vem do nosso Pai celeste do que aquêlê, vem da nossa própria vontade.

Nosso Senhor mostrou-nos bem que não é preciso que escolhamos as cruzes, mas sim que as tomemos como nos vierem; porque quando Ele quis morrer para nos resgatar e satisfazer a vontade de seu Pai celeste, não escolheu a cruz, mas recebeu humildemente a que lhe tinham preparado os judeus.

Estimo muito mais o mal que nos envia o nosso Pai celeste do que aquêlê que nós esolhemos. Oh! eis a virtude verdadeira, e é assim que convém exercê-la.

Sêneca disse o seguinte, e eu queria que o tivesse dito Santo Agostinho: «A perfeição do homem consiste em sofrer bem tôdas as cousas, como se lhe chegasse por escolha sua».

Sofrer por Deus é ter nas mãos o ouro mais puro e mais precioso para comprar o céu. Uma só parcela dêste ouro divino basta para possuirmos a glória do paraíso. «Um instante duma leve tribulação, diz S. Paulo, opera em nós um pêso imenso de glória». As nossas ações ordinárias não são assim; podemos dizer que as mais virtuosas, comparadas com as aflições, são pequena moeda dum metal inferior. É preciso pois ganhar cousa de valor; e muitas vezes acontece que esta tem uma aparência enganadora, porque na maioria das nossas boas obras encontra-se o nosso amor próprio, que lhes altera a pureza.

3. A perfeição cristã consiste em sofrer bem. Não lastimeis as vossas penas para adquirirdes virtudes sólidas. Sofrei com paciência as tribulações que se opuzerem a êste desígnio. Dous dá-vos uma ocasião de praticardes a paciência; quereis deixá-la passar? Talvez na vossa vida não encontreis outra situação semelhante; talvez seja o último serviço que presteis à sua divina Majestade. Tende constância, e Êle vos aliviará nos trabalhos que sobrevierem. (1)

(1) Todos os sofrimentos desta vida não se podem comparar à glória imensa que vos está destinada. Animai-vos pois; quando os males são maiores e desesperados, é então que estão mais próximos do seu fim. Não vos canseis de sofrer. O tempo é breve; é preciso acabar o que falta para a paixão de Jesus Cristo.

Amemos nossas cruzes; são de ouro, vistas com olhos de amor; e embora Nosso Senhor aí esteja morto entre espinhos e cravos, encontra-se uma reunião de pedras preciosas, que nos guarnecerão uma coroa de glória, se suportamos com coragem a de espinhos. O tempo das aflições e contradições é o da boa colheita, em que a alma recolhe as mais ricas bênçãos do céu um dia dêste tempo vale mais do que seis doutro. Estejamos pois sempre unidos à cruz, e trespassem muito embora as nossas carnes com mil flechas contanto que a seta inflamada do amor de Deus nos tenha antes trespassado o coração; faça-nos esta divina ferida morrer com santa morte, que vale mais do que mil vidas. Em que testemunharemos o nosso amor Àquele que tanto por nós sofreu, senão nas contradições, repugnâncias e aversões? Lançemo-nos através dos espinhos das dificuldades; deixemos trespassar o nosso coração com a lança das contradições; comamos absinto; bebamos o fêl e vinagre das amarguras temporais, já que o nosso doce Salvador assim o quer.

Assim como as flores crescem entre espinhos, o amor divino cresce de preferência mais entre as tribulações do que entre as alegrias. (1)

(1) Convém que pecamos para saber sofrer, pois é necessário aproveitar os grandes ensinamentos que nos dá o sofrimento; o primeiro é a obediência. Santa Tereza obedecia sempre, mesmo quando combatiam nela o espírito de Deus: submetia-se porque tinha sofrido muito e com proveito. Amemos pois o sofrimento: um amigo dedicado, fiel, que nos recorda os verdadeiros bens: dá-nos a virtude sólida que nos desprende de tudo. E além disso, quando soffremos, abate-mo-nos e humilhamo-nos facilmente.

PADRE BAYIGNAN

Oh ! como são ditosas as almas que bebem corajosamente o cálice dos sofrimentos com Jesus Cristo que se mortificam, levando a sua cruz e sofrem e recebem de sua divina mão tôda a qualidade de sucessos com submissão ao seu gosto ! Mas, Deus meu, quão poucos se encontram, que façam isto como devem ! Muitas vezes encontram-se almas que desejam sofrer e levar a cruz, e sei que há muitos que pedem a Deus aflições, mas é com a condição de as visitar e consolar muitas vezes nas suas penas e sofrimentos, e de lhes testemunhar que lhes agradam e se compraz em as ver sofrer por seu amor, e que afinal as recompensará com uma glória imortal. Também há muitos que desejam como os dous discípulos saber o grau da glória que terão no céu, com certeza que este desejo é impertinente ; porque nunca devemos por forma alguma, importar-nos com isso, mas ocupar-nos sempre em servir a sua divina Majestade com a maior fidelidade que podermos, observando os seus divinos mandamentos, conselhos e vontades, exatamente e com a maior perfeição, pureza e amor que nos for possível, deixando o cuidado do resto à sua infinita bondade, que não nos faltará se cumprimos o nosso dever, e nos recompensará com uma glória imortal, e incompreensível, dando-nos a si mesmo tanta estima o que por Elle obra-mos. Em suma, é um Senhor : basta só que sejamos servos e servas muito fieis, e Elle será fiel remunerador. Oh ! se soubéssemos que felicidade é servir fielmente este divino Salvador de nossas almas, e beber com Elle o cálice ! Oh ! abraçaríamos de bom gosto as penas e sofrimentos, imitando Santa Catarina de Sena, que preferiu a coroa de espinhos à coroa de ouro ! Assim devemos nós

praticar, porque enfim o caminho da cruz e aflições é um caminho seguro, que nos conduz diretamente a Deus e à perfeição do seu amor. Se formos pois fieis em beber corajosamente o seu cálice crucificando-nos com Ele nesta vida, a sua eterna bondade glorificar-nos-á eternamente na outra. (1)

XXIV

Quais são as melhores cruces

1. Descubramos um pouco, eu vo-lo peço um abuso que se encontra no espírito de bastantes pessoas; não estimam e nem querem levar as cruces, que se lhes en-

(1) Há muitas aflições que purificam o homem e o conduzem à felicidade suprema, se delas usar bem. Muitas vezes Deus envia ao homem crueis aflições, sem que as tenha merecido, porque quer provar a sua constância ou mostrar-lhe que por si nada vale. Temos as provas disto no Antigo Testamento. Algumas vezes Deus envia-lhas para manifestar a sua glória, como vemos no cego de nascimento do Evangelho; Nosso Senhor, dando-lhe a vista, declarou que êle era inocente. Alguns são castigados porque o mereceram, como aconteceu ao ladrão crucificado ao lado de Jesus Cristo; prometeu-lhe o Salvador a vida eterna porque se converteu Ele na cruz. Outros não mereceram o castigo que sofrem, mas tem falta de que Deus os quer purificar; quer corrigir o seu orgulho e humilhá-los, submetendo-os às injustiças. Há outras aflições que Deus permite por bondade, porque preservam os que sofrem de desgraças maiores. Uns tem o seu purgatório aqui nas doenças, pobreza e adversidades, e evitam castigos maiores; outros sofrem as perseguições dos maus, e Deus poupa-lhes à hora da morte os últimos assaltos do demônio; outros enfim são atormentados por paixões violentas.

B. Sueno

tregam, se forem grandes e pesadas. Por exemplo: um religioso submeter-se-á voluntariamente a grandes austeridades, como jejuar, trazer cilício, usar rudes disciplinas, e repugnar-lhe-á obedecer quando lhe mandarem que não jejue, que descanse e outras cousas, nas quais há mais satisfação do que trabalho. Ora, ficai sabendo que vos enganais se pensais que há menos virtude em vos vencerdes nisto do que nas cousas mais difíceis; porque o mérito da cruz não consiste no seu pêso; mas na maneira de o levar. Ainda direi mais: há algumas vezes mais virtude em levar uma cruz de palha do que uma pesada de madeira, porque quanto mais leves são as cruzes, tanto mais abjetos são, e portanto menos conformes à nossa inclinação, que sempre procura as aparências. É certo que há mais virtude em não proferir uma palavra proibida pelos nossos superiores, ou não levantar a vista para contemplar um objeto que desejamos ver do que trazer o cilício, porque depois de o collocarmos não temos necessidade de pensar mais nisso, e nas cousas pequenas é preciso ter uma contínua atenção sôbre nós mesmos para não cairmos na imperfeição.

Compreendei agora que por estas palavras Jesus Cristo: «toma a tua cruz», se entende que devemos receber com agrado e indiferentemente as contrariedades e mortificações, que venham, embora sejam leves e de pouca importância, estando certa dos que o mérito da cruz não consiste no seu pêso mas na perfeição com que é levada.

2. É muito bom mortificar a carne; porém mais do que tudo é necessário purificar os nossos afetos e aliviar os nossos corações. Deus diz-nos: «Rasgai e dilaceraí

os vossas corações, porque contra êles é que se levanta a minha indignação». É o que praticamos nas pequenas mortificações repetidas muitas vezes e cumpridas fielmente. Sofrer um pequeno desdém com doçura, praticar uma cousa por obediência quando sentimos repugnância, não se queixar quando há motivo para isso, sofrer os defeitos das pessoas com que vivemos; é em ocasiões idênticas que convém dilacerar o coração, sacrificar a vontade própria, o gênio, as inclinações naturais; e dar a Deus provas do nosso amor e felicidades. (1)

Oh! Deus! direis vós, é um grande sacrifício; convém atender muito a nós mesmos para renunciar à nossa vontade e rejeitar o que pede o amor próprio; porque êle tem artifícios para nos enganar e distrair a nossa atenção de nós mesmos. E' verdade; mas eis aqui o remedio: Os que navegam, e se aproximam das se-reias correm perigo, porque elas cantam tão bem, que extasiam e adormecem os que remam; de sorte que alguns, para evitar o perigo fazem-se amarrar a um dos mastros. E' preciso que também assim façamos quando

(1) Deus tem a bondade de colocar o purgatório em todos os nossos dias; abracemos e aceitemos a cruz que nos apresentam. Não nos queixemos nem suponhamos que o sofrer é uma invenção nova. Assim diria efetivamente quem visse o nosso espanto e ouvisse os nossos gemidos e murmúrios. Os santos, acabrunhados e esmagados por provas de tôda forma, estimavam o sofrimento como o ouro da mina. Eis que chega o ouro da terra; coloca-se no cadinho; se o ouro falasse diria: «eu soffro tirem-me daqui.» E no entanto o ouro purifica-se e em breve brilhará na fronte dos reis e nos altares de Deus Vivo. A cruz para nós é o mesmo: serve-nos de cadinho.

PADRE RAVIGNAN

as sereias do amor próprio, das repugnâncias, nos vierem cantar aos ouvidos, para nos atrair e fazer que lhes obedecemos; importa que nos amarremos ao mastro do navio, que é a cruz de Nosso Senhor, o qual nos ordena, se queremos ser seus discípulos, que tomemos a cruz e o sigamos. Mas notai que Deus diz a nossa própria cruz, e isto serve para contrariar a extravagância de muitos, que quando os mortificam, se impacientam e confundem dizendo que se lhes fizessem o mesmo que fazem a outros, o receberiam de boa vontade: e o mesmo dizem das doenças, estimando as que Deus dá aos outros e não às que a êles envia para seu bem. Ora isto não é levar a cruz como Nosso Senhor quer que a levemos e nos ensinou com seu exemplo. Se pois, queremos levar a nossa cruz e seguí-lo devemos, à sua imitação, receber com indiferença tôdas as que nos vierem, sem escolha ou exceção. (1)

3. Beijai muitas vezes amorosamente as cruzes que Nossô Senhor vos põe às costas. Não vejais senão de madeira preciosa e odorífera; merecem mais o nome de cruzes quando são de madeira vil e nojenta. Confesso-vos que êste pensamento vem-me muitas vezes

(1) Nós não sabemos amar Nosso Senhor. Quereis disto uma prova? Suponde que Nosso Senhor não sofreu nem morreu na terra; convinha alterar o modo de viver e pensar, para tirar tudo o que confirma com os seus exemplos e doutrina? Ah! nós poderíamos continuar a obrar como obramos, afastar-nos-híamos do sofrimento como agora, e aborreceríamos o desprêzo. E' pois isto amar-vos, meu amabilíssimo Salvador? Não; mil vezes não.

ao espírito e só sei êste ditado. Sem dúvida é do *Cântico dos Cânticos*; é um pouco triste, mas é harmonioso e belo: «Meu pai: faça-se a vossa vontade e não a minha.»

Madalena vê a Nosso Senhor e procura-o; não o vê na forma que deseja; é por isso que não fica contente de o ver assim e o procura para contemplar outra forma; quer vê-lo revestido de glória e não como um jardineiro; mas afinal conhece que é Ele quando lhe diz: «Maria».

Olhai; é Nosso Senhor vestido de jardineiro que encontráis todos os dias nas ocorrências das mortificações ordinárias da vida. Quereríeis que vos offerecesse outras mortificações mais belas? Oh! Deus meu? as mais belas não são as melhores. Não tendes fé que Ele vos diga: «Maria, Maria?» Não, antes que o contempleis vestido de glória. Ele quer plantar no vosso jardim flores pequeninas, mas à sua vontade; por isso, Ele está assim vestido. Estejam dora avante os nossos corações unidos ao seu e as nossas vontades ao seu agrado.

XXV

À madeira da verdadeira cruz

1. Felizes os que sofrem as perseguições da justiça: esta bemaventurança, a última na categoria, é a primeira na estima, e considero-a como a suprema felicidade da vida presente. Os que são injustamente perseguidos tem mais semelhança com o Salvador e levam uma vida oculta com Jesus Cristo em Deus; pare-

cem maus e são bons; parecem mortos e estão vivos; pobres e são ricos, tolos e são sábios, detestados pelos homens e benditos por Deus. As perseguições são parcelas da cruz de Nosso Senhor, e não podemos perder delas a menor porção. (1)

Ví há tempos, uma rapariga que levava à cabeça um cântaro cheio d'agua e em cuja superfície colocara um pedaço de madeira. Perguntei-lhe para que, e ella me respondeu que era para a água se não verter. Ora daquí por diante convém colocar a cruz no centro de nossos corações, para determos o movimento dos nossos afetos com esta madeira, afim de que se não derramem em inquietações e turbações de espirito.

2. Sofrer é quasi o unico bem que neste mundo podemos praticar; porque raramente praticamos algum bem que lhe não juntemos o mal. Nosso Senhor nunca está tão certo de nós como quando soffremos com pa-

(1) A cruz pode substituir tudo, e nada a pode substituir. O que sofre com paciência não precisa doutros meios de salvação; estando em graça, a cruz serve-lhe de tudo: de grandes trabalhos apostólicos, jejuns, cilícios, esmolas, e de tudo o que os santos obraram mais fervorosamente; contanto que seja acompanhado com um grande amor.

Mas o que não sofre nada, embora apresentasse a Deus e aos homens o zêlo dum S. Francisco Xavier, as obras de caridade dum S. Vicente de Paulo, estaria muito abaixo dum simples doente que soffresse unido a Deus; e não estaria nas condições de salvação a qual Jesus Oristo deu por base a cruz.

ciência por seu amor. (1) Vigia sempre sôbre nós quando repousamos em seu seio e faz com que tiremos proveito das nossas tribulações.

E onde poderemos nós exercitar os grandes atos de invariável união do coração à vontade de Deus, da mortificação do nosso amor próprio, do amor do própria abjeção, em uma palavra, da nossa crucifixão, senão nestes rudes e perigosos assaltos? Não vos disse já muitas vezes que vos despojásseis de tôdas as criaturas, para vos unirdes a Jesus Cristo crucificado? Coragem pois; Deus é que quer despojar assim os nossos corações. Não é um rigor, é uma doçura. Animai-vos; contanto que o vosso coração se conserve fiel, não vos dará pêso superior às vossas fôrças, e ajudar-vos-á a levá-lo, quando vir que vos abaixais para conduziordes o feixe que vos entregar. (2)

(1) Se alguma cousa devemos chorar à hora da morte é o acabar-se o tempo de soffrermos por Deus, e portanto de ganharmos mais. Essa única vantagem que temos mais do que os anjos. Podem ser companheiros de Nosso Senhor; mas não na morte. Estas angélicas criaturas podem apresentar-se a Deus como vítima duma caridade ardente; mas a sua natureza impassível não permite que sofram e que recebam esta honra tão doce aos que amam: de amar até a morte e morrer de amor. Oh! que [grande graça: amar e sofrer; amar sofrendo e sofrer amando. Não percamos pois uma só das nossas cruces e digamos muitas vezes: Coragem, o tempo de sofrer, é curto; mas o amor que o sofrimento nos consegue é eterno.

BOSSUET

(2) Se os homens mais grosseiros conhecem as cargas que os seus cavalos e mulas podem levar, não os carregando de mais para os não arruinarem; se o oleiro sabe o tempo que a argila deve estar no forno para se recozer um certo gráu próprio para os usos que a

Bem-aventurados os crucificados! Neste mundo a nossa herança é a cruz; mas na outro será a glória. Tudo passa. Após poucos dias desta vida mortal que nos faltam, virá a infinita eternidade. Pouco nos importa que tenhamos aquí comodidades ou não, contanto que sejamos felizes por tôda a eternidade. Seja vossa consolação a eternidade santa que vos espera, e o serdes cristão, filho de Jesus Cristo e regenerado com o seu sangue, porque a nossa glória consiste em Jesus Cristo ter morrido por nós.

XXVI

Pensamentos consoladores contra as maledicências e calúnias

1. «Bem-aventurados os que sofrem a perseguição da justiça,» porque a sua vida está oculta com Jesus Cristo em Deus e conforme à sua imagem porque êle foi tôda sua vida perseguido pela justiça, que todavia cumpria por tôda a maneira. Êstes estão ocultos no segredo da face de Deus e são injustamente perseguidos pelos homens, e se os homens os detestam, Deus abençoa-os.

«Sereis muito felizes, diz Nosso Senhor, quando os

destina e não deixa aí estar tempo de mais, é preciso que não pensemos para usarmos dizer que Deus, que é a sabedoria infinita e que nos ama com um amor infinito, pôde carregar-nos com um peso enorme e deixar-nos estar no fogo da tribulação muito mais tempo do que é preciso. Não nos inquietemos pois; o fogo não será mais forte, nem durará mais do que é preciso para recozer a nossa argila no grau necessário.

SANTO EFREM

homens disserem tôda a qualidade de males contra vós por causa de mim» «Se o mundo, diz S. Paulo, nada tivesse de dizer contra nós, não seríamos verdadeiros servos de Deus» Não vos importeis com o juizo dos homens e tereis a paz interior. Não vos importeis com o que o mundo disser de vós; esperai o juizo de Deus, e julgareis então os que vos tiverem julgado. Pensai naquele por quem trabalhais e os que vos quizerem mortificar não vos inquietarão. E' nos sítios escabrosos que os rios fazem ruído e cachões.

Dizem que aquêles que tem o preservativo chamado pomada de S. Paulo, não incham embora sejam picados e mordidos por uma víbora, contanto que a pomada seja boa; da mesma forma, quando a humildade e doçura forem boas e verdadeiras, protegem-nos contra a inchação e o ardor que as injúrias costumam produzir em nossos corações. Porque, se sendo mordidos por maldizentes e inimigos, nos tornamos altivos, inchados e despeitados, é sinal de que a nossa humildade e doçura não são verdadeiras e francas, mas artificiosas e aparentes.

2. Se o mundo nos despreza, regozijemo-nos, porque tem razão, visto sermos tão digno de desprêzo. Se nos estima desprezemos a sua estima e juizo, porque é cego. Importai-vos pouco com o que o mundo pensa; não vos dê isso cuidado; desprezai o seu louvor e seu desprêzo e deixai que êle diga o bom ou o mal que quiser. Em uma palavra, desprezai quase igualmente a opinião que o mundo de vós formar, e não lhe ligueis importância. Dizemos que não somos o que o mundo pensa quando nos louva, é bom; porque o mundo é um

charlatão e diz sempre muito, seja bom ou mau. Não encontro remédio melhor nas contradições do que não fazer caso e termos uma grande doçura para o que nô-las causa. Além disso, que ganhamos em nos opormos aos ventos e às ondas, senão espuma?

3. Não quero reputação senão a que for para serviço de Deus; porque sendo Deus servido, que importa que seja por boa ou má fama?

Deus meu! que é a reputação, visto que tantos se sacrificam a êsse ídolo? Afinal de contas é um sonho, uma opinião, um fumo, um louvor onde a memória morre com o som, uma estima que é tão falsa que muitos se admiram que lhe louvem as virtudes, quando teem os vícios opostos, e que lhe censurem os vícios de que estão isentos. Os que se queixam quando dizem mal deles são muito delicados; é uma pequena cruz de palavras que o vento leva. Esta palavra: «Ele feriu-me» para dizer: «Fez-me uma injúria» desagrada-me, porque há muita diferença entre o zunir duma abelha e a sua mordedura; é preciso ter os ouvidos e a pele muito delicada para não suportar o ruído de uma mosca.

Convém que estimemos ser censurados, porque se o não merecemos por uma forma, merecemo-lo por outra.

A vida das pessoas virtuosas está cheia de discursos e amarguras, e os corações dos servos de Deus são como as bigornas destinadas a ser feridas e que vivem de golpes e ultrajes.

Nunca deixarei sair do meu espírito, se Deus me ajudar, esta máxima: «que não devemos viver segundo a prudência humana, mas segundo a lei do Evangelho»; porque esta prudência humana é uma verdadeira ninharia.

Oh! Livre-nos N. Senhor sempre disto e faça-nos constantemente dizer segundo o espírito do Evangelho, que é doce, simples e amável, dando sempre o bem pelo mal!

Estavam bem adiantados na prudência humana os que inventaram êste provérbio: «Vale mais a honra do que a riqueza», preferindo a reputação às riquezas, isto é, a vaidade à avareza. Oh! Deus! como isto se afasta do espírito da fé! Há por ventura reputação manchada como a de Jesus Cristo? Com que injúrias não foi êle atacado? De que calúnias não foi vítima? Contudo o eterno Padre deu-lhe um nome superior a todos os nomes e exaltou-o tanto quanto Êle se tinha humilhado. E os Apóstolos não saíam mais alegres das assembléias, onde tinham recebido afrontas pelo nome de Jesus?

Oh! sim é glorioso sofrer por tal causa. Eu bem o entendo; não queremos senão perseguições ilustres, para que a nossa luz resplandeça nas trevas e a nossa vaidade brilhe entre os sofrimentos; quereríamos ser crucificados gloriosamente. Mas quando os mártires sofriam cruéis suplícios, eram louvados pelos seus algozes? Não eram, pelo contrário, amaldiçoados e execrados? Ah! existem bem poucas pessoas que queiram desprezar a sua reputação para procurar a glória daquelle que morreu ignominiosamente na cruz, afim de nos conduzir à glória que não terá fim! Se a graça de Deus se justificasse em mim, desejaria que no dia do juízo, quando se manifestarem os segredos dos corações, só Deus soubesse da minha justiça, e as minhas injustiças fossem conhecidas de todos.

Em que queremos nós testemunhar o nosso amor para com Aquêlê que tanto sofreu por nós, se não for

pelas incomodidades, contrariedades e repugnâncias? Ah! deixemos trespassar o nosso coração com a lança da contradição; alimentemo-nos com o absinto; bebamos o fel e vinagre das amarguras temporais, visto Nosso Senhor assim o querer.

Deus, eis o espelho da nossa alma, e o polo imóvel no qual giram os nossos desejos e movimentos. Depois disto, arme-se o céu, amotine-se a terra e os elementos, guerreiem-me tôdas as criaturas, que eu confio em Deus; basta-me estar com Êle e que Êle esteja comigo, para eu estar em paz.

4. Tenhamos os olhos sempre fixos em Jesus Cristo crucificado; caminhemos em seu serviço com confiança, e simplicidade, mas sábia e discretamente; Êle será o protetor da nossa fama, e se permite que no-la roubem será para nos dar uma melhor, ou para aproveitarmos na santa humildade, uma onça que vale mais do que mil de honra. Se nos caluniam, oponhamos com doçura a verdade à calúnia; se a pessoa continua, continuemos nós a humilhar-nos. Entregando assim a nossa reputação com a nossa alma nas mãos de Deus, não a poderemos guardar melhor. Sirvamos a Deus na fama boa e má a exemplo de S. Paulo, para que possamos dizer: «Oh! meu Deus, por vós é que eu suportei êste opróbrio e que a confusão cobriu a minha face.»

Uma porção desta virtude, adquirida entre as contradições, os opróbrios, as censuras e as repreensões, vale mais do que muitas adquiridas de outra forma. Oh! quão felizes somos em ter jurado uma fidelidade eterna ao nosso Mestre! Para lhe agradecer, basta ter paciência e

viver virtuosamente, porque teremos muitas ocasiões de sofrer.

Amai-o bem, nos retiros que fazeis para orar e adorar; amai-o quando o receberdes na santa comunhão; amai-o quando o vosso coração estiver consolado; mas amai-o sobretudo quando êle estiver mergulhado na tribulação e aridez; porque assim vos amou Êle no paraíso, e depois entre os açoutes, cravos, espinhos e trevas no Calvário.

Considerando isto, deveis receber com paciência e doçura as tribulações que tiverdes por amor d'Aquele que as permite unicamente para vosso bem.

Elevai pois o coração a Deus; pedi-lhe auxílio e fundai a consolação na felicidade de lhe pertencerdes. Poucas serão para vós as ocasiões de desgostos se tiverdes um tal amigo, auxílio e refúgio.



LIVRO TERCEIRO

PENSAMENTOS CONSOLADORES NAS DOENÇAS E TEMOR EXCESSIVO DA MORTE

I

Consolações nas doenças

1. Quando estiverdes doentes, oferecei as vossas dores, angústias e penas ao Senhor, suplicando-lhe que as una aos tormentos que Êle por nós sofreu. Obedecei ao médico; tomai os remédios e os alimentos por amor de Deus, lembrando-vos do fel que êle tomou por nosso amor; desejai sarar para o servir; não recuseis enfraquecer para lhe obedecer; disponde-vos de morrer, se Êle assim o quizer, para o louvar e gozar. Lembrai-vos que as abelhas, quando fabricam o mel, alimentam-se com uma comida amarga, e assim só não poderemos praticar atos de doçura e paciência, nem fabricar melhor o mel de excelentes virtudes, senão quando nos alimentamos com o pão amargo das tribulações; e vivemos entre angústias. (1)

(1) Na doença tendes ocasião de enriquecer o vosso coração com tôdas as virtudes que cercam a cruz, que o nosso Deus nos envia, a submissão suave à doença e a todos os incômodos inerentes a ella, as palavras ternas e cheias de gratidão para com aquêles que nos cercam, a amável condescendência e accitação dos alívios e necessidades, e tôdas as outras pequenas virtudes.

E assim como o mel fabricado com as flores do timo, herba pequena e amarga, é o melhor de todos, assim a virtude que se forma na amargura das humilhações e dos trabalhos, é mais excelentes de tôdas. As tribulações e doenças são muito próprias para nos aperfeiçoarem por meio das resignações sólidas que fizermos então na mão de Nosso Senhor Jesus Cristo. (1)

O nosso corpo é fraco; mas a caridade, que é o vestido nupcial, tudo cobrirá. Uma pessoa fraca excita à compaixão os que as conhecem e dá uma ternura de amor particular, contanto que leve com devoção a sua cruz.

Convem sermos francos em pedir e aceitar os remedios como doces, e corajosos em sofrer o mal. O que pode conservar a doçura entre as dôres e angústias, e a paz entre os enredos e multiplicidade de occupações, é quase perfeito; e embora se encontrem poucas pessoas, mesmo religiosas, que tenham atingido esta grande perfeição convém, contudo, aspirar a ela.

A vida de uma pessoa que goza saude é quase tôda estéril, a de um doente é quase seara contínua; convém que nos sujeitemos à necessidade e tornemos tudo útil à nossa eterna felicidade. Ah! que tudo morra em nós, contanto que Deus aí viva e reine! Mui-

(1) A doença separa o cristão do mundo e de tôda a embriaguez dos sentidos, torna tudo silencioso em torno dele, muda o corpo, instrumento ordinário das suas ilusões e desejos vãos, em instrumento de expiação e sacrifício; não se procura então a vista dos homens; tudo se dirige ao interior, e a alma do cristão enfermo encontra-se a sós com Deus.

tas vezes acontecem-nos êstes males, para que, como não fazemos penitências voluntárias pelos nossos pecados, façamos as obrigatórias. Apliquemos contudo as enfermidades os remédios convenientes, mas com uma tal resignação que, se a divina mão de Deus os vencer, nos resignemos, e se êles forem eficazes façamos o mesmo. Oh! bem pouco é que tôdas as horas da nossa vida sejam tristes e cheias de aflições contanto que a hora da morte seja feliz e nos traga a verdadeira consolação! Não convém que desejemos estar no Calvário, assim como desejamos estar no Tabor? E' bom estar com Deus, seja na cruz, seja na glória. A mão de Deus é tão amável quando distribue tribulações, como quando dá consolações. Não vamos de encontro aos decretos da vontade celeste, que dispõe dos seus para sua maior glória. Não está em nosso poder conservar as consolações que Deus nos envia, mas sim amá-lo sobretudo que é a benção que mais devemos desejar.

Oh! meu Deus! quanto é bom viver só para vós, não trabalhar senão para vós e não nos regosijarmos senão em vós!

3. E' por isto que convém que tenhamos paciência, não só em estarmos doentes, mas padecer a doença que Deus quizer, no lugar em que quizer, entre as pessoas que quizer e com os incômodos que quizer, obedecendo em tudo ao médico (exceto nas orações jaculatórias que êle não pode, nem deve proibir, se não forem muito frequentes) tomando os medicamentos e alimentos por amor de Deus, lembrando-nos do fel que Nosso Senhor por nós tomou, desejando sarar para o servir, mas anhelando adoecer mais e morrer, se assim

lhe agradar, para o louvar e gozar d'Ele. Devemos fazer o mesmo nas outras tribulações. Senhor Jesus! que felicidade tem uma alma dedicada a Deus em ser muito exercitada pela tribulação antes de morrer!

Como se pode reconhecer o amor franco e vivo senão entre os espinhos, as cruzes, a languidez, e sobretudo quando a languidez é demorada?

Nosso Senhor testemunhou o seu amor desmesurado pela medida dos seus trabalhos e paixão.

Testemunhai bem o vosso amor ao espeso do vosso coração no leito da dor. Êste Salvador contou tôdas as vossas dôres e sofrimentos e pagou com o preço do seu sangue tôda a paciência e amor de que precisais para applicardes os vossos trabalhos à sua glória e à vossa salvação.

Consolai-vos, pensando que é Deus que vos envia as cruzes; porque nada sai desta divina mão que não seja para utilidade das almas que o temem ou para as purificar e firmá-las no seu santo amor. (1)

As penas consideradas em si mesmas não podem

(1) A lembrança que os santos têm no céu dos seus sofrimentos, humilhações, encanta-os e inebria-os; celebra-nos em seus cantos de alegria, e se se pudessem afligir, seria de não terem sofrido mais. Os santos que estão nos céus ensinam isto aos que ainda lá não estão. Procuremos comprehender esta importante doutrina; sabemos isto de uma maneira certa e segura.

O grande caráter da santidade é o amor da mortificação, assim como o seu cunho próprio é a alegria espiritual; um consegue o outro. E' um mistério; mas procurai comprehendê-lo e achar-lheis a razão.

Não analdícoeis a cruz, que nos é dada para nos advertir, des.

amar-se; mas consideradas na sua origem, isto é, na providência e vontade divina que as ordena, são infinitamente amáveis. Vêde a vara de Moisez, estendida, é uma serpente terrível, vêde-a na mão de Moisez, é uma vara miraculosa. Considerai as tribulações em si mesma, são insuportáveis; considerai-as na vontade de Deus, são amores e delícias.

Sereis felizes se receberdes com um coração filialmente amoroso o que Nosso Senhor vos enviar com um coração paternalmente cuidadoso da vossa perfeição.

Considerai muitas vezes a duração da eternidade e não vos inquietem os acidentes desta vida mortal. Se não tendes ouro nem incenso para oferecer a Nosso Senhor, terois pelo menos mirra e creio que Elle aceita agradavelmente, e como se êste fruto da vida quisesse ser fabricado com mirra, tanto no nascimento como na morte.

3. Jesus glorificado é belo; mas crucificado ainda parece melhor. No presente é vosso esposo; para o futuro estará revestido de glórias. (1)

ligar, conduzir ao nosso fim. Saíamos dela para subirmos até Deus. Precisamos tanto de sofrer! . . . Soframos pois!

PADRE RAVIGNAN

(1) Não nos admiremos de ver neste mundo a vida dos justos cheia de tribulações, assim como a dos máus cheia de consolações. Os que não tiverem parte no paraíso eterno terão algumas doçuras neste mundo e aquí encontrarão as delícias para os recompensar de algum bem que praticaram. Os outros, que não terão parte na eternidade desgraçada, experimentarão tribulações neste mundo para purificarem as suas almas de algumas faltas que praticarem entre

Em que ocasiões a não ser nestas, poderemos nós praticar grandes atos de união indissolúvel do nosso coração à vontade de Deus, de mortificação do nosso amor próprio, e do amor da nossa propria objeção? E' Deus que assim quer exercitar o nosso coração. Não é pois um rigor; é uma doçura. Faça-se a sua vontade e não a nossa.

Animai-vos, poque considerando-se-lhe o nosso coração fiel, não nos carregará acima das nossas fôrças e suportará conosco o pêso quando vir que nos submetemos a Elle com docilidade.

Eu amo o vosso progresso na piedade sólida, e este progresso tem suas dificuldades, para que vos exerciteis na escola da cruz, pois só nesta se podem aperfeiçoar as nossas almas. Crede que o meu coração espera o dia da vossa consolação com todo ardor como o vosso. Mas esperai, digo, esperando, para me servir das palavras da Escritura. Ora esperar esperando é não se inquietar com a demora; porque há muitos que esperando não teem paciência, mas perturbam-se e inquietam-se.

4. As roseiras espirituais não são como as corporais; nesta os espinhos ficam as rosas caem; naquelas vão-se e ficam as rosas.

E' um grande abuso em muitos crer que o serviço que fazemos a Deus sem gôsto, sem ternura de coração e sem sentimento, lhe é menos agradável, pois que

um infinidade de obras boas. Felizes os que por alguns momentos de sofrimento na vida presente esperarem não sofrer os suplícios da eternidade!

pelo contrário, as nossas ações são como as rosas, que quando estão frescas teem mais graça, mas quando estão sêcas têm mais aroma e fôrça. E assim são as nossas ações, que, sendo feita com ternura do coração, são mais agradáveis para nós; mas sendo feitas com secura e aridez de coração, teem mais aroma e valor ante Deus.

Porque amar a Deus na doçura, isso também o fazem as crianças; mas amá-lo na amargura, isto é a sublimidade da fidelidade amorosa.

S. Pedro, animou-se a dizer: «Viva Jesus no Tabor»; mas dizer: «Viva Jesus no Calvário», isso coube a sua Mãe Santíssima e ao discípulo amado que lhe deixou por filho.

5. Oh! como são bemaventurados os que se não escandalizam com os opróbrios e ignomínias de Nosso Senhor, e que nesta vida se crucificarem com Ele, meditando a sua paixão, mortificando-se, não se escandalizando em saber que Ele foi o escárneo e ignomínia do mundo! (1)

(1) Foi o mesmo Deus que santificou o Tabor e o Calvário, para nos fazer compreender a união mística da ignomínia com a glória; para nós devem ser idênticos. Lembremo-nos que na consolação ou na tentação, Deus é sempre o mesmo para conosco; é sempre Salvador, grande, poderoso, com um imenso amor para conosco. Digamos pois em tudo o que nos succeder: Deus é sempre o mesmo. Se Jesus mostra aos apóstolos a sua glória e esplendor, é para os conduzir a cruz para os preparar a sacrificarem-se e imolarem-se. No trabalho da santificação convém dizer sempre: A gloria do Tabor pode ser dada na terra, mas por muito pouco tempo. As penas, eis o que nos foi dado para fundarmos em nós a dedicação e o zêlo.

Não padece dúvida que se nos quisermos salvar devemos unir-nos à cruz do nosso Salvador, mortificar-nos por ela; não há outro caminho para o céu, Nosso Senhor andou-o primeiro. Tantos êxtasis, elevações de espírito e arrebatamentos quereríeis vós; elevai-vos se podeis ao terceiro céu com S. Paulo; mas se contudo isto não vos unirdes à cruz de Nosso Senhor, e vos não exercitardes na mortificação de vós mesmo, digo-vos que tudo isso é vaidade, e ficareis privado de todo o bem, sem virtude, sujeito e disposto a escandalizar-vos com os judeus, da Paixão de Nosso divino Salvador. Em suma, não há outra para entrarmos no céu senão a humilhação e a mortificação.

II

Como nos devemos aproveitar das doenças para o nosso
adiantamento espiritual (1)

1. Mas, dir-me-eis vós, não posso meditar nos trabalhos que Nosso Senhor sofreu por nós quando as dôres me atormentam. Pois bem; não é preciso que o

(1) Quando tudo nos sorri no mundo, ligamo-nos a êle com facilidade, o enleio é muito poderoso e o encanto muito forte. Se Deus nos ama, crede que não consentirá que durmamos a nosso gosto neste lugar de exílio. Perturba-nos os nossos divertimentos vãos; interrompe o curso das nossas felicidades imaginárias, com receio de que nos deixemos arrastar pelos rios da Babilônia, isto é, pela torrente dos prazeres que passam. Crede com certeza, oh! filhos da nova aliança, que quando Deus vos envia afições, é para quebrar as laços que vos uniram ao mundo e conduzir-vos à vossa pátria.

façais; mas que eleveis o mais que puderdes o vosso coração a êste Salvador e que façais os seguintes atos:

1.º Aceitar essa dor da sua mão, como se o vísseis impô-la e insinuá-la em vós;

2.º Oferecendo-vos para ainda sofrer mais;

3.º Pedindo-lhe, pelo mérito dos seus tormentos, que aceite êsses pequenos incômodos em união com as penas que sofreu na cruz;

4.º Protestando que querereis não só sofrer, mas amar e estimar os vossos males como enviados por uma tão doce mão;

5.º Invocando os mártires e tantos servos e servas de Deus, que gozam no céu por terem sido afligidos neste mundo.

Há muitas pessoas que estando doentes ou aflitas, seja pelo que for, não se queixam, nem se fazem delicadas, porque pensam com razão que isso seria uma fraqueza e cobardia! mas ao mesmo tempo desejam ardentemente que todos as lamentem e tenham delas grande dó e as consideram não só como aflitas, mas como pacientes e corajosas.

Ora, eu confesso-o; isto é paciência: mas uma paciência falsa, que afinal de contas, não passa duma ambição fina e delicada e duma vaidade subtil. Elas teem glória, diz o Apóstolo, mas não aos olhos de Deus. O verdadeiro paciente não se lamenta dos seus males, nem deseja que os outros os lamentem; fala com simplicidade, verdadeira e simplesmente, sem se lamentar, sem se irritar, sem se fingir mais doente do que está. Se o lamentam, sofre com paciência que o lamentem, a

menos que o não lamentem dalgum mal que não tem, porque então declara modestamente que não tem essa modéstia, e fica assim calmo, entre a verdade e a paciência narrando a sua enfermidade sem se queixar.

2. Nenhum perigo há em desejarmos o remédio; pelo contrário, convém procurá-lo com cuidado; porque Deus, que nos deu o mal, é também o autor dos remédios. (1)

Convém pois applicá-los contudo com tal resignação que, se a Divina Majestade quer que a doença vença os remédios, acedei a isso; se quer que o remédio produza efeito, bendizei-o também. (2)

(1) E' permitido dizer com S. Paulo: «Desejo estar separado isto é, morrer, e estar com Jesus Cristo». Mas não convém procurar a doença nem rejeitar os remédios.

BOSSUET

(2) Quanto aos motivos para conservardes a saude, alem do da obediência para que nos livre de todo o cuidado, deveis considerar o vosso corpo como templo do Espirito Santo, que vos é dado a guardar, e que não sendo vosso, tendes de dar conta dele ao seu Senhor. Fareis o mesmo que se tivésseis a responder por uma capella que caísse em ruínas e tivésseis obrigação de reparar. Além disso, o vosso corpo é membro de Jesus Cristo; cuidai pois dele como se Nosso Senhor se lamentasse do mau trato que de vós recebesse. Tratai-o ainda como o duma terceira pessoa, para quem usásseis de caridade. E lembrai-vos que como filho de Deus Padre sois da sua familia, e Elle quer que Ela se conserve e mantenha. A nossa vida pertence-lhe; adquiriu-a pelo sangue do seu Filho: tem direitos sôbre ela e quer que a conservemos para dela usarmos em seu serviço.

J. J. OLIER

Quanto sereis felizes se continuardes a estar debaixo do jugo de Deus, humilde, doce e simplesmente! Ah! Eu espero que as vossas dôres aproveitem muito ao vosso coração.

É agora que mais do que nunca podereis dizer ao vosso doce Salvador com todo o afeto e devoção: «Viva Jesus! Viva Jesus! e reine sempre entre as nossas dôres, visto que nós não podemos reinar nem viver pela sua morte».

Esperae pois Nele; e para esperardes Nele, pertencei-lhe sempre. Imolae muitas vezes o vosso coração ao seu amor no altar da Cruz, no qual imolou o seu por amor de vós. A cruz é a porta real para entrar no templo da santidade. Procurando-se por outra porta, não se encontrará.

Se a inveja pudesse reinar no reino do eterno amor, os anjos invejariam aos homens duas excelências que consistem em dois sofrimentos; uma é que Nosso Senhor sofreu na cruz por nós e não por êles, pelo menos tão inteiramente; a outra é que os homens sofrem por Nosso Senhor; o sofrimento de Deus pelo homem e o sofrimento do homem por Deus. (1) E, recordando-me

(1) A perfeição não consiste na consolação, mas nas submissão de nossa vontade a Deus, sobretudo nas amarguras. Enfim lembremo-nos de que a obediência de Jesus Cristo se tornou perfeita quando a sua língua e boca se abrasaram com o fel e vinagre, que lhe aumentou a sêde cruel que o devorava e então lembrar-nos-emos de que devemos estimar mais a aridez e desolação de uma alma submissa do que a amorosa languidez e o encanto delicioso da devoção.

desta cruz exterior que trazeis sôbre o coração dir-vos-ei: «Amai a vossa cruz porque é de ouro se a considerardes com olhos de amor; e embora vejais de uma parte o amor do vosso coração morto e crucificado entre cravos e espinhos, achareis de outra uma multidão de pedras preciosas para compor a coroa da glória que vos espera, se durante a vida levarmos amorosamente a de espinhos com o vosso Rei, que tanto quís sofrer para entrar na sua felicidade. (1)

3. O nosso querido Jesus crucificado seja sempre um ramilhete para o vosso peito, porque os seus cravos são mais desejáveis do que as flores, e os espinhos do que as rosas. Deus meu! Desejo que sejais santa e embalsamada com os aromas dêste Salvador.

(1) S. João Damasceno ensina que o Filho de Deus pela sua encarnação deixou todos os bens da vida e todos os males pela sua paixão; e que em certo modo os uniu hipostaticamente a sua divindade; de sorte que, assim como, nós veneramos tudo o que tocou no corpo de Jesus Cristo, devemos venerar todos os males, seja de que natureza forem, por entrarem todos em seu coração e nenhum deixar de tocar o seu sagrado corpo, ou deixar de ser abraçado pelos desejos de sua santa alma. É pensando nisto, que Santo Anselmo dizia que «adorava todos os males desta vida como sacramentos.» Os sacramentos produzem a graça nos que os recebem e a cruz santifica todos os que a tocam: e como o Filho de Deus está sempre presente na Eucaristia, também podemos dizer que está presente em nossas aflições. Daqui nasceram as palavras cheias de fé e amor dum religioso prostrado aos pés dum enfermo: «Adoro a Jesus Cristo neste corpo enfermo; a minha fé mostra-no duma maneira menos real, mas mais sensível do que na hóstia consagrada. Vejo-o aí presente, mas com uma presença de ação; não só dum médico com o doente, dum pai com um filho, dum amigo com seu amigo; mas como a alma com o corpo que anima, com a cabeça e com os seus membros.»

O Pater que vós preferís pelas vossas dôres não é proibido; mas, oh! meu Deus! não me atreverei a pedir a Nosso Senhor pelas dôres que sofreu em sua sacrosanta cabeça que me passem as minhas. Ah! Elle sofreu para que nós não sofrêssemos! Santa Catarina de Sena, vendo que o seu Salvador lhe apresentava duas coroas, uma de ouro, e outra de espinhos: «Oh!, disse ela, quero a coroa de dor para êste mundo e a de ouro para o céu.» Queria empregar a coroação de Nosso Senhor para obter uma coroa de paciência em volta da minha cabeça.

Vivei entre os espinhos da coroa do Salvador e disse sempre: «Viva Jesus!» Esta carne é admirável em não querer nada de picante, mas a repugnância que sentís não prova falta de amor, porque como julgo, se cressemos que dilacerando-nos Elle nos amaria mais, dilacerar-nos-famos, não sem repugnância, mas a-pezar-de repugnância.

Não digais que quereis recobrar a saude para amar e servir a Deus melhor, porque é pelo contrário para servir o vosso gôsto, que estimais mais do que o gôsto de Deus.

A vontade de Deus está quase sempre melhor na doença do que na saude. Se amamos mais a saude, não digamos que é para amarmos e servirmos a Deus melhor: porque quem não vê que é a saude que nós buscamos na vontade de Deus, e não na vontade de Deus a saude?

Pobres e miseráveis criaturas, nenhum bem poderemos fazer neste mundo senão sofrer alguma adversidade. Raras vezes servimos a Deus por uma parte que

o não desgostemos por outra. Se por uma ação procuramos unirmos a *Êle*, muitas vezes d'êle nos separamos pelas más circunstâncias de que essa ação está revestida. E' por isso que convém deixá-lo nas suas doçuras, e servi-lo humildemente nas suas dôres.

4. Convém obrar com Nosso Senhor, servindo-o humildemente, quando temos saúde, e soffrermos com Nosso Senhor, suportando com paciência as dôres e as aflições quando *Êle* nô-las envia.

Isto posto Teótimo, julgai se deveis chorar o tempo em que estivestes ralado pelo soffrimento, pois que em um só dêstes momentos podeis adquirir uma coroa de glória imortal. Quantas coroas em uma hora! Quantas em um dia! Quantas em um mês! Quantas em um ano! «Estimaria mais um só dêstes dias, dizia um religioso, do que todos os trabalhos dos conquistadores». Quando se pensa na grande eternidade, na qual nada soffrermos, onde nada poderemos dar a Deus, e onde Deus nos encherá de dons, tôdas as misérias desta vida parecerão muito amáveis e não há um momento que não seja momento de humilhação e cruz. Como é pois precioso o tempo desta vida e como é santa a obra, que se une à pena e amargura! (1)

5. O coração que se une ao coração de Deus não pode deixar de amar e aceitar suavemente os golpes

(1) O verdadeiro tempo de expiar os nossos pecados e de experimentar a graça do perdão é o da doença, enquanto este espinho nos atormenta e trespassa, quando a mão de Deus pesa sobre nós e que *êle* próprio nos impõe a penitência segundo a sua infinita misericórdia.

que a mão de Deus descarrega sobre elle. Santa Blandina não encontrava alívio melhor para as feridas do seu martírio do que a cogitação suave que exprimia, suspirando estas três palavras: « Eu sou cristã ». Bem aventurado o coração que sabe empregar bem este suspiro!

O único remédio para a maior parte das nossas doenças espirituais e corporais é a paciência e conformidade com a vontade de Deus, resignando-nos ao seu gosto, sem excepção nem reserva, na saúde, na doença, no desprezo, na honra, na consolação, na desolação, no tempo e na eternidade, aceitando de bom grado de sua amabilíssima mão, todos os trabalhos do corpo e do espirito como se a víssemos presente, oferecendo-nos para ainda soffrermos mais se lhe agradar. Não podemos dizer quanto uma tal resignação e aceitação da vontade de Deus torna os nossos soffrimentos puros e meritórios, quando recebemos com doçura, paciência e amor o mel que nos faz soffrer, considerando que Deus o quís de toda a eternidade para lhe comprazermos e obedecer à sua Providência. Logo que appareça o agrado de Deus devemos logo sujeitar-nos a elle.

Sabeis que o fogo que Moisez viu sobre a montanha representava este santo amor, e que, como as suas chamas se alimentavam entre espinhos, assim o exercicio do amor sagrado alimenta-se muito melhor entre as tribulações do que entre as alegrias. (1)

(1) Que tem a esperar um soldado a quem o seu capitão não quer experimentar, mas, pelo contrario, quando o exercita nas empresas laboriosas, dá-lhe assunto para esperar. Oh piedade delicada que nunca experimentou afflições, piedade nutrida à sombra e no repouso! Ouço-te discorrer a respeito da eternidade, pretendes a coroa da

Tendes pois ocasião de conhecer que Nosso Senhor deseja que aproveiteis em seu amor, por vos dar uma saúde vacilante e muitos outros exercícius. Oh! meu Deus! como é doce ver a Nosso Senhor coroadado de espinhos na cruz, e de glória no céu! porque isto anima-nos a recebermos amorosamente as contradições, sabendo que pela coroa de espinhos chegaremos à coroa de felicidade. Unf-vos sempre estreitamente a Nosso Senhor, e todos os males se reverterão em bens.

6. Contemplai muitas vezes com os olhos interiores da alma a Jesus Cristo crucificado, blasfemado, caluniado, abandonado, cheio de tristeza, esalfado de trabalhos; e lembrai-vos de que todos os vossos sofrimentos nada são comparados aos seus, nem em qualidade, nem em quantidade, e que nunca sofrereis nada por Elle em comparação com o que por vós sofreu.

Considerai as penas que os mártires outrora sofreram; e as que tantas pessoas ainda hoje sofrem, maio-

mortalidade, mas não deves inverter a ordem do Apóstolo: «A paciência produz a prova, e a prova produz a esperança.» Se pois esperas a glória de Deus, submete-te às provas que Deus propoz aos servos. Eis uma tempestade que se levanta, eis uma perda de bens, um insulto, uma contrariedade, uma doença; que, pois, tu murmuras, pobre piedade desconcertada! não te podes sustentar, piedade sem fundamento? Tu nunca mereceste o nome de piedade cristã; eras só um simulacro vão; eras um ouropel que brilha ao sol, mas que não resiste ao fogo e que se desvanecer no cadinho; és própria para enganar os homens por uma aparência vã; mas não és digna de Deus, nem da pureza do século futuro.

BOSSUET

res sem comparação do que as que vos afligem, e dizei: «Ah! os meus trabalhos são consoladores, e as minhas penas rosas, se me comparo com os que sem socorro, assistência, nem alívio algum, vivem em uma morte contínua, ralados de aflições mil vezes maiores do que as minhas!

Não pensamos na morte quando temos saúde, e vós estais obrigados a não pensar na vida. Evita-se a cruz de Jesus Cristo, e é Ele mesmo que ali vos coloca; não queremos sofrer; queremos ser justos sem paciência e nem virtude, e Nosso Senhor, que vos ama mais do que vós mesmos, se ocupa até o fim em purificar-vos, ao passo que abandona os outros.

Oh! como sois felizes em terdes que sofrer alguma coisa por Nosso Senhor, que tendo fundado a Igreja militante e triunfante na cruz, favorece sempre os que a levam! Visto não terdes que ficar neste mundo; bom é que o tempo que nele estiverdes consagreis ao sofrimento.

Se eu tivesse alguma coisa a desejar, seria que a minha morte fosse precedida duma doença prolongada; porque por êste meio esfriaria o afeto dos meus amigos e não teriam tanto cuidado em me visitarem. O cuidado dos meus criados cansar-se-ia também a pouco, e receberiam alívio com a minha morte.

III

Das orações convenientes aos enfermos (1)

1. O leito de um enfermo é para elle um altar de sacrificio. Feliz o justo que não perturba o sacrificio pelos seus gritos e murmúrios e adora esta mão benfa-

(1) Não vos aflijais com a indisposição de que estou atacado pela vontade de Deus. E' uma ordem especialíssima da sua bondade e providência, que lhe devemos agradecer. Há muito em que purificar, e as doenças são para isso as melhores vias; ordinariamente trata-me assim por sua infinita bondade. Seja pois sempre bendito! Não posso na doença aplicar-me com a mesma assiduidade como gozando de saúde; mas convém que lhe sirva de complemento e sacrificio do nosso corpo, espírito, do nosso tempo e de nós mesmos. O mau uso que tenho feito da minha saúde é a causa da minha enfermidade: mas queria Deus pela sua infinita bondade satisfazer-se de nós como deseja, e se lhe agradar, contentar-se com a nossa destruição e aniquilamento. Todos êstes males são fantasmas em comparação com os que merecemos pelos nossos pecados. Que misericórdia e bondade é a de Deus, que se contenta com tão pequena penitência! Bem longe de nos lamentarmos, adoremos o seu amor que nos trata com tanta doçura e que nos faz a graça como diz S. Paulo, de querer completar em nós os seus sofrimentos e terminar o que falta às suas penas. Parece-me ser uma honra incomparável que Deus nos faz em se querer servir dos nossos corpos para sofrer ainda para glória de seu Pai. Glorifiquemo-nos pois com o Apóstolo em nossas enfermidades, para que a virtude divina habite em nós; atendei muito aos sentimentos que Nosso Senhor vos dá nas vossas doenças; porque Deus costuma fazer por meio da doença o que não pode fazer por meio da saúde. Abandonai-vos completamente a Elle para que faça de vós o que quizer, oferecendo-vos a Elle como vítima, para tudo soffreres, inclusivamente a morte que merecem os vossos pecados.

J. J. OLIER

zeja, oculta nos instrumentos que emprega e ama estes golpes salutaes e sente todo o mérito dessa distincção. Como sairá brilhante a sua alma do cadinho das tribulações! E' um ouro experimentado sete vezes; está marcado com o sinete dos eleitos e tem a própria insígnia de Jesus Cristo. Não é bom mandar dizer a missa dos quartos; adorai do vosso leito a Jesus Cristo no altar e contentai-vos com isso. Daniel, não podendo ir ao templo, virava-se para êsse lado para adorar a Deus; fazei o mesmo. Mas aconselho-vos que commun-gueis todos os domingos e festas, no leito, se os médicos vo-lo permitirem. Nosso Senhor visitar-vos-á voluntariamente no leito da aflicção.

Se não rezais muitas orações durante a vossa doença, ou de vosso marido, fazei com que a doença seja uma contínua oração, oferecendo-a ao que amou tanto as nossas enfermidades, que no dia das núpcias e da alegria do seu coração, como diz o Amante sagrado, coroar-se-á.

Aspirai a Deus por curtos, mas ardentes suspiros do coração; admirai a sua beleza; invocai o seu auxílio; adorai a sua bondade; entregai-lhe a vossa alma mil vezes por dia; fixai a vossa vista interior no seu palácio; estendei-lhe a mão como uma criancinha a seu pai para que êle vos guie.

Êste exercício não enfada, porque se pode unir com as nossas occupações, sem as perturbar e retardar. O peregrino que bebe um pouco de vinho, para alegrar o coração, embora se demore um pouco para isso, não retarda a viagem: mas toma novas fôrças para a concluir mais depressa, parando para andar mais.

Quando deu Nosso Senhor mais gloria a Deus, senão quando tinha as mãos e pés cravados à cruz?

Eis o grande ato do seu serviço. E como o servia? Sofrendo e oferecendo; os seus sofrimentos eram uma oferta cheia de suavidade para com seu Pai. Enquanto estiverdes doentes, usai duma meditação regulada; porque suportar os açoitamentos de Nosso Senhor não é menos meritório do que meditar; porque é melhor estar com Jesus Cristo na cruz do que meditá-lo na oração. (1)

2. Poupai-vos quando puderdes, enquanto durar a presente doença; não vos obrigueis senão com doçura a praticar qualquer exercício. Se vos cançais em estar de joelhos, sentai-vos. Se não podeis orar meia hora, orai um quarto de hora, ou ainda menos. Ponde-vos na presença de Deus e sofrei aí as vossas dores.

Quanto à meditação, teem razão os medicos; enquanto estiverdes doentes, não a fazeis, e para reparardes esta omissão, fazei o duplo de jaculatórias e applicai tudo a Deus por uma condescendência ao seu agrado, pedindo-lho que nunca se separe de vós dando-vos

(1) Quando alguma doença ou incômodo nos impedir, que façamos oração, convém esperarmos que uma hora de sofrimento será tão agradável a Deus, como uma de oração, na qual talvez procurássemos a nossa satisfação. Quando cremos que o número e embaraço das nossas occupaões exteriores nos impede de nos lembrarmos de Deus, lembremo-nos de que não é repouso da natureza, mas da graça, que é necessário a uma alma para se lembrar de Deus. Este repouso encontra-se melhor na cruz, nas penas e no verdadeiro amor do desprezo, do que em qualquer outra parte.

êste embaraço para a oração; porque se faz isto, é sem dúvida para vos unir a Êle mais sòlidamente, pelo exercício da resignação santa e tranquila. (1)

Que nos importa que pertençamos a Deus, de uma forma ou de outra? Em verdade, visto que só a Êle procuramos e que tanto o encontramos na mortificação como na oração, sobretudo quando nos envia a doença; porque tanto devemos estimar uma como outra além de que as jaculatórias e elevações de espírito são orações contínuas; e o sofrimento é a mais digna oferta que podemos dar a quem nos salvou sofrendo. Pedí que de quando em quando vos leiam algum livro bom, como o *Tratado da conformidade com a vontade de Deus*, de Rodrigues, o *Consolador dos enfermos*, por Lambillotte; os *Sotrimentos de Jesus Cristo*. Não vos inquieteis por não poderdes servir a Deus a vosso gôz.

(1) A nossa vida está tôda consagrada à piedade por exercícios que são por assim dizer o alimento da nossa alma: mas uma doença vem interromper o curso dos exercícios que costumáveis fazer. Não podeis ouvir missa nem nos dias santos: estais privado do santo alimento da comunhão; e em breve o vosso estado de fraqueza impedir-vos-á a própria oração. Não te lamente, alma piedosa; é para ti honroso alimentar a alma, participando com Jesus Cristo dum alimento que talvez não conheças, mas cujo uso fará da tua doença um objeto de santificação: «O meu alimento, dizia Jesus Cristo aos seus discípulos é fazer a vontade daquele que me enviou.» É êste mesmo alimento que nos apresenta e por êle é que viveremos para a vida eterna. A oração é inefficaz, se não é auxiliada o vivificada por êste alimento salutar, como disse o Salvador no Evangelho: «Todos os que dizem: Senhor! Senhor! não entrarão no reino dos céus mas sim os que fizerem a vontade de meu Pai»

to; porque sujeitando-vos aos incômodos, servi-lo-eis ao seu gosto, que vale mais do que o vosso. Seja Ele sempre bendito e glorificado. (1)

3. Quando vos conceder a saude continuareis a oração; pelo menos meia hora pela manhã, e um quarto de hora à tarde, antes de cear; porque depois que Nosso Senhor vos dê a prova o mel celeste será uma afronta não gostardes dele. Convém pois animar-vos, e não consentir que as conversações vos privem dum bem tão grande e raro, como o de falardes com Deus com o coração unido ao dele.

Não pareis quando vos quizerdes lamentar; mas queixai-vos a Deus, com o espírito filial como uma criança á sua mãe; porque sendo com amor, não há perigo em nos queixarmos, nem em pedirmos a saude, nem em mudarmos de lugar, nem em pedirmos alívio; convém só que façais isto com resignação e amor nos braços da santíssima vontade de Deus.

(1) Bem sabeis que foi Deus que vos reduziu a êsse estado; é pois Ele que vos dispensa das práticas da piedade, ou antes que vo-la proíbe. Não vos inquieteis pois, mais atendei que êle espera de vós, em troca, que vos exerciteis em cumprir a sua vontade, renunciando à vossa e é para que vos alimenteis com êste exercício que êle vos é dado com frequência. Com efeito, quantas contrariedades e sacrificios nos impõe a doença? Desmancha projetos ocasiona despesas, remédios, que repugnam, negligências da parte dos que nos servem, enfim uma multidão de incômodos que nos ferem. Quantas ocasiões para dizerde: Deus assim quer! . . . Seja pois o vosso estudo não deixardes passar nenhuma destas ocasiões, e então estareis na categoria dos que Deus mais ama; porque êle mesmo o disse: «O que faz a vontade de Deus êsse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.»

Não vos apoquenteis em não praticardes bem os atos de virtude: porque, como vos disse, não deixam de ser bons por serem feitos com languidez e como que à fôrça. Não podereis dar a Deus o que tendes e em ocasião de aflicção nada mais tendes.

Suponho que a melancolia servir-se-á da vossa indisposição para vos entristecer ainda mais e que vendo-vos triste vos inquietareis; mas não o fazeis, eu vol-o peço. Se estaes pesado, triste e melancólico, não deixeis por isso de estar em paz, e embora penseis que tudo o que fazeis é sem gôsto, sem sentimento e sem fôrça, não deixeis por isso de abraçar a Nosso Senhor Crucificado e de lhe entregar o vosso coração e de lhe consagrardes o espírito com os afetos lânguidos como estão. A beata Ângela de Foligno dizia que Nosso Senhor lhe tinha revelado que nenhum bem lhe agradou tanto como o que era feito por fôrça; isto é, o que lhe faz uma vontade resoluta contra a languidez da carne, as repugnâncias do corpo e entre as securas, tristezas e desolações interiores.

Oh!, meu Deus! como sereis felizes se fordes fieis nas vossas resoluções, entre as cruzes que se vos apresentaram, Àquêle que vos amou até á morte e morte de cruz.

4. É uma verdade manifesta que as nossas almas contraem na parte ínfima as qualidades e condições dos corpos; e digo na parte ínfima, porque esta é a que está mais ligada ao corpo e que mais participa dos seus incômodos. Um corpo delicado, enfraquecido pela doença incomodado com muitas dôres, não permite ao coração ser tão vivo, ativo e pronto em suas operações; mas

nada disto prejudica os atos do espírito, que são tão agradáveis a Deus, assim como entre as alegrias do mundo, por serem feitos com mais pena e trabalho; mas não são tão agradáveis à pessoa que os faz, porque não estando na parte sensível, não são sensíveis, nem delicados.

É preciso não sermos injustos, e não exigirmos de nós senão o que temos. Quando estamos incomodados basta que peçamos ao nosso espírito atos de submissão e aceitação do trabalho e das santas uniões da nossa vontade ao agrado de Deus; e quanto às ações exteriores, convém ordená-las e praticá-las o melhor que pudermos, contentando-nos com as praticar, embora com languidez e contra vontade. E para terminarmos esta languidez e ôstes pesadelos do coração, e fazer que eles sirvam ao amor divino, convém que aceitemos e amemos a própria abjeção; desta forma transformareis o chumbo do vosso torpor em outro mais fino do que o das maiores alegrias do coração. Tende paciência com-vosco mesmo; e suporta a vossa parte superior o enfraquecimento da inferior.

Agora o vosso Amado é para vós um ramilhete de mirra; apertai-o ao vosso coração. O meu Amado é para mim e eu para Êle; estará sempre em meu coração. Isaías chama-o o Homem de dores. Êle ama as dores e os que as sofrem. Não vos atormenteis em praticar muito; mas disponde-vos a sofrer com amor o que sofrerdes, e Deus vos será propício. Ou lânguidos ou vivos, ou moribundos, pertencemos a Deus e nada nos separará do seu amor tendo a sua graça. Nunca o nosso coração terá vida senão nele e por Êle; e será sempre o Deus do nosso coração.

IV

O livro das doenças e das almas aflitas (1)

1. E' fora de dúvida que para nós pode dar uma tranquillidade mais profunda neste mundo do que o contemplarmos muitas vezes a Nosso Senhor nas aflições que teve desde o nascimento até a morte; porque aí veremos tantos desprezos, calúnias, pobreza, indigência, abjeções, penas e tormentos, que, comparados com isto, reconheceremos que fazemos mal em chamar aflições, penas e contradições os pequenos accidentes que nos acontecem e sem desejarmos paciência para cousas tão pequenas, pois que uma só gota de modéstia basta para suportar tudo que nos acontece.

Um coração que estima e ama muito Jesus Cristo crucificado, ama a sua morte, as suas penas, os seus tormentos, opróbrios, fome, sede, ignomínias, e quando participa delas salta de alegria e abraça-as com amor.

Não vos direi que não contempleis as vossas dôres, porque o vosso espírito que é pronto em replicar-me diria que elas se fazem notar pela aspereza da dor que causam: mas dir-vos-eis que as contempleis através da cruz e as achareis ou pequenas, ou pelo menos tão agradáveis, que amareis mais o sofrimento do que o gozo e toda a consolação que dele está separado.

(1) As doenças purificam a alma e são um poderoso meio para chamar e atrair para a virtude os que a desprezavam; abrem os enfermos um vasto campo para praticar a fé, a esperança, a submissão a vontade divina e todas as outras virtudes.

O calvário é a verdadeira escola do amor. É aí que as almas fieis vem beber nas chagas do leão da tribu de Judá o mel do amor; e no céu, depois do motivo da bondade divina, considerada em si mesma, o da morte do Salvador o mais poderoso para enternecer de amor dos espíritos bem-aventurados. Todo amor que não tem a sua origem na paixão do Salvador, é frívolo e perigoso. Há pouco, na oração, considerando o lado aberto de Nosso Senhor e contemplando o seu coração parecia-me que os nossos corações lá estavam em tórno dele, prestando-lhe homenagem como a um rei dos corações. (1)

(1) Tendes um crucifixo, e como procedeis para com elle? Deixai-o o menos possível; colocai-o sôbre a mesa quando escreverdes, sôbre os joelhos quando trabalhades para o contemplar de quando em quando, e quando adormecestes tendo-o nas mãos.

De certo que nada santifica mais do que a comunhão frequente e adoração do Santíssimo Sacramento; mas nós não podemos ter sempre a Nosso Senhor Jesus Cristo substancialmente presente no coração, e não podemos estar constantemente a seus pés; podeis porém ter sempre convosco a sua imagem; esta imagem fala-vos muito.

Se, quando vos levantardes de manhã, beijardes o vosso crucifixo com amor e prometerdes a Nosso Senhor levardes a vossa cruz todo o decurso do dia;

Se durante a meditação tiverdes a cruz nas mãos e vos propuserdes a imolar-vos sôbre o altar do crucifixo de Jesus Cristo;

Se, para reanimar o vosso fervor, levardes de tempos a tempos a mão ao crucifixo;

Se o apertardes fortemente nos momentos de angústias, trabalhos, lutas e tentações;

Se, quando partirdes para praticar alguma obra boa e adorardes, lembrando-vos que é Jesus Cristo que ides socorrer na pessoa dos pobres e pequenos;

2. O crucifixo é o verdadeiro livro do cristão. Ape-lo para vós todos, ilustres doutores da Igreja. Devoto de S. Bernardo, onde bebestes uma doutrina tão suave, senão nesse livro? E vós, piedoso Santo Agostinho, «que alimentáveis vossa alma nas chagas do Senhor;» e vós, Seráfico Francisco de Assiz que extraístes do *livro da cruz* instruções tão tocantes; e vós, Angélico

Se, quando praticardes alguma austeridade beijais as suas divinas chagas, que são as fontes de vida da Igreja e da nossa purificação;

Se à tarde vos prostrardes a seus pés a dar contas do vosso orgulho em face dos seus abatimentos; das vossas vaidades em face das suas humilhações; da vossa cobardia em face das suas angústias; da vossa preguiça em face do suor de sangue derramado pelo seu divino corpo; do vosso egoísmo em face do seu infinito amor; da vossa impaciência, despeitos e faltas de caridade em face das esperas à porta do vosso coração;

Ah! parece-me bem difícil que o vosso crucifixo não seja para convosco um amigo e confidente.

Nosso Senhor amar-vos-á instruir-vos-á e fortificar-vos-á através da sua imagem; e em uma mútua comunicação, unidos a vosso esposo por êsse intermédio mudo, sentireis uma transformação em todo o vosso ser; não será só a madeira ou o metal que reproduzirão os traços do Salvador; gravar-se-ão duma maneira mais viva na vossa alma. Sentireis a ação mais imediata d'Aquele que por vossa causa esteve pregado na cruz. Quereis transformar-vos n'Ele e dizer como S. Paulo: «A vida para mim é Jesus Cristo». E a nossa vida, tomando um novo caráter, descobrir-vos-á novos horizontes na ciência cristã, se vos deixardes conduzir pelo amor; e tãda a vida, ciência e felicidade se resumirão para vós nestas duas palavras: «Jesus Cristo crucificado». Confesso-vos com tãda simplicidade que o melhor alimento para mim é à noite antes de adormecer. Não são precisos grandes esforços para pensarmos neste bom Senhor que temos entre as mãos. Diz-se-lhe que o amamos; pede-se-lhe perdão que

S. Tomaz, que nada escrevestes sem antes terdes consultado a Jesus crucificado; e vós, Doutor Seráfico S. Boaventura, que parece não terdes tido, escrevendo vossos piedosos opúsculos, outro papel senão a cruz, outra pena senão a lança, outra tinta senão o sangue de vosso salvador Jesus Cristo? Oh! que fogo vos abrasava, quando o vosso coração dava êste grito de amor: «Oh! como é bom estar com Jesus crucificado! Quero aí construir três tendas; uma nas suas mãos, outra nos seus pés, e outra na chaga do lado, onde quero repousar e vigiar, ler e falar, orar e praticar.» (1)

cae do alto da Cruz; pensamos no mal que cometemos contra o bom Deus; no tempo que perdemos; nas graças que recebemos. Agradecemos-lhe os benefícios, fazemos-lhe promessas amorosas; envergonhamo-nos de estar em uma boa cama quando Elle esteve na cruz; excitamo-nos ao amor e a recuperarmos o tempo perdido.

Adoramos a Deus Pai, apresentando-lhe seu Filho; invocamos o Espírito Santo que Elle nos enviou; pedimos pela Igreja que nasceu no calvário; envergonhamo-nos de sermos tão maus cristãos, depois animamo-nos pensando no amor e poder de Deus, e se sobrevêm o sono, achamos o tempo curto em semelhante companhia.

Eis algumas idéias que produzirão uma comunicação ativa com o vosso crucifixo, Tornará Jesus Cristo presente ao espírito e coração; que mais desejais? Pedí à Santíssima Virgem que vos ensine a unir os vossos lábios às chagas do seu Divino Filho, e tomar aí a coragem e o ardor que devem distinguir as virgens esposas de Deus. Seja a cruz o vosso bem, a vossa esperança, vida e recompensa! — R. P. D'ALZON.

(1) S. Bernardo estudava com uma doçura incrível o seu grande livro, isto é, a cruz de Jesus; saciava-se com o seu sangue e com êste divino licor bebia o desprezo do mundo. «Eu venho, dizia êle, oh! meu bom Senhor, crucificar-me convosco. Vejo que

Oh! Se Nosso Senhor nos amou até a morte da cruz, que nos resta fazer senão morrermos também de amor por Êle, ou, se não pudermos morrer por Êle, pelo menos vivermos para o servir? Com certeza, se o não amamos, se não vivemos para Êle somos ingratos e pérfidos. «Oh! Senhor, dizia Santo Agostinho, é possível que o homem saiba que morrestes por Êle e que êle não virá por vós?» «Que! Deus meu, dizia suspirando S. Francisco de Assiz morrestes de amor por nós, e ninguém vos ama!»

3. S. Paulo, êste incomparável mestre e doutor da Igreja nascente fazia as delícias do seu coração da vista de Jesus Cristo na cruz; era Êle o objeto dos seus discursos, o termo de todos os seus desejos neste mundo, e o apôio das suas esperanças na Eternidade. «Julguei, diz êle, nada saber senão a meu Jesus crucificado; nunca me glorifiquei senão na cruz de meu Jesus, e não creiaes que eu tenha vida outra senão a da cruz; porque eu vos asseguro que vejo e sinto de tal

esses divinos olhos, cujo olhar fez que S. Pedro derramasse torrentes de lágrimas, não dão mais luz; terei sempre os meus fechados para as pompas do século e não terão mais brilho para as vaidades. Esta boca divina, da qual manaram rios d'água viva que corre até à vida eterna, fechou-a a morte; condenarei a minha ao silêncio e não abrirei senão para confessar os meus pecados à vossa misericórdia. O meu coração será de gelo para os prazeres vãos, e como não vejo no vosso corpo nada inteiro, quero levar comigo, de todos os lados marcas iguais do sofrimento para que um dia me revista da vossa gloriosa resurreição. Enfim, entregar-me-ei no vosso lençol; porque aprendi do Apóstolo que somos sepultados convosco no santo Batismo.»

modo em tôda a parte a cruz do meu Jesus que por sua graça estou completamente crucificado para o mundo e o mundo para mim, «Bem aventurada a alma que vê por tôda a parte a Jesus crucificado!»

É conveniente trazermos sempre conosco a cruz e beijá-la muitas vezes com amor, contemplá-la com respeito e ternura, dizendo-lhe: «Ó Jesus, amado do meu coração, consenti que vos aperte no seio como um ramilhete de mirra; prometo-vos que a minha boca, que é feliz em beijar a vossa santa cruz, se absterá dora avante da maledicência, dos murmúrios e de tôda a palavra que vos possa ofender; que os meus olhos que vêem correr o vosso sangue, as vossas lágrimas pelos meus pecados não verão mais as vaidades do mundo, nem nada que me exponha a ofender-vos; que os meus ouvidos, que ouvem com tanta consolação, as sete palavras pronunciadas por vós na cruz nunca se comprazerão com os louvores vãos, com as palavras que ferem o próximo; que o meu espírito, depois de ter estudado com tanto gosto os mistérios da cruz, [nunca abrigará pensamentos, nem imaginações vãs ou más; que a minha vontade submetida às leis da cruz e ao amor de Jesus crucificado, só terá caridade para com meus irmãos; enfim que nada entrará nem sairá do meu coração, senão com permissão da santa cruz, cujo sinal eu traçarei sobre mim com veneração ao deitar, e ao levantar, e em tôdas as angústias da minha vida.» (1)

(1) «Eis o meu livro,» dizia o angélico Pio VII, mostrando o seu crucifixo, quando Napoleão lhe perguntava o que lia nas longas horas do seu cativeiro.

«Eis o meu livro» dizia também o ilustre Bonald, repetindo:

Deveis todos os dias, não na oração, mas passeando, considerar a Nosso Senhor, entre as penas da nossa redenção e considerar que a felicidade será para vós participar dela, ver em que ocasião isto vos pode acontecer, isto é, as contradições que podem sobrevir aos vossos desejos, mas sobretudo aos que vos parecem mais justos e legítimos: e depois, com um grande amor da cruz e paixão de Nosso Senhor, deveis exclamar como Santo André: «O! cruz, tão amada do meu Salvador, quando me recebereis em vossos braços?»

Que graça não é o estar não só sôbre a cruz, ou pelo menos um pouco crucificado com Jesus Cristo? Anima-vos pois, e convertei a necessidade em virtude, e não percais a ocasião de testemunhar bem o vosso amor para com Deus nas tribulações, como Êle testemunhou o céu para convosco entre os espinhos.

Ficai em paz entre os braços paternos do pai celeste, pois que pertenceis a Êle e não a vós. Oh! que favor não é o Êle conservar e reservar as suas gratificações para a vida eterna!

E' tal a nossa vida que convém que nos alimentemos mais com absinto do que com mel; mas Aquêlo pelo qual resolvemos padecer todas as oposições nos dará a consolação do seu espírito em ocasião própria. «Não percais a esperança, diz o Apóstolo; porque fortificados por ela sofrereis e suportareis com coragem o combate das aflições, por maior que seja.» (1)

O! meu Senhor! O! meu Redentor! amar-te e conhecer-te é a minha ciência: adorar-te é a felicidade.»

(1) A cruz! ela está gravada em tudo; tudo o que no mundo

Quando o vento se introduz nos vales, entre as montanhas estraga as florinhas e arranca as grandes árvores. Assim, eu que estou elevado à categoria de bispo, recebo mais incômodos. Mas na sagrada base da cruz de Nosso Senhor, a chuva que cai por tôda a parte abate êste vento. Quando eu aí estou, oh! Deus, como está em paz o meu coração e quanta suavidade lhe dá êste orvalho rubro!. Conservai-vos pois no lado aberto do nosso Salvador... Como é bom êste Senhor! Como é amável o seu coração! Permaneçamos neste santo asilo; viva sempre êsse coração nos nossos e gire sempre nas veias das nossas almas. Humilhai a fronte aos pés da cruz, e conservai-vos ali humildemente e cheio de confiança para receber os méritos do sangue que dela mana.

V

Dos doentes que não podem orar

1. Tudo tem o seu tempo. » Há tempo de sofrer e tempo de orar. Não é na primavera nem no inverno que se deve procurar o fruto nas árvores. Seria preciso ter um corpo de bronze para trabalhar sofrendo e

existe tem a sua figura e sinete, e Deus assim o quiz para nos advertir que estivéssemos sempre prontos a recebê-la. Nunca sempre; sempre sofreremos. A nossa própria existência não nos prova suficientemente a necessidade imensa que temos de sofrer? se nossa alma estivesse isenta de dôres, o que é impossível, onde estaria a virtude? onde estaria a santidade? Saberemos sofrer quando compreendermos que o sofrimento foi criado e escolhido por Deus no seu amor para nos conduzir a si.

sofrer trabalhando. Quando Deus nos convida ao sofrimento, dispensa-nos da ação.

Há doentes que vendo-se de cama, não se queixam tanto das suas dores como da sua impotência em prestar a Nosso Senhor os serviços que lhe prestaram quando gozaram saúde; mais nisto se enganam muito, porque uma hora de sofrimento, por amor e submissão à vontade de Deus, vale mais do que muitos dias de trabalhos feitos com menos amor.

2. Mas eis a verdade; é que nós sempre queremos servir a Deus à nossa vontade e não à sua: e só amamos sua vontade, quando ela é semelhante à nossa, em vez de devermos amar a nossa por ela ser conforme à sua.

Quando Deus quer estejamos doentes, queremos estar sãos. Quando quer que o sirvamos por meio do sofrimento, desejamos servi-lo por meio da ação. Quando quer que exerçamos a paciência, queremos exercer a humildade, a devoção, a oração ou outra qualquer virtude, não por ela ser mais a seu gosto, mas ao nosso. Amamos a virtude, misturada com doçura, mas não com fel e vinagre. O Calvário não nos agrada tanto como o Tabor; não é naquela montanha mas nesta que desejaríamos construir os nossos tabernáculos.

É, em uma palavra, que amamos mais a saúde do que a doença, e assim amamos a Deus diversamente na doença e na saúde. Amamo-lo mas quando nos fere, e assim, em vez de Deus estimamos o amor; porque quem não ama senão a Deus, ama-o em todo o tempo, na saúde e na doença, na prosperidade e na adversidade no sofrimento e no gozo; porque sendo Deus igual a

si mesmo a desigualdade do nosso amor para com Elle não pode provir senão d'Ele próprio.

3. E quando os nossos corpos sofrem, é custoso elevar os nossos corações à consideração perfeita da bondade do Senhor; isto pertence unicamente aos que por um longo hábito teem sempre o seu espirito voltado para o céu. Mas nós somos ainda muito fracos temos almas que se distraem fàcilmente com o sentimento dos trabalhos e dôres do corpo. E' por isso que não nos devemos admirar se das enfermidades omitimos o uso da oração interior; nesse tempo convém também empregar as jaculatórias e inspirações sagradas; porque já que a doença nos faz suspirar muitas vezes nada custa suspirar por Deus antes do que lamentarmo-nos inútilmente. Mas quando Deus nos volte a saude, convém voltardes à oração pelo menos meia hora de manhã.

VI

Não desejamos nem recusemos os alivios na doença

1. Nosso Senhor, estando na cruz, fez-nos compreender bem como devemos mortificar os sentimentos naturais que nos tornam muito compassivos conosco; porque, tendo grande sêde, não pediu para beber, mas manifestou sòmente a sua necessidade: «Tenho sêde.» E depois fez um ato de grande submissão, porque sendo-lhe apresentada na ponta duma lança uma esponja embebida em fel e vinagre, colou a ela os seus benditos lábios.

Caso estranho! Não ignorava que era uma bebida

que aumentaria o seu tormento; contudo bebeu simplesmente sem nada dizer, para nos ensinar com que submissão devemos receber o que nos dão, quando estamos doentes, sem mostrarmos repugnância, desgosto, ou enfado. Ah! se estamos um pouco incomodados, em vez de imitarmos o nosso doce Mestre, não cessamos de nos lamentar e queixar; o nosso mal, seja qual for, é incomparável, e o que os outros sofrem nada é; estamos impacientes e tristes o mais possível e nada achamos que nos possa prontamente aliviar. Em fim custa a ver como imitamos tão pouco a paciência do nosso Salvador, que esquecendo as suas dôres não procurava torná-las conhecidas, mas contentava-se em que seu Pai celeste, por cuja ordem sofria, as considerasse e derramasse o fruto sôbre os homens por quem sofria.

2. A humildade, a paciência e o amor d'Aquele que nos envia as cruces, requerem que as recebamos sem nos queixar; mas, notai ha muita diferença entre contar os seus males e lamentar-se deles. Podemos contá-los assim em muitas ocasiões somos obrigados a contá-los e a dar-lhes remédios; mas isto deve-se fazer com calma, sem o exagerarmos por palavras ou por lamentações.

E' isto que diz a Santa Tereza; porque lamentar-se não é narrar o seu mal, mas contá-lo com lamentações e testemunhos de aflição.

Narraí pois simples e verdadeiramente, sem escrúpulo; mas de maneira que proveis sujeitar-vos a êle docemente. Gravaí na vossa memória estas duas queridas frases que tantas vezes vos tenho recomendado: Nada desejeis e nada recuseis. Nestas duas palavras está dito tudo. Contemplai o Menino Jesus no presépio; re-

cebeu a pobreza, a nudez, a companhia dos animais, e as injúrias do tempo, o frio e tudo que seu Eterno Pai permitiu que lhe acontecesse. Não está escrito que estendesse as mãozinhas para pedir o seio de sua Mãe. Entregava-se completamente ao seu cuidado e providência. Não recusava os pequenos alívios que ela proporcionava e recebia os serviços de S. José, as adorações e presentes dos pastores e dos reis, e tudo isto com igualdade perfeita. Devemos fazer o mesmo, e a exemplo do divino Salvador, nada pedirmos e nada recusarmos, mas sofrer e receber igualmente tudo o que a Providência de Deus permitir que nos suceda. Conceda-nos Deus esta graça.

3. Encontro no Evangelho um modelo perfeito desta virtude na sogra de S. Pedro. Esta boa enferma, atacada por uma grande febre, ficara tranquila e sem inquietação alguma, e mesmo sem a causar aos que a serviam. Contentava-se com sofrer o seu mal com paciência e doçura. Oh! Deus quanto era ela feliz e como merecia que cuidassem dela, como fizeram os Apóstolos, que trataram dela sem que lhes pedisse, mas por caridade e compaixão!

Esta boa enferma bem sabia que Nosso Senhor estava em Cafarnaum e que curava os doentes; contudo não se apressou a ir dizer-lhe que sofria... Mas o que é ainda mais admirável é que o viu em sua casa, onde Jesus a viu e ela a Êle, e contudo não lhe disse uma única palavra para o excitar à compaixão, nem o tocou com intenção de ser curada.

Ainda mais: parece não fazer caso da doença, não se enternece a contá-la não se lamenta, nem pede que lamentem e lhe busquem o remédio. Contenta-se

com que Deus o saiba e os que a governam. Considera a Nosso Senhor, não só como seu soberano médico mas ainda como Deus, a quem pertence tanto na saúde como na doença, estando tão contente, sã como enferma. Oh! quantas pessoas teriam usado de finura para serem curadas por Nosso Senhor, e teriam dito que pediam a saúde para o servir melhor, temendo que lho não faltasse alguma cousa. Mas esta Santa mulher não pensava nisto; fazendo ver a sua resignação, e nada pedindo a Nosso Senhor senão a sua santíssima vontade.

Não quero com isto dizer que a não possamos pedir a Deus como a quem no-lo pode dar, com a condição de nos submetermos à sua vontade.

Não basta estar doente, porque Deus o quer, mas também como Deus o quer, quando Deus o quer, e da maneira que quizer, não escolhendo doença alguma, por abjeta e humilhante que seja; porque muitas vezes o mal sem abjeção entumece o coração em vez de o humilhar; mas quando padecemos o mal e a confusão ao mesmo tempo, que ocasião para exercermos a paciência, a humildade e a doçura da alma!

Tenhamos um grande cuidado, imitando aquela santa mulher, mantendo nosso coração em doçura, aproveitando-nos como ela das nossas doenças; porque ela se levantou logo e sorviu a Nosso Senhor, não usando da sua saúde senão para seu serviço. E nisto não fez como os mundanos, que tendo estado doente alguns dias precisam semanas e meses inteiros para se restabelecerem.

Não vos lamenteis pois, obrigai vosso coração a sofrer tranquilamente; e se tiverdes alguma impaciência,

logo que notardes, conservai o vosso coração em paz e doçura. Crede-me; Deus ama as almas agitadas pelas ondas e tempestades do mundo, contanto que recebam das suas mãos os trabalhos e como guerreiros valentes, se exercitem a guardar fidelidade entre os assaltos e combates.

Se estais algumas vezes pouco tratável nas vossas enfermidades, isso passará a pouco e pouco. O espírito humano muda muitas vezes sem que o pensemos e aquêlle que menos perturbações sente, é o melhor.

Quanto a vós, supponho que agora a idade e a fraqueza da vossa compleição vos tornarão fraco e lânguido; é por isso, que vos aconselho que vos exerciteis em acatar a amabilíssima vontade de Deus, e na abnegação das alegrias exteriores e na doçura entre as amarguras; é êste o sacrifício mais excelente que podeis fazer.

Praticai não só o amor sólido, mas o amor terno, doce e suave para com os que vos cercam; o que eu digo pela experiência que tenho, que as doenças, não nos tirando a caridade, tiram-nos contudo a suavidade para com o próximo, se nos não prevenirmos.

E' preciso que nos sofram os nós próprios até que Deus nos conduza ao céu, e enquanto nos suportamos, nada que presta suportamos... Tenhamos pois paciência. As doenças do espírito, bem como as do corpo, chegam as corridas, mas vão-se a passo. Convém pois, ó Filoteia que sejas corajosa e paciente nesta empresa.

Estas doenças longas são uma escola de caridade para os que lhes assistem e de amorosa paciência para

os que as sofrem; porque uns estão aos pés da cruz como Nossa Senhora e S. João, cuja compaixão imitam, e outros estão na cruz como Nosso Senhor, imitando-lhe a paixão.

Muitas vezes sai-se destes accidentes com uma vantagem dupla, porque a febre dissipa os maus humores do corpo e purifica os do coração.

VII

Da paciência nas operações dolorosas

1. Conceda-nos Nosso Senhor o seu Santo Espfrito para sofrerdes tudo segundo a sua santa vontade.

Refiro-me à vossa perna doente, que convém operar, e não será sem grandes dôres. Mas, meu Deus! que provas que nos dá a vossa vontade nestas ocasiões! Oh! Coragem! Pertencemos a Jesus Cristo; eis que Elle nos envia a sua vestimenta. Suponde que o ferro que atravessará as vossas carnes é um dos cravos que trespassou os pés de Nosso Senhor.

Oh! que felicidade! Escolheu para si êstes favores e amou-os tanto que os levou ao paraíso e eis que agora vos faz deles participante. Porém dizeis-me que não podeis servir a Deus enquanto estais doente; e eu respondo-vos: Quando é que Nosso Senhor prestou o maior serviço a seu Pai? Sem dúvida, quando esteve pregado na cruz, tendo as mãos e pés atravessados por cravos. Foi êste o maior ato do seu serviço. E como o servia? Sofrendo e oferecendo; os seus sofrimentos tinham uma suavidade imensa perante seu Pai. Eis

pois o serviço que fareis a Deus na cama, sofrereis e oferecereis as vossas dores à sua Majestade; Elle estará convosco nessa tribulação e vos consolará.

Eis que vos chega a cruz; abraçai-a e amai-a por amor d'Aquele que vo-la envia. Daví aflito dizia a Deus: «Calei-me e nada disse, porque fostes vós, ó! meu Deus que me enviastes o mal que eu soffro», como se dissera: Se uma outra pessoa e não vós ó! meu Deus, me tivesse enviado essa aflicção, não a estimaria mas rejeita-la-ia mas visto que fostes vós, calo-me aceito-a e honro-a. (1)

Aceitai da sua mão o sofrimento:

1.º Como se o visseis impô-lo na vossa fronte.

2.º Oferecendo-vos para ainda soffrerdes mais.

3.º Pedindo-lhe pelos méritos dos seus tormentos que aceite êsses pequenos incômodos, em união com as penas que soffreu na cruz.

4.º Protestando que quereis não só soffrer, mas amar os sofrimentos como vindos duma tão santa mão.

5.º Invocando os mártires e tantos servos e servas de Deus que gozam no céu por terem sido muito afligidos neste mundo.

(1) O glorioso mártir S. Górdio dizia aos carrascos para os excitar e tirar a preguiça; «Rasgai o meu corpo, parti-o em pedaços, fazei-me soffrer tudo o que quizerdes, não me invejais a esperança da minha beatitude; quanto mais me martirizardes, mais aumentareis a minha recompensa.» As dores que soffremos por amor de Deus são contratos que com Elle fazemos. Em troca das chagas e pisaduras, veste-nos com uma brilhante túnica; em paga das afrontas dar-nos-á uma coroa de glória; em paga da prisão, o vasto império do céu em paga dos clamores iníquos que ouvimos contra a nossa inocência, ouviremos louvores e bênçãos dos anjos e bem-aventurados.

2. Estamos unicamente neste mundo para trazer o doce Jesus na boca, anunciando-o; nos braços, praticando boas obras; aos ombros, suportando o seu jugo securas e aridez, tanto nos sentidos exteriores, como nos anteriores. Oh! como são felizes os que o levam doce e constantemente!

Mas eis um bálsamo precioso para aliviar as vossas dôres. Tomai todos os dias uma ou duas gotas de sangue que distilam das chagas e dos pés de Nosso Senhor; tomai-as para meditação, e mergulhai, com a imaginação, os vossos dedos neste licor, applicando-o aos vossos males, invocando o doce nome de Jesus, e vereis como diminuem as vossas dôres.

A obediência que tiverdes ao médico será infinitamente agradável a Deus e levada em conta no dia do juizo. Enquanto estiverdes aflitos no leito terei para convosco uma reverência extraordinária, como a uma pessoa visitada por Deus, vestida com as suas vestes e sua esposa especial. Quando Nosso Senhor estava pregado na cruz, foi aclamado rei pelos seus próprios inimigos; e as almas que estão na cruz são rainhas.

S. Paulo que estivera no céu, e nas felicidades do Paraizo, não estava contente senão nas enfermidades e na cruz de Nosso Senhor. Quando tiverdes a perna ferida dizei com o mesmo Apóstolo: «Ninguém me venha molestar nem perturbar, porque tenho os sinais do meu Senhor no meu corpo.»

Oh! perna, que sendo bem empregada, vos levará mais depressa ao céu do que a mais sã do mundo!

O paraizo é uma montanha, para a qual se caminha melhor com as pernas quebradas e rasgadas do que com elas inteiras e sãs.

VIII

Como devemos perseverar na paciência

1. «Em vossa paciência, diz o Filho de Deus, possuireis as vossas almas.» Possuir pois bem a sua alma é um efeito de paciência, e à medida que a paciência é perfeita, a posse da alma se torna mais completa e excelente.

Ora a paciência é tanto mais perfeita, quanto menos mistura tem de inquietação e pressa. Queira pois Deus livrar-nos desta duas últimas incomodidades e em breve estareis livres do vosso mal.

Tende animo, eu vo-lo peço. Só por três anos sofrestes o incômodo do caminho e já quereis repousar; mas lembrai-vos de duas cousas: uma é que os filhos de Israel estiveram quarenta anos no deserto antes de chegarem à terra de promessa, e contudo bastavam seis semanas para lá chegar; e não lhes foi permitido perguntar, porque lhes fazia Deus dar tantas voltas, e os conduziu por caminhos tão ásperos; porque todos os que murmuravam morreram antes de chegar à terra prometida; lembrai-vos em segundo lugar de Moisez, o maior amigo de Deus que então havia, morreu ao chegar às fronteiras da terra do descanso, contemplando-a com a vista, mas não podendo gozar dela. (1)

(1) «A doença diz S. Vicente de Paulo, é um estado quase insupportável à natureza, e é contudo um dos mais poderosos meios de que Deus se serve para nos fazer entrar em nossos deveres, para nos desligar dos afetos ao pecado e para nos encher com os dons da sua graça. E' por ela que as almas se purificam e que as que não

2. Prouvera Deus que nós notássemos o caminho que seguimos, e que tivéssemos os olhos fitos naquêle que nos conduz e no bem-aventurado país para onde nos leva! Que nos importa se é pelos desertos ou pelos campos que vamos, contanto que Deus esteja conosco e que nós vamos para o paraíso? Crede-me eu vo-lo peço; enganai o mais que puderdes o vosso mal, e se sentís pelo menos não lhe deis atenção; porque a sua vista ainda vos dará mais apreensões do que o sentimento e a dor.

E' assim que se costumam vender os olhos àqueles a quem se quer operar. Parece-me que vós vos demorais bastante a considerar os vossos males.

Quando ao que me dizeis, que é um grande trabalho querer e não poder, não vos digo que devemos querer o que não podemos, mas diante de Deus é um grande poder, poder querer.

Não presteis a isto atenção e lembrai-vos da grande angústia que o nosso divino Mestre sofreu no jardim das Oliveiras, e notai que êste precioso Filho, tendo pedido consolação a seu bom Pai, e conhecendo que

são virtuosas encontram um meio eficaz de o serem. Nenhum estado há mais próprio para praticar o bem.

E' na doença que a Fé se exerce maravilhosamente; a esperança brilha com esplendor; a resignação, o amor de Deus e tôdas as virtudes aí encontram uma matéria ampla para se exercerem. O verdadeiro tempo de expiar os pecados e de experimentar a graça do perdão é o da doença, diz Bossuet; enquanto êste espinho nos fere e incomoda, que a mão de Deus pesa sôbre nós, e que Êle próprio nos impõe a penitencia, segundo a medida da sua infinita misericórdia.

lha não queria dar, não pensa mais nisso, não se inquieta, não a procura; mas, como se nunca a pretendesse, executa com valor e coragem a obra da nossa redenção.

3. Depois de terdes pedido ao Pai que vos console, se lhe não agrada fazê-lo, não penseis nisso e empregai a vossa coragem em praticar a obra de salvação na cruz, como dela nunca descesseis e nunca tivésseis de ver o ar desta vida calmo e sereno. Quereis? E' preciso saber falar a Deus entre os trovões e os turbilhões de vento; convém contemplá-lo na fôrça, no fogo e nos espinhos e para fazer isto convém descalcar-mos e fazer uma grande abnegação dos nossos afetos e vontade.

Mas a vontade de Deus não vos chamou no estado em que vos achais sem vos fortificar nele. A Deus é que cumpre completar a obra.

E' verdade que isto leva tempo, porque a matéria o requer; mas tende paciência.

Conformai-vos plenamente com a vontade de Deus e não julgueis que o servireis melhor por outra forma; porque nunca o servimos melhor do que quando o servimos como Elle quer. Imaginai que não vos tirásseis das vossas angústias: que fareis? Diríeis a Deus; Eu sou vosso: se as minhas misérias vos agradam, acrescentai-lhe o número e a duração. Confio em Nosso Senhor que direis isso e não pensareis mais neste assunto.

Fazei pois agora da mesma forma e trabalhai como se devesseis viver sempre entre os trabalhos; e notai que quando não pensardes em vos livrardes deles, Deus nisso pensará, e quando vos apressardes, Deus acorrerá.

IX

Do temor excessivo da morte. (1)

1. Na nossa lingua chamamos aos que morreram passados, como se disséramos que passaram desta vida para uma melhor; e na verdade o tempo que passarmos neste mundo de misérias, a que chamamos vida a cada momento nos conduz ao túmulo. E' isto que fazia dizer a um antigo filosofo que nós morremos todos os dias e que todos os dias nos tira uma porção de nosso ser. Daquí a bela expressão da sabia Tecuita: Todos morremos e estamos no mundo como a corrente das águas que se precipita no rio.» A natureza imprimiu em todos os

(1) Tenhamos ideias grandiosas e sentimentos vivos da bondade de Deus; confiemos inteiramente n'Ele, e Ele se nos manifestará e a sua vista, que neste mundo é a impressão da sua presença, que eleva a Si o nosso espírito, nos dará alegria. Devemos inspirar principalmente esta confiança e alegria aos enfermos, porque o abatimento em que estão os torna mais aptos para as impressões de temor que causa a tristeza.

A fraqueza do corpo conduz à timidez de alma, como vemos na crianças e nos velhos.

Convém mais do que tudo inspirar esta confiança aos moribundos, e isto o mais que pudermos mormente se são pessoas que tem razão para temer os juizos de Deus. O demônio impele-os então para o abismo do desespero e a inclinação é rápida. Convém temer durante a vida e confiar na morte.

Quando gozamos de saúde e força, convém que o temor retenha a nossa inconstância e abata o nosso orgulho. Em um moribundo nem temos a temer a recaída nem a presunção; os seus pecados acabarão com a vida e o temor dos juizos de Deus não dá lugar à presunção.

homens o horror da morte; o próprio Salvador recebendo a nossa carne e tornando-se semelhante a seu irmão, exceto no pecado, não se quis isentar dêste temor, embora zoubesse que a morte o isentaria das misérias humanas e o transferiria para uma glória que quanto a sua alma já possuía.

2. Um antigo dizia que a morte não deve ser reputada um mal, nem considerada apoquentadora, quando é precedida por uma vida boa, porque nada a torna tão temível como o que se lhe segue. Mas contra êstes temores, que nascem da apreensão dos juizos divinos, temos o escudo da bem-aventurada esperança, a qual, fazendo-nos confiar, não em as nossas virtudes, mas unicamente na misericórdia de Deus, nos assegura que os que esperam na sua bondade não serão enganados.

Cometí muitas faltas, é verdade: mas quem seria o louco que pensasse cometer mais do que as que Deus pode perdoar, e ousasse medir a grandeza dos seus crimes pela imensidade desta misericórdia infinita, que os mergulha na profundidade do mar do olvido? Só os desesperados como Caim é que podem dizer que o seu pecado é tão grande que não tem perdão: porque «há uma misericórdia em Deus e uma redenção abundante; é Êle que redime Israel de tôdas as suas iniquidades.»

3. E' verdade que à vista dos nossos pecados passados devemos sempre temer e amargurar-nos: mas não convém ficarmos por aquí, mas chamar em nosso auxílio a fé, a esperança e o amor da divina e infinita bondade; desta forma a nossa amargura se converterá em paz, o nosso temor, em lugar de servil, tornar-se-á

casto e filial, que é um amargo eloés, será dulcificada pela doçura da confiança em Deus.

O que fica na desconfiança e temor sem passar à esperança e confiança, parece-me com aquêlê que em uma roseira colhesse os espinhos e deixasse as rosas. Convém imitar os cirurgiões, que não abrem a veia sem ligarem bem o membro, para estancarem o sangue.

O que confia em Deus será como o monte Sião que não se desloca por tempestade alguma.

X

Remédio contra o grande temor da morte

1. Todo o que tiver um verdadeiro desejo de servir a Deus e de evitar o pecado não se deve por forma alguma aterrar com a idéia da morte e dos juizos divinos; porque embora se devam temer ambos, contudo o temor não deve ser terrível e aterrorador por forma que abata e deprima o vigor e fôrça de espírito; mas deve ser um temor por tal forma unido à confiança na bondade de Deus, que por êste meio se torne doce.

Eis aquí os remédios eficazes para diminuir o grande temor da morte.

O primeiro é a perseverança no serviço de Deus. Afianço-vos que se perseverardes no exercício de devoção, como vejo que praticais, encontrareis um grande alívio para o vosso tormento; porque a vossa alma, estando assim isenta dos afetos maus e unindo-se cada vez mais a Deus, se desligará desta vida mortal e dos gostos vãos que a ela se unem.

Continuai pois na vida devota como começastes e andai sempre cada vez melhor no caminho aonde estais e vereis que em breve tempo esses terrores se enfraquecerão, sem vos inquietarem mais.

Reflito muitas vezes que sois filhos da Igreja Católica e alegrai-vos com isso, porque os filhos desta Mãe, que desejam viver segundo as suas leis morrem sempre felizes, e como diz Santa Tereza, é uma grande consolação à hora da morte ser filha da Santa Igreja. (1)

Terminai tôdas as vossas orações com confiança, como dizendo: «Senhor, vós sois a minha esperança; eu depositei em vós minha confiança. O'! Deus, quem espera em vós foi algumas vezes enganado? Espero em vós ó! Senhor; não serei confundido eternamente.» Nas vossas orações jaculatórias, e na recepção do Santíssimo Sacramento, usai destas palavras de amor e esperança para com Nosso Senhor! «Vós sois meu Pai, oh Senhor! Oh Deus! vós sois o esposo da minha alma, sois o rei do meu amor e o amado de minha alma. O'! doce Jesus, sois o meu querido Mestre, socorro e refúgio.»

1) Como será doce para nós, a hora da morte, o ver que vamos ser julgados por Aquêlê a quem amamos mais do que tudo! Com que confiança nos poderemos apresentar na sua presença com a esperança de ouvirmos da sua boca uma sentença favorável! Que felicidade inefável o pensarmos que vamos então para uma terra estranha, mas para a nossa verdadeira pátria, por ser a do Esposo celeste que tanto amamos e de quem somos tão amados.

Não leais os livros ou as passagens dos livros em que se fala da morte, do juizo e do inferno; porque, graças a Deus, resolvestes viver cristãmente, e nenhuma necessidade tendes de serdes a isso impellido por motivos de temor ou espanto.

O segundo remédio é a lembrança frequente da grande doçura e misericórdia com que Deus nosso Salvador recebe as almas à sua morte, quando nEle confiaram durante a vida e se exercitaram em o servir e amar cada uma segundo a sua vocação.

O terceiro é o amor do Paraíso e da glória celestial; porque à medida que estimamos e amamos a felicidade eterna temos menos temor em deixar a vida mortal.

O quarto é uma certa privança e familiaridade com os bem-aventurados! invocando-os e dirigindo-lhes muitas vezes palavras de louvor e amor; porque tendo um comércio familiar com os cidadãos da Jerusalém celeste, inquietar-nos-á menos deixarmos os da terrestre.

Tais considerações, bem meditadas, durante algum tempo, enfraquecem o excesso dos terrores dos juizos divinos e fazem-nos esperar que sendo filhos de um Pai tão rico em bondade para nos amar e salvar, tão sábio para conhecer os meios a isso conducentes, tão prudente, para os ordenar, tão poderoso para os executar, não nos quererá condenar se fizermos o que pudermos em seu serviço. (1)

(1) O' minhas filhas não desejamos viver à nossa vontade; estamos aqui uma noite para passarmos em uma má hospedaria. Louvemos a Deus, e esforcemo-nos em fazer penitência nesta vida. Oh! co-

3 Adorai muitas vezes, louvai e bendizei a santa morte de Nosso Senhor crucificado e ponde tódã a vossa confiança em seus méritos, pelos quais a vossa morte se tornará ditosa, e dizei muitas vezes: «O' divina morte do meu doce Jesus, vós abençoareis a minha e ela será bendita; eu vos bendigo e vós me abençoais, ó morte mais amável do que a vida!» Assim S. Carlos, na doença de que morreu, fez colocar diante de si um quadro da sepultura de Nosso Senhor e da oração que fez no jardim das Oliveiras, para se consolar sôbre a morte e sepultura do Salvador.

Depois da morte de Jesus Cristo ninguém devia deixar de amar a morte, e não se deviam lembrar dos juizos de Deus, sem se lembrarem da cruz do Salvador para que, depois, de se excitarem ao temor pela lembrança dos seus pecados, readquiram a paz pela confiança do Redentor, junta com uma grande humildade. (1)

mo será doce a morte da religiosa, que tendo neste mundo feito penitência de todos os pecados, não tiver de passar pelo purgatório! Sim, do leito poderá acontecer que comece a gozar da glória. Nenhum temor a perturba; gozará uma paz celeste.—SANTA TEREZA.

(1) Nada mais tocante do que as palavras de Bossuet anunciando à côrte mais célebre do mundo os últimos momentos de Henriqueta de Inglaterra!

«Parece que Deus lhe conservou as facilidades perfeitas até ao fim, só para que se provassem os testemunhos da sua fé.

Morrendo, amou o Salvador Jesus e faltar-lhe-iam antes os braços do que o ardor de abraçar a cruz. Eu ví a sua mão desfalecida procurar ainda caindo, novas fôrças para aplicar aos lábios êste bendito sinal da nossa redenção. Não é isto morrer nos braços e ósculo do Senhor? Ah! podemos terminar êste sacrifício por alma dela com piedosa confiança. Êste Jesus, em que ela esperou, cuja cruz levou em seu corpo por tão crueis dôres, dar-lhe-á o seu sangue, de que está ainda penetrada pela participação dos seus sacramentos e união com os seus sofrimentos.»

Elevai com confiança o vosso coração para Jesus, com uma confiança unida a uma santa humildade, dizendo-lhe : «Eu sou miserável, Senhor, e vós recebereis a minha miséria no seio da vossa misericórdia e conduzir-me-eis com a vossa paternal mão ao gôzo da vossa herança. Sou vil e desprezível; mas então vós me amareis, porque esperei em vós e desejei ser vosso.»

3. E' verdade que a morte é terrível; mas a vida que se lhe segue, e que nos concederá a misericórdia de Deus, será desejável. Convém não perder a esperança; porque embora sejamos pecadores, não o somos tanto quanto Deus é misericordioso para com os que se arrependem, teem vontade de se emendar, e põem a sua esperança em Jesus Cristo. A morte já não é ignominiosa, mas sim gloriosa depois que sofreu o Filho de Deus.

A santíssima Virgem e todos os santos estimavam morrer, a exemplo do Salvador, que consentia de bom grado em ser pregado na cruz; e a morte tornou-se para Jesus Cristo tão suave e desejável, que os anjos reputar-se-iam felizes em a poderem sofrer. (1)

E' preciso morrer! Estas palavras são duras, mas

(1) E' em vão que os que teem uma fé sincera dizem que não querem morrer tão cedo, para terem tempo de se tornarem melhores do que são; porque não adiantam na virtude senão na medida que se adiantarem na disposição que lhes faz desejar o mérito. Enquanto desejarem não morrer, não será este um meio de adquirir virtude; mas será sinal de ainda a não terem adquirido. Os que desejarem não morrer para se tornarem perfeitos, desejem morrer e tornar-se-ão logo perfeitos.

são seguidas duma grande doçura; é para possuírmos a Deus por esta morte.

Deveis saber que uma pessoa prudente não põe vinho novo em uma pipa velha; o licor do amor divino não pode entrar onde reina o velho Adão; convém destruí-lo necessariamente.

Considerai as pessoas que mais amais, e cuja separação vos incomodaria, como as pessoas com quem estareis eternamente no ceu; por exemplo vosso marido, vosso filho, ou vosso Pai. Oh! Esta criancinha terá, com a ajuda de Deus, um dia feliz nesta vida eterna, na qual gozará da minha felicidade e se alegrará e eu gozarei da sua e me regozijarei, sem nunca nos separarmos! Isto pode-se dizer do marido, do pai e doutras pessoas.

4. Caminhemos pois com confiança, debaixo do estandarte da Providência de Deus, sem temermos nem nos perturbarmos; porque se pensarmos na morte sem inquietação, êste pensamento nos trará mais dano do que proveito.

Pensemos nela com paz e tranquilidade de espírito, confiando na Providência de Deus e esperando em Deus sem nos impacientarmos para saber quando morreremos; onde, se será dum acidente ou não, súbitamente ou duma moléstia prolongada, se estaremos ou não acompanhados. Não vemos que Deus cuida das aves do céu e que nem uma pena lhe cai sem a sua Providência? Êle sabe o numero dos cabelos da nossa cabeça e nenhum cai sem Êle querer. Quero, devemos dizer, pertencer completamente a Deus, não só por dever mas também por afeto, e contanto que cumpra a sua santíssima vontade,

que mais devo fazer senão entregar-me aos efeitos duma tão boa Providência, cheio de confiança em que cuidará em mim tanto na vida como na morte?

5. Santo Agostinho diz que para bem morrer é preciso viver bem, e tal será a nossa morte qual tiver sido a vida. Estas palavras são comuns e triviais, mas contém uma grande instrução.

Vivei bem, e não temereis a morte, e se a temerdes, será um temor doce e tranquilo, auxiliado com os meios da paixão de Nosso Senhor, sem a qual a morte com certeza seria terrível e espantosa para todos.

Deus nos ajudará, contanto que o invoquemos (1) pois que nos deixou tantos meios para morrer bem, e em particular o da contrição, que é tão geral e eficaz para pagar os nossos pecados, e o dos sacramentos pelos quais voltamos à graça e nos lavamos do pecado; porque os sacramentos são como canais pelos quais correm para as nossas almas os méritos da paixão de Nosso Senhor. (2)

(1) Desejareis à hora da morte a confiança que tendes sentido; ignorais que a que temos durante o curso da vida tem o seu efeito à hora da morte? Que somos nós senão moribundos?

O que a dá não a pode continuar? Que fará a alma na última hora, senão o que tiver feito sempre? Não tem Deus em seu poder todos os momentos e há por ventura algum que não possa ser o da morte? Que convém pois fazer sempre, senão estender a confiança e todos os momentos seguintes e a tôda eternidade se a nossa vida pudesse durar tanto?

BOSSUET, Carta 133.

(2) É por esta última graça que a morte muda de natureza para os cristãos, para que, parecendo vir para nos despojar de tudo,

Já que Nosso Senhor nos deu tantos meios para nos salvarmos e deseja a nossa salvação mais do que nós mesmos, que nos resta fazer senão nos entregarmos à guia da sua divina Providência, nada pedindo e nada recusando? Oh! como são felizes os que vivem nesta santa indiferença, e esperando o que Deus deles ordenará, se preparam para morrer bem por uma vida boa.

O leito de uma boa morte deve ter por cobertor o amor de Deus; mas convém ter a cabeça recostada sobre dous travesseiros que são a humildade e a confiança na misericórdia divina. (1)

começa, como diz o apóstolo II, v. 2, a revestir-nos e consegue-nos eternamente a posse dos bens verdadeiros. Enquanto estamos nesta habitação moral vivemos sujeitos a mudanças, porque se me permitis que assim fale, é a lei do país que habitamos e nenhum bem possuímos, mesmo na ordem da graça, que não possamos perder, passando um momento, pela mudança natural dos nossos desejos. Mas logo que cessem de contar para nós as horas e de medir a nossa vida por dias e anos, saídos das figuras que passam e das sombras que desaparecem, chegamos ao reino da verdade, onde estamos livres da lei das mudanças.

Assim a nossa alma não está em perigo, as nossas resoluções não vacilam, a morte ou antes a graça da perseverança final tem força para as fixar, e da mesma forma que o testamento de Jesus Cristo, pelo qual se dá a nós, está confirmado para sempre, segundo o direito dos testamentos e da doutrina do Apóstolo (Hebr. 9, 15) pela morte dêste divino Testador, assim a morte do fiel faz que este bemaventurado testamento pelo qual da nossa parte nos entregamos ao Salvador, se torne irrevogável. — BOSSUET

(1) O primeiro dêstes travesseiros, que é a humildade, faz-nos conhecer a nossa miséria e inspira-nos um temor salutar; mas esta humildade é ao mesmo tempo corajosa e generosa, de forma que humilhando-nos, eleva-nos pela fé ao Todo Poderoso e faz que só nele

XI

Deus não nos abandona no momento da morte.

1. Assim como uma doce mãe, conduzindo consigo o seu filhinho, o ajuda a andar e o leva quando disso há mister, deixando-o dar alguns passos por si nos lugares mais planos e menos perigosos, tomando-o umas vezes pela mão, e segurando-o e levantando-o outras vezes nos braços; assim Nosso Senhor tem um cuidado contínuo com a conduta dos seus filhos, isto é, com os que teem caridade, fazendo-os caminhar ante si, estendendo-lhes a mão nas dificuldades e conduzindo-os nas calamidades que não se lhes tornam insuportáveis. E isto declara-o Isaias; «Eu sou teu Deus, tomando-te pela mão e dizendo-te: Nada temas; eu tenho-te ajudado.» E este procedimento cheio de doçura, usa-o para com as nossas almas desde a sua entrada na caridade até a perfeição final, que só se efetua à hora da morte. «O que perseverar até ao fim será salvo».

2. Enfim o rei celeste, tendo conduzido a alma que ama até ao fim da vida, assiste-lhe até a última hora na qual a leva para o leito nupcial da glória eterna que é o delicioso fruto da santa perseverança. E então esta alma arrebatada de amor pelo seu amado lembran-

repousemos; assim este primeiro travesseiro conduz-nos a outro, que é o da confiança em Deus.

Ora que é esta confiança senão uma esperança fortificada pela consideração da bondade infinita do nosso Pai celeste, que deseja o nosso bem mais do que nós próprios? «Ó meu Deus, eu esperei em vós e não serei confundido.» — DE BAUDRY.

do-se da multidão de favores iguais com que a enriqueceu e assistiu nesta peregrinação, oscula incessantemente esta doce mãe que a socorreu e gerou, e confessa que a sua felicidade vem dêste divino Salvador, porque fez por Êle tudo o que o grande patriarca Jacó desejava para a sua virgem, quando viu a escada do céu.

Oh! Senhor, diz êle então, estivestes comigo e me guardastes no caminho por onde vim; destes-me para alimento o pão dos sacramentos; vestistes-me com a túnica nupcial da caridade; conduzistes-me a êste palácio de glória, que é a vossa habitação, ó meu eterno Pai! Ah! que resta, Senhor, senão que eu afirme que sois meu Deus pelos séculos dos séculos? Amen.

Oh! meu Deus e meu Senhor, Deus amável para todo e sempre, vós me guiastes a minha dextra e a vossa santa vontade me guiou até possuir um lugar honroso nessa divina habitação.

Tal é a ordem do nosso caminhar para vida eterna para cuja execução a divina Providência estabeleceu de tôda a eternidade a multidão, distinção e encadeamento de graças para isso necessárias com dependência uma das outras.

XII

Deus não pôde perder uma alma submissa à sua vontade.

1. Nós lidamos com um Senhor que é rico em misericórdia para aquêles que o invocam e concede dez mil talentos pela menor súplica. Convém que tenhamos a seu respeito sentimentos dignos da sua bondade; convem servi-lo com temor; mas tremendo, podemos-nos alegrar. A humildade que desanima, não é boa.

Deus ama-nos; sabe do que carecemos melhor do que nós. Ou vivamos ou morramos, pertencemos ao Senhor; Elle tem as chaves da vida e da morte; os que n'Ele esperam não serão confundidos eternamente.

Não nos demoremos em tantas circunstâncias; vi-semos só a sua santa vontade. Seja ela a nossa estrêla; e essa nos conduzirá a Jesus Cristo, ou no presépio ou no Calvário. Quem o segue não anda em trevas; mas terá a luz da vida eterna, que nunca se sujeitará à morte.

Embora Deus seja todo poderoso e nada lhe seja impossível, está contudo fora do seu poder o condenar uma alma, cuja vontade, ao sair do corpo, estará sujeita à sua.

Succederá como uma arvore que cai; e a alma ficará para sempre no estado em que se encontrar no fim da vida; se é rebelde à vontade de Deus, o seu lugar será no cálice dos maus e no tanque de fogo e enxofre; se está submissa a esta vontade, é indubitável a sua salvação, embora se difira no purgatório, se tem alguma culpa a purgar aí, porque nenhuma mancha entrará no céu. De maneira que, entregando-se a Deus na vida e na morte, seja para se salvar ou condenar, nada tem a temer; porque além da sua vontade ser a nossa satisfação e Elle desejar que ninguém pereça, mas todos se salvem pela penitência «é-lhe impossível enviar para as trevas exteriores uma alma submissa à sua vontade, porque as trevas são destinadas para os rebeldes à sua luz ou ao seu amor.»

3. Ah! que faria da sua misericórdia êste Deus boníssimo e misericordioso e de quem devemos ter senti-

mentos dignos da sua bondade, se não usasse deles para conosco, miseráveis como somos? Se as nossas necessidades e imperfeições não servissem de teatro às suas graças e favores, que uso faria desta santa e infinita perfeição?

XIII

Sentimentos de S. Francisco de Sales à vista da morte.

1. Depois de ter flutuado no mar do mundo e de ter experimentado tantos perigos que a tempestade e os escolhos da vaidade fazem surgir para o naufrágio apresento-me a vós, ó meu Deus, para vos dar conta do talento que a vossa bondade infinita me confiou. Agora vejo a terra que tenho compaixão de deixar e os acasos que correm os mortais.

Quanto são enganadores os encantos do mundo como são poderosos os seus atractivos! como são falazes os seus engodos! como parece doce o mel aos primeiros tragos, mas se converte em amargo fêl! Prepara-te, ó! minha alma, para entrares na Jerusalém celeste. Eis o remate da vida; a sua obra é a morte e só uma devoção bem regulada produz a vida eterna. Eis o outono onde se recolherão os fructos da eternidade. Esta planta que recebe do céu o crescimento e será colhida brevemente; e os mortais só verão na terra a raiz, triste despojo da corrupção. A flor que o sol colorido com variadas côres murchará em breve. Considerai que a vida foge como a sombra, passa como um sonho, evapora-se como fumo; que a ambição humana nada pode abraçar que seja sólido. Tudo passa,

O sol que se ergue no nosso horizonte precipita a carreira e procura a noite e a noite busca o dia para fazer no nada as mais belas partes d'êste universo. Os rios correm em grossas levadas como se o mar que é o seu centro lhe devesse dar repouso. A lua brilha no céu, ora cheia, ora minguante, e parece que se alegra como se aí devesse terminar os seus trabalhos e o seu curso. O inverno despoja as árvores da sua folhagem, como para nos dar uma lição da morte. Não pertenço à vida por nenhuma relação ou afeto. Resignei em vossas mãos tôdas as minhas vontades. Ó! meu Deus; ensinaste-me já há muito a morrer. Os sentimentos do mundo que em mim muitos já morreram, deram-me uma lição da morte.

As mortificações do espírito acabrunharam o meu corpo. Eu não vivia porque estava morto, por desígnio e regra; só estimava a vida que existe em vós, podia dizer que vivia, pois que tôda a minha intenção era extinguir o fogo que forma a vida dos mundanos para a comparar a uma morte ou a um doce sono em que me esforçava por me unir à vós e me aproximar da vida eterna. Mas, ó! Deus meu, quanto eram vãos e falazes os meus desígnios! Não julgava que era necessário morrer atualmente para me aproximar da vida eterna. Mas, ó! Deus meu, quanta bemaventurança. Agora, no aniquilamento, os raptos de espírito apresentam-me uma pequena amostra. Já não tenho mais fé nos meus êxtasis, porque vejo; já não tenho esperança, porque começo a possuir; fica-me só a caridade para me unir a vós, que sois a própria caridade donde sai o fogo de amor, que abraça os

corações das almas devotas. E como o fogo por sua natureza sobe sempre, assim meu coração que o possui, voa para vós; e quanto mais sinto enfraquecerem-se as forças do meu corpo, tanto se fortifica mais o meu espírito e se livra da prisão do corpo. E neste estado contemplo como em um espelho o que é a bem-aventurança.

2. Como são indisíveis os contentamentos e delícias duma alma que está na graça de Deus! Os prazeres sensuais trazem a saciedade, sinal da sua imperfeição; mas as alegrias da alma são infinitas, produzem sempre desejo e não cansam o gozo por não terem fim e não serem limitadas pelos sentidos e objetos.

Saiamos pois, dêste mundo e subamos ao céu auxiliados pela misericórdia de Deus. E vós, almas devotas, não vos alegrais em me seguirdes? Temeis esta passagem? Não morrestes em Deus para resuscitardes gloriosos? Posso acreditar que gozais da vida estando sem vontade e sem afeto, tendo renunciado a vós mesmos para abraçar a palavra e os mandamentos que o céu vos ditou?

Temeis a dissolução do vosso corpo; lembrai-vos que Nosso Senhor sofreu imensas penas por vós. Aflige-vos deixar êsse mundo, onde reina vaidade e onde a avareza mancha as mais belas virtudes, onde a infidelidade reina com tirania, onde o vício suplanta a virtude e conquista o prêmio de honra, onde se bebem os pecados como água e onde os justos contemplam as visões do inferno e da abominação? Retirai-vos dêsses lagos; despí-vos dêsses sentimentos, para

irdes onde se goza uma primavera eterna e onde se não vêem os tristes e horríveis fantasmas de privação.

Vamos, pois, almas queridas, não prestemos ouvido aos encantos da vaidade. No céu encontraremos um bem sólido que inebria as almas com uma ambrosia tão doce, que apenas se notam os seus gozos, pois tantos contentamentos possuem. Não estais cansados de ver correr os rios para o Oceano, e as estações do ano sucederem-se com uma ordem infalível? Não estais contentes por colherdes as flores da primavera e provardes os frutos do outono? Não basta ter pisado os lírios e as rosas e ter enchido o leito da vossa sensualidade e encantado o vosso amor com o odor dessas plantas? Não basta ter visto tantos sóis, tantos dias e tantas noites? Pensais que as árvores da floresta produzem outra folhagem e que há outra produção na natureza? As estrêlas que brilham no céu não darão luzes diversas.

3. Deixai pois o mundo, almas devotas. Se atendeis à vontade de Deus, pelo menos preparai-vos para receber a êste respeito as ordens do céu. Tende sempre em bom estado a consciência, para dardes conta das vossas ações; suponde que o juízo de Deus está iminente sobre vós, que basta um suspiro para sofrer a sentença, que uma síncope pode abater-nos e colocar-nos em um estado em que nos não reconhecemos. A flor que desabrocha de manhã está de tarde murcha e sêca. Considerai que a morte pode saudar-vos de manhã e à noite fará coincidir o vosso declinar com o do sol; lembrai-vos que nos jardins do mundo, sob a rosa e o lírio, está oculta a morte como uma serpente nos

prados. Ó! meu Deus, não vos entrego a minha alma porque já há muito a comprastes com o preço do vosso sangue e a tirastes do cativeiro do pecado e da morte. Ela será ditosa se a receberdes, perdoando-lhe as suas faltas.

Ó! grande Deus, é agora que é preciso dar contas; a justiça dos vossos juizos faz-me temer; mas a vossa infinita misericórdia dá-me esperança. Lanço-me nos vossos braços para impetrar perdão; lançar-me-ei a vossos pés e banhá-los-ei com lágrimas; farei correr um rio, que será testemunho do meu arrependimento para poder por vossa bondade infinita receber os efeitos da vossa misericórdia. Amen. (1)

XIV

Não convém desesperar da conversão de nenhum pecador (2)

1. S. Francisco de Sales nunca queria, diz o Bispo de Belley, que se desesperasse da conversão do pecador

(1) A bondade de Deus não se opõe à sua justiça, porque se lhe tira vítimas dá-lhas por outra forma: em vez de os abater pela vingança, abate-os pela humildade; em vez de os esmagar com castigos, abate-os com as dôres da penitência, e se a justiça precisa de sangue para se satisfazer, a bondade apresenta-lhe a dum Deus. Assim, longe de sermos incompatíveis, ajudam-se mutuamente. Não devemos pois nem presumir nem desesperar. Não presumais, ó! pecadores, porque é verdade que Deus se vinga; mas não desesperéis, porque, se é possível dizê-lo, é ainda mais verdade que Deus perdoa.

BOSSUET

(2) Este capítulo é extraído do *Espírito de S. Francisco de Sales*, por Camus, p., parte, secção 27.

até ao último suspiro, dizendo que esta vida era o caminho da nossa peregrinação, na qual os que estavam de pé podiam cair, e os que caíam podiam levantar-se por meio da graça, e, como os gigantes da fábula, se levantavam algumas vezes mais fortes da sua queda, porque a graça superabundava onde abundava o pecado.

E ia mais além; porque, mesmo depois da morte não queria que se julgasse mal dos que tinham tido uma vida má, mas só daqueles cuja condenação era expressa pela verdade das divinas Escrituras. Fôra disso não queria que se entrasse nos segredos de Deus, que o reservou sua sabedoria e poder.

A sua principal razão era que como a primeira graça de justificação não caia sob o mérito de nenhuma obra que a precedesse, também a última graça que é a perseverança final, não se concedia ao mérito.

Ora quem conheceu o sentido do Senhor e é o seu conselheiro? Esta razão fazia que mesmo depois da morte êle quisesse que se julgasse bem na pessoa falecida, por má que parecesse a morte, porque só podemos ter conjecturas incertas, pois se fundam em exterioridades sôbre as quais se podem enganar os mais hábeis. (1)

(1) Lê-se na *Vida do Padre Ravignam*, pelo Padre Pontlevoy, o seguinte:

«Há em certas mortes mistérios ocultos da misericórdia e golpes de graça onde a vista do homem só vê golpes de justiça. A luz do último relampago, Deus revela-se às almas cuja maior desgraça era desconhecê-lo e o último suspiro compreendido por aquêlê que sonda os corações, pode ser um gemido que clama por perdão.»

XV

Sentimentos de S. Francisco de Sales acêrca do número dos escolhidos

1. A extrema doçura de S. Francisco de Sales, diz o Bispo de Belley, de quem copiamos êste capítulo levava-o muitas vezes às opiniões mais suaves por pouca probabilidade que tivessem. Falava-se um dia, em conveêsa, desta terrível passagem do Evangelho: «São muitos os chamados e poucos os escolhidos»; dizia-se que o número dos escolhidos se chamava pequeno rebanho; que o dos insensatos, isto é, dos réprobos, era infinito, e em cousas idênticas. Êle então respondeu: «que julgava que haveria poucos cristãos (falava dos que pertenciam à verdadeira Igreja, fora da qual não há salvação) que se condenasse, porque, dizia êle, tendo as raizes da verdadeira fé cêdo ou tarde ela produziria os seus frutos, que eram a salvação, e que de morta se tornava viva e operante pela caridade.»

E quando lhe perguntavam o que significava pois esta frase evangélica do pequeno número dos escolhidos, respondia que, em comparação com o resto do mundo e das nações infieis, o número dos cristãos era diminuto, mas dêste pequeno número poucos se perdiam, segundo esta notável sentença: «Não há condenação para os que estão com Jesus Cristo» (Rom. 7, 1) o que em verdade se entende da graça justificante; mas esta graça não se separa da fé viva e animada pela caridade.

Sendo que o que dá o princípio dá também a conclusão, é crível que a vocação ao cristianismo que é uma obra de Deus, é uma obra perfeita e conduz ao fim de toda a consecução, que é a glória. (1)

Eu ajuntei esta razão e elle gostou dela; é que a misericórdia de Deus, sendo superior a tôdas as suas obras sobrenadando à justiça como o azeite ao vinagre, sendo a sua natureza ter piedade e perdoar, visto ser tão abundante a redenção do Salvador, não era crível que Deus começasse a edificar a salvação do cristão verdadeiro pela fé, que é o fundamento, sem terminar o remate, que consistia na caridade. Esta doutrina consola muito, contanto que não nos torne negligentes em praticarmos o bem, porque não é bastante dizer com os antigos: O Templo do Senhor, o Templo do Senhor, a Igreja, a Igreja: eu estou no seio da verdadeira Igreja.

Já que a Igreja é santa e coluna da verdade, cumpre-nos viver santamente assim como crermos fielmente; porque cometer crimes na casa de Deus, é como manchar o santuário e tornar-se duplamente culpável. E quem não sabe que o servo que sabe a vontade do Senhor e não se importa com ella merece um duplo castigo?

E preciso, dizia S. Francisco de Sales, temer os juizos de Deus, mas sem desânimo, e convém animarmo-nos à vista da sua misericórdia, mas sem presunção.

(1) Vêde na *Arte de tratar com Deus* o excelente capítulo XXV sobre o pequeno número dos escolhidos, que foi exagerado por Massillon e pelos jansenistas.

Os que teem um temor excessivo e desordenado de se condenarem, mostram ter muita necessidade de humildade e submissão. Convém sem dúvida que nos abatamos, aniquilemos e percamos mas deve ser para ganhar a alma, guardá-la e salvá-la. Tôda a humildade que prejudica a caridade é seguramente uma humildade falsa. Tal é a que conduz ao temor, ao desânimo à desesperação; porque é contrário à caridade, que mandando-nos atender à salvação com temor e tremor, proíbe-nos ao mesmo tempo que desconfiemos da bondade de Deus, que quer a conversão e salvação de todos. (1)

XVI

Da morte cheia de doçura dos predestinados

1. Deus, tendo chamado a si os seus servos e tomado sob sua proteção a sua salvação, não os deixa sem os conduzir ao céu; e tendo recebido (2) grandes serviços dos seus santos, para os dispor melhor

(1) *Espírito de S. Francisco de Sales*. 3., parte, secç. 10.

(2) Eis em que termos Bossuet conta a maneira edificante como Henriqueta da Inglaterra recebeu os últimos sacramentos:

« Como me pareceu superior a êstes cristãos cobardes que pensam apressar a morte quando se preparam para a confissão e que só à fôrça recebem os sacramentos? A rainha chama antes os padres do que os os módicos. Ela propria pede os sacramentos da Igreja: a Penitência com compunção; a Eucaristia com temor e confiança; a santa unção com um piedoso desejo. Longe de se aterrar, quer recebê-los com conhecimento; ouviu a explicação das cerimônias, das orações apóstolicas que por uma espécie de divino encanto suspendem as mais violentas dôres, que fazem esquecer a

para o declinar de seus dias, dá-lhes ordinariamente parcelas de felicidade da vida futura, para os fazer desejar porções inteiras, que estão no paraíso e desgostá-los das cousas terrenas, banindo dos seus corações todos os ótros desejos; de tal forma que, sendo que neste mundo não podem entoar nem ouvir os divinos louvores à sua vontade, entram em desejos enormes de se libertarem dos laços desta vida para irem para a outra, onde se ama a Deus perfeita e soberanamente; e êstes desejos, apoderando-se do coração, tornam-se tão poderosos e fortes no peito dêstes sagrados amantes, que tornam as suas almas lânguidas e enfermas de amor, até que esta paixão se adiante tanto que morram felizmente.

Assim o glorioso e seráfico S. Francisco, tendo trabalhado neste afeto de louvar a Deus, nos seus derradeiros anos, depois que recebeu a certeza, por uma revelação especial, da sua salvação eterna, não podia conter a alegria, e os seus ardentes desejos tornando-se maiores cada dia, saiu enfim sua alma do corpo por um rapto que fez para o céu, pronunciando estas palavras sagradas: «Ah! tirai a minha alma desta prisão, oh! Senhor, para que eu bendiga o vosso santo nome; os justos esperam-me até que me concedais a tranquillidade desejada.» Outro tanto se pode dizer de todos os santos, cuja morte é preciosa, embora suceda por

morte (notei-o muitas vezes) a quem as escuta com iô; segue-as e conforma-se com elas; veem-na apresentar o corpo a êste sagrado óleo, ou antes ao sangue de Jesus Cristo, que corre abundantemente com êste precioso licor.»

modo diverso segundo a Providência de Deus; porque o seu espírito, como um rouxinol celeste, fechado na gaiola por seu corpo, no qual pode cantar à vontade as bênçãos divinas, sabe que gorgeará e voará melhor se estiver ao ar livre podendo gozar a liberdade e da sociedade das outras Filomenas, entre as alegres e verdajantes colinas dêsse logar ditoso; eis ' porque, livre do seu corpo, retirado desta prisão mortal, livre desta escravidão, voa ao céu para se unir aos coros dos anjos e bemaventurados e com êles entoar uma doce harmonia de árias deliciosas, cantando, louvando e bendizendo para sempre a infinita misericórdia.

Deus meu! como é desejável uma morte assim! Oh! como é amável o templo para onde voa a alma dos Santos! Aí tudo retine em louvores; e que doçura para os que vivem nesse sagrado recinto, onde tantos músicos celestes e coristas divinos cantam com santa emulação os cânticos de suavidade eterna!

2. Logo que a alma dos santos entra no paraíso para aí ter irrevogavelmente o seu domicílio e descanso nesta casa sagrada e nestes santos e desejáveis tabernáculos. Deus dispõe-a e fortifica-a pela luz excelente da glória para a tornar capaz da vista dum objeto tão sublime e brilhante como o da divindade. Os mergulhadores, diz Plínio, que para pescarem as pedras preciosas mergulham no mar, levam azeite na boca, para que espalhando-o tenham mais luz para ver as águas onde nadam. Da mesma forma os santos, mergulhados no oceano da essência divina, Deus os esclarece neste abismo de luz inacessível, para que, pela caridade da glória, vejam a claridade da divindade.

3. Todos os bem-aventurados estão plenamente satisfeitos e todos teem um indisível contentamento de conhecerem que depois de terem satisfeito todo o desejo do coração e preenchido a sua capacidade no gôzo do bem infinito que é Deus, contudo ficam ainda nesta infinidade perfeições infinitas para contemplar, ouvir e possuir que só a divina Majestade conhece porque só Ela se compreende a si mesma.

4. Ah! como é belo, ver êstes felizes habitantes do paraíso e verdadeiros príncipes do santo império, melhor cercados e vestidos pelo oceano da divindade do que os peixes estão cercados pelas ondas no meio do mar, do que as aves voltejantes estão cercadas pelo ar, e do que os astros fixo no azul do firmamento estão cercados pelos céus!

Oh! que felicidade estar unido a Deus mais intimamente do que a luz de cristal puro, do que o fogo ao ouro, que brilha como o sol no cadinho, do que a alma ao corpo e a graça à alma! Explique quem poder a alegria plena dos santos que nasce do gôzo sem reserva do soberano bem incriado, que só se sonda pelos abismos, só se mede pela imensidade, não se limita senão pela infinidade, só se termina pela eternidade e só é compreendido pela própria divindade. É daí que os amigos perfeitos de Deus possuido claramente tiram um contentamento extremo, vendo-se muito superiores ao que podiam esperar, cheios de felicidade, abismados, com alegrias, inebriados com as correntes volutuosas da casa de Deus, verdadeiro lugar de reunião de tôdas as santas e caras delícias que o altíssimo Deus de paz e de tôda a consolação faz brilhar incessantemente

para regozijar os seus servos fieis, saciando-nos o coração pleno e todavia sem efado, com os manjares de sua mesa dignamente real e digna dêsse felicíssimo, magnífico e gloriosíssimo Monarca. Deus, como um pai amoroso, agrada-lhe festejar dessa forma os seus verdadeiros filhos, legitimados pela sua graça e reconhecidos pela glória que lhes reparte; o que Elle faz duma maneira infinitamente admirável; porque do gôzo nasce-lhe o desejo, e à medida que o desejo cresce, cresce também a satisfação, e esta sem enfado e aquêlê sem angústia, mas um e outra com perfeito prazer e contentamento.

Os que teem na boca a herva cítica não sentem fome nem sede, tanto ela os sustenta deliciosamente. Quando a vontade goza de Deus, nEle repousa; tendo um soberano comprazer, e contudo não se causa em continuar o movimento do seu desejo, desejando o amor ardentemente, amando o desejo infinitamente.

5. Os rouxinóis agradam-se tanto com o seu canto, segundo diz Plínio, que por este agrado não cessam, durante quinze dias e quinze noites, de chilrear, esforçando-se por cantarem uns melhores do que os outros, de forma que quando gorgream melhor, agradam-se mais e comprazem-se, e êste acréscimo da complacência os leva a fazer maiores esforços, aumentado por tal forma o seu agrado pelo canto e o canto pelo agrado, que muitas vezes morrem e rebentam a garganta à fôrça de cantar. Ó! Deus! como cantam deliciosamente as celestes bênçãos estas almas que tem o primeiro lugar no ceu, e como ultrapassam o comum dos bemaventurados à proporção que os ultrapassava em méritos e santidade cá na terra.

À medida que louvam a Deus, comprazem-se em louvar; e à medida que se comprazam em louvá-lo ainda o desçam louvar melhor; e para se contentarem não podendo desejar a Deus aumento algum, porque é infinitamente maior do que elas o podem desejar nem mesmo pensar, desejam pelo menos que o seu nome seja bendito, exaltado, louvado, honrado e adorado cada vez mais no céu e na terra por homens e anjos.

6. Queira Deus que assim fôssemos, que tôdas as faculdades da nossa alma fossem outras tantas turbas sagradas para entoar os cânticos e os louvores de Deus e que uma sólida devoção fosse a língua do nosso coração, pelo qual imitando os santos, recebêssemos o orvalho das perfeições divinas, absorvendo-as e atribuindo-as a nós como alimento pelo santo prazer que nelas tivéssemos, entoando por esta língua de devoção tôdas as orações de salmodia e bênção, cantando com o Profeta :

Oh ! alma minha, impelida suavemente para o céu, não tenhas nenhum pensamento nem nenhuma fôrça interior que não mostre o valor de Deus.» (1)

(1) Ireis no dia dos mortos ao purgatório, e vereis essas almas cheias de esperança, que vos exortam a aproveitar-vos o mais que puderdes da piedade, para que à vossa partida encontreis menos tardança em ir para o céu.

S. FRANCISCO DE SALES

XVII

Motivos pelos quais os cristãos imperfeitos não devem temer a morte e podem até desejá-la

1. Assim como a vida, cristã é uma imitação e expressão da vida que Jesus Cristo por nós sofreu, a morte cristã é também uma imitação e expressão de Jesus Cristo, morrendo por nós. Jesus Cristo morreu para satisfazer a justiça de Deus pelos pecados de todos os homens e por termo ao reino da iniquidade; para prestar a seu Pai a obediência mais perfeita submetendo-se à sentença da morte justamente pronunciada contra todos os pecadores, cujo lugar ocupava, servindo-lhes de caução; para por meio da sua morte dar uma homenagem infinita à majestade de Deus, e reconhecer o seu soberano domínio sobre todas as criaturas.

Todo o cristão está obrigado a aceitar da morte com estas mesmas disposições e deve julgar-se por muito feliz em querer Jesus Cristo unir o sacrifício que fez a Deus da sua divina e infinitamente mais preciosa do que a vida natural de todos os anjos e homens, como o sacrifício que cada um de nós deve fazer a Deus duma vida tão miserável e indigna, e que queira tornar a nossa morte digna de nos grangear uma vida eterna, unindo-a à sua. Morrer sem participar destas disposições de Jesus Cristo moribundo, não é morrer como Cristão, e por conseguinte morrer como réprobo.

2. Todo o cristão é obrigado a trabalhar para adquirir estas disposições durante a vida que só lhe foi dada para aprender a bem morrer. É preciso ado-

rar muitas vezes em Jesus Cristo este zêlo ardente em satisfazer á justiça de Deus e em destruir o pecado este espírito de obediência e sacrifício, no qual viveu e morreu e que ainda conserva no mistério da Eucaristia.

É preciso pedir-lhe para dele participarmos, sobretudo durante o augusto sacrifício da missa e da santa Comunhão, onde Jesus Cristo ainda se oferece a seu Pai, com as mesmas disposições, e onde se entrega a nós para no-las comunicar. Quanto mais participarmos destas santas disposições, menos temeremos uma morte, que deve ser tão preciosa e meritória perante Deus, e e que o será tanto mais quanto mais entrarmos nos disígnios de Jesús Cristo, que, tendo morrido realmente uma só vez para render a seu Pai a honra soberana que lhe é devida, deseja oferecer-lhe até ao fim dos séculos a morte de cada um dos seus membros, como continuação dêste sacrifício.

3. Um dos grandes efeitos da encarnação e da paixão de Jesus Cristo foi o livrar-nos do temor da morte; fez-se homem e homem mortal, para destruir por sua morte aquêlê que era o príncipe da morte, isto é, o demônio, e libertar aquêles a quem o temor da morte mantinha em uma escravidão contínua durante a vida. Não é, por assim dizer, deshonrar a vitória de Jesus Cristo sobre a morte, tremer diante do inimigo, que Êle venceu, e ficar nesta escravidão só pelo temor de morrer.

4. Jesus Cristo desejou com ardor a hora em que devia consumir o sacrifício pela efusão do seu sangue: « Desejei ser batizado com um batismo, (é assim que Êle denomina a sua paixão), e como estou aflito até

que isto se cumpra! Um cristão que se honra em ser um de seus membros, não deveria entrar no seu espírito, e desejar efetuar o batismo com que Ele foi batizado? Porque a morte deve ser para um cristão verdadeiro um batismo onde se purifique dos seus pecados e se regenere por uma vida imortal e perfeitamente isenta de toda a corrupção do pecado.

Não deveríamos nós, como Jesus, desejar com ardor sacrificar o mais cedo possível a vida: 1.º Para dar à soberana Majestade de Deus e a todas as suas divinas perfeições, a maior glória, que lhe pode dar uma criatura e para prestar a mais perfeita homenagem à morte de Jesus Cristo, nosso Deus e Salvador; 2.º Para oferecer a Deus a mais digna ação de graças em reconhecimento por ter sacrificado por nós na cruz a vida de seu Filho e por continuar há tantos séculos a imolar seu corpo e sangue em nossos altares, e em reconhecimento por nos ter dado o seu Santo Espírito e a vida da graça, que vale mais do que todas as vidas do mundo; 3.º Para oferecer a Deus a satisfação mais plena que lhe possamos oferecer pelos nossos pecados, oferecendo-lhe a nossa morte unida à de Jesus Cristo; 4.º Para atrair sobre nós as maiores misericórdias de Deus pela submissão plena à morte e pelo contínuo sacrifício que lhe fizermos da nossa vida. (Salmo LXII, 4). Porque embora a nossa vida valha pouco e seja pouco digna de ser oferecida a Deus em sacrifício, manchada como está por tantos pecados, no entanto é a coisa mais importante que temos para oferecer a Deus; e Deus é muito bom para receber este resto de pecado como um sacrifício de agradável odor.

Um número infinito de mártires de tôdas as idades, sexos e paizes, tem corrido para a morte com alegria, considerando com a maior honra poderem sacrificar-se a Deus entre os mais horríveis tormentos. A vida pagã e desregrada que até então alguns tinham tido não resfriava o seu ardor, porque esperavam, pela morte reparar o passado. «Porque, diz S. Jerônimo os não imitaremos nós em alguma cousa? Não somos, como êles, discípulos e membros dum Deus morto para a nossa salvação e destinados ao mesmo reino dos céus? É verdade que não teremos com eles a felicidade de oferecer a Deus uma morte sangrenta; mas porque não supriremos a isso pela oblação contínua que lhe fizermos do gênero de morte que nos destinava? Porque me atrevo a dizê-lo acrescenta êste Padre, que há tanto ou mais mérito em que lhe oferecermos a vida em todos os momentos em que no-la conserva do que em a perder uma só vez pela crueldade dos carrascos. Êste sacrificio que fazemos a Deus de nossa vida, se é bem sincero, é o maior ato de amor que podemos fazer». «Se os anjos, diz Santo Agostinho, pudessem invejar aos homens algumas vantagens, seria o não poderem morrer por amor para com Deus».

5. Pedimos todos os dias a Deus que chegue o seu reino. Êste reino de Deus não se estabelecerá perfeitamente em nós senão pela morte, que será para um de nós o fim do pecado, da destruição da concupiscência e o princípio do reinado perfeito da justiça e da caridade. Pedir todos os dias a Deus que chegue o seu reino e temer a morte são cousas que se podem aliar? O desejo do reino de Deus e da vida eterna é essencial à salvação.

«Não basta, diz Santo Agostinho, crer pela fé nesta vida bemaventurada, amá-la pela caridade e desejar estar já nesta morada celeste; é impossível ter esta disposição no coração sem se alegrar por sair desta vida». À frente desta divina oração, onde pedimos a Deus a vinda do seu reino, ordena-nos que digamos «Padre nosso, que estais no céu». Se cremos sinceramente que Deus é o nosso Pai e que nós somos seus filhos, como poderemos temer juntarmo-nos com o nosso Pai celeste; para reinar com Êle, para gozar de todos os seus bens e repousarmos para sempre no seu seio?

Perguntavam a Santo Ambrósio ao morrer si o não tinha aterrado o temor dos juizos de Deus. Êle respondeu: «Nós temos um bom Senhor». É o que convém que nós respondamos. Temos necessidades de morrer com uma certeza impenetrável, não só dos juizos de Deus a nosso respeito, mas ainda das nossas disposições. «É preciso, diz Santo Agostinho, que nos reduzamos a não poder apresentar a Deus senão a nossa miséria e a sua misericórdia». A nossa miséria é objeto próprio da misericórdia e esta misericórdia é o nosso único título.

6. A Escritura representa a todos os fieis como pessoas que esperam a última vinda de Jesus Cristo, que amam esta vinda e que a apressam tanto quanto, podem, pelos seus desejos e gemidos. Para que somos nós cristãos? Para que nos convertomos a Deus? «É diz S. Paulo, para servir a Deus vivo e verdadeiro e para esperar do céu a seu Filho Jesus, que ressuscitou e nos livrou da cólera futura.» A quem dará o Senhor, como justo juiz, a coroa da justiça no grande dia? O

mesmo Apóstolo responde que será aos que amam a sua vinda.

Já que a terra e tudo o que ela contém deve ser consumido pelo fogo que precederá a vinda do grande juiz, que deveis vós ser diz S. Pedro a todos os fieis, e qual deve ser a santidade da vossa vida, a piedade das vossas orações, esperando e como apressando por vossos desejos a vinda do dia do Senhor? Jesus Cristo depois de ter feito uma descrição dos sinais espantosos que precederão a sua vinda, depois de dizer que os homens secarão de temor à espera dos males com que estiver ameaçado o mundo dos ímpios, dirige em seguida a todos os discípulos presentes e a todos os que os deviam seguir no decurso dos séculos estas palavras de consolação e alegria: «Quanto a vós, disse Êle, quando começar a acontecer isto olhai para o céu e levantai a cabeça, porque a vossa redenção perfeita está próxima... Quando virdes acontecer isto, sabeis que o reino e o reinado de Deus estão próximos ».

Estas grandes máximas, que os apóstolos de Jesus Cristo nos ensinam, concordam perfeitamente com o desejo ardente da morte; mas concordam com o temor excessivo da morte? Não tememos deshonrar estas grandes verdades pela opposição que surge entre as disposições que exigem e as que nós temos? «Jesus Cristo, diz Santo Agostinho, dividirá o seu reino entre todos os que tiverem desejado sinceramente que chegue o seu reinado». Êle dará diz o Apóstolo, a coroa da justiça aos que amam a sua vinda ». Porque não desejaremos nós que Êle venha, pois que é o meio seguro de reinar com Êle?

Há muitas pessoas que se afligem com a morte, pela lembrança dos seus crimes, e vendo que não teem feito penitência, são tentadas pelo desespero. Oh! se eu tivesse jejuado! Oh! se eu tivesse dado grandes esmolas aos pobres! Ah! já não estou em estado de o fazer. Que me sucederá? Para onde irei? Podeis fazer cousa muito melhor do que isto; é aceitar a morte e uní-la à de Jesus Cristo. Não ha mortificação semelhante a esta; é a maior de tôdas as pobreza; é a mais terrível de tôdas as penitências; e não duvido que o que está pesaroso por ter ofendido a Deus e aceite voluntariamente a morte em satisfação dos seus peccados, obtenha logo o perdão.

Que consolação poder fazer à hora da morte uma penitência maior do que todos os anacoretas no deserto e isto em um tempo em que já não estamos em estado de não fazer nada? Que dor é ver uma infinidade de pessoas privarem-se do fruto da morte, que é de tôdas as penas do que tem maior mérito. *Ut quid perditio hæc?* Porque se ha de perder uma ocasião tão propícia para honrar a Deus, satisfazer á justiça, pagar as suas dívidas e merecer o céu.

Confesso que a nossa vida nada vale comparando-a à de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas quando ela é oferecida com amor, é dum preço inestimável. Que é para Deus uma esmola de um real? No entanto aquella pobre mulher que a deu, diz o Evangelho, mereceu ser louvada pelo filho de Deus e ser preferida aos escribas e fariseus que tinham dado esmolas muito mais avultadas; tanto, diz Jesus, que ela dava tudo o que tinha, e davo com o maior gosto, na sua indigência. *Hæc de*

pecunia sua omnia quas habuit, misit totum victum suum. Pode-se dizer o mesmo daquele que entregar a sua vida a Deus; dá tudo, sem nada para si reservar, e é isto o que torna a sua morte preciosa. E' isto que fazia correr com tanta alegria os cristãos para o martírio; queriam dar a Nosso Senhor a vida que dele tinham recebido e compensar pela sua morte a que Elle tinha sofrido por seu amor. (1)

Não podemos ser mártires: oh! que aflicção! mas podemos no entanto morrer por Jesus Cristo. Temos uma vida que podemos sacrificar por seu amor: oh! que consolação!

7. A diferença que Santo Agostinho faz entre os perfeitos e imperfeitos, é que os perfeitos sofrem a vida com pena e recebem a morte com alegria, e os imperfeitos sofrem a morte com paciência, combatem contra si próprios para se submeterem à vontade de Deus e estimam mais submeter-se ao que dele ordenou, armando-se com a fôrça de paciência para vencerem o desejo da vida, e receberem a morte com submissão e paz.

A perfeição consiste pois em desejar morrer para

(1) Uní o sacrificio da vossa vida à de Nosso Senhor Jesus Cristo e não podereis oferecer a Deus cousa mais meritória.

«É em vão, diz Santo Agostinho, que os que teem uma fé sincera dizem que não querem morrer tão cedo para terem tempo de se tornarem melhores do que são; porque não adiantam na virtude senão ao passo que se adiantam na disposição que lhes faz desejar a morte. Enquanto desejarem não morrer, isto não será um meio de adquirir virtudes, mas será sinal de que ainda as não adquiriram. Os que desejam não morrer para se tornarem perfeitos, desejem morrer e tornar-se-ão logo perfeitos.»

não ser mais imperfeito, para cessar inteiramente de pecar, para que Deus reine inteiramente em nós, e que este corpo de pecado que levamos até a morte seja, em castigo de suas contínuas revoltas contra Deus, reduzido a cinzas para satisfazer plenamente à sua justiça e santidade e reparar tôdas as injúrias que comete contra sua magestade, por esta última, mais profunda e mais longa humilhação. Sobe-se à perfeição ao passo que êstes desejos da morte se tornam mais sinceros e ardentes, e o meio mais breve para nos tornarmos perfeitos, é desejar a morte de todo coração.

8. As preparações que devíamos levar para êste último sacrifício não devem levar-nos a desejar que na hora do sacrifício seja deferida, quando chega a própria de o consumir. Estas preparações são menos necessárias do que a nossa submissão a vontade de Deus. A nossa submissão pode suprir estas preparações, mas nada pode suprir a nossa submissão; é isto o que as almas ainda mais imperfeitas, não devem esquecer.

E' mais útil e seguro para nós comparecermos deante de Jesus, quando Êle anuncia a sua vinda, do que expormo-nos a chegar tarde, crendo estarmos mais preparados para o receber. A preparação essencial que nenhuma outra pode suprir, é apresentarmo-nos ante Êle com confiança e amor; basta então só excitá-los e animá-los. E' mesmo um grande assunto de humilhação e confusão para nós não sentirmos um santo ardor e uma santa impaciência em o vermos». Felizes diz S. Crisóstomo, se suspiramos e gememos continuamente, esperando o complemento da nossa divina adopção, que será a redenção e libertação de nossos corpos e almas, o de-

sejo de sair dêste mundo com tanto ardor e impaciência como os desterrados e cativos desejam o fim de seu exílio. (Chris. *Hom. XVII in Gen. et alib*). Estas impaciência, acrescenta o Santo Doutor, que testemunharmos a Deus, contribuirá bastante para nos obter o perdão dos pecados e será a melhor das disposições para comparecermos ante Elle».

«Porque desejamos nós tão ansiosamente a nossa vida, diz S. Bernardo, que quanto mais vivemos mais pecamos e só se aumenta o número dos nossos dias para se aumentar as nossas faltas? Quanto a mim acrescenta o humilde Doutor, tenho vergonha de viver, porque pouco aproveito; temo morrer, porque não estou preparado. Mas apesar de tudo, antes quero morrer e entregar-me à misericórdia de Deus, que é infinitamente bom, do que ser um objeto de escândalo para o meu próximo pelo mau exemplo da minha vida».

Procurai compenetrar-vos bem dêstes pensamentos tão consoladores, para que vos disponheis melhor a aceitar a morte, sem terdes temores excessivos tão perigosos neste momento decisivo para a salvação.

9. Já demonstramos que ninguém por mais santa que tenha sido a sua vida, se deve exaltar com a sua virtude, se Deus as examinasse sem misericórdia. E' a confiança nesta misericórdia e nos méritos de Jesus Cristo que produz a segurança de todos. Já que é preciso voltar a êste ponto, entreguemo-nos desde já por tôda a vida e morte. Tenhamos por verdade certa que quanto mais completamente nos abandonarmos mais

justos seremos e o nosso sacrifício será mais agradável a Deus. (1)

XVIII

Pensamentos consoladores acêrca da rapidez do tempo

Os anos temporais passam; os seus meses reduzem-se em semanas; as semanas em dias, os dias a horas; as horas a momentos, que são os únicos que possuímos, mas que não gozamos senão à medida que acabam e tornam a nossa natureza mortal, a qual no entanto deve para nos ser amável; e visto esta vida estar cheia de miséria, não poderíamos ter consolação mais sólida do que a de estarmos certos de que aquela se vai dissipando para dar lugar à santa eternidade, que nos está preparada na abundância da misericórdia de Deus, e à qual a nossa alma aspira incessantemente por contínuos pensamentos que sua propria natureza lhe

(1) O verdadeiro temor de Deus não gela o coração porque pelo contrário, é preciso ter alegria para possuir êste temor. O que fere e perturba é o temor dos escravos que não amam o seu Senhor, que só o servem por dura necessidade e abandona-lo-iam imediatamente se se pudessem evadir, o que suspiram pelo momento que porá termo a sua escravidão. Não é êste o temor dos cristãos chamados filhos de Deus: êste é acompanhado pelo amor e tem nele a sua origem e o amor produz necessariamente a alegria. O nosso coração não é forçado a amar; ama por querer amar; não se dirige ao seu objeto senão porque o acha amável. Esta vista nada tem de desagradável e dirigindo-se ao seu alvo o nosso coração segue a sua inclinação.

Uní como deveis a esperança ao temor e achareis na misericórdia divina um contrapêso ao terror dos seus juízos.

sugere, embora não possa esperar senão por outro pensamento mais elevado que o autor da natureza sôbre ela derrama.

Eu não estou atento a eternidade senão com muita suavidade; porque, digo eu, como é que a minha alma poderá estender o seu pensamento a êste infinito se não tivesse alguma proporção com êle? Porém, quando conheço que o meu desejo corre com o meu pensamento para esta mesma eternidade, a minha alegria cresce sobremaneira; porque sei que não desejamos com um verdadeiro desejo senão cousas possíveis. O meu desejo certificar-me pois de que posso ter a eternidade; que me resta pois senão esperar possuí-la? E isto concede-se-me pela infinita bondade daquele que não crearia uma alma capaz de pensar e tender para a eternidade se não quisesse dar-lhe os meios de a conseguir.

Digamos pois muitas vezes: tudo passa, e após poucos dias desta vida mortal que nos restam, virá a infinita eternidade. Pouco nos importa que tenhamos aqui comodidades ou não, contanto que sejamos felizes por tôda a eternidade. Seja esta eternidade santa que nos espera, a nossa consolação, e o sermos cristãos, membros de Jesus Cristo, regenerados com o seu sangue, porque só consiste a nossa glória em êste divino Salvador ter morrido por nós.

Uma alma grande eleva os seus melhores pensamentos afetos e desejos ao infinito da eternidade, e visto que é eterna, reputa em pouco o que não é; tem por pequeno o que não é infinito, e elevando-se acima de tôdas as delícias, ou antes dos vís joguetes que esta

vida nos apresenta, tem os olhos fixos na imensidade dos bens e anos eterno. (1)

Oh! quanto é desejável a eternidade comparada com estas miseráveis e perecíveis vicissitudes! Deixemos correr o tempo, com o qual corremos a pouco e pouco para sermos transformados na glória dos filhos de Deus. Ah! quando penso como empreguei o tempo de Deus, affligi-me o pensar que elle não me queira dar a sua eternidade, pois que só a dará aos que empregaram bem o tempo.

Oh! Deus! — os anos correm imperceptivelmente uns após outros; e terminando a sua duração, terminam a vossa vida mortal, e acabando, acabam a nossa vida. Oh! como é incomparável mais amável a eternidade, visto que a sua duração tem fim e que os seus dias são sem noite, e os seus contentamentos invariáveis! Possais vós possuir este bem admirável da santa eternidade em tão alto grau quanto eu vos desejo! Que felicidade para a minha alma se Deus concedendo-lhe misericórdia, lhe patenteasse esta doçura.

(1) Um autor hodierno, quasi original, escreveu o seguinte:

«Vamos, morrer em paz; não tendes morrido um pouco todos os dias? A morte nada tem que nos deva surpreender reconhecendo-a como uma antiga amiga. Vós ereis os proscritos, e ela vem conduzir-vos à pátria; vós ereis martyres, e ella traz-vos as palmas merecidas. Que fio vos fica para contardes? Nenhum, salvo o da vida. O vosso balão está impaciente; basta-lhe arrojá-lo fóra o lastro e ei-lo balouçando-se entre as aguias e os sóis.»

XIX

E' preciso entregarmo-nos à Deus na vida e na morte

1. Entre os louvores que os santos dão a Abraão, S. Paulo eleva acima de todos os outros, êste: «que êle creu, esperando contra tôda a esperança.» Deus tinha-lhe prometido multiplicar a sua posteridade como as estrêlas do céu e as areias do mar e no entanto recebeu ordem de sacrificar o seu único filho. Abraão não perdeu por isto a esperança, e creu que obedecendo, não deixaria de manter a sua promessa.

Grande, com certeza, foi a sua esperança; porque nada via em que a apoiasse senão a palavra de Deus. Oh! como é um alicerce forte e sólido esta palavra de Deus! Oh! como é um alicerce forte e sólido esta palavra, visto ser infalível!

Abraão vai pois cumprir a ordem de Deus com simplicidade nunca vista; porque não considerou nem replicou como quando Deus lhe ordenou que saísse da sua terra e dentre os seus parentes. Caminhando três dias e três noites com seu filho, sem saber precisamente para onde ia, levando a lenha para o sacrifício, seu filho lhe perguntou onde estava o holocausto, ao que respondeu Abraão: «Meu filho o Senhor proverá a isso».

Oh! meu Deus! como seríamos felizes se nos acostumássemos a dar esta resposta aos nossos corações, quando se afligem por qualquer cousa: Nosso Senhor proverá; e depois disso não tivéssemos mais ansiedade e perturbação que Isaac! porque se calou logo, crendo que o Senhor proveria a isso como seu pai lhe tinha afirmado.

Grande é com certeza a confiança que Deus nos pede que tenhamos no seu cuidado paternal e da sua divina Providência; mas porque razão a não teremos nós visto que ninguém pode ser enganado e que ninguém confia em Deus sem tirar os frutos desta confiança?

2. Considerai que o Nosso Senhor disse aos seus apóstolos para estabelecer com êles esta santa e amorosa confiança: «Quando eu vos enviei ao mundo, sem dinheiro e sem provisão alguma, faltou-vos alguma coisa?» E êles disseram: Não. Ide lhes disse Êle, e não vos inquieteis nem do que comereis, nem mesmo do que bebereis, nem com o que vos cobrireis, e nem do que direis perante os magistrados; porque em tôdas as ocasiões meu Pai que está no céu vos dará tudo o que é necessário e ensinar-vos-á o que haveis de dizer».

Mas eu sou tão pouco espiritual, me dirá alguém: não posso tratar com os grandes e não tenho ciência. E' o mesmo: Ide e confiai em Deus, porque Êle disse: «Embora uma mãe se esqueça de seu filho, eu não vos esquecerei; porque vos tenho gravado no coração e nas mãos».

Pensais que aquêle tem cuidado em prover ao alimento das aves do céu e dos animais da terra, que não semeam nem recolhem, não proverá de tudo o que é necessário àquêle que confiar plenamente na sua Providência? Êle que está unido a Deus, que é o sumo bem? (1)

(1) Desde as maiores criaturas até as menores, a Providência de Deus sôbre tudo se derrama; alimenta as avesinhas que o invocam de manhã com a harmonia dos seus cânticos e as flores que logo

3. Convém saber que abandonar a sua alma e entregar-se a si próprio nada mais é do que deixar a própria vontade para a entregar a Deus: porque de nada serviria renunciarmos a nós mesmo se não fôsse para nos unirmos à divina bondade: fazer outra cousa, seria parecer-nos com êsses filósofos que abandonaram tudo e a si mesmo para se entregarem a vãs pretensões e ao estudo da filosofia. Sirva de exemplo Epíteto, que sendo escravo, e querendo libertá-lo o seu Senhor por causa da sua grande sabedoria, não quis a liberdade por uma das maiores renúncias, e ficou na escravidão, com uma tal pobreza que depois de morrer só lhe encontraram um lâmpada, que foi vendida muito cara por ter pertencido a um tal homem. Quanto a nós não queiramos deixar-nos senão para nos entregar-mos à mercê da vontade de Deus. Há muitos que dizem a Nosso Senhor: Entrego-me a vós sem reserva; mas há poucos que pratiquem êste abandono, que é uma perfeita submissão em receber tôda a sorte de acontecimentos, logo que seja por ordem da Providência de Deus, seja aflição ou consolação, doença ou saúde, pobreza ou riqueza, desprêzo ou honra, opróbrío ou glória.

Isto entendo eu relativamente à parte superior do

desabrocham as vestes tão esplêndidamente durante a curta duração da sua vida, que Salomão em tôda a sua glória não teve ornatos iguais. Vós, homens que Êle fez à sua imagem, que esclareceu com o seu conhecimento, que chamou ao seu reino, podeis crer que Êle vos esqueceu e que sejais as únicas criaturas sôbre as quais não repouse a vista vigilantíssima da Providência? Não sois vós mais do que êles?

nosso ser; porque quanto à parte inferior, ninguém duvida que ela e a inclinação natural tendem antes para o lugar da honra do que do desprezo; das riquezas do que da pobreza; embora ninguém ignore que o desprezo e a pobreza são mais agradáveis a Deus do que a honra e a abundância. (1)

4. Vivamos, enquanto agradar a Deus, neste vale de misérias com uma inteira submissão à sua vontade. Outro dia me recordava do que dizem os autores a respeito do alcião, ave pequena, que põe na margem do rio. Estas aves fazem ninhos tão redondos e apertados, que as aguas do mar não pôdem penetrar, e sòmente em cima deixam um orifício por onde pôdem respirar; dentro alojam os filhinhos, para que, se o mar os surpreender possam nadar com segurança e flutuar sôbre as águas sem se encherem nem submergirem; e o ar que entra por êsse pequeno orifício serve de contrapêso e é balanço por tal forma a estas barquinhas, que nunca se viram.

(1) Cheio de confiança na Providência, tão santa, tão extensa, que contém os seus desígnios, tôdas as causas e todos os efeitos, o cristão dilata-se a si próprio e aprende a aplicar-se bem a tudo. Se Deus lhe envia prosperidades, recebe com submissão o presente do céu e honra a misericórdia que lhe faz bem, derramando-o sôbre os miseráveis. Se está na adversidade lembra-se que «a provação produz a esperança», que a guerra se faz para a paz e que se a virtude combate será coroada um dia. Nunca desespere, porque nunca está sem recursos; porque como pode desesperar da sua fortuna se ainda lhe fica um reino que é o de Deus? Que fôrça pode abater, estando sempre animado por uma esperança tão bela?

Oh! como eu desejo que os nossos corações estejam calafetados por tôda a parte, para que, se a tempestade e as tormentas do mundo os agitarem, lhes não penetrem, e que só haja uma abertura para o céu, para respirarmos e aspirarmos ao nosso Salvador! E por quem será feito êste ninho? Pelos filhinhos d'Aquelle que o fez por amor de Deus, por afetos divinos e celestes. Mas, enquanto os alciões fabricam os seus ninhos e os seus filhinhos ainda estão tenros para suportar o embate das vagas, ah! Deus terá disso cuidado e usará de compaixão, impedindo que o mar entre neles e os leve.

Oh! Deus! eis a vossa bondade soberana, que manterá o ninho dos nossos corações, pelo seu santo amor contra os assaltos do mundo, e garantirá que êles sejam vencidos. Ah! como eu amo essas aves que estão carca-das pelo mar, e não vivem senão dar e só veem o céu? Nadam como peixes e cantam como aves; e o que mais me agrada é que a âncora é lançada da parte superior e não da inferior, para os garantir contra as vagas.

Queria o doce Jesus tornar-nos assim de maneira que, cercados pelo mundo e pela carne, vivamos do espírito; que, entre as vaidades da terra, contemplemos sempre o céu que, vivendo entre os homens, o louvemos com os anjos, e que o fundamento das nossas esperanças esteja sempre no paraíso; que em tudo por tudo o amor santo seja o nosso grande amor. Ah! mas quando será que nos consumirá e quando consumirá a nossa vida para fazer morrer a nós mesmos o fazer-nos reviver para o nosso Salvador? A êle só sejam dados glória, honra e louvor. Já que o nosso propósito invio-

lável tende incessantemente para o amor de Deus, nunca serão fora de propósito as palavras do amor de Deus.

5. Nada mais vos direi, nem sôbre grande o abandono de tudo e de nós mesmos a Deus, nem sôbre a saída do nosso paiz e da casa de nossos pais. Não, não quero falar. Queira Deus esclarecer-nos e mostrar-nos o seu gôsto; porque embora perigue tudo o que há em nós, seguí-lo-emos para tôda parte onde nos conduza.

Oh! como é bom estar com Êle seja em que lugar for! Eu penso na alma do bom ladrão. Nosso Senhor tinha-lhe dito que naquele dia estaria com êle no paraíso e apenas a sua alma se apartou do corpo, eis que o conduz ao inferno. Sim, porque devia estar com Nosso Senhor, e Nosso Senhor desceu aos infernos; foi pois aí com Êle. Deus verdadeiro! que pensaria êle ao descer e vendo êsses abismos com a sua vista interior? Creio que diria em Jó: «Quem me fará a graça, meu Deus, que me defendeis e conserveis no inferno?» e com Davi: «Não, nenhum mal temerei, porque Senhor, Vós estais comigo». Não, enquanto estão vivas as nossas resoluções, nada nos perturba. Quando morrermos, volte-se tudo, isso pouco me importa contanto que isto subsista. (1)

(1) Esta vida, que nós não possuímos senão por parcelas que sem cessar nos escapam, nutre-se e alimenta-se com a esperança.

O futuro, que será talvez uma porção notável da nossa idade, não o possuímos senão pela esperança, e até ao último suspiro é a esperança que nos faz viver: e visto que sempre esperamos, é um sinal muito manifesto de que não estamos em um lugar em que possuímos o que desejamos.

Portanto neste mundo grosseiro onde ninguém goza nada onde só se vive de esperança, será mais feliz o que tiver mais

As noites são dias, quando Deus permanece em nosso coração, e os dias são noites quando Elle lá não está.

esperança, e esta mais sólida. Felises pois mil vezes os justos e as pessoas de bem! Graças à misericórdia divina, atribularam-lhe bastante o gozo da vida presente; mas ninguem ainda lhe contestou a vantagem da esperança.

BOSSUET

Deixai obrar a Providência. Os pensamentos sôbre o que acontecerá e sôbre a vossa incapacidade provam que ainda vos não entregastes nas mãos de Deus. Não vê Elle muito melhor que vós o que vos é preciso. Não conhece tôdas as vossas necessidades e os desejos do vosso coração? Tendes necessidade de mais alguma cousa do que de orar, entregando-vos completamente à sua bondade? Pedí-lhe unicamente que cumpra a sua vontade; estai diante dele como uma vítima pronta para ser imolada. Tudo então irá bem quando Elle for o Senhor, e que vós só penseis em lhe obedecer e agradar. Elle proverá à tudo o mais e uma grande confiança n'Elle fará com que tudo dele espereis. Contai que não sereis por Deus senão quando a Elle vos entregardes sem reserva. A confiança em Deus deve ser a vossa verdade predileta e o abandono o vosso centro e inversível sustentáculo. Amen.

PADRE MILLE

LIVRO QUARTO

PENSAMENTOS CONSOLADORES NA PERDA DE PARENTES E AMIGOS

I

Como se deve chorar cristãmente as pessoas que perdemos

1. Se perdemos os nossos parentes e amigos, não devemos entristecer-nos muito; porque nada há no mundo pelo que devemos desejar que aquêles que amamos aquí permaneçam muito tempo, e êle é tão miserável que devíamos antes louvar a Deus quando os leva e não nos afligirmos. Assim convém que uns após outros deles saíamos, segundo a ordem que Deus estabeleceu; os primeiros que saem são os que estão melhor, quando viveram com cuidado da sua salvação. E depois, na eternidade, tais perdas são reparadas, e a nossa sociedade, desfeita pela morte, será restaurada.

Uma consolação bem suficiente aos filhos de Deus, é quando seus parentes e amigos teem recebido os remedios eficazes dos santos sacramentos antes de morrer, o que lhes devem procurar sem demora.

2. Repousemos os nossos corações sem amargura; mas tenhamos a coragem, tão necessaria neste estado, de fechar os olhos ao nosso querido moribundo, dando-lhes o ósculo da paz. Depois disto, façamos-lhe as

honras que o costume cristão exige, segundo o estado e condição de cada um. Porém, mais do que tudo, ordenemos que o mais cedo possível se façam com exatidão por intenção do falecido as orações, e outros exercícios piedosos, com mêdo que êle tenha precisão de alguma expiação, segundo a severidade do juizo divino; e que ainda esteja privado do gôso da plena e gloriosa liberdade, e que tenha a alma ainda condenada à estada por algum tempo no fogo do purgatório, por um segredo inescrutável de Deus, antes de ser recebida no céu entre os braços da divina bondade. Nesta sociedade, as amizades e sociedades começada neste mundo continuar-se-ão para não haver mais separação.

No entanto tenhamos paciência e esperemos com coragem que soe a hora da nossa partida, para irmos para onde já estão os nossos amigos; e já que cordealmente os amamos, continuemos a amá-los; façamos por amor deles o que êles desejariam que fizéssemos e o que agora por nós almejam.

3. Entretanto não vos direi: Não choreis, não, porque é justo que choreis um pouco em testemunho do afeto sincero que tendes aos vossos queridos defuntos. Isto será imitar a Jesus Cristo, que chorou por um pouco a Lázaro, seu bom amigo; mas com condição de serem moderadas estas demonstrações exteriores, e que êsses suspiros e gemídos não sejam tantas lágrimas de pesar como sinais de compaixão e ternura.

Não choremos como os que pertencendo completamente a esta miserável vida, não se lembram de que caminhamos para a Eternidade, onde, se vivermos bem neste mundo, nos reuniremos às pessoas queridas para nunca

mais as deixarmos. Não poderíamos impedir que o nosso pobre coração sentisse a perda dos que aquí eram os nossos amáveis companheiros; mas convém que não desmintamos a solene resolução que fizemos de ter a nossa vontade inseparavelmente unida à de Deus, e que não cessemos de dizer à divina Providência: Sim, vós sois bendita, porque tudo o que vos agrada é bom.

Eu choro em tais ocasiões; e o meu coração, que é de pedra nas cousas do céu, funda-se em lágrimas por tais acontecimentos. Esta insensibilidade imaginária dos que não querem que estejamos homens, pareceu-me sempre que era uma quimera; mas também, depois de ter pago o tributo à parte inferior da nossa alma, é preciso prestar as honras à superior, onde brilha, como em um trono, o espírito da fé, que nos deve consolar em nossas aflições e por elas próprias.

Bemaventurados os que se alegram por estar aflitos e convertem o absinto em mel! Deus seja louvado! É sempre com tranquilidade que eu choro, sobretudo com um grande sentimento de amor para com a Providência de Deus; porque depois, que Nosso Senhor amou a morte e a deu por objeto ao nosso amor, não posso querer mal à morte por me levar minhas irmãs ou qualquer outra pessoa, contanto que morra no amor da santa morte do Salvador. Tenho em tão pouca conta esta vida frágil, que nunca me volto para Deus com mais sentimento de amor do que quando me fere, ou permite que eu seja ferido.

4. Estimo que tenhais tanta caridade e temor de Deus, que, vendo o seu agrado e a sua santa vontade, a êle vos acomodeis e odieis o vosso desprêzo pela con-

sideração do mal dêste mundo. Não podemos evitar ter muita pena com a separação dos nossos amigos, e este desgosto não nos é proibido com tanto que o moderamos pela esperança que temos de não nos separarmos deles senão no pouco tempo que medeia até os seguirmos ao céu, lugar do nesso repouso, se Deus nos fizer essa graça.

Alongai muitas vezes a vossa vista até ao céu e vêde que esta vida não é senão uma passagem para a eternidade. Quatro ou cinco meses de ausência passarão depressa. Se o nosso costume e os nossos sentidos, entretidos em estimarem êste mundo e esta vida, nos fazem sentir o que nos é contrário, corriamos muitas vezes êste defeito pela claridade da fé que nos deve fazer julgar por muito felizes os que em poucos dias terminarem a sua viagem.

5. Oh! como é desejável a eternidade comparada com as vicissitudes dêste mundo!... Todos os dias a minha alma se abraça em amor e estima das cousas eternas... Deixemos correr o tempo, com o qual corremos a pouco e pouco para nos transformarmos na glória dos filhos de Deus... Quanto incomparavelmente mais amável não é a eternidade, cuja duração não tem fim, com os dias sem noites e os contentamentos invariáveis! Oh! se duma vez compenetrássemos bem os nossos corações nesta santa e bemaventurada eternidade! Ide, diríamos nós a todos os nossos amigos, ide para êste Rei da eternidade: nós nos reuniremos a vós, e já que o tempo só para isso nos foi concedido e que o mundo só se povoa para povoar o céu, façamos tudo o que pudermos para disso nos tornarmos dignos...

Sim, com certeza, a passagem de nossos amigos para uma vida melhor é estimavel, pois que se faz para povoar o céu e engradecer a glória do nosso Rei: um dia juntar-nos-emos a êles e no entretanto aprendamos o cântico do santo amor, para o cantarmos com mais perfeição na eternidade. Bemaventurados os que não confiam na vida presente e que só a julgam como uma táboa para passarem à vista celeste, na qual unicamente devemos colocar as nossas esperanças!

6. Deixemos chorar Daví a morte do seu Absalão enforcado e perdido; mas na morte do que tomou por vontade, que recebeu os remédios eficazes da Igreja antes de morrer, há mais ocasião para nos consolarmos do que para nos entristecermos; porque, tendo vivido bem, não morreu, mas salvou-se da morte; porque os homens virtuosos não morrem, vivendo no céu pela mgnífica recompensa de seus méritos, e na terra pela gloriosa memória de seus benefícios.

Oh! se ouvíssemos as doces e amáveis palavras dalgum falecido já bemaventurado, êle nos diria: Meus amados, peço-vos que noteis que estou no lugar que desejo, e que me consolo dos meus passados trabalhos que me conquistaram esta gloriosa immortalidade! Por que não consolais comigo? Quando eu estava convosco nesse mundo, era vosso empenho vos rigozijardes comigo em tôdas as minhas consolações, até mesmo caducas e illusórias... Ah! não sou eu mesmo? Por que vos afligís para com a minha morte visto ter-me Deus dado tanta glória? Não, eu desejo de vós cousas bem diferentes dêsses vossos pezares! Se tendes lágrimas, guardai-as para chorar as desgraças do vosso século e conjuntamente

os vossos pecados. Não sabeis que os males desta vida miserável em que viveis são tais, que deveis antes louvar a Deus por delas vos livrar, do que afligir-vos? Os primeiros que dela saem são os mais felizes, contanto que tenham vivido bem. Um só pezar sinto agora; é que desprezeis, estando em vossos corpos, as cousas de que não necessitais não as possuindo; e que viveis por tal forma, entre as prosperidades da vida, que não temais as adversidades, confiando que em breve vos unireis aos nossos caros defuntos para os não deixardes por toda a eternidade.

Prouvera a Deus que todos os filhos de Adão pensassem bem nestas verdades! De certo não estariam tão ardentes e ásperos para os prazeres e vaidades; porque conheceriam perfeitamente que tudo o que agora amaram não era senão um nada, despojo da morte, o fruto de Satanaz e o engodo do inferno; e por este conhecimento claro, junto a uma resolução firme e sólida, tirariam da morte temporal auxílio e socorro para evitar a eterna.

Dizem que Alexandre o grande, navegando no mar alto, descobriu a Arábia Feliz só pelo cheiro de madeira aromática que aí há; e assim só elle tinha pretensão de conquistar êsse país. Assim os que pretendem o país eterno, embora navegando no mar alto dos negócios dêste mundo, teem um certo gôsto antecipado do céu, que os anima e conforta maravilhosamente; mas convém dirigir a proa para êsse sítio.

II

Consolações a uma pobre mãe acerca da morte de seu filho
de tenros anos (1)

Eis, minha querida filha, que está seguro o vosso filho; possui o talento eterno. Ei-lo escapado, e garantido do acaso de se perder, ao qual vemos expostas tantas pessoas. Dizei-me: não poderíeis tornar-se devasso com a idade? Não poderíeis receber dele muitos desgostos no futuro, como tantas outras mães recebem dos seus? Porque minha filha, muitas vezes recebem-se daqueles de quem menos se esperava. E eis que Deus o retirou de todos os perigos e fez-lhe conquistar o triunfo sem batalha e colher o fruto da glória sem trabalho. No vosso entender, minha querida filha, não estão recompensados os vossos votos e devoções? Vós o fazeis por êle; mas para que ficasse convosco neste vale de misérias. Nosso Senhor, que entende melhor o que nos convém, ouviu as vossas súplicas em favor da criança por quem as fazeis, mas a-pesar-dos contentamentos temporais que pretendíeis.

Na verdade, aprovo a confissão que fazeis; que é por vossos pecados que morreu esta criança, porque isto procede da humildade; mas não creio que se funde na verdade. Não, minha cara filha, não é para vos castigar; é para favorecer esta criança que Deus a salvou a tem-

(1) Nunca nos cansaremos de aconselhar as pobres mães que tem grande dor em perder uma criancinha encantadora na idade da inocência, que leiam e releiam o tocante opúsculo: «Um anjo mais no paraíso.»

po. Tendes dor nesta morte, mas vosso filho tem muito proveito recebestes um grande desgosto temporal e vosso filho um prazer eterno. No fim da nossa vida, quando os nossos olhos estiverem desvendados, veremos que esta vida vale tão pouco, que não devemos chorar os que a deixam em breve; a mais curta é a melhor, contando que conduza à eterna.

Tende coragem; eis pois o vosso filho no céu com os anjos e os santos inocentes. Ele conhece bem o trabalho que com ele tivestes, e mais que tudo das orações que por ele recitastes; e em troca, ele pede por vós a Deus que espalhe mil bons desejos sobre a vossa vida, para que cada vez mais se conforme com a vontade celeste e por ela possais ganhar a que ele goza. Ficai em paz minha querida filha, e elevai o vosso coração ao céu onde tendes êsse santinho. Perseverai em querer amar sempre fielmente a vontade soberana. (1)

Oh! como é feliz esta criança por ter voado para o céu como um anjinho, antes de quasi haver tocado a terra! Que penhor tendes vós lá em cima, minha querida filha! Mas vós tereis, eu o creio, tratado dêste negócio particularmente com o nosso Salvador, e ele terá pacificado santamente a ternura natural da vossa ma-

(1) Peço-vos que unais a vossa dor com as santas lágrimas da Santa Virgem e com a dor de S. José, que sofriam pela ausência e afastamento de seu querido Filho, e lembrai-vos que Nosso Senhor, a seu turno, sacrificava os sentimentos e ternura razoáveis do mais santo e cordeal filho no mundo, porque atendeu aos interesses de Deus seu Pai, que preferiu aos sentimentos e ternura da natureza humana.

J. J. OLIER

ternidade, e vós tereis pronunciado muitas vezes de todo coração o protesto filial que Nosso Senhor nos ensinou; «Sim, Eterno Padre, já que assim vos agrada, assim se faça». Oh! minha filha, se assim fazeis, estais felizmente morta no divino Salvador como essa criança, e a vossa vida está oculta com êle em Deus; e quando aparecer o Salvador, que será a vossa vida, então aparecerá com êle na glória. E' a maneira de falar do Espírito Santo na Escritura.

Padecemos, sofremos, morremos com aquêle que amamos, pelo amor que a êle nos une; e quando êles sofrem ou morrem no Senhor, é que nos conformamos aos seus padecimentos e morte por amor daquele que por nosso amor quiz sofrer e morrer, sofremos e morremos com êle; tudo isto junto, minha cara filha, são riquezas espirituais incomparáveis, e conheceremos isto um dia, quando por êstes ligeiros trabalhos conquistarmos recompensas eternas.

Nesta ocasião empregai a grandeza da vossa coragem para moderar a grandeza do desgosto que a magnitude da vossa perda nos tiver dado. Conformemo-nos com os decretos da soberana Providência, decretos que são sempre justos, sempre adoráveis, embora ímpenetráveis e obscuros ao nosso entendimento.

III

A uma pai acerca da morte de seu filho

Fareis bem em considerar que êsse querido filho pertencia mais a Deus do que a vós, que só o possuíeis por causa da soberana liberalidade. Se a Providência

julgou que era tempo de levar para si, devemos crer que o fez para seu bem, com que um pai cristão como vós se deve conformar docemente. O nosso século não é tão agradável que devemos lamentar os que o deixam. Este filho para si, segundo me parece, ganhou muito em sair quase logo que chegou. (1)

A palavra *morte* é espantosa, como no-la propõem: porque vem dizer-vos: Morreu vosso pai, morreu vosso filho. E isto não se diz assim entre nós cristãos porque deveríamos dizer: Vosso pai e vosso filho retiraram-se para o seu país e para o vosso, e, por ser preciso, passaram pela morte, na qual não estacionaram. Não sei, com certeza, como podemos, com bom juízo julgar este mundo, em comparação com o céu onde devemos permanecer eternamente. Nós vamos, e estamos mais certos da presença dos nossos queridos amigos que lá estão, do que dos que estão na terra; porque aquêles deixaram-nos ir e ficaram ao pé de nós o mais que possam, e se vão como nós, é contra sua vontade.

Se algum resto de tristeza atormenta ainda o vosso espírito pela partida desta sua alma, lançai-vos deante do Coração de Jesus crucificado e pedi-lhe auxílio. Ele

(1) Porque chorais vós pelos que não choram e aos quais Deus enxugou para sempre as lágrimas! Somos nós mesmos que nos lamentamos e convém passar para a humanidade este temor para consigo. Mas a fé assegura-nos de que em breve estaremos reunidos às pessoas que os sentidos nos representam como perdidas. Vivei da fé, sem escutar a carne e o sangue. Encontrareis no vosso centro comum, que é o seio de Deus, a pessoa que desapareceu da vossa vista.

vo-lo dará, e vos inspirará o pensamento e o propósito firme de vos preparardes para dar bem êsse passo, à hora que êle marcou, nesta temível passagem de sorte que chegueis felizmente ao lugar onde devemos esperar que esteja o nosso pobre, mas feliz defunto.

IV

A uma mãe a respeito da morte de seu filho na guerra

Como a minha alma se compadece do vosso coração, minha querida mãe! Porque me parece ver êsse coração maternal cheio dêsse excessivo pesar; pesar que contudo não devemos extranhar nem censurar se considerarmos como êsse filho era amável. E o segundo afastamento dele é o assunto da vossa amargura. Minha querida mãe, é verdade, êsse querido filho era um dos mais desejáveis que existiam; todos os que o trataram o reconheceram e reconhem ainda. Mas não é isto uma grande parte de consolação que devemos ter agora, minha querida mãe? Porque parece que aquêles cuja vida é mais digna de memória e de estima ainda vivem depois da morte, pois tanto prazer sentimos em os recordar e representar ao espírito dos que ficam.

Partiu dêste mundo para ir para o que é mais desejável de todos e para o qual devemos ir cada um em ocasião própria e onde o vereis mais depressa do que se ficasse neste novo mundo, entre os trabalhos da conquista que êle queria fazer para o seu rei e para a igreja.

Em suma, terminou, seus dias mortais no seu dever e na obrigação do seu juramento. Esta espécie de fim

é excelente, e não devemos duvidar de que o grande Deus lho tenha tornado feliz pois que desde o berço o tinha favorecido continuamente com a sua graça para o fazer viver cristãmente. E' preciso compreender esta admirável Providência de Deus e conformarmo-nos com suas ordens com uma santa confiança em que Elle terá cuidado daquela boa alma, que terá talvez purificado com êste fogo para lhe evitar o do purgatório.

Em suma, é preciso dar passagem às aflições para dentro do coração; mas não convém deixá-las aí permanecer. Deus, o nosso anjo da guarda e a sabedoria que grangeastes com a experiência sugerir-vos-ão melhor tudo isso do que eu. Enfim eis-vos despojada e despida do precioso vestido que possuíeis. Bendizei a Deus, que vo-lo tinha dado e que vo-lo tirou, e a sua Majestade ocupará o lugar do vosso filho.

Consolai-vos pois, minha querida mãe, e aliviái o vosso espírito, adorando a divina Providência, que tudo faz com suavidade; e embora nos sejam ocultos os motivos de seus decretos, a verdade de sua bondade é-nos manifesta e obriga-nos a crer que tudo faz por sua divina bondade. Dir-vos-ei de boa vontade para remédio da vossa dor, que quem quer isentar o seu coração dos males da terra, precisa de o ocultar no céu; e como disse Davi: «é preciso ocultar o espírito no segrêdo da face de Deus e no fundo dos santos tabernáculos». Considerai bem na eternidade onde ides; e achareis que tudo o que não pertence a esta infinita duração não deve morrer a vossa coragem. Êsse filho querido passa dêste mundo para o outro com bons auspícios, cumprindo o seu dever para com Deus e o rei; não contempleis esta passagem senão na eternidade.

Não nos aflijamos por isso, minha filha; em breve nos reuniremos. Caminhamos incessantemente e dirigimo-nos para onde estão os nossos falecidos e em dous ou três instantes lá estaremos; pensemos só em caminhar bem e em seguir todo o bem que neles tivermos notado. Colocai o vosso coração, eu vo-lo peço minha filha, ao pé da cruz e aceitai de bom grado a morte ou a vida de todos os que amais por amor d'Aquele que deu a sua vida e recebeu a morte por vós. Estais quase a partir para onde está o vosso amável filho; mas esperando a hora de navegar, apaziguai o vosso coração maternal pela consideração da santa eternidade na qual êle está e da qual vós vos aproximais; e em lugar de lhe escreverdes algumas vezes, falai a Deus por êle e êle saberá prontamente tudo o que quizerdes que saiba, e receberá todo auxílio que lhe prestardes por vossos votos e orações logo que as fizerdes e vos entregardes nas mãos da divina Majestade.

Reprimí o desejo violento que tendes de saber onde está o vosso falecido na outra vida, e quando encontrardes o vosso espírito nisto entretido convém que de repente e mesmo por palavras, vos volteis para o lado de Nosso Senhor, e lhe digais: Oh! Senhor! como é doce a vossa Providência e quanto é boa a vossa misericórdia! Ah! como é feliz êste filho, por ter caído em vossos braços paternais, nos quais só pode estar bem, seja em que lugar for!

Sim, porque não devemos senão pensar que está no paraíso ou no purgatório, pois que, graças a Deus, não podemos pensar outra cousa. Retirai-vos pois assim o vosso espírito e depois ocupai-vos em ações de amor para com o Nosso Senhor crucificado.

Quando recomendardes êsse filho à divina Majestade, dizei-lhe simplesmente: Senhor, recomendo o filho de minhas entranhas, mas ainda com mais razão filho das entranhas da vossa misericórdia gerado pelo meu sangue, mas regenerado pelo vosso.

V

A uma senhora — Consolações sôbre a morte de seu pai

Ânimo, filha; é preciso que o vosso coração sofra agora a ausência de vosso pai, pois que enfim a divina Providência o chamou para si e tirou-o desta miserável vida mortal, na qual vivemos morrendo e morremos continuamente vivendo.

Quanto a mim, minha querida filha, não quero apresentar-vos outra consolação senão a Jesus Cristo crucificado, cuja vista a vossa fé vos consolará; porque depois da morte do Salvador tôda a morte é feliz para os que, como o falecido de que falo, morrem no aprisco e com o socorro da santa Igreja; e todo o que se glorifica na morte de Nosso Senhor nunca se afligirá dos que êle reuniu e recebeu para si. (1)

Tenho costume de dizer a tôdas as almas que se dirigem a mim, que é preciso elevar o coração para o

(1) Tirando-vos as criaturas o Senhor quer que o seu querido Filho ocupe o lugar delas. É nesta hora que Êle redobrará de amor para convosco e que vos fará sentir como pode ser vosso pai, vosso esposo e amigo fiel; em uma palavra, quer ser tudo para vós. Eis até onde chega o cume de Jesus, incomparável no amor.

céu, como diz a Igreja no santo sacrifício. Vivei com pensamentos gloriosos e magníficos, que só dispoz os seus momentos mortais para esta vida eterna.

Este coração, assim elevado generosamente, é sempre humilde porque está estabelecido na verdade e não na vaidade! E' doce e pacífico porque não se importa com o que o pode perturbar. Mas quando eu digo que é doce e pacífico, não quero dizer que não sinta dor, nem sentimentos de aflição. Não, por certo, minha filha, não digo isso; mas digo que os sofrimentos, as penas, as tribulações são acompanhados com uma forte resolução de sofrer por Deus, que tôda amargura, por custosa que seja, está em paz e tranquilidade.

Alem disso esta terrível separação é tanto menos dura que pouco tempo leva e nós não só esperamos mas aspiramos a êste repouso no qual esta bela alma está ou estará em breve. Tomai eu vo-lo peço, de vontade, esta pequena demora que deveis ter na terra e em lugar de multiplicar por ela as nossas lágrimas, lancemo-las ante Nosso Senhor, para que sirva apressar a sua recepção nos braços da divina bondade, se ainda não lhe fez esta graça. (1)

(1) É Deus, como diz o Apóstolo, que alivia as pessoas aflitas e humilhadas e que as sustenta na sua desolação. Que felicidade é o ligarem-nos a Deus tôdas as cousas do Cristianismo, e que nada succede aos filhos do Pai celeste que os não torne mais dependente de Deus, mais retirado para Êle, mais separado de tudo o que vos estabeleça em uma maior confiança para com Êle e em um abandono perfeito como nunca estiveste. Seja o seio eterno de Deus agora a vossa morada, vosso repouso, sustentáculo, conselho, virtude, amor, vida, vosso tudo; e que comece a ser para vós na terra o que será

VI

Consolações a uma senhora a respeito da morte de seu marido

Meu Deus! quanto é frágil esta vida, e como são curtas as suas consolações! Aparecem em um momento, e outro momento as leva; e se não fôra a santa eternidade, para qual os nossos dias se dirigem, teríamos razão para lastimar a nossa condição humana.

Os pensamentos dos homens são vãos e inúteis em si mesmos para consolar um coração como o vosso. Deus só é cónsolador e Senhor dos corações, é só Êle que apazigua as almas de boa vontade, isto é as que nele esperam. As palavras interiores que Deus dirige ao coração aflito, que recorre à sua bondade, são mais doces do que o mel e mais salutareis do que o bálsamo mais precioso.

O coração que se une ao coração de Deus, não pode deixar de amar e aceitar amorosamente as setas que sua mão sôbre êle dirige.

Há tempo que servís a Deus e que aprendestes na escola da cruz que não só deveis aceitá-la pacientemente, mas ainda com doçura e amor em consideração daquelle que levou a sua e sôbre ela foi pregado até à

no céu por tôda a eternidade. Perdendo a imagem encontrareis a realidade; êste divino Pai, de quem procede a paternidade no céu e na terra, sera para vós tudo, como o é para um filho e para uma filha predileta, isto é, para Jesus Cristo e para Maria dos quais vos peço sejais inseparável, e em cuja occupação deveis perseverar de tôdas as criaturas que vos vão cercar e atacar.

J. J. OLIER

morte; e daquela que, não tendo senão um Filho de amor incomparável, o viu morrer sôbre a cruz, com os olhos cheios de lágrimas e o coração cheio de dor, mas dor doce e suave em favor da nossa salvação e da de todo o mundo.

Ora esta bondade soberana sem dúvida se inclinará para nós e virá ao nosso coração, para o ajudar e socorrer desta tribulação se nos lançarmos em seus braços e nos resignarmos em suas paternas mãos.

Foi Deus que vos deu êste esposo; foi Êle que o chamou e retirou para si; é obrigado a favorecer-vos nas aflições.

Considerando tudo isto, é preciso sujeitarmos os nossos corações à condição da vida em que estamos. É uma vida perecível e mortal, e a morte, que domina nesta vida, não tem marcha regradada: toma ora aquí ora alí, sem nenhuma escolha nem método, os bons entre os maus e os jovens entre os velhos.

Oh! como são ditosos os que, vivendo com a contínua desconfiança da morte, se acham sempre prontos para morrer, para que possam reviver eternamente na vida em que não há mais morte!

Sem dúvida, minha senhora, o maior desejo que o vosso falecido teve à sua partida, foi que vós não vos magoásseis muito com a ausência que êle vos causava, mas que procurásseis moderar por amor dele a paixão que o seu amor vos causava; e agora, na felicidade de que goza, ou espera com confiança, deseja-vos uma santa consolação, e que, suavizando a vossa tribulação, conserveis os vossos olhos para um objeto melhor do que

as lágrimas, e o vosso espírito para ocupações mais desejáveis do que a tristeza.

E visto que a amizade verdadeira se compraz em agradar as justas recreações do espírito, para agradar a vosso marido, consolai-vos, alegrai o vosso espírito e reanimai a vossa coragem. Porque se o conselho que vos dou, com uma sinceridade sem igual, vos é agradável, praticai-o, prostrando-se ante Nosso Senhor, conformando-vos com as suas ordens considerando a alma deste querido defunto, que deseja à vossa uma resolução cristã e verdadeira, e abandonando-vos completamente à celeste Providência do Salvador da vossa alma, vosso protetor, que vos ajudará e socorrerá, e enfim vos unirá ao vosso falecido, não na qualidade de esposa com seu marido, mas na de herdeiro do céu com seu coherdeiro.

A pouco e pouco Deus nos aparta dos contentamentos deste mundo; é preciso pois aspirar ardentemente aos da imortalidade e de ter os nossos corações elevados para o céu onde estão as nossas pretensões e onde presentemente temos uma parte das almas que amamos.

Seja para sempre bendito o nome de Nosso Senhor, e viva e reine sempre o seu amor em nossas almas!

VII

Os lutos cristãos — Passamos como uma sombra

1. Eis como, enfileirados, passamos o rio Jordão para entrar na terra da promessa, onde Deus nos chama uns após outros.

Oh! viva Jesus! Nada há neste mundo pelo que devamos desejar que os nossos amigos nele permaneçam muito.

Fazei pouco caso dêste mundo, porque êle só nos serve de ponto para passarmos para outro melhor.

Oh! Deus, querida filha, a medida que vemos êste mundo e os bens que nele temos desfazerem-se ante nossos olhos, é preciso recorrermos com mais ardor a Nosso Senhor e confessar que não colocamos as nossas esperanças nem esperamos os nossos contentamentos senão dele e da eternidade que nos destinou. É preciso que eu profira esta pequena frase de confiança; não há homem no mundo que tenha o coração mais terno e afetuoso para as amizades do que eu, e que tenha sentimento mais vivo nas separações; no entanto tenho em tão pouca conta esta vaidade da vida, que passamos, que nunca me volto para Deus com mais sentimento de amor do que quando me fere, ou quando permite que eu seja ferido.

Elevemos os nossos pensamentos ao céu, e estaremos isentos dos acidentes da terra. Esta boa irmã tinha orado bem a Deus; para isso foi arrebatada para Êle. Devemos crer que Deus dispôs isto para seu melhor bem. Permaneçamos em paz, esperando que Êle disponha de nós.

2. Seríeis muito temerária, minha querida filha, se pretendesseydes estar isenta dos embates que a inconstância desta vida dá de quando em quando aos homens. Quero que choreis essa perda, porque isso é razoável; mas desejo que não choreis desordenadamente, e que nesta ocasião demonstreydes que já aproveitastes tanto na virtu-

de que tendes mais fundamento na eternidade do que na imagem dêste mundo.

Contemplai esta morte súbita que não deu tempo à falecida para se despedir dos que amava; e, esperando que ela passasse para a graça de Nosso Senhor, digamos a tempo o adeus, renunciando de coração ao mundo e à tôda a vaidade; e coloquemos os nossos corações na bemaventurada eternidade que nos espera.

Ah! minha pobre filha! o meu coração compadece-se do vosso, e conjuro-o que pertença completamente Àquele que o ressuscitará da morte para a vida e que nos preparou as suas eternas benções.

Seja sempre bendito o seu santo nome!

3. Sim, minha querida filha, chorai o vosso falecido, porque Nosso Senhor chorou a Lázaro, seu amigo; mas não sejam lágrimas de pesar, mas duma simples compaixão cristã e dum coração que, como o de S. José chora de ternura e não de arrogância como Esaú. E' nestas ocasiões que convém subter-mo-nos ao agrado do doce Jesus.

Mas dissei-me: e nós quando iremos para essa pátria que nos espera? Ah! eis-nos à espera da nossa partida, e choramos os que já partiram! Bom preságio são para essa alma as muitas aflições que ela sofreu; porque, tendo sido coroada de espinhos, devemos crer que será coroada de rosas. Vá pois esta bela irmã, vá possuir o seu eterno repouso no grêmio da misericórdia de Deus.

Se as minhas preces lhe podem apressar êste bem, prometo-lhas de todo o coração; e se pudesse ter na vossa amizade, pedir-vo-lo-ia de todo o coração; pelo

menos permiti-me que ocupe o que tenho, e que a medida que os vossos parentes temporais vos vão faltando, o afeto mais que paternal que vos consagro e tenho fielmente dedicado, se torne maior em ternura e ardor santo.

Tomai as faixas de Nosso Senhor, ou o sudário no qual foi envolvido para o sepulcro e enxugai com êle as lágrimas. Eu na verdade também choro nessas ocasiões, e o meu coração, de pedra para as cousas celestes, derrama lágrimas nesses casos; mas seja Deus louvado, e faço com doçura e para vos falar como a uma filha querida, sempre com um sentimento de dileção amorosa para com a Providência de Deus; porque, depois que Nosso Senhor amou a morte e que a ela se entregou por nosso amor, não posso querer mal à morte, nem de minhas irmãs, nem de ninguém, contanto que se faça por amor da sagrada morte do meu Salvador. Viva pois e reine Êle, sempre em vossos corações. Amen.

VIII

Como uma viúva cristã deve chorar seu esposo

1. Deus meu! como é enganadora esta vida, minha querida prima! e como são curtas as suas consolações! Aparecem em um momento e outro momento as leva; e se não fora a eternidade, para a qual se dirigem os nossos dias, teríamos a razão de lamentar a condição humana.

Sabei que vos escrevo com o coração cheio de desgosto pela perda que tivestes, mas ainda mais pela

viva imaginação que tenho do golpe que o vosso receberá quando souber as tristes notícias da vossa viuvez, tão pronta, tão súbita e tão lamentável.

E' preciso que seja Deus quem sustente o vosso espirito e que lhe sirva de auxílio e sustentáculo. Ora, sem dúvida, que esta soberana Bondade, minha querida prima, se inclinará para vós e virá ao vosso coração para o ajudar e socorrer nesta tribulação, se vos lançardes em seus braços e vos resignardes em suas mãos paternas.

Foi Deus, minha querida prima, que vos deu êsse marido; foi Êle que o chamou para si; tem obrigação de vos ser propício nas aflições, que os justos afetos, que se desenvolveram pelo vosso matrimônio, vos causarão dora avante por esta privação. E' em suma tudo o que vos posso dizer. A nossa natureza é de tal modo feita, que morremos na hora imprevista, e não poderemos escapar a esta condição; eis porque é preciso ter paciência e empregar a nossa razão em adoçar o mal que não podemos evitar; depois considerar a Deus e a sua eternidade, na qual serão separadas tôdas as perdas e nossa sociedade, desunida pela morte, será restaurada.

Inspire-vos Deus e o vosso anjo da guarda uma santa consolação. Eu o suplicarei à sua divina Majestade e contribuirei para o repouso de além do vosso querido defunto por muitos santos sacrifícios.

IX

O agrado divino, única consolação dos aflitos

1. Embora eu não tivesse a felicidade de conhecer quando recebi a primeira notícia de vossa aflicção não deixei por isso de me compadecer muito do vosso coração, imaginando como devia ser forte o abalo inesperado; e se os mesmos desejos fossem tão eficazes como são sinceros, afetivos e ternos, creio que logo sentireis algum alívio.

Mas os pensamentos dos homens são vãos e inúteis em si mesmos; só Deus é o consolador e o senhor dos corações; é só Ele que alivia as almas de boa vontade. Ora, as de boa vontade são aquelas a quem Deus mostra o seu agrado; e mostra o seu agrado às que segundo a sua boa vontade esperam nele. Foi um bom aviso que recebestes da sua inspiração, propondo-vos a retirar-vos por um pouco do tumulto da consolação do mundo, embora bom consolador, para em repouso entregardes a chaga do vosso coração aos cuidados do médico e operador celeste, pois que os próprios médicos da terra confessam que nenhuma cura se pode efetuar senão com inquietação e tranquilidade! As palavras interiores que Deus dirige ao coração aflito que recorre à sua bondade são mais doces do que o mel, mais salutares do que o bálsamo precioso para curar toda a qualidade de úlceras. O coração que se una ao de Jesus Cristo não pode deixar de aceitar suavemente as setas que a mão de Deus lhe dispare. A vossa santa Blandina não achava maior alívio para as feridas do seu martírio do que

no doce pensamento que exprimiu suspirando estas três doces palavras: «Eu sou cristã». Bemaventurado o coração que emprega bem êste suspiro!

Eu vos direi de boa vontade, para remédio da vossa dor que quem quer isentar o coração dos males da terra deve transportá-lo ao céu e como diz Davi: «É preciso ocultar o nosso espírito no segrêdo da face do Deus e no fundo do seu santo tabernáculo».

Considerai bem a eternidade para onde tendeis e achareis que tudo o que não pertence à sua infinita duração não deve mover a nossa coragem. O esposo amado passou dêste mundo para o outro sob bons auspícios, cumprindo o seu dever para com Deus e para com o rei; não contempleis esta passagem senão na eternidade.

Que vos direi, filha minha, vendo-vos nesta amargura? Oh! coragem, eu vo-lo rogo: o esposo que escolheste depois que separastes do que vos tinha dado, é um feixe de mirra; todo o que o ama não pode deixar de amar a amargura; e os que Elle favorece com o mais apertado amor, estão sempre feridos pela tribulação. Como poderíamos apertar ao peito Nosso Senhor crucificado sem que os cravos e os espinhos que os traspasaram não nos firam?

X

O agrado divino, única consolação dos aflitos

1. Se eu não soubesse que a vossa virtude pode dar consolação e resolução necessárias para suportar com coragem cristã a perda que sentistes, tentaria apresentar-vos algumas razões nesta carta, e se fosse preciso

eu vo-la levaria. Mas supponho que tendes tanta caridade e amor de Deus, que vendo o seu agrado e santa vontade acomodar-vos-eis a ela, e dulcificareis o vosso desgosto pela consternação do mal dêste mundo miserável que se não fosse a nossa fragilidade deveríamos louvar a Deus do que afligirmo-nos quando nos leva os nossos amigos; porque convém que todos, uns após outros, daqui saiamos segundo a ordem que Elle estabeleceu; e os primeiros são os que so acham quando viveram com cuidado da sua salvação e da sua alma, como fizeram meu tio e meu irmão mais velho, cuja conversação foi tão doce e útil para todos os seus amigos, que nós que fomos dos seus familiares e íntimos não poderíamos deixar de ter muito pesar da separação que se fez; e êste pesar não nos é proibido, contanto que o moderemos com a esperança que temos de não ficarmos sempre separados, mas que em pouco tempo os seguiremos ao céu lugar de nosso repouso, se Deus nos fizer esta graça; será aí que nós cumpriremos e completaremos as boas e cristãs amizades que apenas começamos neste mundo. É o principal pensamento que os nossos amigos de nós requerem no qual vos suplico que vos demoreis, deixando as desmedidas tristezas para os espíritos que não teem tais esperanças.

2. Tenho notado com compaixão o estado do vosso coração desde que soube o pesar que sofreu há poucos dias; pois, embora eu bem sabia que, graças a Deus, a experiência e o costume que tendes há anos a esta parte em sofrer os desgostos terá fortalecido a vossa alma e animado a vossa coragem para não serdes tão extraordinariamente sensível a êstes golpes inevitáveis da

nossa condição mortal; contudo temo que êsses combates tão frequentes espantem a vossa resolução; contudo, senhora, não deixo de esperar que, depois de tantas renúncias da vossa vontade na de Deus, depois de terdes considerado tanto na vaidade desta vida, e na verdade da futura, depois de tantos pretextos de vos querer desligar irrevogavelmente a Providência celeste, só encontréis uma sólida consolação aos pés da cruz de Nosso Senhor, onde a morte se tornou para nós melhor do que a vida; e esta ilusão da vida dêste mundo não terá tido poder, creio, para vos fazer deixar as resoluções que Deus vos fez tomar sôbre os acontecimentos passados.

Em suma, é necessário sujeitar-se à necessidade, e torná-la útil à nossa felicidade futura, à qual devemos só aspirar pelo caminho da cruz, dos espinhos, e aflições. E na verdade, não importa pouco, mas importa muito aos que nós amamos que a sua demora seja pequena entre as tramas e misérias desta vida. E quanto a nós, não nos importaria, se considerássemos que só à eternidade é que devemos dirigir os nossos desejos por Deus. Minha querida tia, e para falar segundo o meu coração, minha querida filha, não vos deixeis levar pela torrente de adversidade mas uní-vos aos pés de Nosso Senhor, e dizei-lhe que sois sua; que disponha de vós e do que quís que fosse vosso, à sua vontade certificando-vos não só a vós como aos vossos da santa eternidade do seu amor; êstes momentos não merecem o cuidado que pensamos para conseguir êste bem.

3. Não podeis crer quanto me foi sensível a aflicção que tivestes. Eu amava com um afeto particular

esse caro senhor falecido, por muitos respeitos; mas o de sua virtude e piedade era o principal. Que lástima que em uma estação em que há tanta falta de tais almas, entre as pessoas dessa condição, vejamos e sofremos destas perdas tão terríveis para o público!

No entanto, minha querida senhora, considerando tudo bem, é preciso sujeitarmos os nossos corações à condição da vida em que estamos; é uma vida mortal, e a morte que domina nesta vida não segue um caminho ordinário; toma ora aqui ora ali, sem escolha nem método algum bons entre os maus e os jovens entre os velhos.

Oh! como são bemaventurados, os que vivendo com uma contínua desconfiança da morte, estão sempre prontos para morrer, para que possam reviver eternamente para a vida onde não há mais morte! O nosso querido defunto era d'este número eu bem sei.

Isto só, senhora, basta para nos consolar; porque enfim, dentro de poucos dias, cedo ou tarde, dentro de poucos anos, o seguiremos neste passo, e as amizades e sociedades começadas neste mundo, renovar-se-ão para não haver mais separação.

No entanto, tenhamos paciência e esperemos com coragem que soe a hora da nossa partida, para onde estão os nossos amigos; e já que os amamos cordealmente, continuemos a amá-los, fazendo por amor deles o que desejaríamos que nos fizessem e que no entanto desejam de nós para nós.

Sem dúvida, minha, senhora, o maior desejo que o vosso falecido teve à sua morte foi que não tivésseis um grande pesar pela ausência, mas que vos esforçásseis

por moderar, por seu amor, a paixão que o seu amor vos causava; e agora na felicidade de que goza, deseja-vos uma santa consolação, é que, moderando a vossa tribulação, conserveis os olhos para cousa melhor do que as lágrimas e o vosso espírito para melhores occupaões do que a tristeza.

Deixou-vos penhores preciosos do vosso matrimônio; conservai a vida para provê-los do alimento e da piedade do espírito para sufragar a sua alma. Fazei isto, senhora, por amor de vosso marido, e suponde que êle vo-los pediu ao morrer e que vos pede êste officio; porque em verdade, te-lo-ia feito se pudesse e deseja isto de vós agora; todo o resto das vossas paixões pode estar como vosso coração que ainda está neste mundo, mas não segundo o seu, que está no outro. E já que a verdadeira amizade se compraz em agradar ao justo recreio do espírito para agradar a vosso marido, alegrai-vos a vós mesma, aliviái-o vosso coração e reanimai a vossa coragem. E se o conselho que vos dou com uma sinceridade sem igual vos é agradável, praticai-o prostrando-vos ante Nosso Senhor, conformando-vos com as suas ordens e considerando a alma dêsse caro falecido, que deseja para a vossa uma verdadeira e cristã resolução; e entregando-vos completamente a celeste Providência do Salvador da vossa alma e vosso celeste Protetor, que vos auxiliará e socorrerá, e vos unirá enfim ao vosso querido falecido, não na qualidade de mulher com seu marido, mas de herdeiro do céu com seu coherdeiro e de fiel amante com seu fiel amante.

4. Ora, ânimo, minha cara filha! é preciso que o vosso coração sofra desde já a separação do vosso bom

esposo, pois que enfim a Divina Providência o chamou a si e levou desta vida mortal, na qual vivemos morrendo e morremos continuamente vivendo.

Quanto a mim, minha querida filha, não quero apresentar-vos outra consolação senão a Jesus Cristo crucificado, à cuja vista vos consolará a vossa fé; porque depois da morte do Salvador, tôda a morte é feliz para aquêles que, como o falecido de que falo morrem no grêmio da Santa Igreja; todo o que se glorifica da morte de Nosso Senhor nunca se afligirá demasiadamente com a morte dos que Elle remiu e recebeu por seus.

Quem aspira a eternidade, consola-se com as adversidades desta vida, que só dura poucos, vís e curtos momentos. Nesta eternidade gozamos da sociedade dos nossos, sem nunca temermos a separação.

Costumo dizer a tôdas as almas que se dirigem a mim, mas digo mui particularmente a vós, que sois tão especialmente minha filha, que é preciso elevar os nossos corações para o céu, como diz a Igreja no santo sacrificio. Vivei com pensamentos gloriosos e magníficos, que vos unam a esta eternidade e a esta grande Providência, que só dispos dos momentos mortais para esta vida eterna.

O coração, elevado assim generosamente, é sempre humilde, porque está firmado na verdade e não na vaidade; é doce e pacífico, porque lhe não importa o que o pode perturbar; mas quando eu digo que é doce e pacífico, não quero dizer que não sinta dor, nem sentimento de aflicção. Não, de certo, minha filha, não digo isso; mas digo que os sofrimentos, as penas e as tribulações são acompanhados por uma resolução tão forte de os sofrer

por Deus, que tôda esta amargura, por amarga que seja é pacífica e tranqüila.

5. Acabo de saber a dolorosa, mas bem-aventurada morte da vossa cara esposa. De certo o meu coração foi tocado tanto mais vivamente quanto maior foi a perda que sofri; porque a bondade, a virtude, a piedade que via naquela bela alma me tinham obrigado por tal forma a honrá-la, que agora disso faço uma profissão solene.

Como é ditosa, essa querida senhora, por ter, entre tantas dôres e trabalhos, conservado a fidelidade que devia ao seu Deus! e quanto me consolo por saber uma parte das palavras de caridade que o seu espírito proferiu com os seus últimos suspiros, no seio da divina Misericórdia! Mas o Senhor, não terei eu uma obrigação imortal pelo favor que me fazia, pois que nos últimos dias da sua vida mortal tantas vezes mostrou que se lembrava de mim, como de quem sabia lhe era dedicado em Nosso Senhor? Nunca sairá de minha alma esta recordação, e não podendo oferecer-lhe o serviço fidelíssimo que tinha jurado à sua virtude e devoção, peço-vos, Senhor, que o aceiteis com o que a honra da vossa benevolência tenha adquirido sôbre os meus afetos; e no entanto, nesta, ocasião, empregai a magnitude da vossa coragem em moderar a grandeza do pesar que essa grande perda vos deu. Submetemo-nos aos decretos da soberana Providência, decretos que são sempre justos, sempre santos, sempre adoráveis, embora impetráveis e obscuros à nossa inteligência. Esta alma bela e devota morreu em um estado de consciência, no qual, se Deus nos fizesse a honra de morrermos, seríamos ditosos em morrer, fosse em que tempo fosse.

Acedamos a esta graça que Deus lhe fez e tenhamos paciência pelo pouco tempo que aqui temos para viver sem ela, pois temos esperança de estar com ela eternamente no céu, em uma amizade indissolúvel e invariável.

6. Que desgosto acabo de receber com a triste notícia da morte de vossa tia, que me amava com tanta ternura e carinho; à qual tinha um afeto tão justo! Iria eu próprio mostrar êste sentimento se julgasse por êste meio poder aliviar o vosso, ou que êste embaraço que me traz o negócio da minha visita mo permitisse; mas pelo menos eis meu irmão que vai receber as vossas ordens para êle e para mim e certificar-vos como eu honrei de todo o meu coração a vida desta querida defunta, e como estimo a sua honrosa memória, tanto como nenhum dos parentes que a deixou. Agora esta tão terrível separação é tanto menos dura quanto será pouco duradoura, o que não só esperamos, mas aspiramos a êste feliz descanso, no qual esta bela alma, está ou estará em breve.

Tomemos, eu vo-lo peço, de bom grado, esta pequena demora que nos faz ter aqui; e em lugar de multiplicar os meus suspiros e as nossas lágrimas por ela, derramemo-las por ela ante Nosso Senhor, para apressar a sua recepção nos braços desta divina bondade, se ainda lhe não concedeu esta graça.

Quanto a mim, tenho muita consolação no conhecimento que tenho do interior desta boa tia, a qual muitas vezes, com uma extrema confiança, mo tinha comunicado na sagrada confissão; porque estou certo de que a divina Providência, que lhe tinha dado um coração tão

piedoso e tão cristão a terá enchido de benções na sua partida.

Bendigamos e louvemos a Deus; adoremos a disposição das suas ordens; reconheçamos o procedimento e a instabilidade desta vida e esperemos em paz a futura.

Compadeco-me da dor que sofrestes e exorto-vos contudo a não vos deixardes levar pela tristeza; porque a graça que Deus vos fez de o querer servir vos obriga a consolar-vos nele; as filhas do amor de Deus teem tanta confiança na sua bondade, que nunca se afligem muito tendo um refúgio onde encontram contentamento. Quem dele beber nesta fonte divina não pode ficar sequioso nas paixões desta miserável vida.

Sei que estais doente; mas, minha cara filha, ao passo que redobram as vossas penas, deve redobrar a vossa coragem, pensando que Aquêlle que, para mostrar o seu amor para conosco, escolhe a morte na cruz, vos atrairá cada vez mais para o seu amor e para a sua glória pela cruz das tribulações que vos envia.

7. O meu espírito não pode cessar de pensar em vós, minha querida prima, minha filha, e só quereria falar-vos da maneira que pode, e contudo não sabe que dizer-vos, estando como o vosso, ainda amedrontado, se não fôra vontade do divino Esposo de nossas almas que contemplamos todos os nossos sucessos no seio da celeste Providência, e dirijamos os nossos afetos para a eternidade onde todos nós hemos de encontrar para nunca mais nos separarmos. Oh! minha filha! porque estamos tão seguros, e confiamos na vaidade desta vida mortal? Os nossos desejos são mais altos, e convém para aí dirigir os nossos afetos. Em suma, eis-nos,

minha querida filha, no ensaio de fidelidade que deveis a Deus, no qual resignastes tôdas as vossas aventuras.

Minha querida prima, dirigí o vosso coração para o céu, e colcai o vosso crucifixo no peito, para que apazigue os vossos soluços e suspiros. Pertencei-lhe completamente, e crede-me, Elle será todo vosso.

XI

Pensamentos consoladores sôbre o purgatório (1)

A opinião de S. Francisco de Sales, diz o Bispo de Belley, era que do pensamento do purgatório podéssemos tirar mais consolações do que temor.

A maior parte dizia êle, dos que tanto temem o purgatório, fazem-no em vista do seu interêsse e do amor que teem a si mesmos mais do que por interêsse de Deus e isto origina-se dos que falam nos púlpitos, não representando ordinariamente senão as penas dêste lugar e não as felicidades e a paz que gozam as almas que aí estão.

E' verdade que os tormentos são tão grandes, que as maiores dôres desta vida se lhes não podem comparar; mas também as satisfações interiores ai são tais, que não há prosperidade nem contentamento na terra que os possam igualar.

(1) Ireis no dia dos mortos ao purgatório, e vereis essas almas cheias de esperança, que vos exortam a aproveitar-vos o mais que puderdes da piedade, para que à vossa partida encontreis menos tardança em ir para o céu.

1. As almas estão em uma contínua união com Deus.

2. Estão perfeitamente submissas à sua vontade, ou para melhor dizer, a sua vontade está por tal forma transformada na de Deus, que só podem querer o que Deus quer; de forma que, se o paraíso lhes estivesse aberto, antes quereriam precipitar-se no inferno do que aparecer diante de Deus com as manchas que ainda notam em si.

3. Purificam-se aí, voluntária e amorosamente, porque tal é o agrado divino.

As almas que estão no purgatório, estão aí, sem dúvida, pelos seus pecados, pecados que detestaram e detestam soberanamente; mas, quanto à objeção e pena que lhes fica de estarem postas neste lugar e privadas por algum tempo do gôzo do bemaventurado amor do paraíso, sofrem-no amorosamente e pronunciam com devoção o cântico da justiça divina: « Vós sois justo, Senhor, e os vossos juízos são cheios de equidade. »

4. Querem permanecer da forma que agradar a Deus e por todo o tempo que Elle quizer.

5. São invencíveis e não podem ter o menor movimento de impaciência, nem cometer a menor imperfeição.

6. Amam a Deus mais do que a si mesmas e que tudo, com um amor completo, puro, e desinteressado.

7. São consoladas pelos anjos.

8. Estão certas de sua salvação com uma esperança que as não pode enganar.

9. A sua penosa amargura tempera-se com uma profunda paz.

10. Se é uma espécie de inferno, quanto a dor, é um paraíso, quanto a doçura que derrama a caridade mais forte do que a morte, mais poderosa do que o inferno e cujas lâmpadas são fogo e chamas.

11. Feliz estado, mais desejável do que temível, pois que as suas chamas são chamas de amor.

12. Temíveis no entanto, porque retardam o termo de tôda a consumação, que consiste em ver a Deus e amá-lo, e, por esta vida e amor, louvá-lo e glorificá-lo por tôda a duração da Eternidade. A êste respeito S. Francisco de Sales aconselhava muito a leitura do admirável *Tratado do Purgatório*, que escreveu Santa Catarina de Gênova.

Se isto assim é, me dirão, para que recomendar tanto as almas do purgatório.

E' que, apesar destas vantagens, o estado destas almas é muito doloroso e em verdade digno de compaixão, e além disso é que retardam a glória que renderão a Deus no céu. Êstes dois motivos devem mover-nos a procurar-lhes um pronto livramento, por nossas orações jejuns, esmolas e tôda a espécie de boas obras, mas particularmente pela oferta do sacrifício da Santa Missa.

XII

Como é vantajosa a devoção para com as almas do purgatório

Quando morria algum de seus amigos ou conhecidos, S. Francisco de Sales era insaciável em dizer bem e recomendá-los às orações de tôdos. A sua frase ordinária era: «Não nos lembramos bastante dos

nossos mortos, dos nossos fieis falecidos; e a prova é que não falamos muito deles. Apartamo-nos dêsse discurso, como de um propósito funesto, deixamos os mortos enterrarem os mortos; a sua memória parece entre nós com o som dos sinos, sem nos lembrarmos que a amizade que pode terminar pela morte nunca foi verdadeira, pois diz-nos a Escritura santa que o amor verdadeiro é mais forte do que a morte.

Acrescento que costumava dizer que só com esta obra de misericórdia se encontram as outras.

Não é certo modo, dizia êle, visitar os enfermos, o obtermos por nossas orações o alívio das pobres almas que estão no purgatório?

Não é em dar de beber a quem tem sede grande da visão de Deus e que está entre ardentes chamas, fazer-lhe participar do orvalho das nossas orações?

Não é dar de comer a quem tem fome auxiliar a sua soltura por meios que a fé nos sugere?

Não é remir os cativos?

Não é vestir os nus, procurar-lhes um vestido de luz e de glória?

Não é uma insigne hospitalidade procurar a sua introdução na Jerusalém celeste e torná-los cidadão, santos, e servos de Deus na eterna Sião?

Não é maior serviço levar almas para o céu que enterrar corpos?

Quanto às espirituais, não é uma obra cujo mérito se pode comparar com o de ensinar os ignorantes, castigar os que erram dar bons conselhos, perdoar as injúrias?

E que consolação grande se pode dar aos aflitos dêste mundo que se possa comparar à que levam as preces a estas pobres almas, que estão em tão penosos sofrimentos?

XIII

Como o pensamento do céu é próprio para nos consolar

O Fim do homem é a visão clara e o gôzo de Deus que espera obter no céu. Bemaventurado pois aquêlê que emprega esta curta vida mortal em adquirir êste bem eterno, preferindo os dias passageiros desta vida ao da immortalidade e aplicando todos os seus momentos mortais, que lhe restam, à conquista da santa eternidade. A verdadeira luz do céu não lhe faltará, para lhe fazer ver e tomar o caminho seguro e conduzí-lo com felicidade a êste porto de eternas delícias. (1)

Os rios correm incessantemente e volvem como diz o sábio, para o mar, que é o lugar do seu nascimento

(1) «Meu filho, levanta os olhos ao céu, para aí veres a recompensa, exclamava a heróica mãe do jovem Sinfório, expirando no meio de crueis suplícios. Não há pena que a vista do céu não adoce, dor que não alivie, lágrimas que não enxugue, murmúrios que não cale. Nada há tão amargo que se não torne doce, com a esperança dêstes bens eternos.

O apóstolo S. Paulo pensava muitas vezes nesta gloriosa recompensa para se animar no meio das tribulações que de tôda a parte lhe vinham. «Aproxima-se o tempo do seu livramento, dizia a um dos seus discípulos; terminei a minha carreira, guardei a fé, nada me resta senão esperar a coroa que me está reservada e que o Senhor, como juiz justo, me dará nesse grande dia».

e do seu último repouso; todo o seu movimento só tende a uní-los à sua origem. «Oh! Deus, diz santo Agostinho, creastes o meu coração para vós e só em vós encontrará repouso; mas que tenho eu no céu, senão a vós, ó meu Deus, e que mais quero sobre a terra? Sim, Senhor, porque vós sois o Deus do meu coração o meu quinhão e partilha na eternidade». Eis, em particular, alguns pontos que devemos crer neste assunto.

Primeiro, que há um paraíso ou glória eterna; estado perfeitíssimo, no qual se reúnem todos os bens e onde não há mal algum; mundo de maravilhas, cúmulo de felicidade, gozo incomparável ultrapassando infinitamente todo o desejo; casa de Deus e palácio dos bem-aventurados; cidade apetível e amável e tão preciosa, que tôdas as belezas do mundo juntas nada são, comparadas com a sua excelência, e ninguém pode conceder a grandeza infinita dos abismos das suas delícias.

Considerai que, por uma eternidade, estas almas felizes gozam desta felicidade de Deus, entregando-se completamente a tôdas, e o Eterno Filho que diz benignamente a seu Pai: «Meu Pai, eu quero que os que me destes fiquem eternamente comigo, e vejam a claridade que eu tive em Ti antes da formação do mundo. E, dirigindo-se a seus caros Filhos: «Não vos tinha eu dito que o que me amasse seria amado por meu Pai e que nós nos manifestaríamos a êle»? Então esta santa companhia, abismada em prazer no seio da Divindade, canta o aleluia eterno de gozo e louvor ao seu Criador.

Em segundo lugar, cremos que a alma, entrando no céu limpa de todo o pecado, no mesmo instante verá a Deus sem sombras, a êle mesmo, face a face, como

é, contemplando, por uma vista de verdadeira e real presença a própria essência divina, e nele as suas infinitas bondades.

O dulcíssimo S. Bernardo, estando ainda joven em Chatillon-sur-Seine, na noite de Natal esperava na Igreja que começasse o sagrado officio, e esperando, adormeceu dum leve sono, durante o qual (oh! Deus meu! que doçura!) viu em espírito, e com uma visão muito distinta e clara, como o Filho do Deus tendo desposado a natureza humana, tendo-se tornado criancinha no seio de sua Mãe, nascia virginalmente em seu sacrosanto seio, com uma humilde suavidade, misturada com majestade celeste; visão que encheu com tal forma seu coração de satisfação e júbilo, que tãda a vida sentiu sentimentos extremos, e a memória dêste mistério da natiuidade de seu Mestre dava-lhe um gôsto espiritual e uma suavidade sem igual.

Ah! mas se uma visão imaginária do nascimento temporal do Filho de Deus enlevou e contentou tanto o coração duma criança, ah! que será quando os nossos espíritos, gloriosamente alumiados com a feliz claridade, virem êste nascimento eterno, pelo qual o Filho procede, Deus de Deus, divina e eternamente? É então que a alma será deificada, cheia de Deus, e feita como Deus, por participação eterna e imutável de Deus, unindo-se com ela, como o fogo inflama o ferro e o penetra, comunicando-lhe a sua luz, esplendor, calor, e outras propriedades; de maneira que o toma pelo mesmo fogo.

Como Deus nos deu a luz da razão, pela qual o podemos conhecer como autor da natureza, e a luz da

fé, pela qual o consideramos auctor da graça, do mesmo modo nos dará a luz da glória, pela qual o contemplaremos como fonte da beatitude e da vida eterna; mas fonte que não só de longe contemplaremos, como fazemos agora pela fé, mas que veremos pela luz da glória, mergulhados e abismados nela.

Em terceiro lugar, a alma será para sempre bemaventurada entre a nobreza, a beleza e a multidão dos cidadãos e habitantes desta ditosa pátria, com os seus milhões de anjos, querubins e serafins, esta multidão de apóstolos, mártires, confessores, virgens, santas mulheres, cuja quantidade é inumerável.

Oh! como é ditosa esta companhia! O menor dos bemaventurados é mais belo do que todo o mundo; que será vê-los, todos? Êles cantam o doce cântico do eterno amor, gozam sempre duma alegria constante, compartilham de contentamentos indizíveis, e vivem na consolação duma infeliz e indissolúvel sociedade.

Mas, oh! Deus! se a boa amizade humana é tão agradavelmente amável, que será ver a suavidade sagrada do amor recíproco dos bemaventurados? De certo, os corações dos cidadãos do paraíso estarão abismados em amor e admiração da beleza e doçura dum tal amor.

Em quarto lugar, no paraíso, Deus dar-se-á completamente a todos; e não em parte por ser um todo que não tem partes; mas dar-se-á diversamente e com tantas diferenças como forem os bemaventurados. Assim como uma estrêla é diversa das outras em claridade, assim serão diferentes os homens uns dos outros na glória, à proporção que o tiverem sido em graça

e méritos; e como nenhum homem talvez é igual em caridade a um outro neste mundo, assim nenhum bem-aventurado será igual a outro em glória no céu.

Considerai como é bom ver esta cidade em que o grande rei tem a sede na sua majestade, cercado de todos os seus bemaventurados servos; aí estão as multidões de anjos, que cantam hinos, e à companhia dos cidadãos celestes; aí se encontra a multidão veneranda dos profetas, o sagrado número dos apóstolos, o vitorioso exército dos inumeráveis martires, a augusta assembléia dos pontífices, o sagrado rebanho dos confessores, os verdadeiros e perfeitos religiosos, as santas mulheres, as humildes viúvas, as puras virgens. A glória de cada qual não é igual, mas contudo recebem todos um igual prazer, porque é aí que reina a plena e perfeita caridade.

Um fio de glória, uma gota de amor dos bemaventurados vale mais, tem mais fôrça e merece mais estima do que todos os outros amores e conhecimentos que possam ter os corações dos homens mortais.

Em quinto lugar, apesar de grande diversidade e diferença de glória, contudo cada alma bemaventurada, contemplando a infinita beleza de Deus, e o abismo do infinito que fica por ver nessa mesma beleza, fica perfeitamente satisfeita e saciada, e contenta-se com a glória de que goza, segundo o lugar que tem no céu, por causa da amabilíssima Providência divina que assim o ordenou.

Que alegria o estar cercado por tôda a parte de prazeres incríveis, e como uma ave bemaventurada, voar, cantar para sempre no ambiente da Divindade!

Que favor e contentamento, depois de um milhão de desgostos, penas e trabalhos, sofridos nesta vida mortal, depois dos desejos infinitos do verdadeiro bem nunca satisfeitos neste mundo, vêr-se no pôrto de tôda tranquillidade e ter enfim encontrado a viva e poderosa fonte das frescas águas da vida imortal e a santíssima Divindade, que só podem apagar e satisfazer o desejo humano? (1)

XIV

Como será agradável para os paes e amigos conhecerem-se e conversar juntos no céu

1. Deveríamos sempre ter em nossos pensamentos os dias eternos, e nada há que não devêssemos fazer em contemplação deles. Não diz Davi: «Por causa das palavras da vossa boca caminhei por vias duras e difficeis»? E que são estas palavras dos lábios de Nosso Senhor, senão palavras da vida eterna? S. Pedro tinha razão em dizer: «A quem iremos nós, Senhor? vós tendes as palavras da vida eterna». E' esta vida eterna

(1) Os predistidados são mais felizes no céu do que os reprovados infelizes no inferno, por Deus ser mais generoso na recompensa do que severo no castigo. A todos os respeitos, a misericórdia nos seus efeitos vence a justiça. Sim, é imensa a alegria do bema-venturado no céu, e é precisamente o que tornara impossível a realização do desejo do mau rico, quando pedia que Lázaro collocasse em sua língua uma gota d'água vinda do céu. Uma só gota de alegria celeste caída na habitação dos réprobos bastaria para apagar todos os seus ardores e para mudar em doçura tôdas as amarguras do inferno.

PADRE VENTURA

com que Nosso Senhor, no Gênesis, queria mover Caim, quando lhe disse: «Se tu obras bem, não receberás a recompensa?» E' esta vida eterna, por cujo desejo o santo Jacó se chama peregrino no Gênesis. «Os dias, respondeu êle a Faraó, da peregrinação da minha vida, assim os bons como os maus, duram cento e trinta anos, que ainda se não se aproximam dos nossos predecessores». «Lembro-me dos dias antigos, diz Daví, e tenho tido em minha alma anos eternos».

A vida eterna, para quem a considera bem, basta para mover os corações mais endurecidos. No principio, no fervor da ordem de S. Domingos, havia um pregador chamado Reginaldo, que pregava em Bolonha com um fruto indizível. Nesta cidade havia um homem sábio e rico, que, com mêdo de ser por êle convertido não o queria ir ouvir, como fazem muitos. Aconteceu com tudo que tendo-o ouvido uma vez, dia de Santo Estevão, a respeito destas palavras: «Eu vejo os céus abertos», converteu-se e fez-se religioso.

Por causa desta vida eterna, Daví inclinava a sua vontade e coração a guardar os mandamentos de Deus; Santo Agostinho retirou-se com os seus religiosos antes de ser bispo, e S. João Batista retirou-se para o deserto.

2. Todos os bemaventurados se reconhecerão entre si no céu, cada um por seu nome como no-lo diz o Evangelho, pois que nesta pequena amostra, que Nosso Senhor quís patentear no Tabor aos seus apóstolos, quís que conhecessem a Moisez e Elias, que nunca tinham visto.

Mas se isto assim é, que alegria receberemos, tornando a ver os que tanto amávamos nesta vida, onde

conhecemos os novos cristãos, que agora se convertem à nossa santa fé, nas Índias, no Japão, nos Antípodas! E as santas amizades, assim como começaram nesta vida, continuar-se-ão por tôda à eternidade no outro. Amaremos as pessoas particulares; mas estas amizades particulares não gerarão particularidades; porque tôdas as nossas amizades terão a origem na caridade de Deus, que conduzindo-os todos, fará com que amemos a cada bemaventurado com êste puro amor com que somos amados pela sua divina bondade.

Oh! Deus! que consolação teremos com esta celeste conversação que mantivermos uns com os outros! Aí, os nossos anjos bons dar-nos-ão uma consolação maior do que a que se pode explicar e pensar, quando se nos tornarem conhecidos, e quando nos mostrarem com tanto amor o cuidado que tiveram pela nossa salvação, durante o curso da nossa vida mortal, lembramo-nos as santas aspirações que nos trouxeram, como um leite sagrado que foram beber no seio da divina bondade, para nos atrair na busca destas divinas suavidades de que então gozaremos. Não vos lembrais, nos dirão êles, duma inspiração que nos trouxe em tal tempo, lendo tal livro, ouvindo tal sermão, olhando para tal imagem, como de Santa Maria Egípcíaca, inspiração que nos excitou a converter-vos para Nosso Senhor e que foi assunto da vossa predestinação? Oh! Deus! Não se derreterão os nossos corações com um contentamento indizível?

Mas, além disso, cada um dos bemaventurados terá uma conversa particular com outro, segundo a sua categoria e dignidade. Santo Agostinho desejou um dia ver Roma triunfante, no seu triunfo glorioso, S. Paulo

pregando, e Nosso Senhor ensinando entre o povo, curando doentes fazendo milagres. Oh! Deus! que consolação teve êste grande santo, vendo a Jerusalém celeste no seu divino triunfo, o grande apóstolo S. Paulo pregando e entoando com uma melodia sem rival os louvores que consagrava eternamente a divina Majestade no céu! Mas, que excesso de consolação para Santo Agostinho o ver fazer êste perpétuo milagre da felicidade dos bemaventurados por Nosso Senhor, cuja morte nolla adquiriu! Imaginai o delicioso entretenimento que terão êstes dous santos, um com outro, dizendo S. Paulo a Santo Agostinho: Meu caro irmão, não vos lembrais que lendo a minha epístola fostes ferido por uma tal inspiração, que vos obrigou a converter-vos, inspiração que eu tinha obtido da misericórdia do nosso bom Deus pela oração que por vós fazia ao passo que lieis o que eu tinha escrito? Isto não causará uma admirável doçura no coração dêste Santo Padre?

Oh! Deus! que consolação teremos nós, estando no céu, onde veremos a bendita face de Nossa Senhora inflamada no amor de Deus? E se Santa Isabel ficou transportada de gôzo e contentamento, quando, um dia que a visitou, lhe ouviu entoar êste divino canto: *Magnificat anima mea Dominum*, como terão os nossos espíritos e corações um contentamento inexprimível quando ouvirem entoar por esta sagrada cantora o cântico do eterno amor!

Oh! Deus! que doce melodia! Sem dúvida pasmaremos e nos inebriaremos em raptos inconcebíveis!

3. Mas, dir-me-eis vós, visto que conversaremos e nos entenderemos com todos os que estiverem neste

Jerusalém celeste, que diremos nós ? De que falaremos ? Qual será o assunto ? Será o da misericórdia que Deus no mundo nos tiver feito, pela qual nos tornou dignos de entrar no gôzo desta bemaventurada felicidade, na qual a alma nada mais terá a desejar ; porque nesta palavra de felicidade está compreendida tôda a qualidade de bens, os quais contudo só formam um bem único, que consiste no gôzo de Deus.

Mas de que trataremos nós na nossa conversação ? Da morte e paixão de Nosso Senhor. Não o aprendemos na Transfiguração, onde não falou de nada tanto como do martírio que devia padecer em Jerusalém, martírio que era a morte dêste divino Salvador ? Oh ! se pudéssemos compreender alguma coisa da consolação que terão os bemaventurados falando desta morte.

4. Passemos avante, eu vo-lo peço, e digamos alguma coisa de honra e graça que teremos em conversar com Nosso Senhor em pessoa. Oh ! é aqui, sem dúvida, que a nossa felicidade redobrará indizivelmente.

Que faremos almas queridas, em que nos tornaremos, quando virmos êste coração adorável e amabilíssimo do nosso divino Mestre, através da chaga sagrada do seu lado, ardente completamente ao amor que nos tem, coração no qual veremos todos os nossos nomes escritos com letras de amor ? Ah ! é possível, diremos então ao nosso divino Salvador, que me tenhais amado tanto, que graveis o meu nome em vosso coração e em vossas mãos ? Isto contudo é verdade.

O profeta Isaias, falando na pessoa de Nosso Senhor, nos diz o seguinte : *Quando ainda acontecesse que a mãe esquecesse o filho que gerou, eu não te es-

queceria, porque gravei o teu nome em minhas mãos». Mas Nosso Senhor, tornando ainda mais doces estas palavras, nos dirá: «Não só gravei o teu nome em minhas mãos, mais ainda em meu coração». Objeto, sem dúvida, de grande consolação é ver que somos tão estreitamente amados por Nosso Senhor, e como nos tem a todos em seu coração. Oh! que admirável gozo, para um dos espíritos bemaventurados, quando virem nesse coração sagrado e muito adorável os pensamentos de paz que tinha a seu respeito, na própria hora da sua paixão, pensamentos por meio dos quais nos preparava, não só os meios principais para a nossa salvação, mas ainda dispunha particularmente, com uma admirável bondade, todos os divinos atrativos, as inspirações e os movimentos bons, dos quais se queria servir êste doce Salvador para nos atrair ao seu amor! Estas vistas, estas considerações particulares que fizemos a respeito de tão sagrado amor, com o qual tivermos sido e sere-mos tão cara e ardentemente amados por nosso sobera-no Mestre, não inflamarão os nossos corações com um amor e ardor sem rival? Ah! que não deveríamos fazer para gozar destas suavidades tão doces e agradáveis!

5. Se temos tanto contentamento nesta vida mortal em ouvir falar do que amamos, que não nos podemos cansar, que alegria e júbilo receberemos em ouvir por tôda a eternidade entoar os louvores da divina Magestade, que devemos amar e amaremos mais do que se pode explicar e compreender? E se, durante a vida, temos tanto gosto na imaginação da felicidade eterna, quanto mais gosto teremos no gozo desta mesma felicidade e glória que não terão fim e duração eterna-

mente, sem nunca podermos ser rejeitados! Oh! como esta confiança aumentará muito a nossa felicidade e consolação!

Caminhemos pois gostosa e alegremente entre as dificuldades desta vida passageira; abraçemos com os braços abertos, as mortificações, as penas e aflições, se as encontramos em nosso caminho, pois que estamos certos de que estas penas terão fim e terminarão com a nossa vida, depois da qual só haverá alegria, contentamentos e consolações eternas.

Crede-me, para viver contente com a peregrinação, convém ter presente à vista a esperança da chegada à nossa pátria, onde permaneceremos eternamente, e no entanto crer firmemente; porque, é certo que Deus, que nos chama para si, olha como nós vamos, e nunca permitirá que nos aconteça nada senão para nosso maior bem. Êle sabe quem nós somos, e estender-nos-á a sua mão paternal nos maus caminhos, para que nada nos demore.

Meu Deus! que consolação tenho na confiança de vos ver eternamente unidos na vontade de amar e louvar a Deus! Conduza-nos a divina Providência para onde quiser; tenho a esperança e confiança de que conseguiremos o fim e chegaremos ao pôrto. Viva Deus! tenho esta confiança. Estejamos alegres sem diminuição e seguros sem ignorância.

XV

E' preciso esperar ir para o céu (1)

1. Se êstes bens são verdadeiros, notai se não valem um milhão de vezes mais, tanto para o corpo como para a alma, e então com que fim, vós ó mundanos, vos afastais da celeste habitação? Porque vos não aproximais desta soberana felicidade? Ah? não valeria mais aspirar a êste dia delicioso, dirigir os vossos passos para o caminho da virtude, ir para o descanso infinito, caminhar para esta abençoada terra que vos está prometida, do que jazer na imundice dos pecados e viver nas trevas obscuras da sociedade dos maus!

2. Todos vos convidam para o paraíso; o vosso anjo impele-vos com todo o seu poder, oferecendo-vos da parte de Deus mil graças e auxílios; Jesus Cristo, do alto do céu, contempla-vos amorosamente, e convída-vos com doçura para o trono da glória que vos prepara

(1) Tende confiança em tôdas as vossas provas; não esqueçais que convém que a folha caia, para que reverdeça a árvore: que convém que o grão morra no seio da terra, para que floreça a sua superfície sôbre uma haste rejuvenescida e renovada. Ainda mais alguns dias de dor paciente e resignada e esta mortalidade que se transforma, revestirá a immortalidade, e esta corrupção que acabou e se precipita, transformar-se-á em uma luz incorruptível: e reunidos com os santos no lugar de alívio e paz, donde são banidos a dor e os gemidos, direis com êles: Não; os sofrimentos dêste tempo tão curto não são dignos da glória que nos revelaram; não, êste momento fugitivo, esta pequena tribulação, que nos foi medida, não vale êste peso eterno, esta imensa medida de felicidade, que o seu fruto e recompensa.»

na abundância de sua bondade; a Santíssima Virgem chama-vos aí maternamente; os santos, com um milhão de almas santas, exortam-vos a isso afetuosamente e certificam-vos que o caminho da virtude não é tão penoso como o mundo pinta. Não aceitareis os favores que vos oferece o céu? Não auxiliareis vós êsses atractivos e inspirações que sentís?

Oh! como deveríamos muitas vezes, pelo menos nas festas, dirigir o nosso espírito para a Jerusalém celeste, essa gloriosa cidade de Deus, onde ouviríamos retinir de tôda a parte os louvores pelas vozes duma variedade infinita de santos; e perguntando-lhes como aí chegaram, saberíamos que os Apóstolos chegaram lá, principalmente pelo amor, e os mártires pela constância, e os doutores pela meditação, os confessores pela mortificação, as virgens pela pureza do corpo e coração, e todos geralmente pela humildade.

3. Deus não nos teria dado uma alma capaz de pensar e desejar esta santa eternidade se não quizera dar-lhe os meios de poder alcançar. Assim pois, enchamos o nosso coração duma doce confiança e depois digamos: nós faremos bastante, não nós, mas a graça de Deus conosco. Quanto maior e mais forte em nós o desejo, tanto mais prazer e contentamento nos trará a sua posse e gôzo.

Viva Deus! tenho firme confiança no íntimo do coração, que viveremos eternamente com Deus e nos reuniremos um dia no céu: é preciso coragem; iremos bem depressa para lá (1). E que faria Nosso Senhor da sua

(1) À hora da morte de Santa Chantal em Moullins, S. Vicente de Paulo, estando em oração em Paris, viu debaixo da forma dum

vida eterna se a não concedesse às pobres e mesquinhas criaturas, como nós, que não queremos esperar senão na sua soberana bondade? Oh! meu Deus! quanta consolação eu sinto na certeza de que o meu coração há-de abismar-se eternamente no amor do coração de Jesus! Leve-nos a Providência para onde lhe aprouver; pouco importa. Havemos de chegar a êsse pôrto.

globo de fogo, a alma da santa desligar-se do corpo e ao passo que subiu ao céu, viu vir ao seu encontro igualmente sob a forma de um globo de fogo maior a alma de S. Francisco de Sales, morto havia muitos anos. Êstes dous globos inflamados reuniram-se e perderam-se no seio de Deus. Vêde com que fidelidade o Santo Bispo cumpriu a promessa que tinha feito a Santa Chantal de a vir buscar para levá-la ao céu. Esta consolação mútua de se reverem na felicidade celeste, é concedida a todos os que se amaram com afeto cristão. Sim, vós tornareis a encontrar na glória um pai, uma mãe, filhos queridos, irmãos e irmãs, todos os que na terra trabalharam na vossa salvação ou vos devem a sua bemaventurança! Que inefável encontro nas alegrias eternas, em um amor sempre novo, em uma sociedade de anjos e santos! Neste corte incomparável que encantadora felicidade não nos separarmos dos que amamos! Tornar a ver as feições dos que estimamos traz uma agradável surpresa; mas tornar a vê-los no céu com encantos imorredouros, para nunca mais deixar os que amamos, que felicidade indizível.

Adeus de S. Francisco de Sales

AO PIEDOSO LEITOR

Digo-vos de todo o meu coração adeus. A Deus pertenceis vós sempre nesta vida mortal, servindo-o fielmente no meio dos trabalhos que tivemos, levando a cruz, acompanhando-o na vida imortal, bendizendo-o eternamente com tôda a côrte celeste. É o grande bem das nossas almas o estarem com Deus; é o maior bem pertencer só a Deus.

Quem só pertence a Deus, não se entristece nunca senão por ter ofendido a Deus, e a sua tristeza neste ponto consiste em uma profunda, mas tranquila e pacífica humildade e submissão, depois da qual se eleva para a bondade divina por uma confiança doce e perfeita sem temor nem despeito.

Quem só pertence a Deus, só a Êle busca; e, visto que Deus tanto está na adversidade como na prosperidade, fica em paz nas adversidades.

Quem só pertence a Deus, pensa muitas vezes nele no meio das occupações desta vida.

Quem só pertence a Deus, quer que todos saibam que êle o quer servir e que se quer ocupar em exercícios convenientes para ficar a Êle unido,

Pertencei pois completamente a Deus, e só a Êle; não desejareis senão agradar-lhe e não querendo agradar às suas criaturas senão nele e por Êle. Que maior bênção podeis vós desejar? Assim pois, desejando isto para a vossa alma, digo-vos adeus.

A Deus pertençamos nós sem fim, sem reserva, sem medida, como Êle é nosso eternamente. Possamos nós sempre unir as nossas pequenas cruzeiras à sua grande!

Pertençamos a Deus, e só a Deus, pois que, fora dele, e sem Êle, não somos senão verdadeiros nada.

Adeus. Desejo-vos a abundância do amor divino, que é e será eternamente o único bem dos nossos corações, que só nos foram dados para Aquêle que nos deu o céu.

Seja Jesus a nossa coroa! Maria o nosso mel! Eu sou em nome do Filho e da Mãe, todo vosso.

FRANCISCO DE SALES

Nihil obstat: imprimatur

Ex delegatione

P. I. M. GIORDANI

† Livros Católicos para Download



ÍNDICE

ADVERTENCIA	3
PRÓLOGO	5
INSTRUÇÃO	9

LIVRO PRIMEIRO

Pensamentos consoladores a respeito de Deus, da providência e dos Santos

I — Da inclinação que Deus tem para fazer-nos o bem	33
II — Do eterno amor de Deus para conosco	36
III — Da confiança em Deus no conhecimento das nossas misérias.	41
IV — Deus deu-nos tudo com o seu Divino Filho	43
V — Como o Divino Salvador nos amou na sua Encarnação	47
VI — Como Jesus nos amou na sua Paixão	50
VII — Como é abundante a remissão do Salvador	54
VIII — Como Nosso Senhor pratica os mais excelentes atos de amor	57
IX — Deus pensa em nós e contempla-nos com amor, apesar de nossas fraquezas	61
X — Como o nosso doce Salvador nos amou a cada um em particular	63
XI — Amor de Jesus Cristo para com os pecadores	67
XII — Como brilha a misericórdia de Deus na conversão de São Paulo e de Davi.	73
XIII — Como a misericórdia de Deus é grande na conversão do pecador.	76
XIV — Como Deus está cheio de misericórdia para com os próprios condenados	81

XV —	Excelência da confiança em Deus.	83
XVI —	Da conformidade com a vontade de Deus	86
XVII —	Prática da conformidade com a vontade de Deus	90
XVIII —	Deus é nosso Pai.	93
XIX —	E' preciso servir a Deus, nosso Pai por amor.	97
XX —	Como Deus é ocioso do nosso Coração	99
XXI —	Modelo admirável de perfeita confiança	100
XXII —	Como é bom entregar-se à Providência	103
XXIII —	Do temor e da esperança.	109
XXIV —	Da vontade perfeitamente resignada	111
XXV —	O amor de submissão pelo qual nossa vontade se une ao gosto de Deus; sua prática pela resignação.	114

LIVRO SEGUNDO

Pensamentos consoladores nas provas da vida interior, nas enfermidades da alma e do corpo, etc.

I —	Máximas para perseverar na piedade entre as aflições	117
II —	Donde vem o nosso mal?	121
III —	Modo de proceder nos trabalhos interiores.	123
IV —	Da perplexidade do coração que ama sem saber se é amado	127
V —	Meio para conservar a paz de uma alma nas provas	130
VI —	Pensamentos consoladores nas tentações	133
VII —	Como devemos proceder nas tentações.	134
VIII —	Desconfiança e confiança nas tentações	139
IX —	Remédio para as tentações contra a pureza.	141
X —	Como se devem combater as tentações contra a fé	144
XI —	Das tentações de blasfêmia e de infidelidade	147
XII —	Como devemos proceder nas tentações do amor próprio	149
XIII —	Das provas na oração	154
XIV —	Do proveito espiritual que podemos tirar das nossas faltas.	159
XV —	Deve-se sofrer com paciência as imperfeições para chegar à perfeição	170

XVI — O justo cai e levanta-se sem notar.	176
XVII — Como Deus ama os santos, apesar de seus defeitos e imperfeições	177
XVIII — Da boa e má tristeza	180
XIX — Como a tristeza é contrária ao amor divino . . .	184
XX — Remédios para a tristeza má.	190
XXI — Consolações nos sofrimentos.	197
XXII — A cauz do bom ladrão.	203
XXIII — As cruces da Providência são as mais agradáveis a Deus	204
XXIV — Quaes são as melhores cruces	209
XXV — A madeira da verdadeira cruz.	213
XXVI — Pensamentos consoladores contra as maledicências e calúnias.	216

LIVRO TERCEIRO

Pensamentos consoladores nas doenças e temor excessivo da morte

I — Consolações nas doenças.	223
II — Como nos devemos aproveitar das doenças para nosso adiantamento espiritual	230
III — Das orações convenientes aos enfermos	240
IV — O livro das doenças e das almas aflitas	247
V — Dos doentes que não podem orar	254
VI — Não desejemos nem recusemos os alívios na doença	256
VII — Da paciência nas operações dolorosas	261
VIII — Como devemos perseverar na paciência	264
IX — Do temor excessivo da morte	267
X — Remedio contra o grande temor da morte	269
XI — Deus não nos abandona no momento da morte . .	277
XII — Deus não pode perder uma alma submissa à sua vontade	278
XIII — Sentimentos de S. Francisco de Sales à vista da morte	280
XIV — Não convem desesperar da conversão de nenhum pe- cador.	284

XV	Sentimentos de S. Francisco de Sales acêrca do numero dos escolhidos	286
XVI	— Da morte cheia de doçura dos predestinados . . .	288
XVII	— Motivos pelos quais os cristãos imperfeitos não devem temer a morte e podem até deseja-la	294
XVIII	— Pensamentos consoladores acêrca da rapidez do tempo	304
XIX	— E' preciso entregarmo-nos à Deus na vida e na morte	307

LIVRO QUARTO

Pensamentos consoladores na perda de parentes e amigos

I	— Como se deve chorar cristãmente as pessoas que perdemos	315
II	— Consolações a uma pobre mãe àcerca da morte de seu filho de tenros anos	321
III	— A um pai àcerca da morte de seu filho	323
IV	— A uma mãe a respeito da morte de seu filho na guerra	325
V	— A uma senhora - Consolações sôbre a morte de seu pai	328
VI	— Consolações a uma senhora a respeito da morte de seu marido	330
VII	— Os lutos cristãos — Passamos como uma sombra .	332
VIII	— Como uma viuva cristã deve chorar seu esposo . .	335
IX	— Da resignação	337
X	— O agrado divino, única consolação dos aflitos. . .	338
XI	— Pensamentos consoladores sobre o purgatório . .	347
XII	— Como é vantajosa a devoção para com as almas do purgatório	349
XIII	— Como o pensamento do céu é proprio para nos consolar.	351
XIV	— Como será agradável para os pais e amigos conhecerem-se e conversar juntos no céu	356
XV	— E' preciso esperar ir para o céu	363
	Adeus de S. Francisco de Sales ao piedoso leitor . . .	367